
SPIN OFF DE DO QUE
SÃO FEITOS OS SONHOS
sonhos
ENLAÇADOS
ANGIE MELLO


SPIN OFF DE DO QUE
SÃO FEITOS OS SONHOS
sonhos
ENLAÇADOS
ANGIE MELLO



Brasil. 2019.1ª Edição

Ficha Técnica

1ª Edição. Brasil. 2019

Todos os direitos desta edição são reservados à **ANGELA MARIA DE MÉLO**

E-mail: angelina1071@gmail.com

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Autor: Angie Mello

Título original: Sonhos Enlaçados

Revisão e copidesque: Luhana Andreoli
Ilustração: Freepik
Capa: L.A. Design de capas

1ª EDIÇÃO — ANGELA MARIA DE MÉLO — SÃO PAULO — 2019
Copyright © 2019 Angie Mello

Plágio é crime! Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1990. Violar diretos de autor e os que lhe são conexos: Pena de 3 (três) meses a 1(um) ano ou multa.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Edição digital – Criado no Brasil

Sobre a história



Livro único

Bonito, imponente e sério, Enrico é o único homem capaz de fazer o mundo de Alana balançar com apenas um olhar, mas eles não têm nada em comum, pelo contrário, não poderiam ser mais diferentes.

Enrico perdeu os pais em um acidente de carro numa noite chuvosa, e desde então sua vida mudou e ele nunca mais foi o mesmo. Marcado pela tragédia e sendo o mais velho de três irmãos, abriu mão de seus sonhos e aspirações para trabalhar, sustentar a casa e manter a família unida.

Vários anos depois, é traído da pior maneira possível, o que o torna um homem desiludido e amargurado. Quando sua irmã mais nova se apaixona por um homem mais velho, ele conhece Alana e sente-se bastante mexido, porém, a situação em que se encontram é delicada e ambos batem de frente logo de cara.

Ela o despreza e ele não a suporta, mas a antipatia mútua não impede que uma forte atração surja entre os dois, pegando-os de surpresa.

Agora, Alana e Enrico terão que tomar uma decisão: reprimir o que sentem ou viver uma paixão tão indesejada quando avassaladora.

***Contém cenas não recomendadas para menores de 18 anos*.



Aviso

Este livro é um spin off de Do que são feitos os sonhos e embora sejam histórias diferentes, é recomendado que você leia a história de George

e Bella para evitar spoilers.

Sumário



Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26

Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça outros títulos da autora



Prólogo

Enrico fechou o notebook no instante em que o professor Alberto deu a aula por encerrada. Ele adorava cada minuto do seu curso e fazia questão de prestar a máxima atenção em tudo. Desde muito cedo, ele soube que queria ser arquiteto. Quando viajava com sua família, passava todo o trajeto admirando as linhas dos prédios, casas e pontes que via através da janela do carro e se pegava sonhando em fazer projetos como aqueles um dia.

Juntou suas coisas, enfiou tudo na mochila e colocou-a nas costas. Ajeitou a alça do tubo extensível contendo as folhas enroladas de alguns dos projetos no ombro e, segurando a prancheta portátil numa das mãos, deixou a sala e pegou o corredor, dando de cara com Ivan.

— E aí, Rico? — o amigo saudou-o, usando o apelido que ele havia lhe dado. Mais ninguém o chamava assim. Não gostava de apelidos, mas

com Ivan não teve jeito. — Hoje à noite está de pé? Você vai, né? — perguntou, se aproximando e passando a caminhar do seu lado.

— É claro que está! — respondeu Enrico, retribuindo o toque de mão. — É o aniversário do meu melhor amigo, eu não perderia por nada!

Ivan olhou para ele, abriu um sorriso e esfregou as mãos uma na outra.

— Hoje nós vamos colocar aquela boate abaixo! Vamos fazer o lugar ferver, cara!

Ivan era a alegria da festa. Daqueles caras que sempre têm uma história divertida para contar. Que ao entrar em um lugar começava logo a agitar. Do tipo extrovertido, que falava alto e estava sempre rodeado de gente. Pois esse era o Ivan. Totalmente diferente dele. Eram opostos, e talvez por isso se deram bem. Enrico sempre foi do tipo quieto, gostava de observar, ficar na dele, mas, às vezes, se deixava contagiar pela alegria e fome de vida do amigo.

Os dois se conheceram no primeiro dia de curso. Enrico entrou na sala, escolheu uma bancada vazia, sentou-se no banquinho alto, pegou seu caderno quadriculado, um bloco de anotações, uma lapiseira e esperou. Ivan estava sentado na bancada ao lado e foi logo oferecendo a mão e se apresentando. Dois anos depois, parecia que se conheciam a vida inteira.

Continuaram a jogar conversa fora no caminho até o portão de saída do prédio da faculdade, e quando Enrico estava a ponto de passar por ele, sentiu seu celular vibrar no bolso dianteiro da calça. Parou e puxou o aparelho, olhou a tela e enrugou a testa, não reconhecendo o número; ainda assim, atendeu.

A pessoa do outro lado da linha se identificou como sendo um colega de trabalho do seu pai, e o que ele lhe disse fez o seu coração parar e depois

acelerar feito louco, deixando-o tonto. Sentiu o sangue sumir do rosto e o chão desaparecer debaixo dos pés. Após receber aquela notícia, a vida como Enrico conhecia mudou para sempre e ele nunca mais foi o mesmo.



Capítulo 1

Pensativo, Enrico abaixou os olhos e consultou o relógio em seu pulso. Todas as sextas-feiras, a empresa na qual trabalhava dispensava os funcionários duas horas mais cedo, mas naquela sexta em particular, ele pedira para sair logo depois do almoço, pois havia marcado dois compromissos para aquela tarde.

A primeira parada foi na oficina. Há uma semana que sua caminhonete produzia um barulho estranho, e quando Olavo, seu mecânico de confiança, abriu o capô e pediu que Enrico ligasse o carro, não demorou em descobrir o motivo. O ruído tinha sido causado pelo desgaste da correia dentada, a qual precisava ser trocada o mais breve possível. Saber disso deixou Enrico aliviado, por ser algo simples. E como havia uma loja de peças para autos perto de onde estavam, ele não pensou duas vezes antes de comprar e autorizar que fosse feita a troca.

Com esse assunto resolvido, Enrico se dirigiu até a agência bancária, com a intenção de ter uma conversa com o gerente visando negociar uma prorrogação para poder efetuar o pagamento das várias parcelas atrasadas da hipoteca de sua casa. Meia hora após deixar a oficina, ele se encontrava sentado em uma das duas cadeiras diante da escrivaninha do gerente, e a notícia que tinha acabado de receber frustrou todos os seus argumentos a fim de obter mais tempo.

— De quanto nós estamos falando, exatamente?

Gilberto Passos, um homem de meia-idade metido em um terno azul-marinho, recostou-se no espaldar da cadeira de couro e alisou a gravata prateada com dois dedos antes de levantar o rosto e olhar para o rapaz sentado à sua frente.

— Estamos falando de quarenta mil. Este valor é a soma das parcelas atrasadas, com juros e correção monetária.

Enrico abaixou a cabeça, encarou o piso e esfregou a nuca com a palma da mão. Um palavrão saiu rasgado por entre seus dentes e ele balançou a cabeça, desalentado. *Caralho! Quarenta mil! E isso só para colocar a hipoteca em dia. Como as coisas chegaram a esse ponto? Que pergunta mais idiota, é claro que eu sei como. O que importa agora é saber o que vou fazer para arrumar todo esse dinheiro*, seu inconsciente se manifestou.

— E quanto tempo eu ainda tenho? — Enrico fez a pergunta, mas, na verdade, pouco se importava com a resposta, porque ainda que fossem semanas ou meses, ele não tinha como obter aquela quantia. Precisava admitir que sua situação era desesperadora.

— Você tem três semanas para colocar a dívida da hipoteca em dia — o gerente contestou, e havia uma sombra de pesar em seu semblante.

Enrico contraiu os músculos do rosto, a raiva e a frustração ameaçando explodir. Apertou os lábios para reprimir mais um xingamento. Não adiantava nada xingar, esbravejar ou perder o controle. O que salvaria a casa era o dinheiro que ele não tinha. *Quarenta mil...*

— Depois desse prazo, a hipoteca será executada e a casa irá para leilão — verbalizou o que o gerente deixou implícito. — Três semanas! — repetiu, atordoado, porque não fazia a menor ideia de como conseguir o dinheiro. Podia vender a caminhonete, mas presumia que não conseguiria nem um terço do valor que precisava.

No passado, para colocar a dívida em dia, havia tentado obter um empréstimo na empresa onde trabalhava e até em outros bancos da região, mas a resposta de cada um foi a mesma: um retumbante não! Mas, no fim das contas, fazer uma dívida para cobrir outra não era a solução. Só lhe daria um curto período para respirar, mas em pouco tempo a corda voltaria a apertar seu pescoço. Não tinha para onde correr. *Merda! Estou ferrado!*

Levantou-se e se despediu do gerente com um aperto de mão. Chegando em casa, largou a carteira e as chaves da caminhonete sobre a bancada perto da porta, atravessou a sala e se jogou no sofá. Suspirando, deixou os olhos vagarem pelo lugar e uma nuvem de tristeza lhe toldou o olhar, então, permitiu que seus pensamentos viajassem para longe, para a época em que os pais eram vivos, quando os irmãos eram pequenos, pensando em como tinha sido sua vida até os vinte anos.

Naquele tempo, ele se dedicava ao curso de Arquitetura e gostava de jogar futebol nos fins de semana. Gostava de ir ao cinema com os amigos e costumava sair com o pessoal da faculdade. Ele não trabalhava, pois o pai fazia questão de bancá-lo, sempre lhe dizendo que sua única obrigação na vida era estudar, tirar boas notas e se formar, além disso, faltava pouco para Enrico começar a estagiar. Tudo parecia estar indo bem, mas assim como

ele, seu pai não dividia os problemas financeiros com os demais. E então, veio a tragédia, e com ela, o desespero e o caos.

Um cara drogado bateu de frente com o carro onde seus pais estavam, a cento e cinquenta quilômetros por hora, e ambos morreram com o impacto. A lembrança seguia vívida, Enrico ainda conseguia se recordar da agonia e da dor que sentira e que queimava, dilacerava e rasgava seu peito quando recebeu a notícia. Em um primeiro momento, ele se recusou a acreditar no que o colega do pai dizia. Preferiu achar que tudo aquilo não passava de um pesadelo do qual logo acordaria e veria que tudo seguia como sempre. Entretanto, minutos depois, se viu saindo do campus da faculdade e correndo pela rua feito um louco alucinado, chorando e sentindo uma dor esmagadora que o impossibilitava de respirar. O tipo de dor que não sara e que nunca acaba.

Enrico mal teve tempo de vivenciar o luto pela dupla perda. Depois do funeral, ficou sabendo das dívidas que o pai deixara, inclusive que a casa onde viviam estava hipotecada. E então, sua vida deu uma guinada de cento e oitenta graus, passando a se resumir em trabalho e sua responsabilidade com Eros e Bella, que ficaram totalmente perdidos sem a presença dos pais. Para ele também foi difícil, quase insuportável, mas sendo o mais velho, teve que suprimir o que sentia e cuidar da casa e dos irmãos. O único momento em que se permitia sofrer era à noite, quando estava sozinho em seu quarto. Não foi nada fácil, mas conseguiram seguir com suas vidas. *Um dia de cada vez*, era o seu lema.

E agora, por mais que tentasse, não via uma saída para o problema que tinha nas mãos. Ele ia perder a casa. Era real. Anos de sacrifícios e renúncias escorrendo pelos dedos e indo para o ralo. Tomar ciência disso fez sua bílis subir e Enrico sentiu o gosto amargo da derrota na língua. Desde o início havia sido uma luta injusta, e aquela era só mais uma perda. Olhou

para o teto e depois para a janela de onde entrava uma brisa leve e que fazia a cortina se agitar. Elevou a mão e tocou o queixo, alisando a barba de uma semana. Devia estar acostumado, pois, se acumulara algo na sua vida, foram perdas. Uma após a outra.

Primeiro, foram os pais, e com eles, o sonho de concluir os estudos, de viajar com os amigos, de seguir vivendo como o jovem que era. Vários anos mais tarde, ao fazer o correto, foi traído do pior modo possível e lhe roubaram o sonho de se tornar pai. Não que isso não pudesse vir a acontecer um dia, mas estava desiludido e amargurado demais, por isso duvidava. Desconfiava que levaria muito tempo até que pudesse confiar novamente, mas não era hora de pensar em algo que nem poderia vir a acontecer. Não quando estava prestes a perder o bem material e sentimental mais valioso que possuía. Passara toda a sua vida dentro daquelas paredes, assim como Bella e Eros. Seu pai batalhou muito para comprá-la. Aquela casa era seu lar, o lugar para onde voltava depois de um longo e cansativo dia de trabalho.

Ele não gostava do que fazia, mas foi o que conseguiu após trancar a faculdade. Na cidade onde vivia não havia muitas oportunidades, portanto, não tivera escolha, e ainda não tinha. Precisava do emprego para colocar comida na mesa e pagar as contas, ou ao menos parte delas, já que havia muito tempo que não conseguia pagar as parcelas da hipoteca. Já tinha negociado a dívida algumas vezes, ganhando algum tempo, mas com os juros altíssimos, se tornou uma bola de neve, que, agora, tinha chegado ao seu limite.

Com um suspiro cansado, forçou-se a desviar o rumo dos pensamentos para algo mais ameno, como o *resort* que a *Di Fiori*, a empresa do futuro cunhado, estava construindo no terreno perto da praia. Sem conter a curiosidade, foi até o local da construção numa manhã de sábado e ficou impressionado com o que viu. Chegou a imaginar que se tivesse se formado,

hoje ele seria um arquiteto com anos de experiência e poderia até já ter projetado um *resort* como aquele. Notou que os trabalhos seguiam em um ritmo acelerado, e a julgar pela conversa que tivera com um dos engenheiros, não faltava muito para a conclusão da obra.

Bella havia lhe contado que George planejava organizar um evento à época da inauguração, mas isso só aconteceria quando retornassem da lua de mel que pretendiam passar na Itália, depois que George descobriu, durante uma das reuniões de família que ele costumava organizar, que conhecer o país era um sonho antigo dela, em especial, Roma e Veneza.

A sombra de um sorriso apareceu em seus lábios ao pensar em Bella. Sua irmãzinha cresceu e tornou-se uma linda mulher. Responsável e amorosa, se formou e se tornou mãe do pequeno Pietro. Ampliou o sorriso diante da imagem do bebê de quase um ano. Tinha se apaixonado pelo sobrinho à primeira vista e sentia seu amor pelo garotinho aumentar a cada dia. Orgulhava-se de Bella, e George a amava de verdade. Saber disso o tranquilizava. Eros dava sinais de que desejava mudar, se tornar mais responsável, e Pietro era um alento em sua vida.

Com o filho deles crescendo forte e saudável, George e Bella viviam em uma bolha de felicidade. Após George deixar o hospital, por causa do acidente com o avião da empresa que o vitimara, ambos decidiram morar juntos, e um ano e meio depois, finalizaram os preparativos para a realização do casamento. Se duvidava da existência desse negócio de almas gêmeas, aqueles dois eram uma prova viva. Foram persistentes e lutaram pelo amor deles, e permaneciam unidos, contra todas as probabilidades e apesar das diferenças.

No mesmo fim de semana em que George descobriu sobre o desejo de Bella, Alana também estivera presente, algo raro em se tratando dela, já que por várias vezes tinha ligado ou enviado mensagem avisando que algum

compromisso a impedia de comparecer às reuniões de família que seu pai gostava de organizar. George não fazia comentários, mas dava para perceber que a ausência da filha mais velha o chateava.

Embora ambos estivessem no mesmo lugar, sempre que via Enrico, Alana fechava a cara para ele, espremia os lábios e não fazia a menor questão de ocultar o que sentia. Enrico achou que, com o tempo, as coisas pudessem mudar, que a ira dela com o que acontecera entre ele e George no dia em que se conheceram passaria, mas estava enganado. E achou melhor deixar as coisas como estavam. O que a garota tinha de bonita, tinha de mimada, e jamais lidara com pessoas como ela, que o olhava de cima e torcia o nariz como se ele cheirasse mal.

Ele era só um trabalhador, um cara simples que preferia cerveja ao vinho e que gostava de socializar com os amigos depois de uma partida de futebol. Seu uniforme diário era um par de jeans, camiseta, jaqueta e botas. Era pobre, um cara do povo. Para ele, as pessoas valiam pelo que eram, e não pelo que possuíam. E se algum dia acontecesse de voltar a dividir sua vida com alguém, seria com uma pessoa como ele, e era por isso que não entendia como se sentia quando a tinha por perto.

Alana fizera questão de ignorá-lo nas poucas vezes em que os dois se encontraram no último ano e meio. Raramente lhe dirigia a palavra, e quando o fez, foi por acidente, e não por vontade. Era cansativo, mas se ela era capaz, ele também seria. O fato de a mulher não querer se aproximar ou falar com ele não deveria incomodá-lo, correto? Devia ser indiferente para ele, só que não era, e isso deixava-o intrigado. E parecia que ninguém notava a tensão crescente entre os dois.

O interessante nesse negócio de fingir que não se importa com alguém, além de demandar um esforço considerável, é que o resultado invariavelmente costuma ser o oposto do desejado. Embora, por fora,

demonstrassem indiferença, por dentro, eles tornavam-se ainda mais conscientes da presença um do outro.

Sozinho na casa silenciosa, uma vez que Eros havia saído para sua apresentação no *Bar do Capitão*, de repente Enrico sentiu-se preso, enclausurado, o pensamento voltando para a situação difícil em que se encontrava.

— Já perdi tanto, não sei se aguento seguir perdendo. Será que algum dia a vida vai me dar uma folga? Será que ainda terei uma chance para ao menos tentar ser feliz? — perguntou-se, a agonia em seu peito, oprimindo-o e ameaçando sufocá-lo. — Estou tão cansado, sinto que caio num vazio, me afundo nesse mar de autocomiseração e sou incapaz de reagir.

Ergueu a cabeça e secou o rosto com as mãos grandes. Olhou com surpresa para as palmas molhadas. Estivera tão absorto em seus pensamentos que nem notou que havia chorado. Impulsionou o corpo para frente, levantou-se e foi para o quarto, pensando que não adiantava nada ficar ali, recordando o passado e remoendo os problemas. Uma volta de carro e uma boa quantidade de álcool no sangue era tudo o que ele precisava para acalmar os nervos, apaziguar a angústia e a sensação de impotência que o importunavam. Decidido, entrou no banheiro, tomou um banho, se vestiu e deixou a casa.

Horas mais tarde, naquela mesma noite, Enrico se encontrava sentado em uma das banquetas enfileiradas na frente do balcão comprido do terceiro ou quarto bar em que entrara. Conhecia o dono daquele e sabia que ficava perto do bairro onde morava.

— Você é honesto, faz a coisa certa, trabalha feito um burro de carga, e de que adianta? De nada! Eles te enganam e te fazem de bobo. Não satisfeitos com isso, ainda ameaçam tirar sua casa. Nadei, nadei e morri na

praia. Sou um fracassado, essa é a verdade. Por que estou reclamando? Ninguém disse que a vida seria justa — falava para ninguém em particular, e sentindo pena de si mesmo, Enrico esvaziou o copo, tomando o resto da bebida em um só gole. Bateu o fundo do copo na madeira lisa para chamar atenção do atendente. — Mais um! — pediu, a fala começando a enrolar. — E pode encher até a boca. Esta noite, eu quero esquecer tudo, até como eu me chamo.

Rogério lançou um olhar significativo em sua direção.

— Você não acha que já bebeu demais para uma noite?

Ele sinalou negativamente com a cabeça.

— Enrico! — exclamou, tentando manter o foco no atendente e dono do bar. — Viu só? Eu ainda não esqueci o meu nome, então, coloca aí. Enche essa porra! — exigiu indicando o copo vazio.

Suspirando, Rogério contemplou o rapaz embriagado e balançou a cabeça, penalizado.

— Está bem, mas essa é a saideira — advertiu e virou a garrafa no copo, no entanto, não o encheu. Na verdade, colocou menos de dois dedos da bebida. O ideal seria não servir mais nada, mas sabia que o rapaz não desistiria até conseguir o que queria, ou poderia sair e procurar outro bar. Girou o corpo e devolveu a garrafa à prateleira. Deu uma última olhada na direção dele e, vendo que Enrico movia a cabeça e lançava olhares erráticos pelo lugar, puxou o celular do bolso da calça e se dirigiu ao quartinho dos fundos.

Rogério não era de fazer isso por todos os caras que vinham terminar a noite de bebedeira em seu bar, afinal, lucrava com a venda de bebidas, mas gostava de Enrico. Ele o conhecia e sabia que o rapaz era trabalhador e

estava sempre disposto a ajudar. Sem ter com quem contar, sozinho, comeu o pão que o diabo amassou quando os três ficaram órfãos. Rolou a tela do aparelho, procurou por um nome nos contatos e fez a chamada.

— Oi, sou eu. Seu irmão está mal. Ele já chegou assim. (...) A caminhonete dele está lá fora, mas ele não tem a menor condição de dirigir. (...) Certo. (...) Pode deixar. Eu vou tentar segurá-lo aqui até você chegar — comprometeu-se e encerrou a ligação. Guardou o aparelho e retornou para o balcão.



Capítulo 2

Enrico andou até o armário e tirou uma caneca grande, virou-se para a pia e abriu a torneira. Sua cabeça latejava, sentia o gosto de guarda-chuva velho na boca e mal conseguia manter os olhos abertos. Tomou duas aspirinas ao se levantar, mas ainda não tinham surtido efeito. Enquanto enchia a caneca com água, girou o pescoço na direção do som de pés arrastados e viu o irmão aparecer esfregando os olhos no vão da porta que separava a cozinha da sala.

— Você está péssimo — comentou Eros, entrando e indo sentar-se numa das quatro cadeiras ao redor da mesa. Pegou um pão do cestinho no centro dela e passou a saboreá-lo em pequenos pedaços.

— Eu me sinto péssimo. Ressaca da porra. — Enrico girou o corpo, ficou de frente para o fogão e colocou a caneca com água no fogo para ferver. — Foi o Rogério que te chamou para ir até o bar me buscar? — quis

saber, abrindo a porta da geladeira, de onde pegou uma garrafinha de água gelada.

— Foi — confirmou Eros, passando manteiga na metade do pão.

— O Rogério devia cuidar da vida dele — resmungou Enrico, fechando os olhos e esfregando a lateral da testa com dois dedos.

— Que cara mal-agradecido. Ele só quis ajudar, e fui eu que pedi para ele me avisar. Sei que você sempre termina a *via sacra* no bar dele. Aliás, o que te deu para beber daquele jeito? Nunca te vi tão mal. Por pouco não entrou em coma alcoólico, e olha que eu não estou exagerando.

Constrangido pelo modo como vinha se entregando à bebida nos últimos tempos, Enrico evitou encarar o irmão e falou a primeira coisa que passou pela sua cabeça:

— Eu tive uma semana difícil no trabalho.

— O que está dizendo não passa de uma desculpa esfarrapada. Você trabalha naquela fábrica há quase uma década e eu nunca te vi assim — afirmou Eros, estreitando os olhos, pensativo. — Tem enchido a cara desde que soube o que a safada da Diana foi capaz de fazer — acusou.

Enrico se remexeu no lugar, incomodado.

— Eu não quero falar sobre isso — disse e apertou os lábios, o que tornou sua expressão mais dura.

— Não quis falar na época e, pelo que vejo, não mudou de ideia. — Eros concordava que o assunto era delicado e não queria forçar o irmão a falar, mas sentia que precisava. — Eu sei que o que aquela filha da mãe fez mexeu com você.

— Que merda, Eros! Sabe que eu não quero tocar nesse assunto, e mesmo assim você insiste — Enrico disse de maneira cáustica. — E não me diga o que eu devo fazer ou sentir! — emendou com grosseria.

— Eu não estou fazendo isso — Eros protestou.

— Ah, não? — indagou Enrico, virando-se para encarar o irmão, alçando uma sobrancelha.

— Eu só estou dizendo que não seria humano se o que houve não tivesse mexido com você. E quando deu uma parada nas bebedeiras, eu achei que tinha se dado conta de que encher a cara não resolve nada. Pelo contrário.

Enrico deixou cair os ombros e soltou um longo suspiro.

— Está certo. Beber não resolve porra nenhuma, mas amortece a raiva e a frustração por um tempo — admitiu, sentindo-se derrotado. — Eu não percebi que estava sendo enganado. Ela me fez de idiota. De otário. — Girou o corpo, apoiando-se na pia para encarar o irmão. — Não passo de um perdedor. — Sua boca se curvou numa linha de autodesprezo.

Sentindo-se incapaz de permanecer sentado e inconformado com o que ouvia, Eros afastou a cadeira e se levantou.

— Para com isso! Para de sentir pena de si mesmo. Esse não é você! Não é o Enrico que eu conheço. Não é o cara que sempre foi a cola da nossa família! — Foi taxativo, e fez uma pausa para tomar fôlego. — Outra pessoa teria largado a gente em qualquer lugar e ido viver a vida. Seria muito mais fácil, mas não, você ficou. Trabalhou. Deu duro. — O rapaz gesticulava e andava pela cozinha enquanto falava. — Você não é um fracassado! — concluiu, zangado, o dedo em riste.

Enrico não respondeu, voltou a se concentrar em fazer o café.

— Olha pra mim. — Quando o irmão não atendeu ao seu pedido, imediatamente Eros repetiu com rudeza: — Olha pra mim, porra!

Relutante, Enrico levantou a cabeça e encarou o irmão mais novo. Eros chegou mais perto e apoiou as mãos nos ombros dele, ficando os dois cara a cara.

— Nunca mais repita uma coisa dessas. Você não é um perdedor, a Bella e eu somos prova disso. Eu te amo. A Bella te ama. O nosso sobrinho te ama. E se nós sempre estivemos juntos, foi por sua causa. Não está sozinho, porque somos sua família, caralho! Você não é um perdedor! Mas admito que não estou gostando da pessoa que está se tornando — Eros concluiu, tomando fôlego, procurando se acalmar, mas mantendo a expressão consternada.

Enrico voltou a abaixar a cabeça, fugindo do olhar perspicaz e intenso do irmão. Não queria que ele visse sua expressão atormentada. As palavras dele o tinham atingido. Ele também não se orgulhava da pessoa que estava se tornando: um cara que afogava as mágoas e fugia dos problemas no álcool. Sentiu os olhos pinicarem e respirou fundo para manter as emoções sob controle.

— Eu estava mal ontem, mas agora já me sinto melhor — por fim, falou.

Eros não estava convencido. Enrico era craque em dissimular o que levava por dentro. Fechado, o irmão era um verdadeiro desafio quando se tratava de colocar para fora o que sentia. Não se deixando convencer e sem se intimidar, chegou mais perto dele.

— Eu sei que tem alguma coisa acontecendo. — Enrico levantou a cabeça e enrugou a testa, olhando com estranheza para o irmão. — Não me

olhe como se eu estivesse imaginando coisas, porque eu sei que tem, mas, como sempre, você não divide os problemas comigo. Quer resolver tudo sozinho. Escuta, seja o que for que está te incomodando, nós podemos dar um jeito. Eu quero ajudar no que eu puder, só que preciso saber o que está tirando o seu sono.

Era bom saber que o irmão estava disposto a fazer o que pudesse para ajudá-lo, e via no gesto de Eros um traço de amadurecimento de sua parte. Se fosse há alguns meses, ele nem cogitaria a se oferecer, contudo, Enrico ainda não sentia que era o momento de contar o que se passava. Estava adiando o inevitável, mas não servia de nada angustiá-lo antes da hora, e, no fundo, havia o receio de que Eros entrasse em alguma roubada para tentar conseguir o dinheiro que precisavam. Impulsivo do jeito que era e com o tipo de gente com quem se relacionava, nada era impossível, e isso o preocupava.

— Eu disse e repito: está tudo bem! — Enrico puxou Eros para um abraço. — Relaxa e não se preocupe comigo — pediu, colocando firmeza na voz e tranquilidade em sua expressão.

Eros assentiu e saiu do abraço, voltando a sentar-se no seu lugar à mesa. Enrico colocou a garrafinha, agora vazia, sobre a pia e se acomodou na cadeira oposta à dele, encheu duas xícaras com café e colocou o bule sobre a mesa.

Duas semanas. Se dentro de quinze dias eu não encontrar uma solução ou ver uma luz no fim do túnel, eu conto para ele que vamos ter que deixar esta casa, prometeu para si mesmo.



Capítulo 3

A chuva intensa atingia as folhas das árvores e as lançava contra o asfalto enquanto Alana andava apressada pela calçada, protegida apenas pelo capuz do moletom largo e pelas botas de cano alto. Estremeceu de frio e puxou mais o capuz sobre a cabeça, respirando aliviada ao avistar o sofisticado bloco de apartamentos onde morava.

Os últimos dezoito meses não tinham sido fáceis. Passara por mudanças tão repentinas e radicais em sua vida quanto a temperatura daquele fim de tarde na capital de São Paulo. Num dado momento, a vida seguia seu curso normal, já em outro, o pai pedia o divórcio para a mãe e saía da casa onde vivera por vinte e cinco anos. Passados alguns meses, tivera aquele susto enorme devido ao pouso forçado do helicóptero da construtora no qual o pai viajava, logo depois, com ele ainda no hospital, foi apresentada à sua namorada, uma mulher mais jovem do que ela. E como se não bastasse, ambos esperavam um bebê, fruto do recente relacionamento.

Não podia dizer que a separação dos pais fora uma surpresa para ela. O que a surpreendeu mesmo foi o tempo que ele levou para tomar a decisão final. Alana amava a mãe. Maristela tinha um gênio forte e muitos defeitos, mas não era de todo ruim, afinal, ninguém era, além disso, era a mulher que a colocara no mundo e, bem ou mal, sempre estivera ao seu lado. No entanto, Alana tinha consciência de que a mãe era controladora e hábil na arte da manipulação.

Até pouco tempo, antes da separação definitiva dos dois, ela evitara se envolver em seus problemas, mas não dava para negar que existiam. Nos últimos anos do casamento, o pai passava cada vez mais tempo fora de casa, em reuniões intermináveis e viagens de negócios, e nas poucas vezes em que permanecia na mansão por duas noites seguidas durante a semana, era notório o quanto ele estava frustrado, triste e infeliz. Sua expressão mudava quando tentava ocultar como se sentia das filhas, mas ele revelava o que levava por dentro quando pensava que elas não estavam por perto ou durante as discussões e as eternas cobranças da esposa.

Alana pensou muito depois do que aconteceu, mas, mesmo agora, seguia não compreendendo a motivação da mãe para fazer o que fez. Nunca imaginou que a mulher que a criara fosse capaz de mandar sabotar o helicóptero da empresa do pai para matá-lo. Passou todo esse tempo em busca de respostas, pois a mãe não respondeu às suas perguntas durante a única visita que fizera a ela na prisão. Portanto, só podia especular. Talvez tivesse sido por orgulho ferido ou por não querer aceitar que seu casamento desmoronava. E nesse ínterim, também, percebia que perdia o controle e a influência que tinha sobre as filhas. No fim, ela se preocupou mais com as aparências e com o que os outros iriam dizer do que com as consequências dos seus atos, por isso acabou colocando duas vidas em risco. De um modo

equivocado, acreditou que a morte do ex-marido seria a solução para os seus problemas.

Sentindo-se decepcionada com a mãe, Alana não foi capaz de perdoá-la, e era difícil dizer se conseguiria algum dia. Parecia que não conhecia a mãe de verdade, mas amava demais o pai, e acreditava firmemente que ele merecia recomeçar sua vida e ser feliz ao lado da mulher que escolhera como sua companheira, independentemente de qualquer outra coisa. Ao contrário de sua mãe, seu pai não se importava nem um pouco com o que diziam a seu respeito.

Depois da condenação da mãe e de sua ida para a prisão, Alana não quis ficar nem mais um dia vivendo naquela mansão imensa, vazia e cheia de ecos. Após uma conversa com a irmã mais nova, ambas decidiram se mudar para um apartamento de dois quartos, que alugaram no bairro Ibirapuera. Contudo, por conta da construção do *resort*, Alana permanecia mais tempo na cidade de Bendita Luz do que na capital. No sábado, tinha sido uma das madrinhas de casamento de uma amiga muito querida, por isso pegara a estrada no fim da tarde de sexta-feira com destino a São Paulo, mas pretendia retornar ao escritório que montara na cidade praiana no dia seguinte, logo cedo.

Já estava arrependida por ter saído, pois tinha se deixado enganar pelo dia bonito e sem sinal de chuva quando resolveu caminhar. Estava a dois quarteirões do condomínio quando o céu escureceu de repente e começou a desabar, o que não devia surpreendê-la, afinal, viveu naquela cidade por toda a sua vida e estava acostumada às mudanças de tempo. Subiu correndo as escadarias e entrou no saguão do edifício, abaixando o capuz e se sacudindo para se livrar do excesso de água. Os cabelos longos e sedosos caíam sobre os ombros e algumas gotas de chuva brilhavam nas pontas dos cílios.

— Que fim de tarde terrível, senhorita! — A voz amigável chamou sua atenção.

— Graças a Deus, não vou precisar sair de novo — concordou ela, com um sorriso.

— Vou esperar alguns minutos para ver se a chuva passa. O Pedro vai ficar no meu lugar — acrescentou o porteiro, apontando para o rapaz que aguardava na pequena sala ao lado da recepção.

— Bom, Sr. Carlos, espero que realmente passe. Até logo. — Alana entrou no elevador e apertou o botão do quinto andar.

Adentrou o apartamento, tirou o moletom e as botas molhadas. Parecia bastante jovem com a calça jeans e a blusa de um tom azul-claro que usava. Seu estômago roncou, fazendo com que ela se lembrasse de que não comera nada desde o almoço. Foi à cozinha, abriu a geladeira e retirou de lá o presunto, a alface, os tomates e o queijo que havia comprado mais cedo. Preparou um sanduíche e um suco de laranja, e enquanto comia, começou a pensar em quem menos devia: Enrico Magalhães.

Pegou o prato com o sanduíche que mal começara a comer e deixou-o de lado. Em seguida, foi para a sala de estar e sentou-se no sofá de couro, os pensamentos ainda voltados para o único homem que tinha o poder de tirá-la do sério. Levantou-se, pegou o celular, procurou pela *playlist* e colocou uma música para ajudá-la a abandonar aqueles pensamentos. Quando os acordes de *Behind Blue Eyes* na versão cantada pela banda Limp Bizkit encheram a sala, trouxe junto as lembranças do dia em que se conheceram.

Aquele primeiro encontro ficara marcado nela, pois achara Enrico uma pessoa arrogante, prepotente e com a qual não fazia questão de

interagir. Não sabia bem o motivo de ter associado a música ao grandão, afinal, nem olhos azuis ele tinha. Eram castanhos e se alternavam entre claro e escuro, dependendo do seu humor. Talvez tenha sido o lampejo de tristeza que conseguira vislumbrar neles, tão fugaz que poderia ter sido fruto de sua imaginação.

Também chegou à sua mente o momento em que o pai ligara para ela e conversaram, entre outros assuntos, sobre o casamento dele, finalizando a chamada com o convite para um jantar que ele e Bella dariam para as duas famílias e uns poucos amigos próximos de ambos os lados, programado para a noite anterior ao dia da cerimônia. Tinha sido bastante enfático quando lhe disse que, dessa vez, não aceitaria nenhuma desculpa de sua parte.

Como sempre, George seguia insistindo em inserir as duas filhas em sua nova família. E Alana entendia o pai, e não tinha qualquer tipo de problema com Bella e Eros, pelo contrário, se dava bem com os dois, pois sempre foram agradáveis e simpáticos com ela, no que procurava retribuir da mesma maneira. O que não suportava era estar no mesmo ambiente que o mais velho dos irmãos Magalhães. Chegara a inventar desculpas para não comparecer a eventos em família onde sabia que ele estaria presente. Embora não fosse o tipo de pessoa que guardava rancor, ainda não havia superado a cena do grandalhão agarrando seu pai recém-operado, a raiva em sua expressão, a fúria fria em seus olhos e as ameaças que fizera depois de soltá-lo.

Como não tinha nada mais interessante para fazer, Alana resolveu tentar relaxar um pouco. Horas depois, sentada na sala com o notebook no colo, fechou os arquivos dos projetos da *Di Fiori* que estivera analisando e foi checar seus e-mails pessoais, já que os da empresa estavam cheios de mensagens e ela só pretendia lê-los quando estivesse no escritório de Bendita Luz.

Clicou na sua caixa de entrada e viu que havia mensagens de amigos chamando-a para algum evento e outros de propagandas diversas. Leu todas e foi deletando as que não a interessava, até que viu uma do pai, que continha várias imagens anexadas. Curiosa, foi clicando em cada uma delas. Eram fotos dele, de Bella e do irmãozinho, e os três se encontravam na praia. Em uma delas, era fim de tarde e dava para ver o pôr do sol ao fundo refletido na água. Seu pai sorria para a câmara enquanto caminhava na beira do mar com Pietro enganchado em seu pescoço.

Em outra, o trio estava sentado na areia. Bella passava protetor solar nas costas de seu pai, sentado diante dela com os joelhos elevados e os pés plantados na areia. Ele fazia o mesmo nas costas do bebê, sentadinho entre suas pernas, enquanto o garotinho de cabelos e olhos escuros iguais aos da mãe, e pele clara como a do pai, parecia estar concentrado em encher o baldinho amarelo e vermelho com areia. A foto a seguir era do último encontro em família, ao qual ela não comparecera, pois tinha preferido visitá-los quando estavam só os três na casa. Sentiu-se um pouco culpada pelas desculpas que tinha usado para não ir, e mal consigo mesma por saber que estava se privando de todos aqueles momentos em família. Talvez estivesse sendo boba e até um pouco covarde.

Com toda a sua resistência e relutância, Alana estivera no mesmo ambiente que Enrico em duas ocasiões distintas, e mesmo não tolerando sua presença, não podia negar que o homem era bonito. Apesar de estar sempre sério, ele possuía uma aura que a intrigava, sem falar na alta estatura e evidente força física, o que tornava sua figura imponente. Enrico não deveria incomodá-la tanto, entretanto, era o que acontecia. Embora ela se esforçasse muito para demonstrar indiferença, o homem tinha o estranho poder de irritá-la e um não-sei-o-quê que a desestabilizava. Ele a provocava de um

modo que ela não conseguia deixar de revidar, e para evitar atritos, considerava mais seguro manter-se longe dele.



Capítulo 4

Depois desses meses todos, diante da insistência e das palavras do pai ao convidá-la, deixando implícito o quanto ficaria chateado caso se recusasse a comparecer, algo que ela sequer cogitara fazer, Alana prometeu a si mesma que ia se controlar e tentar aceitar a presença de Enrico, pois era certo que os dois voltariam a se encontrar nos próximos eventos da família.

Fazendo um trejeito com a boca, lembrou-se de que há vários anos sua vida social restringia-se à Lilly e uns poucos amigos ligados ao trabalho. Ao recordar-se dos namorados eventuais e pouco significativos que tivera nos últimos tempos, deu-se conta de que terminara seu último relacionamento há mais de seis meses e não sentira necessidade de ter outro namorado, de tão envolvida que estivera no trabalho. Era uma *workaholic* assumida, mas agora se perguntava se havia algo errado com ela por não almejar uma alma gêmea como o resto do mundo. E, mais uma vez, a imagem intrometida do grandalhão com cara de bravo invadiu sua mente.

Uma semana depois, no dia do jantar, Alana conseguiu chegar em casa às cinco da tarde e encontrou Lilly terminando de se aprontar. Mal teve tempo de tomar uma ducha e enfiar-se no vestido vermelho colado ao corpo que comprara para a ocasião. Criação de um amigo estilista, o modelo era de muito bom gosto, discreto e atraía atenções. Depois, colocou os brincos de pérolas e diamantes que o pai lhe dera de presente quando completou dezoito anos. Penteou o cabelo castanho e brilhante que caía numa cascata sedosa pelos ombros e costas, dando-lhe um ar sensual. Por último, dedicou-se a fazer a maquiagem, calçou as sandálias de tirinhas e salto alto e pegou a bolsinha de mão, completando o visual.

Meia hora depois, as duas chegavam à casa do pai. Lilly foi logo entrando e se enturmando, enquanto Alana se deu um momento para apreciar a vista daquele lugar. Sempre que vinha, se impressionava com sua beleza de tirar o fôlego.

— Oi, pai — saudou e se aproximou para beijá-lo no rosto.

George admirou-a com um sorriso aberto e um brilho de orgulho nos olhos.

— Fico feliz que esteja aqui. — Retribuiu o beijo e puxou-a para um abraço. — Como você consegue ficar mais linda do que já é? — indagou ao se afastar, mas sem soltá-la.

— Hum... eu tive a quem puxar, afinal, o senhor não fica atrás. Não é por ser meu pai, mas estou diante do coroa mais bonito, cheio de estilo e elegante que conheço. — Alana sorriu e brindou o pai com um olhar carinhoso. — Achou mesmo que eu deixaria de vir ao jantar de hoje? Nunca faria isso. Eu sei o quanto é importante para o senhor ter todos os que ama reunidos aqui, esta noite — afirmou e foi saindo suavemente do abraço.

Levou alguns segundos observando-o e pensando em como se orgulhava do homem charmoso dentro daquele terno bem cortado e de cor clara, apropriado para um clima ameno, diante de si. Seu amor por ele era incondicional e imensurável. Era inegável que o pai era tudo para ela. Era seu exemplo de ser humano, generoso, amoroso e com quem podia contar sempre que precisava. Além de ser o homem mais importante de sua vida, o seu herói, Alana também se espelhava nele como profissional. Além de tudo isso, seu pai era um sobrevivente, e mais do que ninguém merecia ter uma vida boa e repleta de momentos de felicidade como aquele.

Bella, Pietro e seu amor por eles fizeram muito bem a George, tornando-o uma pessoa diferente, fazendo desaparecer aquela sombra de tristeza e frustração que o perseguia, ele estava mais leve e relaxado. A julgar pelo rosto iluminado do homem de meia-idade que tinha diante de si e pelo brilho nos olhos azuis que quase se fechavam e formavam ruguinhas charmosas nos cantinhos quando ele sorria, seu pai estava feliz, como jamais estivera antes.

— Você é minha filha, por isso não é imparcial, mas, esta noite, eu me sinto tão bem que vou aceitar os elogios. — George sorriu e lhe deu uma piscadinha charmosa, voltando a beijá-la no rosto, porém, ao endireitar o corpo, um burburinho na porta de entrada chamou sua atenção. Ele olhou por cima do ombro dela e emendou: — Vou te deixar por alguns minutos. Um casal de amigos acabou de chegar e preciso recebê-los, mas eu volto e vamos poder conversar mais.

Alana sorriu e assentiu com um aceno.

— Pode ir tranquilo. Eu vou guardar minha bolsa e depois pretendo tomar algo e circular um pouco.

— Obrigado, meu amor. — Dizendo isso, George afastou-se e foi em direção à porta, a fim de receber Theodoro Zanetti, com quem voltara a estreitar a amizade no último ano, após seu retorno ao Brasil, e Isadora Meirelles, sua bela esposa. Ambos tinham vindo de Goiânia para comparecer ao jantar e à cerimônia de casamento.

Disposta a fazer o que acabara de dizer, Alana seguiu para o escritório do pai. Deixou sua bolsa sobre a escrivaninha e saiu distraída de lá. Ajeitava as laterais do vestido quando, no instante em que pegava o corredor que dava na sala, sentiu que esbarrava em alguém, e cairia se duas mãos enormes não a amparassem. Precisou abafar um gemido devido ao forte impacto, pois era como se tivesse ido de encontro a uma muralha só que feita de músculos.

— Ei, olha por onde anda! Você é cego, por acaso? — indagou, irritada e ignorando o fato de que teria se estatelado no chão caso o homem não a tivesse segurado. — Estúpido! — acrescentou num tom de voz mais baixo.

— Eu sinto muito. A senhorita está... — O dono da voz grossa e profunda, e que estava a ponto de perguntar se ela estava bem, se deteve ao descobrir de quem se tratava.

Foi impossível para Alana não o reconhecer. Sentiu o rosto em chamas e o coração a bater feito louco. Sentiu o formigamento familiar que a acometia sempre que ela o encontrava. Respirou fundo antes de elevar o rosto e encará-lo.

— Ah, é você — disse ela, repuxando os lábios em sinal de insatisfação e desagrado.

Notando o desprezo em sua voz e sua expressão de desgosto ao perceber que a pessoa em que esbarrara era ele, Enrico enrijeceu o corpo e apertou os dedos ao redor da cintura que segurava, sentindo a raiva crescer dentro dele. Estava para sair dali e deixá-la com seu narizinho empinado para trás quando seu orgulho obrigou-o a ficar. Diante do que dissera e da postura dela, ele decidiu que não perderia a oportunidade de provocá-la.

— Sim, sou eu. Enrico Magalhães, ao seu dispor — disse, soltando-a e inclinando o poderoso tronco para frente numa pequena mesura. — Mas não tome isso ao pé da letra, princesa — adicionou ao endireitar o corpo e voltar a mirá-la.

Apertando os lábios numa reação instintiva, Alana sentiu-se encrespar ao ouvi-lo chamá-la daquela maneira, a qual ela simplesmente detestava.

— Pode ficar sossegado, pois eu jamais faria tal coisa. Seja o que for que venha de você, eu dispenso.

Enrico olhou-a de maneira acintosa e mediu-a de cima a baixo.

— Isso é ótimo, mas mesmo não querendo nada de mim, eu lhe darei um conselho... Para evitar este tipo de situação em uma próxima vez, tente olhar para algo além do seu umbigo — disse, referindo-se ao encontrão dos dois.

— Como você se atreve a me falar uma coisa dessas? Seu boçal! Mal-educado! — exclamou ela, entredentes e a ponto de explodir de raiva.

Enrico não se abalou, pelo contrário, divertia-o vê-la perder o controle.

— Foi você quem me perguntou se eu estava cego e me chamou de estúpido depois de esbarrar em mim, por estar com a cabeça no mundo da

lua. E voltou a me ofender me chamando de boçal. Então, me diga, princesa, qual de nós dois está sendo mal-educado? — quis saber Enrico, alçando uma das sobrancelhas e mantendo o mesmo sorriso provocador nos lábios.

Alana não via a hora de tirar aquele sorrisinho idiota da cara dele, mas teve que se controlar quando um casal de convidados se aproximou e passou diante deles. Essa interrupção a fez engolir o insulto que pretendia verbalizar, e apesar do estado perturbador em que se encontrava, ainda teve a presença de espírito de sorrir amavelmente para os dois, no que foi retribuída. Observou-os se afastar, e só depois que saíram de seu campo de visão, voltou a encarar o homem à sua frente.

— Quer saber de uma coisa? Eu não vou ficar aqui perdendo o meu tempo com uma pessoa de baixa categoria feito você! — disse, mastigando as palavras e tentando desviar do corpo dele.

Agindo por puro reflexo, Enrico agarrou seu braço com firmeza, impedindo-a de se afastar. Empurrou-a para dentro do escritório, entrou atrás dela e fechou a porta.

— O que você pensa que está fazendo? — indagou Alana, ofegando ligeiramente, com um misto de receio e curiosidade nos grandes olhos castanhos.

— Você se acha muito melhor do que eu, não é mesmo? — Enrico perguntou, amargo.

Mesmo estando ali sozinha com ele, Alana não se intimidou:

— Eu não acho. Eu sou! — As palavras pularam de sua boca antes que ela pudesse impedi-las, fazendo-a se arrepender no mesmo instante.

Não era assim que ela pensava. Teve a sorte de nascer dentro de uma família privilegiada financeiramente, por isso nunca passou qualquer tipo de

necessidade, mas não se considerava uma pessoa mimada, e muito menos esnobe como sua mãe. Tinha dito aquilo da boca para fora, e agora estava se perguntando como fora capaz de verbalizar algo tão horrível. Aprendera com o pai que a condição social de uma pessoa não a fazia ser melhor que ninguém. Só podia ser a raiva falando por ela, e a resolução em não se deixar provocar por ele caiu por terra.

— Enrico, eu... — começou a se explicar, mas ele a impediu com um gesto.

Enrico sentiu-se retrair, impactado pela resposta, contudo, apesar de sua primeira reação, ele não estava surpreso, pois aquilo só vinha comprovar a imagem que fazia dela. Estacou e passou a analisar o rosto da bela mulher diante de si enquanto sentia a chama da raiva e indignação ardendo viva, consumindo-o por dentro. Em meio à fúria que fazia seu corpo inteiro vibrar, conseguiu identificar outro sentimento, forte e intenso, mas preferiu não o nominar naquele momento.



Capítulo 5

Enrico elevou o braço e envolveu a lateral do pescoço de Alana com a mão. Era tão delicado que imaginou que bastaria uma pequena torção para quebrá-lo. Colocando o pensamento mórbido de lado, ele se aproximou mais, parando tão perto dela que foi capaz de sentir no rosto a respiração morna e ofegante que escapava dos lábios entreabertos. Abaixou os olhos, fixando-os neles, pensando que com um movimento poderia cobrir a boca dela com a dele. Resistindo à tentação, moveu o polegar devagar sob o queixo, avançando para a lateral do pescoço de Alana, sentindo uma veia pulsando enquanto continuava a estudá-la com muita atenção. Estranhamente, ela se manteve imóvel e calada. Não se afastou, nem resistiu ao toque dele, apenas ficou lá, olhando-o como se estivesse em um transe hipnótico.

— Então quer dizer que você é melhor do que eu? — repetiu Enrico, usando um tom de voz baixo, gutural e levemente irônico. — Sabia que

descobrir que você pensa assim não me surpreende? Eu só não tinha certeza, mas já imaginava que era esse o motivo de você não querer se misturar com pessoas de baixa categoria, como meus irmãos e eu. — Alana abriu a boca para refutar a afirmação dele, contudo, um brilho avisando-a do perigo nos olhos castanhos a fez desistir e voltar a fechá-la. Aproveitando-se de sua hesitação, Enrico prosseguiu: — Quando não comparece aos encontros que seu pai organiza, não é só a mim que você evita, são todos, mas eu acho que você sabe disso.

Ficaram se encarando por algum tempo, até que ela desviou os olhos. Não tinha argumentos para rebater o que Enrico acabara de dizer, simplesmente porque estava certo quando dizia que não era apenas a ele que evitava, e sim a todos. Alana sabia disso e até já havia se censurado por isso e decidido mudar, mas ouvi-lo verbalizar o que pensava a fazia perceber o quanto sua atitude parecia tola e sem uma verdadeira razão de ser.

— Bem, parece que agora é a minha vez. Eu não vou perder meu tempo com uma pessoa de mente tão pequena como você. — Enrico se afastou, tirou a mão que envolvia seu pescoço, deixou o braço cair devagar e se virou para a porta.

— Enrico, espera! — Alana pediu, encontrando sua voz e puxando-o pelo braço. Surpreso com o gesto, ele estacou e desceu o olhar para a mão que o segurava, mas logo elevou o rosto, e havia pouco em sua expressão que revelasse como se sentia. — Deixe-me explicar...

Enrico trancou o maxilar e enfiou os dedos nas palmas das mãos, cerrando os punhos.

— E o que você quer me explicar? Não há um mal-entendido aqui que precise ser esclarecido. Deu para entender perfeitamente bem o que você falou. Como eu disse, não vou ficar aqui perdendo meu tempo. Não vale a

pena. — Com um safanão, desvencilhou-se da mão que o prendia e saiu porta afora, deixando-a sozinha e com a palavra na boca.

Perturbada e sentida com o que ele dissera, embora achasse que tinha merecido, Alana deu dois passos para trás, até alcançar um obstáculo que a obrigou a parar. Sugando o ar em pequenos bocados, esperou que as batidas aceleradas do coração voltassem ao normal. Apoiou o corpo na escrivaninha, agarrou a borda com as duas mãos e aguardou por alguns minutos, no intuito de se recompor. Tempos depois, ainda sentindo-se culpada pela maneira como o tratara, deixou o escritório e atravessou a sala, parou um dos garçons e pegou um copo de uísque, seguindo até um local que, imaginou, não seria incomodada.

— Merda — resmungou e tomou o primeiro gole, fazendo uma careta ao sentir o líquido queimando sua garganta. — Duas vezes merda — repetiu e virou o restante do copo de uma vez, engasgando com a bebida forte demais para o seu gosto e tossindo a ponto de ficar vermelha.

Quando o acesso de tosse cedeu, ela retornou à sala e varreu o lugar com os olhos, procurando por ele. Localizou-o do lado oposto de onde estava. Enrico encontrava-se apoiado em um móvel, as mãos enfiadas nos bolsos dianteiros da calça, e encarava-a friamente. Fechado. A sensação de desconforto que ela sentira no escritório aumentou, pois mesmo distante, Alana parecia ler o que se passava pela mente dele: que ela era uma esnobe presunçosa. E o pior é que havia lhe dado motivos para pensar isso dela.

Desviou o olhar, com uma pontada de raiva por Enrico não ter lhe dado a chance de se explicar. Teve vontade de ir até ele e dizer um monte de coisas: que não era como ele imaginava, que cometera um erro, que tinha se precipitado e falado aquilo sem pensar. Mas desistiu quando uma mulher alta, vistosa e toda sorridente chegou perto dele e os dois começaram a

entabular uma conversa animada, ao menos por parte da loira, pois Enrico apenas movia a cabeça de vez em quando.

Disfarçando como se sentia, Alana sorriu para as pessoas que falaram com ela e, na primeira oportunidade, fugiu para a biblioteca, um dos poucos lugares tranquilos da casa. Mais tarde, retornou para a sala onde aconteceria o jantar e procurou pelo seu lugar à mesa indicada por Bella, encontrando-o ao lado do assento do grandalhão. Imediatamente, teve a ideia de trocar a etiqueta com seu nome por algum de outra mesa, e estava a ponto de colocá-la em prática quando notou o pai vindo em sua direção, acompanhado de Bella, que usava um vestido de *chiffon* rosa pálido que parecia flutuar quando ela andava, rindo e conversando com o futuro marido. Ela usava um colar de diamantes que brilhava em seu pescoço, suas mãos moviam-se graciosamente ao pegar a taça de champanhe de um dos garçons, e seu rosto pareceu iluminar-se ao mirá-la. Sem alternativa, Alana foi obrigada a desistir do seu pequeno plano. Suspirou discretamente, antecipando que a noite seria longa, e observou o pai se deter ao ser interceptado por Sérgio, porém, Bella continuou seu caminho até ela.

— Alana! — Sua voz era suave e cálida, e ela dirigiu-lhe um amplo sorriso. — Que bom te ver! — exclamou, radiante.

— Olá, Bella! É muito bom te ver também — Alana retribuiu a saudação e o sorriso. — Está muito bonita.

— Obrigada. E eu digo o mesmo de você. Lindíssima, como sempre! — disse Bella, com uma sinceridade genuína estampada no rosto. — Espero que esteja se divertindo, o jantar deverá ser servido em poucos minutos — avisou, simpática.

— Eu amei a decoração, o serviço, as músicas... Tudo muito bonito e elegante. Está de parabéns! — elogiou Alana, com educação. — E eu não

tenho dúvidas de que o jantar em si sairá à perfeição! — acrescentou, e ambas conversaram por alguns minutos, até George se juntar a elas.

Depois que Márcia, uma loira bonita e, pelo que soube, parente de George, pediu licença ao perceber que ele não estava muito a fim de conversar, embora tenha respondido às suas perguntas e comentários de maneira educada, dizendo que precisava cumprimentar uma pessoa que acabara de chegar, Enrico deixou a casa e agora estava na varanda, com os braços apoiados na baixa grade de ferro. De onde estava, era possível ouvir a música tocando. Algumas pessoas dançavam no fundo do salão e a sala de visitas estava cheia de gente. Podia escutá-los rindo e conversando. De repente, notou passos se aproximando, virou a cabeça e viu que era o irmão.

— O que houve entre você e a Alana? — inquiriu Eros, direto.

— Como assim? — Enrico tentou ganhar tempo.

— Eu vi você entrar na sala com cara de poucos amigos, e ela saiu do mesmo lugar que você logo em seguida... E a expressão do rosto dela não estava melhor que a sua.

— Não aconteceu nada além do esperado. Cara, eu só não vou embora agora por consideração à Bella e ao George. Não quero que fiquem chateados comigo, mas não posso negar que é duro ouvir certas coisas da boca de uma burguesinha arrogante e mimada.

Eros identificou um traço de amargura na voz do irmão.

— De quem você está falando? — indagou, curioso.

— Da filha do George.

— Da Lilly?

— Não, da outra.

— Ah, bom. Porque a Lilly, eu conheço, e não acho que ela seja isso que você falou.

— Vocês estão sempre se vendo, quero dizer, além das reuniões de família — afirmou Enrico, esperando pela reação do irmão mais novo.

Eros fingiu um encolher de ombros de indiferença. Pousou a mão na nuca e evitou olhar nos olhos dele.

— Já nos esbarramos algumas vezes. Quando ela vem para cá, vai até o *Bar* e nós conversamos durante o intervalo ou no final da minha apresentação. Ela é gente boa.

Enrico anuiu com um aceno.

— Entendo. É bom saber que a Lilly não é metida como a irmã.

— Meus irmãos queridos, o jantar será servido em poucos minutos. Vocês já podem entrar e tomar seus lugares à mesa — avisou Bella, aproximando-se dos dois e enganchando os braços nos deles.

— Está bem, vamos então — anuiu Enrico, e os três retornaram para o interior da casa, com Bella ladeada pelos dois.

Ao chegar à mesa, Enrico descobriu que seu lugar era ao lado de Alana, que já se encontrava sentada. Os dois se encararam, tensos, e sem perceber nada, Bella sorriu para ele.

— Sente-se, Enrico, já está quase pronto. — E girando o pescoço para o lado, acrescentou: — Você também, Eros.

— Obrigado — Enrico agradeceu, procurando não demonstrar seu desagrado, pois a última coisa que queria era passar a noite perto daquela mulher, por isso sentou-se e tentou ignorá-la.

Acenou, à guisa de cumprimento, para Sérgio e sua filha, Vanessa, acomodados em cadeiras à sua frente, e fez o mesmo com Betty, à sua direita.

Eros sentou-se no exato instante em que Lilly fez o mesmo, mas do lado oposto da mesa.

— Ora, ora... Olha só quem nós temos aqui, e sentadinhos, lado a lado! É de verdade ou estou vendo coisas? — indagou a garota, bem-humorada.

Alana resmungou algo ininteligível, arrumou a postura, ficando reta no assento, e dirigiu o olhar para Lilly.

— Por que você tem que ser tão pentelha?

— Ué, ser pentelha é prerrogativa dos caçulas, mas é muito bom estarmos todos aqui esta noite. Papai e Bella estão transbordando de felicidade e merecem que tudo saia como eles imaginaram. Ei, desfaz essa sua cara de quem comeu algo azedo e relaxa — provocou a irmã.

Enrico colocou os cotovelos sobre a mesa e uniu a mãos, apoiando-as sob o queixo.

— Você tem que entender, Lilly, que para algumas pessoas é muito difícil esquecer certos preconceitos e simplesmente se divertir e aproveitar o momento. — Ele direcionou o olhar para a garota, que só balançou a cabeça e olhou para a irmã.

— Concordo com você, Enrico. De fato, existem pessoas assim. Fomos criadas por uma delas, infelizmente. Não é mesmo, Alana? — Lilly esperou, mas como Alana não deu sinal de que ia responder, tossiu discretamente para chamar-lhe atenção.

Quando elevou o rosto, Alana viu que Enrico olhava para ela com as sobrancelhas arqueadas em uma pergunta silenciosa.

— Desculpa. Eu não estava prestando atenção na conversa — mentiu, pois não estava a fim de entrar na dele aceitando aquela evidente provocação.

— Estávamos falando sobre pessoas arrogantes e soberbas, que pensam que andam por aí com um rei na barriga e se consideram melhores que os demais, por conta de um sobrenome tradicional, do dinheiro que têm ou dos bens de valor que possuem. Na minha opinião, esse tipo de atitude é um sinal claro de infantilidade emocional, ainda mais quando vem de pessoas que se dizem independentes e ostentam uma falsa maturidade.

Como é que é? Ele me chamou de infantil, imatura e falsa numa frase só?

Alana tomou um gole de sua água, e se preparava para contestar quando a chegada de dois garçons captou sua atenção, assim como a dos demais.

— Uau! Isso está muito bonito, parece delicioso! — exclamou Betty, salivando para o conteúdo de seu prato.

— E deve estar mesmo — reforçou Sérgio, abaixando o olhar para o seu. — Obrigado — agradeceu, educado, ao garçom, ganhando um aceno seguido de um breve sorriso em resposta.

Como as bebidas já haviam sido servidas, os garçons terminaram de servir o salmão ao forno com ervas e lascas de legumes verdes e fatias de limão galego, apresentado em um prato no formato de trapézio. Desejando bom apetite aos convidados, ambos se retiraram.

Enrico observou as pessoas ao redor começarem a comer, beber e interagir, entabulando conversas leves e animadas. Em contrapartida, notou

que o clima entre ele e Alana estava ainda mais pesado. Recriminou-se duramente por permitir que a mulher o incomodasse a ponto de fazê-lo perder boa parte do apetite, a despeito do peixe em seu prato estar com uma aparência de dar água na boca. Insatisfeito e disposto a não dar a vitória a ela, resolveu que ia ao menos experimentar o peixe. Antes, tomou um gole de água sem gás, então pegou os talheres, cortou um pedaço de salmão, pescou-o e levou à boca.



Capítulo 6

Passava da uma da madrugada quando Eros e Enrico entraram em casa.

— Cara, estou caindo de sono. Eu vou nessa. Boa noite — desejou Eros, já pegando o corredor estreito na direção de seu quarto.

— Para você também. Até amanhã — respondeu Enrico, que, ainda sem sono, decidiu ficar na sala um pouco mais. Pensativo, afrouxou a gravata e foi até a estante. Abriu uma das portas, vasculhou dentro de uma caixa e pegou um álbum de fotos antigas. Engoliu em seco por saber o que havia ali. Procurava mantê-lo fora de suas vistas, mas no fundo sabia que era por covardia.

Tomando coragem, pegou o álbum e se sentou no sofá. Apoiou-o no colo e abriu. Já na primeira foto, sentiu um aperto no coração; era um retrato do casamento dos pais. Os dois sorriam felizes para a câmera, e sua mãe

estava grávida dele na época. Disseram que foi a surpresa mais maravilhosa de suas vidas, e dava para imaginar isso só de ver a alegria em seus rostos.

Virando a página, viu uma foto dele com o pai de quando era um pré-adolescente. A próxima foto era da mãe, Bella e Eros. Os irmãos eram pequenos, deviam ter dois e três anos respectivamente. Ele lembrava bem quando o pai a tirou. Eram felizes, e os irmãos com suas carinhas de anjo e riso fácil encantavam a todos ao redor. Ele os amou desde o momento em que lhe deram a notícia da gravidez de cada um deles, o que aconteceu com a diferença de pouco mais de um ano. O amor dos pais era bonito de se ver, havia companheirismo mútuo e um compreendia o outro.

Sorriu sem humor ao recordar-se de que sua vida adulta nunca fora um mar de rosas, e agora estava prestes a piorar. George era a pessoa que poderia ajudá-lo a resolver seu maior problema, e embora resistisse em tocar no assunto com ele, sabia que era sua última esperança de conseguir manter a casa na família.

Pensar em George lhe trouxe a imagem de Alana, completamente oposta do pai com essa coisa de se achar melhor do que ele. Embora já esperasse por isso, o decepcionou saber que estava certo. Foi difícil ter que engolir aquele pensamento mesquinho, e por alguma razão mantivera um fio de esperança de, no fim, não ter que associá-lo a ela. Preferia estar enganado durante todo aquele tempo, mas sua primeira impressão tinha sido a correta, e naquela mesma noite obtivera a confirmação. Decidiu que o melhor a fazer era deixá-la de lado. Esquecer. Os dois eram diferentes demais e vinham de mundos totalmente distintos.

Odiava o fato de que, embora seu mundo estivesse desmoronando, a imagem de Alana insistisse em invadir sua cabeça. Não conseguiu afastá-la dos pensamentos um segundo sequer desde o instante em que voltaram a se

encontrar. Tinha muita coisa acumulada dentro de si, não precisava dos sentimentos confusos que, mesmo sem querer, acabou nutrindo por ela e que o perturbavam. Não havia uma explicação para o que sentia, ele apenas sentia e pronto, mas do mesmo jeito que tinha surgido, podia acabar. E naquele momento, mais do que nunca, ele precisava manter o foco no que era mais importante em sua vida.

Voltou a olhar para o álbum nas mãos. Não sabia bem por que o pegara. Talvez estivesse se sentindo nostálgico. Deus, como sentia falta deles! Tratou de desfazer o nó que surgira em sua garganta e, suspirando, guardou o álbum novamente na caixa. Sem pressa, cruzou a sala em direção ao quarto. Precisava descansar o corpo e a mente a fim de se preparar para a conversa que pretendia ter, o mais breve possível, com o futuro cunhado.

Na volta para casa, Alana permaneceu em silêncio por todo o caminho. Lilly mantinha-se focada na estrada, e ela apenas observava as casas e os postes de luz que passavam pela janela do seu lado. Não queria pensar no que havia acontecido, e até certo ponto estava fazendo um bom trabalho.

Lilly estacionou na calçada, as duas desceram do carro e entraram na casa ainda em silêncio. Cansadas, deixaram-se cair lado a lado sobre o sofá.

— Você está bem? — por fim, perguntou Lilly, num tom preocupado.

Alana olhou para as mãos unidas sobre o colo.

— Estou — respondeu, distraída. Subiu o olhar e fixou-o na janela aberta, estranhamente séria.

Lilly não disse nada por alguns segundos, mas continuou olhando-a firmemente.

— O que aconteceu? — enfim, perguntou.

Alana respirou fundo. Não queria falar do que houve, mas conhecia a irmã, ela não desistiria até obter a verdade.

— Eu encontrei o Enrico antes do jantar — contou num fio de voz. — Acabei falando o que não devia e isso me incomodou pelo resto da noite.

Lilly suspirou.

— E o que foi que você disse para ele? — questionou e se preparou para ouvir a irmã.

Alana fez um breve relato do encontro dos dois, e quanto mais ouvia, mais perplexa Lilly ficava.

— Ele me perguntou se eu me achava melhor do que ele e eu disse que não me achava, que eu era melhor do que ele — concluiu, envergonhada ante o olhar de censura que recebeu.

— Meu Deus do céu! Como você foi capaz de dizer uma barbaridade dessas para o Enrico? Só de ouvir você contar, morri de pena dele. Coitado!

— Eu não pensei antes de falar. Simplesmente saiu. Não sei explicar, mas o Enrico me deixa nervosa. E reconheço que peguei pesado com ele. Eu me arrependi e tentei voltar atrás, mas ele não quis me ouvir — contou e mordeu a ponta do polegar. — Lilly, você sabe que eu não sou assim, mas agora o grandão está pensando o pior de mim.

— E esse pior seria achar que você é uma patricinha fútil e mimada? Pois saiba que eu, no lugar dele e diante do que você acaba de me contar, pensaria exatamente o mesmo.

— Caramba, Lilly! Eu já estou me sentindo mal, você não ajuda em nada me dizendo isso!

Lilly levantou os ombros.

— Só estou dizendo a verdade.

— Por falar em verdade, o Enrico sempre achou isso de mim. Você ouviu o que ele falou durante o jantar, principalmente a parte "*na minha opinião, esse tipo de atitude é um sinal claro de infantilidade emocional, ainda mais quando vem de pessoas que se dizem independentes e ostentam uma falsa maturidade* — Alana repetiu em tom de ironia. — Isso soou tão...

— Verdadeiro? — sugeriu Lilly, e mordeu o interior da bochecha para segurar o riso.

— Eu ia dizer presunçoso.

— Eu não vi assim. Para mim, ele estava generalizando, porque eu não o ouvi, em momento algum, dar nomes aos bois. Mas pelo que vejo, o que te tirou do sério foi a carapuça ter servido, ainda mais depois do que me contou. O Enrico revidou, ou você achou que ele ia deixar barato?

— Que carapuça, que nada! — inicialmente Alana negou, porém, diante da expressão de divertimento de Lilly, acabou voltando atrás: — Está bem, ela serviu, sim. Mas como não serviria, quando eu sabia que ele falava de mim? E quando estávamos no escritório, além de dizer que não estava surpreso com o que eu falei, ainda ficou me chamando de "princesa" o tempo todo. — Fez aspas com dois dedos de cada mão para enfatizar o apelido que ele havia lhe dado e emendou: — Acompanhado daquele sorrisinho provocador e em tom de ironia.

Lilly fitou a irmã, desconfiada. Alana costumava ser uma mulher centrada, compassiva e generosa, mas quando se tratava de Enrico, ela se transformava.

— E posso saber por que o que ele diz ou pensa de você te irrita e chateia tanto? Eu sei que você nunca foi com a cara dele, e sei também que inventa desculpas para não ir às reuniões ou aos encontros que o nosso pai marca, e faz isso principalmente para não se encontrar com ele.

— Está tão na cara assim? — Alana limpou a garganta antes de continuar. — Todos sabem que ele é o motivo?

— Eu não posso falar pelos demais, mas eu já tinha percebido isso há muito tempo. Como você nunca falou nada, preferi não me envolver, mas já que entramos neste assunto, sempre achei tudo isso uma grande bobagem.

— A minha intenção sempre foi evitar atritos desnecessários. Ele também não deixa por menos, adora me provocar, e isso desde o dia em que nos conhecemos naquele hospital. — Enrugou a testa ao se recordar de algo. — Espera um pouco... O que você quis dizer com *coitado*?

— Eu quis dizer que o Enrico não merece ser tratado dessa maneira. Melhor dizendo, ninguém merece, muito menos ele, que é um cara esforçado. Tem aquele jeitão meio fechado, caladão, mas é totalmente do bem. Responsável, honesto, trabalhador. Foi ele que terminou de criar os irmãos depois que os pais morreram num acidente de carro. E isso já faz tempo. O Eros e a Bella ainda eram crianças na época.

— Eles perderam os dois de uma vez? Nossa, que tragédia! Eu nunca soube disso.

— Não soube porque sempre fez questão de se manter afastada. — Havia um toque de reprimenda na voz de Lilly. Alana notou, mas preferiu ignorar. Já se sentia culpada o suficiente.

— E você, como sabe tanto sobre eles? Foi o Enrico quem te disse?

— É claro que não. Ele nem toca no assunto. Eu soube pelo Eros, ele me contou. E você sabe o que fez, não sabe?

— Eu sei, eu sei... Meu Deus, qual é o problema comigo? — Alana se perguntou, um pouco desconcertada. — O que eu faço agora?

— Só tem uma coisa a fazer, e você sabe qual é.

— Assumir que agi errado com ele e pedir desculpas.

— Isso mesmo. Se você teve boca para humilhar, terá boca para se desculpar. Sinceramente, eu não entendo essa sua birra com ele — Lilly falou com cautela, pois conhecia o ressentimento de Alana contra Enrico e não queria agravar ainda mais a situação.

— Ele não devia ter feito o que fez. Agarrar o nosso pai daquele jeito... — teimou Alana, batendo na tecla de sempre. — Ele estava recém-operado e poderia ter aberto os pontos da operação se não tivéssemos chegado a tempo. O Enrico só o largou depois que a Bella pediu, ou melhor, implorou.

— Eu entendo. Quando eu soube da atitude dele, também fiquei assustada, mas passou e os dois se entenderam no mesmo dia. Depois de conversarem e terem esclarecido o mal-entendido, o Enrico admitiu que estava errado, pediu desculpas e a vida seguiu seu rumo. Só você ficou empacada, remoendo uma situação que foi resolvida há muito tempo.

— Hum, me incomodou muito ver esse lado bruto e agressivo dele. Eu não sei se consigo confiar em pessoas assim.

Lilly deu uma bufada, impaciente.

— Alana, não exagera. Aquela foi uma situação atípica, um momento de descontrole. O Enrico é passional, do tipo protetor, e só estava

preocupado com a Bella. Acho que não há nada no mundo que ele não faça pelos irmãos. Já passou da hora de você virar essa página. Essa sua implicância com ele está parecendo uma desculpa para não conhecê-lo melhor e admitir que esteve enganada esse tempo todo — rebateu, sincera.

Alana olhou novamente para a irmã.

— E por que você o defende tanto? Por acaso tem uma quedinha por ele? — perguntou, interessada.

Lilly jogou a cabeça para trás e riu.

— Eu não tinha pensado nisso, mas eu poderia ter uma quedinha por ele, sim. — Alana não ocultou seu espanto diante da declaração espontânea da irmã. — E agora, por que essa cara? Além de bonitão, o Enrico é um homão em todos os sentidos. Uma mulher teria que ser completamente cega para não se dar conta disso. Bom, tem o lance da diferença de idade e tal, mas treze anos... nem é tanto assim. Hoje em dia, isso é facilmente superado — afirmou com honestidade, contudo, diante da expressão de Alana, emendou: — Mas a senhorita pode ficar sossegada, o que sinto pelo Enrico é amizade e admiração, e eu o defendo porque, na minha opinião, você tem sido muito injusta com ele. Se parar por um momento e pensar no que estou te dizendo, vai ver que eu tenho razão.

Alana sentiu uma onda de alívio ao saber que Lilly não tinha interesse romântico por Enrico. Subitamente, distraída, fez um sinal positivo com a cabeça.

— Bom, eu não vou resolver nada esta noite, e nós duas precisamos descansar. Amanhã teremos um dia cheio, mas se eu conseguir uma brecha, prometo que vou tentar falar com ele.

— Seria bom fazer mais do que só tentar. Vai lá e resolve isso de uma vez! Espero que consigam se acertar, porque essa situação entre vocês é muito chata. — Lilly virou o rosto e depositou um beijo rápido na bochecha da irmã. — Boa noite — desejou e impulsionou o corpo num movimento fluido e se levantou. Deixou a sala, seguiu pelo pequeno corredor e desapareceu dentro do quarto.



Capítulo 7

Uma semana depois de Bella ter ido morar com George, Enrico percebeu que não daria conta de trabalhar fora e manter a casa em ordem. Para comer, ele dava um jeito. Tinha aprendido a cozinhar há muito tempo, e até gostava, por isso preparava o jantar várias vezes durante a semana. Mas quando chegava cansado demais para encarar a cozinha, recorria ao *delivery*.

Havia uma senhora em seu bairro que vinha uma vez por semana para fazer faxina na casa, então, nos outros dias, ele e Eros só precisavam manter tudo limpo, lavando o que sujavam, guardando a louça e arrumando os quartos – embora Enrico tivesse que ficar no pé do irmão, pois até a toalha do banho ele "esquecia" de estender no varal, que ficava no quintal dos fundos.

Enrico estava na cozinha, preparando o café da manhã, quando ouviu um toque na porta da frente. Bateu as mãos uma na outra para tirar os farelos

de pão grudados, cruzou a sala e abriu a porta, dando de cara com Bella e o pequeno Pietro nos braços.

— Olá! Bom dia! — saudou a irmã e beijou-a no rosto.

— Bom dia. Tudo bem? — Bella retribuiu a saudação e colocou o filho, que esperneava em seu colo, sobre o tapete da sala.

Enrico acenou afirmativamente com a cabeça e se dirigiu ao sobrinho.

— E você, garotão? Como está? Está muito bonito — elogiou, ajeitando a pequena camisa branca que subira, deixando a barriguinha à mostra. — Está parecendo um homenzinho com essa calça jeans. Quer vir comigo? — Pietro olhou para ele e riu. — Então vem com o tio Rico.

Enrico se afastou alguns metros e agachou-se, ficando à espera que o bebê risonho fosse até ele.

— *Ti, ti, ti...* — Pietro balbuciou, esticando os bracinhos rechonchudos. Levantou-se e começou a andar com passinhos trôpegos e balançando o corpinho, mas no meio do caminho pareceu mudar de ideia e começou a correr, tão rápido quanto sua recém-adquirida estabilidade e perninhas curtas permitiam. Por fim, acabou se jogando nos braços abertos do tio, que recebeu e aninhou o sobrinho junto ao peito, carinhoso.

Comovida, Bella acompanhou a cena, pois sempre se encantava com o amor puro que unia tio e sobrinho. De súbito, recordou-se de algo que Enrico acabara de dizer e encarou o irmão com estranheza.

— Tio Rico? E essa novidade agora? Você não gosta de apelidos. Nunca deixou ninguém te chamar assim, com exceção do Ivan, aquele seu amigo da época da faculdade. Foi o único que ouvi te chamar de Rico e você fazer cara feia, mas não corrigi-lo — ela o lembrou, descontraída.

— Isso porque quanto mais eu corrigia, mais ele insistia em me chamar pelo apelido. Eu acho que o tempo e a idade me fizeram ser menos radical com relação a isso, ou pode ser que a culpa seja deste garotão aqui, que está me fazendo amolecer. — Enquanto falava, Enrico olhava para o sobrinho com um sorriso bobo no rosto.

— Ele é lindo, não é? — Bella fez um carinho na bochecha do filho.

— É um verdadeiro galã, e muito esperto, também — Enrico concordou. Uma nuvem de tristeza nublou seu olhar, a qual ele apressou-se em ocultar, porém, não rápido o suficiente para fugir do escrutínio da irmã.

— Enrico, não fica assim... Eu tenho certeza de que um dia desses você vai encontrar a pessoa certa e poderá ter um bebê tão bonito e esperto quanto o Pietro — previu Bella.

Enrico limpou a garganta e forçou-se a sorrir.

— Um dia — repetiu, com um breve dar de ombros. — Mas enquanto isso não acontece, eu tenho essa coisa gostosa para mimar — afirmou, girando o corpo e indo se sentar no sofá. Colocou o sobrinho de pé sobre suas coxas e, de imediato, o garotinho começou a pular e gargalhar, fazendo Enrico rir junto.

— Tem certeza de que dá conta de ficar com ele?

— É claro que tenho. A gente vai se divertir muito, não é, Pietro? — O bebê resmungou e riu como se tivesse entendido. — Pode ir se arrumar. Seu filho vai ficar em boas mãos.

Bella inclinou-se para beijar o irmão no rosto e fazer o mesmo no filho em seguida.

— Eu sei disso. Trouxe a sacola dele. Tem fraldas, lencinhos, pomada e uma muda de roupas. E nesse recipiente térmico está a mamadeira. Bem,

aqui tem tudo o que você vai precisar. Divirtam-se. Qualquer coisa, é só me chamar. Vou deixar o celular no meu colo enquanto estiver no cabelereiro.

— Não se preocupe. Nós dois vamos ficar muito bem — assegurou Enrico. E olhando para o menininho, emendou: — Dá tchau para a mamãe, amigão! — Virou-o de frente para Bella.

O bebê balbuciou *mamã* algumas vezes, moveu a mãozinha para os lados, depois colocou-a na boca e começou a mandar vários beijinhos babados na direção dela.

— Como pode ser isso? A mãe dele está indo embora, e além de não fazer cara feia, ele ainda dá tchau e manda beijinhos. — Bella fez uma careta ao constatar isso, mas acabou rindo do próprio comentário. — Você é a coisinha mais fofa do mundo, sabia? Mamãe te ama, muito! — declarou, fazendo o filho pular e rir mais ainda.

— Isso acontece porque ele me adora e sabe que eu sinto o mesmo, agora, vai logo embora, antes que seu filho mude de ideia e abra o maior berreiro — advertiu Enrico, sem tirar os olhos de cima do sobrinho. — Eu vou guardar a mamadeira e colocar a bolsa no meu quarto. Feche a porta quando sair — pediu.

— Está bem. Então, eu vou indo, não quero me atrasar. Ah, antes que eu me esqueça, a Maria José vem pegá-lo depois do almoço. — Bella deu um último beijo na cabecinha do filho e observou Enrico concordar com um gesto, levantar-se do sofá, pegar a bolsa e entrar na cozinha, levando Pietro com ele, só então se virou para sair.

Estava a meio caminho da porta quando se desequilibrou e esbarrou no aparador, derrubando uma pasta e uns papéis soltos que estavam em cima dela. Estes voaram, espalhando-se pelo chão da sala. Bella se abaixou para

pegá-los e colocá-los de volta sobre o móvel, porém, parou quando uma carta com um timbre bancário chamou sua atenção.

— O que é isso? — Chocada com o que lia, Bella tapou a boca com a mão livre. — Meu Deus, não é possível! — Olhou para o corredor, dividida entre falar com o irmão naquele instante ou postergar a conversa para um outro momento. Enquanto se decidia, ouviu seu celular apitar. Dobrou a carta e guardou-a num compartimento externo da bolsa para poder ler uma outra hora, com calma. Remexeu o interior da bolsa e pegou o aparelho, desbloqueou a tela e viu que havia recebido uma mensagem de George. Leu e respondeu rapidamente, voltando a guardar o celular. Preocupada com o conteúdo daquele aviso bancário, prometeu a si mesma que falaria com Enrico o mais breve possível, e com isso em mente, deixou a casa.



No sábado de manhã, quando Alana acordou, fazia um dia cheio de sol em Bendita Luz. Não havia névoa. Soprava uma brisa quase imperceptível e o céu estava azul. E às cinco da tarde ainda havia bastante claridade. Já no local do casamento, ela varreu o ambiente com os olhos segurando uma taça de champanhe, e foi sentar-se atrás de um dos pilares que mantinham a tenda de pé, a fim de evitar o olhar insistente de um convidado inconveniente.

A cerimônia não havia começado, pois ainda faltava meia hora para o horário marcado. Foi quando ela o viu. Ele estava sozinho, apresentando a Alana uma visão de seu perfil. Protegida pela pilastra, ela deixou os olhos percorrerem seu corpo. Os ombros eram largos e fortes, e o torso parecia comprimido sob o terno escuro. Ele estava de pé, com os pés separados; uma das mãos estava enfiada no bolso da calça e a outra sustentava um copo com o que para ela pareceu ser uísque.

Alana teve a impressão de que havia um toque de perigo naquela postura. Talvez fosse a expressão pensativa com a qual ele olhava ao redor

do salão, como se não visse nada que despertasse seu interesse ou que combatesse o que ele carregava por dentro. Talvez fosse o maxilar rígido, a boca séria e bem-feita, ou o desafio que ele representava que não a deixavam desviar os olhos dele.

Uma crescente onda de ansiedade deixava seu estômago em nós. Essa estranha emoção que a acometia sempre que o via a fazia ofegar levemente. Sentiu a adrenalina bombeando o sangue, o que fez seu corpo inteiro pulsar. Saiu de onde estava e moveu-se na direção dele, notando que quanto mais se aproximava, mais impressionante o homem se tornava.

Sorriu tentando parecer casual, mas sentia-se travar diante dele. Refletira sobre o que a irmã lhe falara e precisava ser franca consigo mesma. A verdade era que Enrico mexia com ela, e isso a incomodava. Ele estava longe de ser como os homens com quem estava acostumada a conviver, que dirá se envolver. Não que ela pretendesse se comprometer com alguém, contudo, quando pensava no futuro, tinha algumas expectativas.

Para estar ao seu lado, a pessoa precisava possuir certas qualidades, ter interesses e gostos em comum, e até onde sabia, ela e Enrico não tinham nenhum. Talvez fosse exatamente por isso que sentia aquele reboliço interno. Era o efeito dos “opostos que se atraem”, concluiu, satisfeita por encontrar uma explicação plausível e racional.

Ainda observando-o, Alana não ficou surpresa quando ele virou a cabeça para lhe dar um olhar frio enquanto ainda estava a diversos metros de distância. E teve a nítida impressão de que ele sentira a aproximação dela desde o instante que o olhara pela primeira vez. Por um momento, Alana não viu nada, exceto aquela tempestade silenciosa em seus olhos castanhos.

Enrico parecia enxergar através dela, como se ela fosse transparente, e Alana descobriu que mal conseguia respirar. Analisou o rosto dele mais uma

vez e sentiu o corpo aquecer, como se uma chama a esquentasse, e paradoxalmente a isso sentiu um frio na barriga. Ficou zonza e colocou a culpa no champanhe que tomava, e não no efeito que o olhar dele lhe causava.

Tentando não se deixar intimidar por sua figura imponente, Alana aproximou-se ainda mais. Já que se tinha proposto fazer aquilo, a falar com ele, que o fizesse de uma vez. Respirou fundo, criando coragem, e o chamou:

— Enrico, você tem um tempinho? Eu gostaria de falar com você.

Ele pareceu surpreso quando olhou diretamente para ela.

— E o que você quer? — inquiriu, colocando-se na defensiva.

Alana olhou ao redor e, engolindo em seco, respondeu:

— Como eu disse, falar com você. Não vai levar mais do que cinco minutos.

Olhando-a de maneira indolente, Enrico se perguntou o que ela poderia querer falar com ele. No que lhe dizia respeito, já haviam se dito tudo, porém, a curiosidade o fez capitular.

— Está bem. Pode falar.

— Aqui não, será melhor irmos até a biblioteca. Lá teremos privacidade.

Arqueando levemente as sobrancelhas, Enrico pensou por um momento.

— Vai na frente, eu te sigo — decidiu, embora estranhasse a situação.

Entraram na casa, atravessaram a sala e pegaram um corredor largo na parte oeste. Enrico a viu olhar novamente para os lados, colocar a mão na maçaneta da segunda porta, abri-la e entrar, com ele entrando logo atrás dela.

Novamente sozinha com ele em um local fechado, retornou à sua mente a cena dos dois no escritório na noite anterior. Alana estremeceu, desconfortável com a lembrança. Foi até a escrivaninha de madeira maciça e colocou seu copo sobre ela, com Enrico imitando-a. Abraçou o próprio corpo e tomou uma respiração profunda, preparando-se para começar a falar.

— Então, aqui estamos. O que você queria me dizer? — Enrico deixou transparecer sua impaciência, tanto na linguagem corporal quanto no tom de sua voz. — Se for um *replay* do que houve ontem, acho melhor eu ir embora.

Alarmada, Alana apressou-se a negar:

— Não é isso, só que não é tão simples, para mim, colocar em palavras o que pretendo dizer.

Sorrindo de lado, Enrico apoiou o corpão na mesa imensa e cruzou os braços sobre o peito largo, o que repuxou o tecido do terno, colando-se aos bíceps definidos.

— É só unir os lábios e soprar as palavras. Qual é a dificuldade nisso? — indagou ele, em tom de ironia.

Encrespando-se, Alana brindou-o com um olhar de censura.

— Isso é tão irritante. Tudo você ironiza — reclamou, agastada.

— E você é uma garota arrogante e preconceituosa. E até agora não me disse o motivo de ter me chamado para vir até aqui. Se você ainda não notou, hoje é o casamento da minha irmã com o seu pai, e eu não tenho a menor vontade de passar muito tempo aqui dentro com você.

Alana nem tentou se acalmar.

— Viu só? Foi o que eu disse. Já ironizou de novo. — Parou por um momento, preparando-se para colocar tudo para fora, senão era capaz de

travar e acabar não dizendo nada. Tinha que tratar a situação como um curativo numa ferida aberta. O melhor a fazer era tirá-lo de uma vez. — Pedi que viéssemos até aqui porque quero esclarecer a situação entre nós. Ao contrário do que você afirmou ontem, sim, há um mal-entendido aqui. Um enorme, tremendo, mal-entendido. Vim com a intenção de pedir desculpas pelo meu comportamento e pelo que te disse ontem à noite. E dizer que não penso aquilo. Não me acho melhor do que você. Não sou melhor do que ninguém, na verdade. Aquilo foi uma tolice, não é como penso realmente.

— Hum... deixe-me ver se entendi... Esse seu pedido de desculpas foi mesmo sincero, do fundo do coração, estou certo?

Enrico não acreditou em suas palavras. E Alana percebeu, frustrada, sentindo o peito afundar.

— Em vez de me ouvir, você fica aí, fazendo ironias e me ofendendo. Acho que acabei perdendo meu tempo. Não tem como ter uma conversa civilizada com alguém tão obtuso como você.

— Claro, claro... E eu sou mesmo um obtuso, como diz. Só sendo mesmo um otário para acreditar no seu arrependimento. E tempo é dinheiro, e o de uma princesa como você deve valer muito.

Alana cerrou os punhos e fuzilou-o com os olhos.

— Eu estou tentando me desculpar e você fica debochando de mim. — Parou por um momento para raciocinar. — Sabe, eu acho que sei qual é o seu problema comigo. Pensa que eu não percebi o jeito como você me olha? Desde o começo sentiu algo por mim e ficou com raivinha porque eu te evitava, nem olhava na sua cara. Pois se enganou completamente! Perdeu seu tempo! Porque eu jamais ficaria com um ignorante, selvagem, como você! — gritou Alana, exaltada. Era óbvio que não pensava assim, estava jogando verde, pois sua intenção era só provocá-lo, como ele fazia com ela.

— Um ignorante como eu... — Enrico repetiu, pensativo. — Eu não pensei que fosse tanto, mas você é bem filha da sua mãe mesmo — comparou-as, num rosnado baixo e entredentes. — Está louca se pensa que eu seria capaz de sentir alguma coisa além de desprezo e indiferença por alguém que age feito uma criança mimada — afirmou, mas se contradizia quando a mirava, despindo-a com os olhos da maneira mais descarada possível.

— Seu babaca! Cretino! — Alana xingou, raivosa. Levantou a mão para esbofeteá-lo, mas Enrico foi mais rápido e a impediu antes que o atingisse. Segurou seu pulso com uma mão grande, forte, machucando.

— Cuidado — advertiu-a, sério. — Não se deve tentar domar um selvagem pela força — grunhiu, destilando o desprezo que sentia pela atitude infantil de Alana. — *Princesinha* — emendou usando o apelido, pois sabia que ela detestava.

— Eu te odeio! — sibilou Alana, sentindo a fúria crescendo dentro de si.

— Não mais do que eu! — rebateu Enrico, apertando a mandíbula a ponto de esta doer.

Alana sentiu o aperto de aço dos dedos dele em torno do seu braço e, trincando os dentes, obrigou-se a suportar a dor sem soltar um único gemido. Involuntariamente, deu dois passos para trás, tentando se afastar de Enrico.

— Me solta — ordenou baixo, encarando-o e puxando o braço a fim de libertá-lo.

— Te soltar para você tentar me bater de novo? Ou talvez você prefira enfiar essas suas lindas unhas compridas e bem-feitas nos meus olhos?

Percebendo que não tinha a menor condição de lutar contra um homem de um metro e noventa de altura, forte e musculoso, Alana parou de se debater. Seu olhar foi puxado para o bíceps inchado do braço que a segurava, mas logo voltou a encará-lo, disposta a não deixar transparecer o que se passava internamente. A verdade é que provocara a besta e agora não sabia o que esperar dela. Sentia o olhar dele cravado no seu rosto, e Enrico mais parecia uma fera cercando, analisando, e, por fim, partindo para cima da presa. Ela jamais se sentira assim antes. Vulnerável, indefesa...

O que está acontecendo comigo? O que esse homem tem que me faz perder o controle? Como é possível detestar uma pessoa e desejá-la ao mesmo tempo?, perguntou-se, irritada e cansada demais para seguir discutindo. Incomodada com a maneira intensa de ele olhar para ela, Alana fez menção de sair, porém, o peso da mão de Enrico em seu pulso a deteve.

— Está bem, já chega. Nós dois nos exaltamos, é melhor respirarmos fundo e nos acalmar. Não tenha medo de mim — ele lhe pediu num impulso.

— E quem te disse que eu tenho medo de você? — indagou Alana, mais controlada e erguendo o queixo, em desafio.

— Tem, sim. Posso ver isso nos seus olhos, sentir no seu pulso. — A mudança drástica no tom de voz de Enrico pegou Alana de surpresa. A voz sussurrada em seu ouvido era o suficiente para fazer seus joelhos vacilarem. Ela deveria se concentrar em sair dali, mas sentia-se instável demais. Desviou o olhar, fixando-o na lombada de um livro qualquer na estante atrás dele. Sim, ela tinha medo. Do que ele podia fazê-la sentir. E era algo tão intenso e arrebatador que a assustava.

Enrico tocou-a no queixo com surpreendente gentileza e virou-o para que ela tornasse a fitá-lo. A mão dele subiu até seu pescoço, os olhos ainda presos nos dela. De repente, ela se viu livre. Ele a tinha soltado.

Alana tomou um momento para esfregar o local onde os dedos dele afundaram, marcando a carne. Como aquele era um local sensível, provavelmente teria um hematoma ali no dia seguinte. *Bruto!* Admitia que não tinha que ter tentado bater nele. Isso foi uma grande, enorme, gigantesca burrice. O estranho é que jamais tinha precisado apelar para violência em toda sua vida. Reconhecia que perdia as estribeiras quando se tratava de Enrico Magalhães.

Esticou os braços e espalmou as mãos no peito largo, prendendo a respiração quando viu que ele voltava a se aproximar, parando muito perto dela.

— O-o que está fazendo? — Sua voz saiu baixa, trêmula, quase um murmúrio.

— Odiando você — respondeu ele, com a boca rente à dela.

— Pare... — pediu Alana, sem convicção, o coração retumbando feito um tambor e fazendo eco em seus ouvidos, a ponto de ela pensar que o órgão poderia saltar de dentro do seu peito a qualquer momento.

Elevou o rosto e os olhos castanhos de Enrico miraram os dela com uma intensidade esmagadora.

— Tarde demais, Alana. — Ela enrugou a testa e entreabriu os lábios, surpresa, pois até onde era capaz de se lembrar, aquela era a primeira vez que Enrico a chamava pelo seu nome, e curiosamente gostou de ouvi-lo na voz dele. Sabia que tinha uma expressão de admiração no rosto, mas não havia nada que pudesse fazer para controlar sua reação àquele homem.

— Já discutimos e nos ofendemos demais, você não acha? — questionou Enrico, e antes que Alana pudesse dizer mais alguma coisa, num movimento ágil, a boca dele avançou contra a sua, firme, e pegando-a de roldão, calando-a e roubando-lhe o ar dos pulmões.



Capítulo 8

Agarrando seu rosto com as duas mãos, Enrico a beijou com uma urgência e necessidade que nem ele sabia possuir. Tomou os lábios dela com impetuosidade, entreabrindo-os com o contato brusco dos seus. Surpreendida pelo gesto inesperado, o primeiro instinto de Alana foi o de lutar contra ele. Cerrou os punhos e começou a empurrá-lo pelos ombros, ao mesmo tempo que tentava tentando controlar o fogo do desejo que ameaçava crescer e consumi-la, mas a pressão dos lábios dele mudou, tornando-se sensual e voluptuosa, minando sua resistência aos poucos. De olhos fechados, Alana passou a retribuir com ardor, as mãos relaxando e não mais empurrando, suas línguas se entrelaçando numa cadência sincronizada e deliciosa. O tempo não existia, a realidade não importava, ao menos enquanto eles se viam enredados num mundo de sensações arrebatadoras, delirantes, vertiginosas.

Parecia que Alana havia esperado e ansiado por aquele beijo durante um longo tempo. Os braços de Enrico a envolveram e o gesto produziu nela um calor enlouquecedor. Seus lábios seguiam tomando os dela, sem trégua, e a língua avançava, dominadora. Enrico sentiu os dedos dela percorrerem suas costas, buscando, exigindo mais dele, dando asas ao desejo. Aprofundou o beijo, a língua voltando a invadir a boca desejosa numa ânsia incontrolável. Alana arfou contra a boca dele, cedendo e entregando-se à paixão, deixando o calor se alastrar pelo seu corpo, terminando por se alojar no meio de suas pernas. Gemeu embevecida pelo desejo cru que fazia seu sexo latejar, deixando claro que desejava o corpo grande esmagando o dela.

Suas bocas se separaram em busca de ar, e as mãos de Enrico desceram e apertaram a bunda de Alana com força sobre o vestido, saboreando a carne macia e palpitante. Ela jogou a cabeça para trás, encontrando a mão dele, que subira para agarrar uma mecha de seus cabelos. Havia agressividade no toque de Enrico ao puxá-los e empurrar a ereção contra seu ventre. Ela enterrou os dedos nos seus ombros, puxando o tecido do paletó, enquanto ainda sentia a ardência no couro cabeludo. Ele mordiscou seu ombro e foi para o queixo, onde roçou os dentes, e subiu, atacando o pescoço delicado.

— Enrico... — Alana suspirou o nome dele em meio ao tesão que tomava seu corpo. Perdia-se em um mar de desejos, sentindo a pele sensível em contato com sua barba. Revirou os olhos desejando mais dos seus lábios, e como se adivinhasse a necessidade dela, Enrico intercalou beijos e lambidas na pele macia e suave. Enfiou os dedos em seus cabelos, enrolando-os e fazendo-a jogar a cabeça para trás. — Oh, céus, o que estamos fazendo?

— O que você queria esse tempo todo — rosnou ele, devasso e desejoso. — Ou vai negar que sonhou com isso?

Ele subiu a língua para sua orelha e mordiscou o lóbulo. A mão enterrada em sua bunda foi até o zíper na parte de trás do vestido, puxando-o para baixo e deslizando o bojo até quase a cintura.

— Eu não posso... Eu nem gosto de você... — disse Alana. *O quê? Isso lá é hora de dizer uma coisa dessas?*, recriminou-se.

O corpo de Enrico enrijeceu ligeiramente, mas o que ouvia não era novidade para ele. Sabia que ela o detestava, mas também o desejava, e podia ver o conflito na rigidez do maxilar, nos olhos e lábios entreabertos, na vermelhidão do rosto. Haviam apenas relegado a animosidade entre eles a um segundo plano. Assumia que a força que o atraía para ela havia sido mais forte, elétrica, alucinante. Sem dizer nada, avançou para os seios expostos e empurrou-a para trás, pedindo em silêncio que ela entregasse seu corpo à boca dele. Em resposta à pergunta muda, Alana arqueou mais as costas e ele agarrou o seio esquerdo, mordiscando o mamilo intumescido e aprisionando-o dentro da boca. Ela gemeu quando ele chupou forte.

Enrico aumentava e diminuía a intensidade das lambidas, sugadas e chupadas, e adorava quando a ouvia gemer e a sentia estremecer em seus braços. Rosnou contra o mamilo e afastou a boca. Cravou seus olhos no rosto dela e lambeu o vale entre os seios, inspirando seu perfume, um misto de floral com cítrico que o deixou louco. Avançou para o outro seio e Alana agarrou-se ao seu pescoço, deixando-o enterrar a boca ali, chupando e mordiscando a carne com lascívia. Enrico lambeu devagar, passando a língua em cada curva, seguindo o contorno da auréola antes de chupar forte o mamilo, arrancando de sua garganta um gemido alto, uma mescla de dor e prazer.

— Nem eu de você — disse, por fim, arfando roucamente, o tesão fazendo sua voz sair arrastada. Enrico a pegou e a tirou do chão, levando-a com ele e sentando-a no tampo da escrivaninha. Ela abriu as pernas em um

convite e ele posicionou-se entre as coxas esguias e torneadas, fitando-a com os olhos quase fechados e um sorriso lento nos lábios.

Era uma loucura estar tão entregue a ele quando há poucos minutos ambos brigavam feito cão e gato. Tratou de calar a voz em sua cabeça e puxou novamente as abas do paletó, ansiosa e desejosa de senti-lo por inteiro. Entretanto, um lampejo de sanidade conseguiu penetrar a nuvem de sensações e cobiças em que estava.

— Não podemos continuar. Temos que parar — disse ela, pousando as mãos na cabeça dele e tentando fazê-lo olhá-la. — O casamento! — lembrou-o, quase sem fôlego e surpresa por ter se esquecido, ainda que por pouco tempo, de algo tão importante.

Enrico se deteve e tomou um minuto para afastar-se, respirar fundo e acertar a postura. Quando seus olhares se colidiram, havia um brilho diferente no dele; um desejo em estado bruto, puro, instintivo...

Selvagem!

O adjetivo que Alana usara antes, esperando ofendê-lo, agora se transformava em elogio.

Um silêncio incômodo pairou no ar por um longo momento antes de Enrico ajustar o bojo do seu vestido no lugar, ocultando os seios dos seus olhos cheios de desejo.

— Se é assim que você demonstra o ódio que sente por mim, pode continuar me odiando, eu não me importo — disse ele, ainda ofegando ligeiramente. — Nem um pouco — emendou, e um sorriso lascivo surgiu em seus lábios bem-feitos.

Alana apertou os lábios, contrariada, e fosse o que fosse que pretendia dizer ou fazer diante do comentário dele, só precisou de um olhar de advertência de Enrico para mudar de ideia.

Droga! Será que ele pensa que sou tão idiota a ponto de repetir o mesmo erro e tentar bater nele outra vez? Eu sei bem o quão inútil e vergonhoso seria o resultado. A marca vermelha em meu pulso é um lembrete vivo. E por que eu faria isso, se eu quis tanto quanto ele? Ao contrário do que pensa, eu não sou hipócrita.

— Eu poderia ficar aqui debatendo sobre o nosso ódio mútuo, só que o casamento do meu pai com a sua irmã está para começar a qualquer momento, e como sou uma das madrinhas e você levará a noiva até o altar, acho melhor irmos para o local onde será realizada a cerimônia — avisou e virou-se, mostrando-lhe o zíper do vestido que ainda encontrava-se aberto. — Você pode subi-lo para mim?

Enrico não perdeu a oportunidade de deslizar as mãos por seus ombros e costas e, enfim, fazer o que lhe foi pedido. Estava a ponto de dizer algo mais, quando o apito do seu celular o cortou. Puxou o aparelho do bolso interno do paletó, desbloqueou a tela com o polegar e viu uma mensagem de Bella pedindo para ele ir vê-la com urgência.

— Você está certa — admitiu, sem muita vontade, enquanto guardava o aparelho no bolso dianteiro da calça. — Nós precisamos ir — disse, sem ocultar o brilho safado em seus olhos.

Esperou Alana se recompor pensando que tinha adorado ver a princesinha, toda certinha e sem um fio de cabelo fora do lugar, desarrumada, afogueada e muito, muito gostosa. Amou cada segundo em que teve o corpo macio e firme colado ao seu. Ele não podia negar. Sentiu uma fisgada no pau com o pensamento e precisou segurar um gemido frustrado, mas algo lhe dizia que as coisas entre eles não parariam por ali. Aquele havia sido só um aquecimento para o que ainda teriam pela frente.

Com a mão firmemente posicionada na parte baixa das costas dela, ele guiou-a até a porta. Sorriu satisfeito ao notar que Alana aceitava seu toque sem reclamar ou tentar fugir dele, contudo, ao alcançarem o final do corredor, ela murmurou uma despedida rápida e, antes que ele pudesse impedi-la, afastou-se apressada, avançando até um dos cômodos da casa, e se ele não estava enganado, aquele era o quarto de hóspedes. Aborrecido, viu-a desaparecer dentro dele. De súbito, recordou-se da razão de terem parado, virou para sua esquerda e andou uns dois metros até a porta da suíte onde Bella dissera que estava. Deu dois toques na madeira e não demorou em ouvir uma voz abafada autorizá-lo a entrar.

Alana inclinou-se levemente na frente do espelho, conferindo o batom que acabara de retocar. Colocou a mão no rosto e sentiu a pele esquentar à medida que se recordava do motivo que a obrigou a fazê-lo. Colocou as mechas do cabelo castanho-claro que haviam se soltado da trança grega inspirada em uma deusa no lugar e olhou para a mulher esguia no espelho. Admirava o vestido de seda prateado e sem alças cuja saia se abria na altura dos joelhos quando viu, pelo canto dos olhos, sua irmãzinha se aproximar e parar bem ao seu lado.

— Está linda, Alana. Ele não vai conseguir tirar os olhos de cima de você esta noite. — *Se é que já não está babando*, Lilly quase acrescentou essa parte ao comentário, mas achou melhor guardá-la para si.

Alana olhou para ela através do espelho. Lilly também estava muito bonita em seu vestido curto tomara que caia, de tafetá na cor champanhe, e com uma faixa larga marcando a cintura. Os cabelos escuros estavam soltos, mas foram feitas pequenas tranças que se uniam na nuca, entremeadas com fios dourados e pedrinhas brilhantes. A maquiagem nos olhos castanhos era

leve, e na boca, o batom cor de carmim chamava atenção para os lábios carnudos tão parecidos com os seus.

— Você também está linda — retribuiu o elogio, com um olhar de admiração. — Mas ele *quem* não vai tirar os olhos de mim? — indagou, curiosa.

Lilly se referia a algum amigo? Alguém que tinha interesse nela sem que tivesse notado? Elevou a mão automaticamente até a boca, tocando os lábios com as pontas dos dedos, e sentiu o coração acelerar quando a imagem do Grandão surgiu sem permissão em sua mente. *Será que a Lilly viu quando eu o chamei e entramos na casa? Ou, talvez, tenha visto a gente saindo juntos da biblioteca*, especulou Alana, desconfiada.

— Ele — Lilly respondeu simplesmente, colocando-se atrás dela e descansando o queixo em seu ombro, fazendo os olhos das duas se encontrarem no espelho.

Alana notou o brilho divertido nos olhos expressivos da irmã e viu um sorriso sapeca dançando em sua boca.

— Mas esse *ele* não tem um nome? — persistiu, desejando obter alguma informação que pudesse confirmar ou negar suas suspeitas.

— É claro que tem! — Lilly bufou e revirou os olhos. — Todo mundo tem nome e sobrenome, Alana! — brincou e riu. — Mas eu não vou te dizer, você vai saber quando o vir — completou, encarando-a, enigmática.

Alana ponderou por um momento e decidiu que a irmã só podia estar brincando com ela. Não devia haver ninguém. Era melhor acreditar nisso do que pensar que a tivesse visto com Enrico; ou, pior, ter sido vista no estado desastroso em que se encontrava depois do que fizeram na biblioteca. Foi por essa razão que praticamente tinha corrido e entrado naquele quarto, a fim de dar um jeito na aparência antes que alguém mais visse o que ela

encontrou quando se postou diante do espelho de corpo inteiro: o colo, o rosto e o pescoço estavam vermelhos, seu corpo era uma massa trêmula, o batom estava borrado e várias mechas do cabelo tinham se soltado do penteado.

— Ah! Agora, eu entendi! Você está jogando comigo — acusou, brandindo a escova de cabelos na direção do reflexo dela.

— Não estou, não — negou Lilly, e desta vez falou com toda seriedade.

Alana levou o olhar até o rádio relógio em cima da mesinha de cabeceira.

— Chega, Lilly — admoestou-a, também séria. — Não temos mais tempo. Precisamos ir. Somos madrinhas do nosso pai, a senhorita esqueceu?

Fazendo cara de ofendida, Lilly retrucou:

— É claro que eu não esqueci!

— Então corre ou vamos chegar atrasadas, e essa prerrogativa não é das filhas, e sim da noiva! — alertou-a Alana, sorrindo e girando nos calcanhares.

— Espera, me conta só uma coisa — suplicou Lilly, unindo as mãos na frente do peito. — Você falou com o Enrico?

— Falei. — Alana continuou a andar rumo às portas duplas que se abriam para os fundos da casa.

— E se acertaram? — insistiu a garota, seguindo a irmã de perto.

Enquanto descia os cinco degraus da escadinha de madeira na lateral do balcão que as levaria até a praia, Alana respondeu:

— Mais ou menos.

— Como assim *mais ou menos*?

— Lilly, eu não tenho tempo para te explicar nada disso agora. — Sem diminuir o ritmo dos passos, Alana girou o pescoço e mudou de ideia ao ver que deixara a irmã chateada. — Está bem, digamos que, de certa forma, eu e ele nos entendemos. Nós conversamos e demos uma trégua. — Pelo menos era nisso que ela acreditava. — Satisfeita?

Lilly anuiu.

— É bom saber que o clima da festa não vai ficar pesado porque vocês dois não se suportam e ficam atacando um ao outro feito duas crianças birrentas — proferiu a garota, mais relaxada.

Faltando cerca de dez metros para chegarem ao local onde fora armada a enorme tenda e onde tudo já estava pronto para o início da festa, Alana passou o braço pelo da irmã e as duas se entreolharam, sorrindo uma para a outra. Juntas, apertaram o passo rumo ao bonito altar idealizado com um móvel semelhante a uma mesa estreita e antiga, de madeira escura, ladeado por uma enorme guirlanda retangular coberta de flores brancas e amarelas, tendo como pano de fundo um mar imenso, cujas ondas quebravam mansas ao chegarem na areia.



Capítulo 9

Enrico adentrou o cômodo grande e arejado. Dando uma passada de olho ao redor, notou os móveis de muito bom gosto, as cores claras que tornavam o ambiente aconchegante. Não se ateve aos detalhes, pois não era do seu feitio e porque o tom urgente da mensagem da irmã o tinha deixado inquieto e um pouco preocupado. Encontrou-a, de pé, a um canto do quarto olhando pensativa para fora. A cortina feita de um tecido transparente e leve movimentava-se conforme era atingida pela brisa fresca que entrava pelo janelão com vista para o mar.

Prendeu a respiração por um instante e estufou o peito, cheio de orgulho. Bella estava magnífica, parecia uma verdadeira princesa de contos de fadas em seu bonito e elegante vestido branco, tanto que Enrico precisou de alguns segundos para sair do transe em que entrara ao vê-la. Fez um ruído com a garganta a fim de chamar sua atenção e a viu virar-se de frente para ele, mas algo em seu semblante o fez se colocar imediatamente em alerta.

— Está tudo bem? — indagou, cauteloso. — Na mensagem, você disse para eu vir o mais rápido possível.

Inicialmente, Enrico pensou que a irmã estivesse nervosa, o que era natural diante do momento especial que vivia. Sua vida estava prestes a mudar ainda mais, e se dar conta disso podia causar uma tremedeira, um frio na barriga. Mas ao observá-la com cuidado, viu que não era só isso. Pareceu-lhe ver angústia e preocupação no semblante da irmã mais nova.

— Enrico, eu preciso falar com você sobre o conteúdo deste aviso aqui. — Só então ele notou o papel em sua mão. — Quando você tencionava me contar? Ou não pretendia? E o Eros? Ele já sabe? — ansiosa, Bella soltou as perguntas, uma após a outra, sem lhe dar tempo de responder.

Ele inspirou profundamente e enfiou as mãos nos bolsos dianteiros da calça no instante em que reconheceu o aviso do banco que recebera havia dois dias, só então a encarou, desconcertado.

— Como esse aviso chegou às suas mãos? — indagou, visando ganhar tempo, pois sabia exatamente o que devia ter acontecido.

— Foi por acaso, mas isso é o que menos importa. Por que você insiste em esconder os problemas de mim e do Eros? Por que faz questão de carregar tudo nas costas? Por que não dividi-los com a sua família?

— Eu já estou cuidando disso — Enrico contestou, contudo, a resposta simples estava longe de satisfazê-la. Bella saiu de onde estava e andou até o meio do quarto, parando na frente dele.

— A casa foi posta à venda por falta do pagamento das parcelas da hipoteca, o prazo é de uma semana para conseguir 40 mil para evitar que o pior aconteça, e eu sei que você não tem de onde tirar esse dinheiro. — Bella balançou o papel na frente dele. — Como você pensou que conseguiria esse valor? Pedindo um empréstimo? Pedindo vários? Pegando na mão de algum

agiota? — Como ele não respondia, Bella exigiu, trêmula: — Me diz, Enrico! Como?

— Bella, se acalma e me escuta! — demandou ele, pegando-a pelos ombros e fazendo-a olhá-lo nos olhos. — Este não é o momento para termos esta conversa. Você vai se casar em menos de meia hora!

Ela riu sem humor.

— E você acha que eu posso me casar, me divertir e viajar para fora do país, tranquila e feliz, sabendo que estamos prestes a perder a nossa casa? A casa que foi dos nossos pais, Enrico? — Bella tentou lidar com o nó que se formara em sua garganta ao pensar neles, na falta que faziam, ainda mais no dia do seu casamento, um dos momentos mais especiais e importantes de sua vida. Os outros nos quais sentira demais a ausência deles foram o dia do nascimento do filho e a sua formatura. Queria muito ter compartilhado tudo com eles, e saber que era impossível apertava seu coração, e doía. Também por isso, manter aquela casa na família era tão importante, e não só para ela, mas para os três.

Enrico soltou-a e passou a andar pelo quarto, esfregando a nuca com uma das mãos, até decidir parar. Virou-se para ela, os ombros caídos, o olhar torturado. Deus, como sentia-se cansado, esgotado por causa daquela situação.

— Eu fiz tudo o que pude, Bella, mas não consegui. Não fica assim. — Chegou perto dela de novo e a trouxe para seus braços quando viu seu lábio inferior começar a tremer. — Eu já sei como vou solucionar esse problema. — Tocou-a no queixo e a fez olhar para ele. — Confie em mim — pediu, tentando passar segurança, tanto na expressão do rosto quanto em seu tom de voz.

— E que solução é essa? Você não está pensando em fazer algo ilegal, está? — inquiriu Bella, receosa.

Enrico enrijeceu o corpo, afastou-a dele com gentileza e voltou a andar pelo aposento, desassossegado, parando a meia dúzia de passos de distância dela.

— Sua pergunta me ofende — avisou, visivelmente nervoso e magoado.

— Oh, me perdoe — Bella apressou-se a pedir, arrependida. — Eu falei sem pensar. — E estava sendo sincera, pois o conhecia e apostaria a própria vida na sensatez do irmão.

Havia raiva e tensão nele quando acrescentou:

— Não me confunda. É com o seu irmão mais velho que você está falando!

— Eu sei disso, Enrico. A última coisa que quero é que você fique chateado comigo... — Bella hesitou, antes de emendar: — Mas sabemos que, muitas vezes, situações desesperadas pedem medidas desesperadas — argumentou, visando explicar a razão do seu receio.

— O que eu sei é que isso não serve para mim. Admito que vou sentir muito, vai partir meu coração se acontecer de fato, mas eu prefiro perder a casa e viver num canto qualquer por aí a cometer um crime. Bella, não é o fim do mundo. É só... uma casa — tentou minimizar a importância do imóvel.

Entristecida, Bella moveu a cabeça negativamente.

— Não é só uma casa, e você sabe muito bem disso. Ela é o vínculo que temos com a nossa infância e com eles... com os nossos pais. Sinto tanto a falta deles... Ainda mais num dia como o de hoje.

Enrico voltou a abraçá-la, enternecido com a dor e a tristeza dela.

— Eu sei, irmãzinha. Eu sei. Também sinto falta, e daria o que fosse para que eles pudessem te ver hoje. Ver a mulher linda, a profissional competente e mãe maravilhosa que você se tornou — murmurou junto aos cabelos dela.

De repente, Bella se afastou, virando o rosto iluminado para ele.

— Acabo de ter uma ideia. Eu já sei o que vou fazer.

Alarmado, Enrico procurou saber do que Bella falava:

— Ei, vamos com calma! Que ideia foi essa que você teve?

Sorrindo entusiasmada, Bella contou:

— Está na cara. Eu vou falar com o George. Só ele é capaz de nos ajudar em um momento como esse.

— Não! Você não vai fazer isso! — Enrico foi brusco e usou um tom de voz mais alto e imperativo do que pretendia.

Bella arregalou os olhos, assustada com a reação negativa do irmão, contudo, não tinha intenção de se deixar intimidar pelo tom de comando ou pela expressão carregada dele.

— Como assim eu não vou? — indagou, recuperada do susto.

Ciente de que havia extrapolado, Enrico procurou relaxar os músculos do rosto e manter o tom de voz sob controle.

— Eu prefiro que não seja você, sua futura esposa, a pessoa que levará o nosso problema para ele. Se alguém tem que falar com o George, esse alguém sou eu — esclareceu Enrico, mais calmo.

— Então, você também pensou nisso?

— Sim, eu pensei. Só não encontrei o momento certo para falar com o George, e por razões óbvias, não vou poder fazer isso hoje.

— Mas só temos uma semana — Bella recordou-o.

— Bella, fique tranquila, eu prometo que o farei quanto antes. A viagem de vocês está marcada para amanhã, certo? Eu ligo para ele e venho aqui tratar do assunto pessoalmente. Não vai tomar muito tempo, e hoje em dia é possível resolver quase tudo via online. Mas eu insisto, Bella, quem vai explicar a situação para o George, pedir o empréstimo e pagar a dívida sou eu. Fui claro?

Antes que Bella pudesse retrucar, a atenção dos dois foi puxada para o som da porta da suíte sendo escancarada, e uma Betty aflita irrompeu quarto adentro feito um furacão.

— Bella, está na hora! — avisou a ruiva, afoita. — Ou melhor dizendo, você está atrasada! — corrigiu-se, atravessando o cômodo e parando na frente da noiva.

— Eu só preciso de dois minutos para concluir um assunto com o Enrico e já vou — Bella explicou com calma.

Betty foi até a penteadeira, pegou o buquê e entregou-o para Bella. Com as duas mãos em seus ombros, virou-a para a porta e começou a obrigá-la a andar na direção dela.

— Eu nem vou discutir. Depois você terá todo o tempo do mundo para concluir o que quiser com o Enrico, mas, agora, nada pode ser mais importante do que você se casar com aquele homão da porra que, pelo que vi, está quase fazendo um buraco no chão de tanto nervoso. Não vai deixá-lo esperar nem mais um minuto! Isso é tortura! O pobre do homem está que não se aguenta, além disso, o juiz de paz já chegou, e é outro que não esconde a impaciência — disse e seguiu empurrando-a para fora. — E você,

irmãozão, vem com a gente — emendou, e antes que Enrico pudesse esboçar uma reação, ela foi logo puxando-o pelo braço.

— Betty, espera... — Bella ainda tentou, mas acreditando que a hesitação e o nervosismo da amiga fossem causados pelo casamento iminente, Betty fez ouvidos surdos ao seu pedido.

— Não tem essa de *"Betty, espera"*. Sem mais desculpas para postergar o momento. Chegou a hora, Bella!

Bella conseguiu resistir por dois segundos, mas acabou relaxando e cedendo. Betty parecia uma força da natureza quando se dispunha a fazer algo, e pelo que via, a ruiva estava determinada a levá-la, e nada nem ninguém a desviaria do seu objetivo. Bella precisou levantar a barra do vestido a fim de evitar pisar e acabar tropeçando nela, com isso, sem perceber, o papel escapou de sua mão. Sendo apressada por Betty e com Enrico as seguindo, Bella saiu para o corredor, deixando o aviso do banco caído no chão da suíte.



Capítulo 10

A cerimônia do casamento havia sido emocionante. Mesmo Alana, que não se considerava uma pessoa emotiva, sentiu os olhos marejados enquanto testemunhava a felicidade do pai. Esta transbordava e saía pelos poros. Não era possível negar que havia um amor sincero entre ele e Bella. Estava na expressão dos dois, nas trocas de olhares, nos sorrisos cúmplices e em cada gesto direcionado um ao outro. Era bonito vê-los juntos, e até um pouco assustador quando se parava para pensar e desejar um relacionamento como o deles – e, talvez, por diversas razões, não ser capaz de encontrá-lo, afinal, o mundo ao seu redor estava cheio de pessoas desiludidas e descrentes do amor romântico.

Alana devia estar mesmo sensível com o que tinha acabado de presenciar, pois não era o tipo de pessoa que costumava se questionar sobre ter ou não alguém ao seu lado. Não era algo que a preocupava, e por dois motivos: estava focada na sua vida profissional e almejava crescer ainda

mais na carreira que escolhera. Um relacionamento estava em segundo, ou até mesmo em terceiro, plano. Subitamente, a voz da irmã chamando-a tirou-a dos seus devaneios.

— E aí, você não vai falar com o Enrico? — provocou Lilly, tomando um gole de sua Piña Colada e indicando com os olhos o homem escorado em uma pilastra a poucos metros de onde as duas estavam.

— Credo, até parece que você está obcecada! Não fala de outra coisa que não tenha a ver com esse homem ou a família dele — comentou Alana, ácida. — Eu já te contei que conversei com ele.

— Eu sei disso. É que depois dessa conversa, vocês estão agindo de um jeito estranho — argumentou Lilly, olhando de um para o outro, desconfiada.

Imediatamente, Alana se colocou em estado de alerta.

— Estranho como? — quis saber, bebericando seu Dry Martini e fazendo o possível para ocultar o reboliço de emoções dentro dela.

— Eu não sei bem como explicar... — Pensativa, Lilly lambeu o canudinho com o qual mexia o coquetel.

Alana ficou aliviada ao perceber que a irmã não sabia de nada do que havia acontecido entre ela e Enrico.

— Impressão sua. Nós só não temos nada para dizer um ao outro — replicou, esperando ter soado convincente e disposta a mudar de assunto.

— É só impressão minha... E você acha mesmo que me engana... — Lilly virou-se, deu as costas para a irmã e saiu andando.

Intrigada, Alana foi atrás dela e agarrou-a pelo braço, não permitindo que a garota se afastasse.

— Espera! O que você quis dizer?

— O que eu quis dizer é que esse lance entre vocês é só fachada. Puro teatro. Eu não sou boba. Já peguei os dois secando um ao outro um monte de vezes, e sempre quando pensam que não tem ninguém olhando — Lilly confessou, dando um sorrisinho travesso.

— Lilly, não viaja! — Alana disparou e encarou a irmã mantendo a expressão severa. — Que negócio é esse de eu ficar secando o Enrico? Eu não faço isso! — negou, categórica, mostrando-se indignada e movendo a cabeça para os lados com vigor.

— Se eu estou viajando, então por que você ficou tão irritada? Nem precisa me responder. Ficou porque sabe que eu falo a verdade. Vocês se comem com os olhos, mas eu entendo. — Lilly brindou-a com um olhar condescendente. — Eu já te falei que acho o Enrico um homão.

Inconformada, Alana bateu de leve no ombro da irmã.

— Definitivamente, você está tirando conclusões precipitadas!

— Pelo menos você não nega que ele é bem bonitão. Mas também tem um temperamento forte, assim como você. — Lilly levou o olhar para uma das mesas dispostas a um canto da tenda. — Já o Eros é bem diferente do irmão mais velho... É mais relaxado e bem-humorado — disse, pensativa, os olhos fixos nele.

— Quer parar com isso? Parece que nunca viu um homem bonito! Se a nossa mãe sonhar com o que se passa nessa sua cabecinha, vai acabar tendo um troço. — Alana arrependeu-se de imediato por ter mencionado a mãe. Nem sabia a razão de tê-lo feito. Sentiu-se triste e incomodada, pois seus sentimentos ainda eram desencontrados quando se tratava da mulher que tentara matar seu pai e que, acreditava hoje, nunca chegara a amar as filhas de fato.

Lilly elevou os ombros, sem se intimidar com a carranca da irmã.

— Por que colocar a nossa mãe no meio? — Uma sombra de tristeza abaixou e nublou seu olhar, mas ela respirou fundo e logo se recompôs. Não desejando seguir por aquele caminho, retomou o assunto que as duas debatiam: — Eu não entendo o motivo desse drama todo! Desde quando olhar tira pedaço? Eu só disse que acho o Eros um cara tranquilo e gente boa, não é como se eu fosse com ele até o cartório mais próximo para nos casar. O que nem seria possível, afinal, são necessários no mínimo vinte dias após a apresentação dos documentos só para os proclamas. E para constar, estamos no Brasil, não em Vegas!

— Está bem, eu já entendi o seu ponto. Agora, por favor, chega de falar nisso!

— Eu posso saber o que está acontecendo com você? — ignorando o pedido da irmã, a garota insistiu.

— Não está havendo nada comigo. Por quê? — questionou Alana, mais calma.

— Está tensa feito uma corda de violino, e agora, depois do que disse, eu entendi a razão de você só sair com os caras certinhos e ultra chatos que a mamãe chamava de *"bons partidos"* — alegou a jovem, abaixando os olhos e voltando a mexer no seu drinque.

— O que você está dizendo não é verdade... — Alana negou, mas o fez sem a menor convicção.

— Não mesmo? Então diz o nome de um deles que não teve o dedinho da nossa mãe — Lilly desafiou.

Alana pensou no questionamento da irmã. Já havia se feito essa mesma pergunta antes e tinha chegado à conclusão de que, mesmo acreditando não ser suscetível à influência de sua mãe, tinha sido manipulada de várias maneiras e em diversas ocasiões diferentes. Um

comentário aqui, uma sugestão ali, uma crítica acolá; e controladora como era, a mãe só ficava satisfeita quando faziam o que ela queria.

Foi só após sua prisão que Alana percebeu o quanto tinha sido contaminada pela obsessão com as aparências da mãe. Recordou-se de que, quando ela não aprovava a pessoa com quem estava, por não pertencer à mesma classe social ou por não ter dinheiro e status suficientes, enchia sua cabeça e minava sua resistência aos poucos, tocando no mesmo ponto o tempo todo. As duas não podiam se encontrar em algum cômodo da mansão que lá vinha a dona Maristela, aproveitando cada oportunidade que se apresentava para despejar aquelas baboseiras todas e tentar doutriná-la.

Exageros à parte, parecia que queria lhe fazer uma lavagem cerebral. Tanto que Alana chegou a terminar dois namoros ainda no início, apenas para ser deixada em paz. Mas havia acontecido quando ela ainda era uma adolescente. Depois de adulta, simplesmente evitava levar a pessoa com quem estivesse saindo até a casa; e apresentá-la para a mãe, só em último caso.

Ouvira tanta coisa enquanto crescia que temia que os conceitos e preconceitos incutidos nela com o passar dos anos tivessem se entranhado, embora, por rebeldia ou instinto, ela os combatesse e os rejeitasse. Por esse motivo, Alana não gostou nada quando Enrico comparou-a à mãe, mas agora que era capaz de se colocar no lugar dele, o homem tivera motivos para fazê-lo, pois o tratara exatamente como a mãe teria feito. Temia que, mesmo longe, ela tivesse o poder de influenciá-la. Ou, talvez, de uma maneira inconsciente, ainda esperasse pela sua aprovação. Enfim, aquele era um tema complicado.

Para ser justa consigo mesma, não se dera uma chance de conhecê-los, principalmente Enrico. Julgou-o por uma única atitude impensada e não tinha mudado de ideia desde então. Tinha agido como uma patricinha

arrogante, teimosa e mimada. Consciente de que agira de um modo detestável, sentiu vergonha do que tinha dito e feito, e admirava a irmã por conviver com eles e por jamais tê-los evitado como ela fizera no passado.

— Estamos comemorando a felicidade do nosso pai. Esta noite, eu prefiro não falar disso, e também não quero recordar momentos tristes. É melhor mudarmos de assunto — sugeriu Alana, incomodada.

— Tudo bem, concordo. Com a nossa mãe sem poder destilar o seu veneno e amargura sobre nós, eu consigo ver tudo com mais clareza. E uma coisa eu te digo: homem como o Enrico não costuma brotar do chão, embora o Eros faça mais o meu tipo — Lilly não perdeu a chance de provocá-la. — E pode continuar negando o quanto quiser, eu sei que o Enrico mexe, e muito, com você. — Apontou para os próprios olhos com dois dedos e virou-os para a irmã. — Estou só de olho, maninha! — Riu e foi andando para longe dela, mas desta vez sem ser impedida.

Alana precisava admitir que a irmã estava certa, porque, mesmo ela e Enrico mantendo-se afastados, de vez em quando um lançava olhares furtivos na direção do outro. Ela preferia não chamar atenção para si e acreditava estar agindo com discrição, porém, não fora eficaz em enganar a irmã mais nova. Sim, havia uma tensão crescente entre eles e que parecia ainda mais evidente depois do que protagonizaram no interior da biblioteca. E como para comprovar o que Lilly acabara de afirmar, seus olhos se encontraram com os dele e ela sentiu-se queimar por dentro. Contudo, agora não viu ironia ou luxúria explícita nele, pelo contrário, sua expressão estava suave, mais doce, e ela sentiu o fôlego encurtar.

Disfarçando o que se passava com ela, Alana resolveu circular pelo lugar, afinal, a boa educação dizia que devia ser simpática e conversar com os convidados, muitos dos quais ela conhecia, inclusive o homem alto, loiro, de olhos azuis e na metade da casa dos trinta anos que caminhava em sua

direção em seu terno de corte impecável. Por um instante, Alana pensou em evitá-lo, mas como esse gesto seria um claro sinal de covardia, respirou fundo, colocou um sorriso no rosto e ficou onde estava, esperando-o se aproximar.



— Nossa, que cerimônia mais linda! — anunciou Betty, sonhadora e acomodando-se na cadeira ao lado de Eros, que tinha os olhos fixos na tela do celular. — Estou emocionada até agora.

Sérgio se juntou a eles, sentando-se na cadeira ao lado da dela.

— Realmente, foi de tirar o chapéu, mas não podia ser diferente, afinal, era o meu melhor amigo se casando naquele altar.

— Com a minha melhor amiga! — ratificou Betty, orgulhosa. — E você saiu-se muito bem como padrinho — elogiou, fitando-o de modo apreciativo. Sérgio não se fez de rogado e retribuiu seu olhar.

Fazia um tempo que ambos estavam nesse flerte inocente. Embora Betty fosse uma pessoa interessante, cheia de vida e, é claro, muito atraente, ele preferia se manter à distância. Gostava da sua vida como estava, não acreditava que fosse hora de mudar. Ainda que tivesse notado um certo interesse por parte dela, e, para falar a verdade, a cada vez que se encontravam, sentia-se mais à vontade com ela. Gostava do seu jeito espontâneo e alegre, a última coisa que queria fazer era magoá-la, e previa que era o que acabaria acontecendo se a chamasse para sair.

Sérgio não se perdoaria se, por acaso, viesse a ser o responsável por apagar o brilho dos lindos olhos cor de chocolate, e algo dentro dele alertava-o de que ela não era o tipo de garota para se ter um caso. Betty merecia muito mais do que apenas uma noite, e após a perda de Marly, o amor da sua vida, ele não sabia se era capaz de dar mais de si mesmo para

outra mulher. E havia Vanessa, sua filha e maior prioridade; fazia questão de não permitir que nenhum dos seus relacionamentos eventuais entrasse e saísse da vida dela.

Betty era jovem, e ele, um homem mais velho, viúvo e com uma filha adolescente. Por esse motivo, havia tomado uma decisão há anos: que só voltaria a se envolver romanticamente com alguém se acreditasse que o relacionamento tinha uma boa chance de se tornar sério. E até o momento, seguia pensando da mesma maneira, embora não negasse que se sentia atraído pela bonita morena de corpo perfeito, cabelos vermelhos e riso fácil.

— Onde está o Enrico? — indagou Betty, buscando-o com os olhos.

Girando o pescoço para os lados, foi Sérgio quem respondeu:

— Ele estava aqui há um minuto.

— Deve estar por aí, em algum canto e sozinho. O Enrico não é muito de socializar — Eros comentou e mostrou a tela do celular para Lilly e Vanessa, e fosse o que fosse que as garotas viram, lhes arrancou gargalhadas.

— E ele é bem grandinho, não tem como se perder — emendou Lilly, após controlar o riso e ainda enxugando os cantinhos dos olhos.

— E põe grandinho nisso — comentou Betty, divertida.

— E que tal se formos dançar? A pista já foi liberada e eu ouvi dizer que o DJ contratado manda muito bem — chamou Lilly, com os olhos brilhando por conta da animação.

— Eu estou dentro! — Eros ficou de pé, com as garotas imitando-o. Os três jovens se afastaram entre conversas e risadas, deixando Sérgio e Betty sozinhos na mesa.

Repentinamente, um silêncio constrangedor caiu sobre os dois, e Sérgio limpou a garganta antes de quebrá-lo.

— Eu preciso de outra bebida — disse, indicando o copo vazio enquanto se levantava. — Você quer uma também? — ofereceu, educado.

— Sim, eu quero, mas vou com você — disse Betty, e os dois caminharam paralelamente até o bar montado no centro da tenda.



Capítulo 11

Enrico não conseguia se desligar. Sua atração por ela era visceral, e esse lance de os dois se estranharem só colocava uma pimenta a mais. Era difícil, complicado e instigante ao mesmo tempo. Ainda que sem querer, volta e meia, seu olhar era puxado para ela. E não era para menos, ele a achava linda. Embora os tivesse prendido, seus cabelos eram longos e tinham algumas mechas naturais em tons de um castanho mais claro. Possuía as maçãs do rosto um pouco salientes, o nariz ligeiramente arrebitado e uma boca quente e sensual. Mas eram seus olhos cor de mel, salpicados de pontinhos dourados, que mantinham trancafiadas as paixões que existiam abaixo da superfície.

Mais uma vez, pousou o olhar no local onde ela estava. Estreitou os olhos e apertou o maxilar quando a viu conversar animadamente com um desconhecido, ao menos para ele. Percebeu logo que o homem devia pertencer ao mundo dela, via-se pelo modo como se vestia e pela linguagem

corporal. Sentiu o estômago se contorcer quando Alana jogou a cabeça para trás e riu de algum comentário feito pelo sujeito.

O modo como interagiam faziam-no acreditar que os dois tinham um certo nível de intimidade, e reconhecia que faziam um casal e tanto. Devia ser com esse tipo de pessoa que ela estava acostumada a se relacionar, e constatar isso bateu fundo nele. Sentia como se os dois estivessem jogando na sua cara que um homem como ele jamais seria bom o suficiente para uma mulher como ela. No entanto, aquela era sua realidade, e ele deixara de sonhar havia muito tempo.

Respirando fundo, apelou para o orgulho e afastou-se, tirando-a de propósito do seu campo de visão enquanto se perguntava no que estava pensando quando a beijou daquela maneira. Afinal, o que ele esperava? Alana jamais escondeu, desde o princípio, que ele não era nada para ela. Sempre fora honesta e fazia questão de não ocultar o quanto o desprezava. Sentindo-se um idiota, andou até o bar e pediu um uísque puro. Precisava tirar aquele gosto ruim da boca.

Precisou esperar alguns minutos para receber o drink e agradeceu quando o *barman* o entregou. Virou-se para deixar a tenda. No caminho até a saída, cruzou com Betty e Sérgio, que se aproximavam. Cumprimentou-os com um aceno rápido de cabeça, porém não se deteve. Não estava a fim de socializar, e desde os vinte anos se viu obrigado a se afastar dos amigos, tornando-se quase um recluso, passando a contar apenas com ele mesmo, por isso acabou tornando-se uma pessoa fechada.

Sabia que frustrações faziam parte da vida, mas sentia como se tivesse entrado na fila por diversas vezes. Pensou que era o momento de ir embora, e o teria feito se Bella não tivesse aparecido na varanda. Permaneceu onde estava, imaginando que a irmã o procurava porque desejava retomar a conversa interrompida mais cedo.

— Enrico, eu não tive como te responder antes, porque a Betty não deixou, mas eu não pretendo sair daqui sem te convencer a resolver aquele assunto de uma vez por todas.

Desgastado, ele respirou fundo, mas não se moveu.

— Quantas vezes eu tenho que te dizer que este não é o melhor momento para falarmos sobre a dívida da casa?

Ela sorriu ao perceber o tom de desagrado na pergunta.

— Eu não vou desistir, meu irmão. — Bella encarou-o com determinação.

Enrico uniu as sobrancelhas, impaciente.

— Afinal, o que está fazendo aqui? Devia estar ao lado do seu marido, se divertindo e atendendo aos convidados. Bella, nós estamos na sua festa de casamento! — fez questão de frisar. Com uma careta de desgosto, bebeu o resto do uísque de um só gole, sentindo o álcool em seu sangue começar a fazer efeito. Aquela era a terceira ou a quarta dose que tomava? Não sabia, mas não se importou em obter uma resposta.

Ignorando o mau humor de cão do irmão, Bella chegou mais perto dele.

— Você pode, por favor, me escutar? — pediu com toda a paciência e calma que conseguiu reunir.

Enrico deixou o olhar vagar entre o mar e a tenda. Viu pessoas rindo, se divertindo e dançando. Por que ele não podia ser como elas? Queria poder esquecer seus problemas ao menos por algumas horas. Suspirou e, vendo que Bella não desistiria, falou, azedo:

— Quando você coloca uma coisa na cabeça, não para até conseguir o que quer. Não me lembro de você ser assim quando morávamos na mesma

casa. Estou começando a ter pena do seu marido.

— Enrico! — admoestou-o Bella, admirada com o comentário do irmão. — Escuta, eu não estou insistindo nisso apenas por mim. Sei que essa situação está acabando com você. Eu não estou nem aí se estamos falando sobre a casa durante a festa do meu casamento. Não me importo nem um pouco, desde que a gente consiga se entender. É algum pecado querer resolver algo que está te deixando sem dormir? Não vê que eu me preocupo com você, meu irmão? — Enquanto falava, Bella andava pela varanda; agitada, ofegava e gesticulava com as mãos.

Enrico refletiu sobre suas palavras e finalmente afastou-se do gradil, ajeitando a postura de forma a olhar para a irmã de frente.

— Ok, você venceu. Pode falar — cedeu e viu Bella unir as mãos diante do corpo e balançar a cabeça, concordando.

— Amanhã pegaremos a estrada bem cedo, porque temos que estar no aeroporto cerca de duas horas antes do horário do voo. Eu sei o que você me disse, mas acho que devemos resolver isso de uma vez. Nós vamos falar com o George esta noite. — Quando viu que Enrico estava pronto para retrucar, Bella levantou a mão no intuito de detê-lo. — Não dá mais para procrastinar o inevitável! Você precisa de um pouco de paz e eu quero viajar com a cabeça tranquila. Sei que não vou conseguir se o assunto da casa estiver pendente. E ao contrário do que decidiu, nós três vamos pagar o empréstimo. Não é justo você arcar com tudo sozinho, e isso não é negociável — concluiu Bella, de modo contundente.

Embora fosse penoso para ele, Enrico estava disposto a colocar o orgulho de lado e fazer o que precisava ser feito.

— Eu entendo que você esteja preocupada, e também está sendo teimosa... — Aproximou-se mais dela antes de continuar. — Mas eu não

quero que essa situação acabe atrapalhando a viagem dos seus sonhos.

— Olha quem está falando em teimosia... — Bella ampliou o sorriso. — George estava conversando com um casal de amigos de Goiânia, mas me prometeu que virá nos encontrar aqui assim que possível. E eu chamei o Eros também. — Ela ouviu-o bufar. — Não, você não pode mais deixá-lo de fora! É nosso irmão e precisa saber o que está acontecendo — emendou, a despeito da expressão contrariada do irmão mais velho.

Enrico colocou o copo vazio num cantinho da grade.

— Sei que você tem razão. Eu devia ter contado, mas, como sempre, acabei protelando — admitiu, por fim. — Vejo que está decidida e não há nada que eu possa fazer ou dizer para que mude de ideia — admitiu e levantou as mãos em sinal de rendição. — Eu desisto. Estou cansado demais para continuar discutindo.

Bella foi até onde ele estava e passou o braço por sua cintura, enquanto Enrico envolveu seus ombros com o dele, e assim, abraçados, os dois andaram até o escritório.

— Que irmão mais complicado, esse meu — disse ela, com um sorriso.

— E que irmã mais teimosa, essa minha — imitou ele, olhando-a com carinho.

— Teimosia é um traço da nossa família, mas eu diria que sou perseverante — retificou Bella.

— Que seja. Eu já disse que não vou mais discutir, e falei sério — ratificou Enrico, mais conformado.

Cerca de quinze minutos depois, e como havia prometido, George passou pela porta do escritório trazendo Eros consigo. Foi até a esposa,

beijou-a de leve nos lábios e pousou a mão na parte baixa de suas costas, mantendo-a junto a si, e só então voltou sua atenção para o homem alto e de semblante fechado, cujos braços estavam cruzados sobre o peito, mirando algo através da janela aberta.

— A Bella disse que você queria falar comigo. — Seu olhar viajou de Enrico para a esposa e por último para Eros, acomodado numa das duas cadeiras posicionadas na frente da mesa de trabalho. — Bella? Enrico? Que caras sérias são essas? — indagou, percebendo o peso da tensão entre os dois. — Aconteceu alguma coisa?

Enrico voltou-se, enfiou as mãos nos bolsos, afastou um pouco as pernas e encarou o homem mais velho.

— Eu sei o quanto esta noite é importante para vocês, e em minha defesa quero dizer que, se não fosse pela insistência da Bella, eu não estaria aqui. Dito isso, acho melhor ir direto ao ponto... O assunto que tenho para falar com você é sobre a dívida referente à nossa casa. Estamos em vias de perdê-la por falta de pagamento. — Enrico foi conciso, e só Deus sabia o quanto aquilo estava sendo difícil para ele. Sentia que passava recibo de fracassado e confirmava, na frente do cunhado, que havia falhado como provedor e responsável pela família.

Conforme ouvia o que o irmão falava, Eros ficava cada vez mais nervoso, e, no fim, acabou pulando da cadeira, como se o assento o tivesse queimado.

— O quê?! Nós vamos perder a nossa casa? — indagou, verdadeiramente assustado.

— Eu ia te contar, mas não houve tempo — justificou-se Enrico, porém sabia que o que dizia não passava de uma desculpa esfarrapada.

Fechando a cara, Eros deu uma bufada.

— Como não houve tempo, se não faz nem duas semanas que eu te pedi para me contar o que estava acontecendo e até me dispus a ajudar? — acusou o rapaz, indignado e muito, mas muito bravo.

Bella resolveu interferir, antes que Enrico retrucasse e os ânimos se exaltassem ainda mais.

— Eros, precisamos manter a calma. Nós nos reunimos aqui justamente para tentar resolver esse problema, e foi por isso que eu te chamei — explicou, tratando de tranquilizá-lo. — Agora não é hora para cobranças ou desentendimentos — concluiu, apaziguadora.

Diante do que ouvia, George andou até a mesa, abriu a primeira gaveta, puxou uma pasta do seu interior, dirigiu-se à esposa e falou:

— Eu pretendia te dar isso quando os convidados tivessem ido embora, pois eu queria surpreendê-la. — Ele sorriu ao dizer isso. — Mas vocês se adiantaram, e, na verdade, eu não tenho motivos para protelar. Pelo contrário, é muito bom que os três estejam aqui. — Deteve-se e estendeu a pasta para Bella, que a pegou sem atinar sobre o que ele falava. — É um presente de casamento — esclareceu George, diante da expressão confusa que via no rosto dela.

Bella relaxou e sorriu.

— Oh, meu amor! Não precisava! Você já me dá tanto.

— Acontece que esse é um presente especial — afirmou George, com um brilho misterioso nos olhos, para logo depois mirá-la com amor, no que foi retribuído.

Um raspar de garganta chamou atenção da dupla para Enrico, tirando-os do enlevo em que estavam.

— Bem, seria melhor se deixássemos vocês a sós. — E dirigindo-se à irmã, acrescentou: — Bella, eu disse, mais de uma vez, que esta noite não é o melhor momento para conversarmos sobre a casa. Podemos concluir isso um outro dia — sugeriu e cutucou o irmão nas costelas, a fim de avisá-lo de que era hora de sair e deixar os recém-casados sozinhos. Contudo, George, tratou de impedi-los de se mover.

— Rapazes, por favor, fiquem. O conteúdo dessa pasta não é só um presente para a Bella, na verdade, é para os três — disse com seriedade.

Enrico e Eros se entreolharam, mudos e apreensivos, sem fazer a menor ideia do que o cunhado dizia. Enquanto isso, Bella afastava o elástico para o lado e abria a pasta, com a indisfarçável curiosidade estampada no rosto.

— O que é? — inquiriu ela, segundos antes de retirar o documento.

Um sorriso provocador cortou os cantinhos dos lábios de George, puxando-os para cima.

— Veja você mesma — sugeriu ele, negando-se a responder.

O suspense e a ansiedade fizeram os dedos de Bella tremerem e seu coração começou a bater mais rápido. Deixou o olhar cair sobre a folha de papel e, imediatamente, colocou a mão livre em concha sobre a boca.

— Meu Deus... George! — exclamou ao encarar o homem que amava com os olhos brilhantes por causa das lágrimas. — O que foi que você fez?! —indagou ao se dar conta do que se tratava.



Capítulo 12

— O que eu fiz? Eu paguei a dívida da casa, minha Bella. Agora ela está totalmente quitada. E esse documento que você está lendo refere-se à doação do imóvel, mas na semana que vem a escritura vai estar no nome de vocês três. Jônatas Villares, meu advogado, está cuidando disso.

Bella sorria e seus olhos ainda brilhavam quando o encarou, e George a adorou ver a surpresa em sua expressão, seguida da alegria enquanto ela digeria o que ele dizia.

— Mas como você soube?

Elevando o braço, George contornou o rosto da esposa com as pontas dos dedos, acariciando a pele com deferência e suavidade.

— Bella, tudo o que diz respeito a você me interessa. — Brindou-a com um olhar carinhoso. — Vou contar como eu soube, mas, antes, acho

melhor nos sentarmos.

George andou até o canto do escritório e levou sua amada com ele. Dando a volta na escrivaninha, acomodou-se na grande e confortável cadeira de couro, puxando Bella para o seu colo. Passou o braço pelos ombros dela e só então começou a falar:

— Tudo começou a cerca de duas semanas. Eu dei uma passada na obra do *resort* para saber do seu andamento, e voltava para casa quando vi o Enrico saindo de uma agência bancária. Diminuí a velocidade da moto pensando em dar um oi, mas ele parecia transtornado, seu olhar estava perdido e ele não me viu. — Deu-se um momento para organizar os pensamentos, e Enrico aproveitou para esclarecer o motivo de estar tão fora de si naquela tarde.

— De fato, eu me sentia perdido e transtornado, como você descreveu. Eu tinha acabado de falar com o gerente e fiquei sabendo que teria menos de um mês para pagar o que devia ou perderia a casa. E eu não fazia ideia de como conseguiria todo aquele dinheiro.

Eros lançou um olhar de entendimento para o irmão.

— Então foi por isso que você encheu a cara e eu fui te pegar no bar do Rogério... — comentou de onde estava.

Bella olhou com surpresa para os irmãos. Tinha conhecimento de que Enrico passara por uma fase ruim após a separação da ex-namorada, por isso ele andava bebendo, e era claro que a notícia de que poderia perder a casa deles complicou ainda mais as coisas, porém, ela não sabia que a situação tinha chegado ao ponto de o irmão mais novo precisar ir buscá-lo em um bar. Entretanto, aquele não era o momento para abordar o assunto com ele,

afinal, não estavam ali para isso. Não faltaria oportunidade para os dois conversarem.

— Continue, meu amor — pediu, ansiosa para seguir ouvindo o que George tinha a dizer, e o viu anuir com um aceno.

— Depois que cheguei aqui, me senti inquieto, pensando que algo não estava certo, e isso me incomodou. Eu não sei o que me deu, mas tive uma espécie de estalo, e como achei que o que vi tinha a ver com o banco, liguei para o Jônatas e pedi a ele que fizesse uma pequena pesquisa. Dois dias depois, ele me chamou de volta e me contou o que tinha descoberto. Foi aí que eu soube da dívida e que estavam a ponto de perder a casa.

Bella ouvia tudo com atenção, mas lhe restava tirar algumas dúvidas.

— Mas como você conseguiu comprá-la, se o prazo que deram para o Enrico não tinha vencido? Pelo aviso do banco que ele recebeu, faltava uma semana.

— Bem, pelo que o Jônatas me disse, eu cheguei à conclusão de que o Enrico não teria como pagar a dívida, então pedi para ele ficar de olho, caso o imóvel fosse para leilão. O banco colocou-a à venda na quinta-feira, ou seja, há dois dias, e eu finalizei a compra na mesma data. Pode ter ocorrido um desencontro de informações e enviaram o aviso antes de eu efetuar o pagamento ou de darem baixa na papelada — George especulou com seriedade.

Bella balançou a cabeça, concordando com as possibilidades apontadas pelo marido.

— Eu precisei insistir muito com ele e não fiquei satisfeita até conseguir convencer o Enrico a falar com você esta noite. Nós nos reunimos aqui dispostos a te pedir um empréstimo para colocar as parcelas da hipoteca

em dia, então você abre uma gaveta, pega uma pasta e começa a dizer que me comprou um presente de casamento. — Bella tocou a barba do marido com carinho. — Saiba que esse seu gesto foi a coisa mais linda e inesperada que você poderia ter feito por mim. Mas eu ainda gostaria de entender o motivo. Sei que você tem dinheiro, mas... — Não pôde concluir o pensamento por causa do nó na garganta que pareceu aumentar de tamanho de repente, fazendo-a apenas olhá-lo com adoração.

— Você quer saber por que eu fiz isso? — Bella fez um sinal de positivo. — Foram por vários motivos — disse George, e começou a enumerá-los: — Primeiro: eu te amo; segundo: você é a mulher da minha vida; terceiro: é a mãe dos meus filhos; quarto: não quero te ver triste, angustiada ou preocupada se eu puder evitar, e sei que você ficaria muito triste se a casa da sua família fosse leiloada e o Eros e o Enrico fossem obrigados a deixá-la. E, por último, mas não menos importante, foi por uma questão de justiça.

George viu três pares de olhos o encararem simultaneamente, e após respirar fundo, preparou-se para responder a pergunta silenciosa que lia neles.

— O Enrico vem lutando sozinho e por tanto tempo, eu não podia ver uma injustiça prestes a acontecer, ter meios para impedir e não fazer nada. Eu me casei com você, Bella, e sei do seu amor pelos seus irmãos, do quanto são próximos. — Levou o olhar até os dois rapazes que o ouviam, surpresos, atentos e calados. — Não são só meus cunhados, mas também são os tios dos meus filhos com a Bella. Ela tem vocês, eu tenho as minhas duas filhas, e, juntos, nós formamos uma só família. Na minha maneira de ver a vida e do modo como eu fui criado, família se une e se ajuda. Sempre.

Tocada por suas palavras, Bella o fitou emocionada, pois compartilhava de sua opinião sobre o conceito do que era uma família de

verdade. E sabia que o irmão pensava o mesmo, embora não gostasse de dividir seus problemas com os demais. Ouvi-lo fez com que sua admiração pelo homem a quem jurara amor, respeito e fidelidade mais cedo, diante de um altar, crescesse ainda mais.

— George, eu nem sei o que te dizer. Não é só pelo valor material, essa casa tem um significado especial. Ela é muito importante para nós.

— Não precisa me dizer nada, meu amor. Eu sei. Tudo o que eu mais quero é poder ver esse seu sorriso lindo estampado no seu rosto. Meu maior desejo é que você seja feliz ao meu lado, ao lado do Pietro e do bebê que chegará dentro de alguns meses.

O coração de Bella pareceu derreter quando ela emoldurou o rosto do seu amor com as mãos.

— Então, seu desejo se realizou, porque com você e com a nossa família eu sou a mulher mais feliz e completa do mundo inteiro — declarou e beijou-o de leve nos lábios. — É clichê, eu sei, mas é a mais pura verdade. Eu te amo.

Cravando os olhos nos da esposa, George pegou sua mão livre, abaixou o rosto e plantou um beijo suave no dorso.

— Eu também te amo, para sempre, minha Bella — concluiu, amoroso.

Com um sorriso pregado nos lábios, Bella desceu do colo do marido e foi até onde o irmão mais velho se sentara, oferecendo-lhe o documento, no entanto, orgulhoso como era, a primeira reação de Enrico foi recusar a pegá-lo.

— Eu não posso aceitar. Você não ouviu? A casa é sua, Bella, ele comprou e deu a você como presente de casamento — afirmou, negando-se

a acreditar no que de fato acontecia.

— O George fez isso, sim, mas você ouviu que não foi só por mim, e sim por nós três. Meu querido irmão, por favor, não dê as costas para um presente maravilhoso como este por orgulho. Não pense, apenas aceite. Por você, pelo Eros e por mim — rogou Bella, a mão ainda estendida na frente dele.

Sentindo-se atordoado, Enrico olhou para a irmã com espanto. Queria seguir seu conselho e não pensar, contudo, era impossível e inevitável não fazê-lo. Porém, se viu atendendo ao apelo e pegando o documento. Fixou os olhos sobre o papel, mas sem realmente ler o que estava escrito, pois ainda tentava assimilar o real significado e a magnitude de tudo aquilo, uma vez que aquela era a primeira vez, desde a morte dos pais, que era alvo de um gesto generoso como aquele, e vindo de uma pessoa que mal conhecia. Não estava acostumado a receber ou pedir ajuda, por isso passara a se considerar uma pessoa autossuficiente, mas só até a vida lhe dar outra rasteira e mostrar o quanto estava sendo arrogante por se ver assim. No fim, era apenas um ser humano, que errava, acertava, sofria, e que necessitava de ajuda como todo mundo.

Pousou o olhar confuso sobre o cunhado, os pensamentos em um turbilhão, sem saber realmente o que poderia dizer. Repassou mentalmente os motivos que o tinham levado a comprar a casa e doá-la para eles, e saber que além do amor e da paz de espírito de Bella, ele também havia feito aquilo por achar que a perda da casa era uma injustiça depois de uma luta que já durava vários anos fez os músculos do seu rosto se contraírem, o peito apertar e os olhos se encherem de lágrimas.

Colocando a mão livre sobre a boca, Enrico sentiu o coração bater descontrolado contra as costelas, e o movimento desenfreado por pouco não lhe tirou o ar, tornando o simples e vital ato de respirar algo sofrido,

dolorido. Um aperto forte dentro do peito fez a tensão de semanas, meses e anos ser drenada para fora de seu corpo, e ele se perguntou se o que vivia era mesmo real ou se havia sido sugado para uma dimensão paralela.

Nos piores momentos, esperou por um milagre, mas não acreditou de verdade que poderia acontecer. A vida, por muitas vezes, havia sido difícil, pesada e até mesmo cruel com ele. As dificuldades e as decepções que tivera que enfrentar lhe roubaram uma grande parte de sua capacidade de sonhar, de ter esperanças, mas, agora, parecia que o vento havia mudado o rumo e soprado em sua direção. O Universo se alinhara e uma força superior tinha olhado para baixo e usado o cunhado como instrumento para tirá-lo da situação desesperadora na qual se encontrava.

Alívio.

Gratidão.

Paz.

Esperança.

Uma gama de bons sentimentos se mesclava dentro dele. Finalmente Enrico sorriu, e o sorriso suavizou as linhas rígidas de seu rosto. Não sabia quando, nem como, mas um dia ele encontraria uma maneira de retribuir o gesto, e isso era uma promessa.



Capítulo 13

Entrando na sala, Alana pegou o corredor e, passando pela suíte, viu que a porta estava escancarada. Já ia fechá-la quando notou uma folha de papel jogada no chão, perto do batente. Como a limpeza da casa era impecável, estranhou o papel caído ali e o pegou. Foi nesse momento que ela ouviu vozes e deduziu que estas vinham do interior do escritório do pai, que ficava bem ao lado do quarto. Apurando os ouvidos, reconheceu a voz dele, de Bella e de Enrico, e acabou ouvindo parte da conversa dos três. No instante em que pararam de falar, decidiu sair dali. Não queria que a pegassem bisbilhotando, e, após usar o banheiro, saiu levando o aviso que pegara do chão da suíte.

Voltou para a tenda e procurou pela irmã, encontrando-a conversando animadamente com alguns dos convidados. Aproximou-se e, sorrindo, pediu licença a eles, puxando Lilly pelo braço até uma parte mais discreta onde pudessem conversar.

— O que foi, Alana? Aconteceu alguma coisa? — Havia estranheza nos olhos dela ao questionar a irmã mais velha.

— Olha isso! — disse Alana, e mostrou o aviso para ela.

Lilly obedeceu.

— Ok, é um aviso de banco. O nosso pai deixou de pagar alguma conta?

— Pelo contrário. Olha a quem esse aviso está endereçado.

Confusa, a garota fez o que a irmã pediu.

— Está no nome do Enrico. Onde você o achou?

— No chão do quarto do nosso pai e da Bella.

— E o que você foi fazer lá?

— Eu precisei ir ao banheiro e a porta estava aberta. Resolvi fechá-la e vi esse aviso no chão — explanou Alana, falando rápido.

— E, obviamente, você o pegou.

— Isso. E acabei ouvindo parte de uma conversa entre a Bella, o Enrico e o nosso pai. Pelo que entendi, ele comprou uma casa.

— O pai comprou uma casa para o Enrico?

— Não para ele. Para Bella. Como um presente de casamento. Mas é claro que ela não vai morar lá. Quem mora na casa são os irmãos dela, e pelo que ouvi, o banco colocou a casa à venda por falta de pagamento.

— E o que isso tem de mais?

— Como o que tem de mais? Você não está escutando o que estou te contando? Quem mora nela é o Enrico, e o nosso pai comprou a casa! — repetiu Alana, impaciente.

— Mas se foi um presente dele para a Bella, eu realmente não vejo onde está o problema. Ele a comprou para os irmãos não ficarem sem casa.

— E o Enrico não podia recuperá-la trabalhando, como todo mundo? Tinha que ser com o dinheiro do nosso pai? — indagou Alana, indignada.

— Você não acha que está exagerando? Eu não vejo o Enrico como uma pessoa interesseira. Pelo que sei, é exatamente o contrário. Ele é um cara íntegro, honesto e trabalhador — ponderou Lilly, enfática.

Diante da defesa explícita da irmã, Alana procurou se manter calma.

— Como você sabe disso? Ninguém vem com um letreiro escrito na testa: *"cuidado comigo, eu sou um aproveitador"*. O nosso pai comprou uma casa para um quase desconhecido, porque, convenhamos, ele se casou com a Bella, mas mal conhece o Enrico.

— E você acha que o Enrico falou com a irmã e a Bella manipulou o nosso pai a ponto de fazê-lo comprar uma casa para o irmão dela?

— É uma conclusão plausível, você não acha?

Confusa, Lilly balançou a cabeça para os lados.

— Sinceramente, eu não sei o que pensar. Nosso pai é um homem bom, generoso, mas não é nenhum idiota que se deixa manipular.

— É claro que ele não é um idiota, mas como você mesma disse, é generoso, e com os que ama, nosso pai é todo coração. Lembre-se de como se deixou manipular pela nossa mãe durante todos aqueles anos. E tudo isso por nossa causa, por amor a nós, suas filhas, e foi só quando conheceu a Bella, e se apaixonou por ela, que tomou a decisão final e se divorciou.

— *Tá*, eu sei disso, mas...

— Eu só sei que não vou sossegar até saber a razão de ele ter feito isso. Ninguém vai tirar proveito da generosidade do nosso pai — dissertou

Alana, decidida.

— Cuidado com o que você pretende fazer. Está sendo impulsiva, pode acabar cometendo uma injustiça — alertou-a Lilly, preocupada.

— Fica tranquila, maninha. Eu só preciso encontrar um jeito de tirar essa história a limpo, mas sem envolver o nosso pai, é claro.

De repente, Alana se lembrou do que a mãe sempre repetia, como se fosse seu mantra favorito:

"Muitos vão querer se aproveitar da nossa posição na sociedade. Existem muitos interesseiros soltos pelo mundo e que se aproximarão de vocês em busca de status social, dinheiro e bens que nossa família possui. Verdadeiros manipuladores e sanguessugas. Não podemos nos misturar com pessoas de classe inferior. Devemos nos relacionar somente com os nossos iguais."

Era como se ela estivesse ali, do seu lado, despejando tudo aquilo diretamente no seu ouvido.

Alana dormia quando o toque do celular quebrou o silêncio de seu quarto e do restante da casa. Rolou na cama e esticou o pescoço a fim de ver as horas. Quase sete. Vasculhou na mente os compromissos que teria durante o dia e ficou aliviada por não estar atrasada.

Desejou dormir por mais cinco minutos, mas o barulhinho insistente do celular a manteve acordada. Cedendo, pegou o aparelho no criado-mudo, piscando na tela a palavra *pai*. Encostou o telefone no ouvido e arrastou-se para fora da cama, ajeitando o cabelo com a mão livre.

— Bom dia, pai — respondeu, respirando o ar fresco, a voz ainda rouca de sono. — Ou melhor, boa tarde. Que horas são aí?

— Bom dia, querida. Aqui são quase uma da tarde, e eu sinto muito se te acordei. Achei que já estivesse de pé.

— Não tem importância, eu tinha mesmo que levantar. Sabe que sempre dou uma corrida na praia antes de me arrumar para ir para o escritório. — Alana saiu pelas portas francesas e escorou-se no gradil da pequena sacada. Usando a mão livre, ajustou mais o robe no corpo, pois aquela manhã de início de semana estava mais fria que o normal e ventava um pouco. De algum lugar próximo, chegou até ela o gostoso aroma de flores. Fechou os olhos e aspirou o cheiro agradável.

— E sua irmã, já acordou?

— A Lilly, pai? Eu duvido! — Ele riu. — Ela decidiu só voltar para São Paulo no fim da tarde. Mas por que o senhor está me ligando? Não devia estar aproveitando sua viagem de lua de mel e mostrando os pontos históricos e interessantes da cidade de Roma para a Bella?

— *Mas eu estou, acredite!* — George respondeu num tom de voz animado. — *É que eu precisei dar uma paradinha e te chamar, pois preciso de um favor. É simples e não vai tomar muito do seu tempo.*

— Pai, o senhor pode ficar sossegado, não tenho nada urgente para fazer hoje, e mesmo que tivesse, jamais me negaria a atender a um pedido seu. Então, me diz o que o senhor precisa.

— Levei uma pasta com alguns documentos para analisar e assinar em casa, mas com a correria do casamento, eu me esqueci de enviar para o Jonathas. Tem como você dar uma passadinha lá, pegá-la no meu quarto e enviar para ele? Eu prometi que os papéis estariam nas mãos dele amanhã, na primeira hora.

— Deixa eu ver se entendi direito. É para eu ir até a sua casa, pegar uma pasta no seu quarto e enviar para o Jonathas Linhares, o advogado?

— Isso mesmo. É uma pasta azul que está sobre a cômoda. Ele vai precisar do conteúdo dela para passar a casa que comprei para o nome da Bella e dos irmãos.

— O senhor comprou uma casa... — repetiu, abobalhada.

— Exatamente. Eu arrematei a casa deles em um leilão. Precisava ver a expressão dos três quando eu contei. Principalmente, a do Enrico.

— Então, o senhor está dizendo que eles não sabiam...

— Não tinham a menor ideia. Eu pedi discrição para o Jonathas porque a minha intenção era fazer uma surpresa. E fiz mesmo – Alana ouviu o riso rouco e gostoso dele - *o Eros aceitou de boas, a Bella não sabia o que dizer, já o Enrico... Ele é um ótimo rapaz, mas muito orgulhoso. Primeiro, ele não parecia acreditar que eu comprei a casa e doei para os três, depois se recusou a aceitá-la, mas a Bella conseguiu convencê-lo.*

— Entendi – Alana respirou fundo - *Ai meu Deus! A Lilly estava certa. Eu entendi tudo errado!* - pensou, sentindo a culpa começar a corroê-la por dentro.

— Você vai poder me fazer esse favor?

— É claro que eu posso. Sem problemas – Alana apressou-se em responder.

— Ótimo! Como você sabe, trouxemos o Pietro e a Maria José conosco, mas deixamos a casa aos cuidados da dona Elza. Para ela manter tudo em ordem, abrir as janelas e regar as plantas, essas coisas. Já mandei uma mensagem avisando que você vai pegar a chave com ela.

Dona Elza era viúva e estava no início dos sessenta anos. Seus três filhos, já crescidos, viviam espalhados por outros estados. Era simpática, organizada e prestativa. George tinha muita consideração por ela. Fora

governanta da mansão do Morumbi e ajudou a criar suas filhas. Quando ele pediu o divórcio e mudou-se para Bendita Luz, perguntou se ela queria ir junto e a mulher aceitou no mesmo instante.

— Pode deixar. Vou fazer isso a caminho do escritório. Dê um beijo no Pietro e na Bella por mim. E divirtam-se! — desejou Alana, cortando a chamada logo depois de o pai concordar e se despedir.



Capítulo 14

Ela viu o semáforo para pedestre mudar para verde e começou a atravessar a avenida. Não soube de onde o carro veio, só notou sua aproximação quando este já estava a ponto de atingi-la. Ao registrar o que acontecia, ficou paralisada, pois o medo fez com que travasse. A adrenalina acelerou seu sangue, o coração disparou, passando a bater numa velocidade frenética, e ela prendeu o ar nos pulmões.

Fechou os olhos, em pânico e preparou-se para o impacto inevitável, mas, no último instante, sentiu-se sendo puxada com força na direção da calçada. O motorista do carro não freou, pelo contrário, acelerou ainda mais, sumindo na avenida. O movimento brusco fez com que Alana perdesse o equilíbrio e caísse, levando consigo a pessoa que acabara de salvar sua vida.

— Meu Deus! — exclamou, o corpo chocando-se com o concreto. Arfou quando sentiu o corpo grande caindo sobre o dela, soterrando-a por segundos e rolando para o lado.

Enrico estava ofegante. Jamais passara pela sua cabeça que viveria uma situação como aquela. Como sempre, levantou-se cedo e foi treinar, depois decidiu caminhar um pouco pela praia antes de precisar ir para o trabalho. Sentia-se bem, com energia para gastar. O peso que carregara por anos já não o esmagava. Seu peito estava leve e ele nem era capaz de se lembrar da última vez que havia se sentido assim. Tinha acabado de descer da caminhonete e ligado o alarme quando a viu parada no meio da avenida. Não teve tempo de pensar, agiu por instinto diante do atropelamento iminente. Por sorte, se mantinha em boa forma, caso contrário, não teria chegado a tempo.

— Você está bem? — Sua voz chamando-a a tirou do torpor em que se encontrava. Repentinamente, imagens terríveis do que poderia ter acontecido se ele não tivesse interferido surgiram na mente de Alana. Tudo tinha sido muito rápido. Trêmula e abalada, ela precisou de um minuto até poder encontrar a própria voz.

— Sim... Eu estou bem... Graças a você... — disse, aceitando a ajuda dele para conseguir se levantar.

— Parece que você ralou o joelho — afirmou Enrico, olhando o ferimento.

— É só um arranhão. Perto do que poderia ter acontecido, isso não é nada — Alana minimizou o desconforto e a dor que a acometiam. — Obrigada.

— Não precisa agradecer. — A voz grave ecoou muito perto de seu ouvido e ela fechou os olhos, incapaz de forçar-se a parar de tremer. Cambaleou e foi amparada por ele. — Merda de motorista imprudente! Nem freou ou parou para saber se você tinha se machucado — criticou Enrico, com raiva. — Vem, vamos sair daqui — chamou, parando ao notar a palidez

em seu rosto. — Você está sentindo dor? Quer que eu te leve para um hospital? — indagou, olhando-a com suspeita.

— Não precisa — Alana negou, tratando de mostrar que estava bem. — Eu só me senti um pouco tonta por causa do susto. — Forçou um sorriso.

Enrico estudou seu rosto com cuidado e desceu os olhos para sua perna.

— Precisa ao menos tratar esse joelho.

Alana seguiu seu olhar e notou que o local ralado, além de sangrar, também começava a arder.

— Eu farei isso assim que chegar em casa. Não se preocupe.

Enrico olhou-a, pensativo.

— Nesse caso, acho melhor que venha comigo. — Seu tom de voz imperativo e sua expressão fechada não deixavam margem para discussão. — Já que não quer que eu a leve para um hospital, eu vou te levar para um lugar onde possa tratar essa ferida.

— Não é necessário, o meu carro está estacionado logo ali e...

Enrico lhe deu um olhar enviesado e Alana calou-se. Estava na cara que não importava o que dissesse, ela não conseguiria fazê-lo mudar de ideia. E verdade seja dita, não acreditava estar bem o suficiente para dirigir.

— No estado em que está, você não tem a menor condição de sair daqui dirigindo — pontuou Enrico, como se tivesse lido sua mente. — Eu moro perto, deixe seu carro aí, depois eu dou um jeito de buscá-lo.

— Por que está fazendo isso?

Enrico olhou-a sem entender.

— Isso o quê?

— Está sendo tão prestativo e cuidadoso comigo, ainda mais depois do modo como eu o tratei...

— Você acabou de passar por um grande susto, está ferida e tremendo feito vara verde. — Enrico se deteve, enrugou a testa e fechou a cara quando um pensamento desagradável passou por sua cabeça. — Ah, entendi. O problema sou eu. — Inspirou o ar com força antes de emendar: — Você pode ligar para a sua irmã ou outra pessoa que possa vir até aqui para te pegar.

Alana uniu as sobrancelhas.

— Do que você está falando? — questionou, levando um segundo para entender a verdadeira implicação do que ele acabara de dizer. — Não é isso o que você está pensando — negou, enfática. — Eu não quero incomodar ninguém, e tudo não passou de um grande susto — recusou a sugestão dele. —Está bem, eu vou com você.

Enrico não gostou nem um pouco do seu tom condescendente.

— Não precisa bancar a boazinha comigo. Parece que está me fazendo um favor permitindo que eu te ajude. Quer saber, faz o que você achar melhor — exclamou, dando-lhe a costas, aborrecido.

— Ei, espera! Desculpe-me se eu passei essa impressão, mas não foi minha intenção. Eu juro.

Desconfiado, Enrico virou-se para encará-la, no entanto, achou melhor voltar sua atenção para o machucado.

— Como está se sentindo? Dói? — indagou, tocando-o com delicadeza.

— Um pouco — respondeu Alana, procurando disfarçar o nervosismo. Sentiu que, além do joelho, seu pé inchava rapidamente.

Apoiou-o no chão e a dor atingiu o tornozelo, irradiando pela canela. Deixou escapar um grito e agarrou os antebraços de Enrico, enfiando os dedos na carne. — Parece que torci o tornozelo.

— Acha que é capaz de andar?

— É claro que eu sou — respondeu ela, começando a manquitolar.

Teimosa!

Enrico colocou um braço nas costas dela e, com o outro, envolveu a parte posterior de suas pernas.

— Mas o que vo...?

— Se depender de você me falar a verdade, nós não sairemos daqui hoje — ele a interrompeu. Alana prendeu a respiração e revirou os olhos quando foi tirada do chão. — Eu vou levá-la ao médico! — Enrico disse pegando-a no colo.

— Não é preciso. É só um ralado e uma torção — Alana o contradisse.

— Tem mesmo certeza de que não quer que eu te leve para um hospital ou uma clínica? — insistiu ele, os olhos preocupados presos nos dela.

— Tenho. Eu vou ficar bem — assegurou Alana, para tranquilizá-lo.

Enrico anuiu e andou com ela até o local onde deixara sua caminhonete. Sem alternativa, Alana envolveu seu pescoço com os braços a fim de conseguir um melhor equilíbrio. Enquanto era carregada por ele e com o corpo colado ao dele, ela quase acreditava que não havia um motivo obscuro por trás da conversa que ouvira no escritório do pai.

Confirmando o que dissera, Enrico estacionou diante da casa poucos minutos depois de entrarem na rua calma e arborizada. Enquanto Alana se

preparava para descer da caminhonete, ele já estava de pé ao lado da porta do carona, pronto para ajudá-la. Dentro da casa, ele a levou até o sofá de três lugares.

— Hum, me espera aqui. Eu já volto. — Enrico virou-se, deixou a sala e entrou em um corredor pequeno e estreito.

Alana acompanhou-o até que o viu entrar no que lhe pareceu ser um quarto. Enquanto esperava, observou a sala clara e organizada. Estava sentada em um sofá marrom com algumas almofadas num tom mais claro. Não se conteve e pegou uma delas, abraçando-a ao mesmo tempo que recostava o corpo no encosto. O ardor do joelho diminuíra e o pé parecia não ter piorado.

Suspirou quando se lembrou de que mal tinha pregado os olhos durante a noite anterior. Embora o lance da casa ainda a incomodasse, ela passou muito tempo olhando para o teto com um sorriso bobo nos lábios, feito uma adolescente, recordando cada detalhe do que fizeram – apesar de já fazer muito tempo que tinha deixado de ser uma colegial e se transformara em uma mulher independente.

O fato é que ela não tinha, nem por um minuto, conseguido tirá-lo da cabeça, e admitia que aquele beijo havia mexido com algo desconhecido dentro dela. Cortou os pensamentos quando ouviu os passos de Enrico e o viu retornar trazendo uma caixa plástica, quadrada e de cor branca com ele e observou-o enquanto a colocava sobre a mesinha de centro, abaixava-se e se apoiava num joelho na sua frente.

— Muito bem, deixe-me dar uma olhada. — Enrico pegou a perna dela e acomodou-a sobre a coxa. Compenetrado, limpou a ferida e aplicou o remédio.

Frente à sensação de ardência, Alana fez uma careta. Notando sua reação, Enrico fixou os olhos em seu rosto e, com um pequeno sorriso, inclinou-se, uniu os lábios e soprou de leve, só então colocou o curativo.

Ela notou que o toque dos dedos em sua perna mudara de maneira sutil. No início, era impessoal, mas, agora, ele dedilhava a curva posterior do seu joelho, despertando seus instintos femininos com a carícia. Abaixou o rosto, fixando o olhar na boca dele, e a lembrança do que aconteceu na biblioteca voltou à sua mente. Estavam muito perto, a ponto de o perfume dele invadir seu nariz. Um cheiro amadeirado, de homem.

Enrico pegou um spray e aplicou em seu tornozelo.

— Você teve uma entorse leve. Um pouco de anti-inflamatório, algumas compressas geladas, imobilização por um ou dois dias e ficará nova em folha.

— E como você sabe disso?

— Já aconteceu comigo e com dois caras do futebol, mas se mudou de ideia, podemos ir até uma clínica. Lá eles fazem uma radiografia e você vai ter um diagnóstico médico preciso — sugeriu Enrico.

— Eu prefiro não ir. Estou certa de que ficarei boa logo.

Ela viu quando ele tirou uma proteção elástica da caixa e envolveu seu tornozelo com ela. Levantou os olhos e passou a analisá-lo. Concentrado, ele era ainda mais bonito; tinha a mania de prender o lábio inferior entre os dentes, e ela considerou o gesto tão doce e sexy que a fez desejar mordiscá-lo.

Distraído, Enrico pegou uma mecha dos seus cabelos e rolou-a entre os dedos. Em um impulso, aproximou os fios macios do rosto e aspirou o cheiro cítrico e gostoso impregnado neles. Era bom ver que a cor voltava ao rosto dela. Percebeu que Alana não usava maquiagem, e isso a deixava mais

sexy, concluiu, analisando as pequenas sardas no nariz e o bater dos cílios longos.

Notou as pupilas dilatadas, e os lábios cheios que pareciam implorar para serem beijados. Um fogo irrompeu nas suas veias ao observá-la tão de perto.

Ela estremeceu quando viu o desejo nos olhos escuros, e incapaz de manter o olhar intenso por mais tempo, abaixou a cabeça e fixou os olhos no curativo em seu joelho, considerando se devia pedir que ele a levasse até o local onde deixara seu carro ou ignorar qualquer pensamento racional e ficar. Porém, antes que pudesse tomar uma decisão, sentiu dedos longos apertarem seu queixo, fazendo-a voltar a olhar para ele.

Imóvel e com a respiração em suspenso, Alana observou-o inclinar o tronco para frente, aproximar o rosto devagar e parar quando seus lábios roçaram os dela, o hálito morno provocando-os e a induzindo a separá-los. Arfou diante da expectativa do beijo iminente, sentindo as batidas do coração acelerarem e sensações deliciosas percorrerem seu corpo, contudo, no momento em que a boca dele cobriu a dela, suas dúvidas e inseguranças despareceram como um passe de mágica.



Capítulo 15

— Enrico... eu preciso respirar - Alana choramingou a milímetros da boca dele, com a sensação de que seus pulmões queimavam e poderiam explodir devido à falta contínua de ar.

O beijo que tinham acabado de trocar conseguiu ser ainda mais intenso e selvagem que o anterior, e parecia haver criado entre eles uma conexão apaixonada, o que a surpreendeu, porque além de ter sido muito quente, ela não se lembrava de ter compartilhado uma experiência igual ou minimamente semelhante com ninguém antes dele.

— Está me dizendo que eu tiro o seu fôlego? — Enrico indagou, espirituoso, abafando o riso no pescoço dela e espalhando beijos por toda sua extensão. Porém, foi interrompido pelo celular que começou a vibrar dentro do suporte preso ao braço dela e se afastou para que ela pudesse

atender à chamada. Discreto, andou até a janela, do lado oposto da sala, com a clara intenção de lhe dar alguma privacidade.

Alana acompanhou-o com o olhar, hipnotizada pelo modo como ele se movimentava, as pernas longas e musculosas flexionando-se a cada passo. Apelando para o seu autocontrole e respirando fundo, ela abriu o fecho da abraçadeira, retirou o aparelho de última geração, que, por sorte, não se espatifara na queda que tinha sofrido mais cedo, e visualizou o nome na tela antes de atender.

— Olá, Lilly. Eu estava mesmo pensando em te chamar.

— *Você demorou para voltar da sua corrida e eu fiquei preocupada.*

— Hum, eu tive um imprevisto.

— *Que tipo de imprevisto?*

— Escuta, eu estou bem... — Alana começou a falar com cuidado, pois não desejava alarmar a irmã por algo que não tinha passado de um susto. — A verdade é que eu me atrasei porque sofri um quase atropelamento.

— *Como assim você quase sofreu um atropelamento?*

Alana identificou o medo na voz de Lilly.

— Como eu disse, ficou só no quase mesmo. Eu ralei o joelho e torci o tornozelo. Não se preocupe, eu estou bem — enfatizou, a fim de tranquilizá-la. — Depois eu conto o que houve com mais calma.

— *Okay, agora me diz o nome da clínica ou hospital em que você está.*

— Eu não estou em um hospital, mas os machucados já foram tratados. Só estou com o pé imobilizado — explicou Alana, seguindo os

movimentos de Enrico e observando-o tirar a blusa de moletom e colocá-la sobre um móvel. E admirou a maneira como a camiseta justa verde-militar moldava as costas e o peito musculoso.

— *Se o seu pé foi imobilizado, você não pode dirigir, então me passe o endereço de onde você está e eu vou aí te buscar* — insistiu Lilly.

— Não precisa. Eu vou chamar um táxi ou um Uber. Foi só um susto — ratificou Alana, lançando outro olhar na direção do homem alto, que, agora, se mantinha de costas para ela, as mãos enfiadas nos bolsos da calça.

— *Que bom! Ainda bem que não passou a maiores.*

— Sim... — Alana estremeceu ao lembrar que, se não fosse pelo reflexo rápido de Enrico, as coisas poderiam ter sido bem piores. — Lilly, eu preciso que você faça uma coisa para mim — disse, mudando de assunto.

— *Claro. É só dizer!* — Diante da resposta da irmã, Alana iniciou uma explicação sobre o pedido do pai.

— *Pode deixar* — Lilly concordou quando ela terminou de falar. — *Eu passo lá rapidinho, pego a pasta e levo pessoalmente para o advogado.*

— Pessoalmente? — indagou Alana, confusa.

— *Eu lembrei que tenho uma prova importante hoje, por isso resolvi adiantar minha volta. Vou pegar a estrada depois do almoço, entregar a pasta e aproveitar o tempo que sobrar para estudar um pouco.*

Enquanto escutava o que a irmã dizia, Alana não conseguia se desconectar da presença silenciosa do homem que ainda olhava, aparentemente distraído, pela janela. Então, ele se virou na direção dela, e havia algo nele, em seus olhos e em sua postura, que ela não sabia como

explicar, mas que a fazia desejar se aproximar e tocá-lo. Embora sua mente exigisse cautela, seu corpo possuía vontade própria e respondia ao dele no modo automático. *Nada está acontecendo, Alana. É só um homem,* disse a si mesma, mas era inegável o efeito devastador que ele provocava nela.

— *Alana, você ainda está aí?* — A pergunta ansiosa de Lilly tirou-a de seus devaneios.

— Estou, sim. Desculpa, eu me distraí. — *Ou melhor dizendo, alguém me distraiu aqui*, pensou Alana, antes de continuar: — Valeu por pegar a pasta e entregá-la ao Jonathas. Eu não vou para o escritório hoje, então, nós nos vemos mais tarde - despediu-se da irmã e encerrou a chamada, ficando pensativa por vários segundos.

A voz baixa e profunda de Enrico chamou-a de volta para a sala.

— Já tomou café da manhã?

— Eu não estou com fome - negou ela, mas seu estômago escolheu justamente aquele momento para se manifestar e chamá-la de mentirosa. Pelo calor que subiu até seu rosto, Alana teve certeza de que tinha ficado vermelha. Tratando de ignorar o episódio constrangedor, ela se levantou e se apoiou na mesinha, evitando colocar o pé machucado no chão. — E eu não quero tomar mais do seu tempo.

— Meu turno só começa às dez horas. Tomamos café, eu te levo para casa e vou para o trabalho. No fim do dia, eu pego e levo o seu carro — Enrico compilou de modo indulgente.

— Obrigada, mas não é necessário me levar. Eu posso chamar um táxi. Você já fez sua boa ação do dia! — Alana recusou a oferta com um sorriso genuíno no rosto. — Prometo redobrar minha atenção ao atravessar ruas e avenidas daqui para frente — concluiu, graciosa.

Enrico ficou surpreso e fascinado com o bom humor dela e como este tornava sua expressão leve e os olhos mais brilhantes, contudo, não estava disposto a deixar que ela fosse sozinha para casa, ou talvez, para ser honesto consigo mesmo, o que realmente desejava era prolongar o tempo que estavam passando juntos. Pela primeira vez desde que se conheceram, eles não haviam discutido, nem trocado farpas, e ele gostou de ver uma Alana mais solta, de guarda baixa, ainda que fosse por um curto período, e apreciou aquilo mais do que poderia ter imaginado.

— Espero que sim. Cautela não faz mal a ninguém, aliás, ela nos livra de entrarmos em enrascadas. — Foi a vez de ele sorrir. - Alana, te deixar em casa não me custará muito tempo. — E diante do olhar duvidoso dela, acrescentou: — E eu sei disso porque esta cidade é pequena e não temos muito trânsito. Comemos, eu me troco e te levo — repetiu em um tom de voz definitivo, e antes que ela pudesse insistir em sua recusa, ele saiu da sala e entrou na cozinha, deixando-a para atrás, com a expressão confusa e pasma pelo jeito mandão dele. Sem alternativa, Alana suspirou e relaxou o corpo no encosto do sofá.

Após terminar de preparar o café da manhã, Enrico arrumou a mesa e retornou para buscá-la. Desta vez, Alana aceitou sua ajuda sem retrucar. Acomodada em uma das quatro cadeiras, ela assistiu ao senhor mandão rodear a mesa e se sentar na frente dela. Um pouco sem jeito e para evitar olhar diretamente para ele, ela serviu-se de uma torrada.

— A Lilly me contou que você teve que assumir sua família muito cedo — comentou, incerta, mais para puxar assunto.

Desconfiado, Enrico levantou a cabeça e enrugou a testa.

— É verdade - respondeu, seco.

— Sinto muito. Eu e essa minha falta de tato. Já vi que você não gosta de tocar nesse assunto. - Ela não sabia o que dizer, pois parecia pisar em ovos com ele. Pegou o bule e encheu uma xícara com café só para ter o que fazer.

Fitando-a com cuidado, Enrico percebeu que, mesmo sem intenção, havia sido rude.

— Eu não gosto, porque quando falo sobre o que aconteceu, parece que vivo tudo aquilo outra vez — explicou, unindo as mãos e apoiando os cotovelos sobre a mesa.

Pensativa, Alana pegou um sachê de adoçante, abriu-o e despejou o conteúdo no seu café; com uma colherzinha, passou a mexer lentamente o líquido escuro e fumegante.

— Eu entendo... Ou acho que entendo. Minha irmã me contou sobre os pais de vocês. Ela soube pelo Eros — emendou ao detectar a dúvida nos olhos dele. — Ainda dói, não é? — indagou e levou a xícara aos lábios, notando que o café feito por ele era muito bom.

Enrico não podia impedir ou censurar o irmão por comentar sobre o passado, afinal, a perda dos pais também fazia parte da história de vida do Eros.

— Isso aconteceu há doze anos, mas não importa quanto tempo passe, a ferida segue aberta, doendo e me lembrando a cada dia da falta que meus pais fazem, e eu fico imaginando como as coisas poderiam ser diferentes se os dois ainda estivessem aqui. — Fez uma pausa, abaixou a cabeça e tomou um gole de café.

O passado ainda tinha o poder de mexer com ele, e mesmo que não quisesse deixar transparecer como se sentia, Enrico não conseguia evitar, e

era também por isso que procurava não falar a respeito. Contudo, ficou genuinamente surpreso ao notar que conversar com Alana não estava lhe fazendo mal, pelo contrário, sentia-se bem, mais leve em dividir com ela algo tão íntimo e doloroso do seu passado, ainda mais quando lhe parecia que o interesse dela era verdadeiro.

— Eu nem imagino como deve ter sido difícil para você. Enfrentar uma situação tão cruel e inesperada, sozinho e ainda tão jovem... — Desde que a irmã lhe contara, Alana não havia parado para pensar no que realmente Enrico passara, e agora que podia refletir enquanto ele mesmo lhe contava, ela se viu mexida e envolvida em seu drama.

— Sim, com certeza foi muito difícil, mas a minha prioridade era ficarmos juntos, nós três, unidos. Eu não tive muito tempo para pensar no que houve. Na verdade, o meu período de luto precisou ser bem rápido. — Ele passou a mão pela barba e seu olhar tornou-se subitamente distante. — Com o passar do tempo e à custa de muito esforço e trabalho duro, conseguimos seguir em frente.

Comovida com o que ele dizia, Alana era capaz de entender o motivo de Lilly tê-lo defendido de maneira tão apaixonada nas vezes em que ela tinha sido intolerante com ele. Não conseguia se ver em uma situação semelhante, perder os pais de uma vez e ter que se responsabilizar pela criação dos irmãos mais novos. Admitiu para si mesma que Enrico ter que encarar tudo sozinho e sem qualquer tipo de apoio devia ter sido arrasador. Agora, via-o como uma pessoa resistente, um forte, um sobrevivente. Doeu constatar que a vida não tinha sido nem um pouco justa com ele. Nem ela.

Mergulhada em reflexões, mal se deu conta do momento em que mudou sua maneira de enxergar o homem que comia calado.

Inesperadamente, passou a olhá-lo com outros olhos e pensar que poderia ter sido assim desde o princípio, se não fosse por sua teimosia e preconceito.

Despertando de seu transe, Alana observou-o levantar-se e agigantar-se na frente dela.

— Só me dê dez minutos. Eu vou me trocar e já volto — avisou Enrico, e ela assentiu com um breve aceno de cabeça.



Capítulo 16

No fim da tarde, após sair do trabalho e como havia prometido, Enrico foi até o local onde o carro de Alana ficara estacionado. Os últimos raios de sol sumiam no horizonte quando ele parou no meio-fio da frente do sobrado pintado de salmão claro. Soltou o cinto de segurança, abriu a porta do Jetta e desceu, aproximou-se do muro e apertou o botão do interfone.

Mancando, Alana foi até a porta quando ouviu-o chegar, a fim de recebê-lo. Seu joelho não a incomodava e ela já conseguia apoiar, ainda que de leve, o pé machucado no chão. De onde estava, destravou o portão de madeira pintado de branco e acompanhou o Grandão passar por ele, fechá-lo atrás de si e andar pelo caminho de pedras entremeadas por pequenos tufos de grama.

Desde que ele tinha enviado uma mensagem dizendo que em breve estaria a caminho com seu carro, Alana se sentia como uma adolescente

ansiosa. Permaneceu parada por vários minutos, só observando as roupas espalhadas sobre a cama, e finalmente se decidiu por um vestido floral de fundo claro e sem mangas que ficava muito bem nela. Ajeitou os cabelos com as mãos, conferiu a pouca maquiagem, mas suficiente para dar cor ao seu rosto, e ficou à espera.

Cumprimentando-o com um aceno, Alana se colocou de lado, dando-lhe passagem. Já na sala, ela o convidou a se sentar, porém, Enrico preferiu permanecer de pé, e após lhe oferecer uma bebida e vê-lo recusar mais uma vez, um silêncio desconfortável caiu sobre eles. Seus olhares se encontraram e Alana se viu ciente demais da poderosa e eletrizante atração entre os dois. Enrico ocupava um espaço considerável, tanto da sua sala quanto da sua cabeça, além disso, ambos se encontravam completamente sozinhos naquela casa.

— Obrigada novamente — mesmo não querendo demonstrar o quanto estava impressionada com o que havia acontecido e de como se sentiu cuidada e protegida quando ele fizera questão de levá-la para a casa dele e tratar dos seus machucados, o que era algo incomum no seu dia a dia, Alana agradeceu mais uma vez. — E eu gostaria de me desculpar.

Enrico levou os olhos até ela antes de perguntar:

— Se desculpar? Pelo quê?

Alana pensou em como responderia à pergunta. Arrependia-se por ter desconfiado dele e de Bella, por ter sido injusta e egoísta; por todo o tempo que passara, perto ou longe dele, agindo como ele mesmo a denominava ao chamá-la de princesa. Mas quando viu sua expressão fechada e seu olhar impenetrável como aço, chegou à conclusão de que não era capaz de iniciar uma conversa como aquela, ainda mais naquele momento, quando se sentia vulnerável à sua presença marcante.

Enrico possuía um temperamento forte e até mesmo explosivo, portanto, era cem por cento certo de que ele ficaria muito chateado com ela. E verdade seja dita, o homem teria toda razão de reagir assim e desprezá-la como ela havia feito com ele. E só de pensar na possibilidade, Alana já ficava intimidada.

Agia como uma covarde e sabia disso, mas a última coisa que queria era iniciar uma nova discussão com Enrico. Envergonhada do mal juízo que fizera dele, concluiu que a melhor decisão era deixar o assunto da compra da casa morrer. Reconhecia que havia se enganado e decidiu que tomaria mais cuidado para não se precipitar em suas conclusões no futuro.

Nervosa, Alana deixou cair os ombros e apertou as mãos uma na outra.

— Você sabe... Por todo o trabalho que eu te dei... — Sua voz saiu baixa, suave, e quando Enrico olhou para ela, um sorriso manso e lento estampou seu rosto.

Ambos sabiam o que aconteceria ali, e não era mais possível negar ou resistir à necessidade que tinham um do outro.

— Alana, você não tem porque me pedir desculpas! Fiz o que tinha que fazer e sem esperar por nada troca. Eu já te disse que não precisa me agradecer. Lembra? — Ela assentiu e observou-o chegar mais perto, com um sorrisinho safado elevando o cantinho de sua boca, e havia um convite implícito em seu olhar. — Está sozinha? — Ele girou o pescoço, olhando rapidamente ao redor, e voltou a encará-la

— Estou. — Tudo nela parecia gritar por ele, e isso vinha acontecendo havia um bom tempo. Já não podia omitir ou resistir à forte atração existente entre eles. Fitando-o, admitia que Enrico era um homem muito bonito e possuía um magnetismo sexual natural — Mas...

Diante da hesitação dela, Enrico levantou as sobrancelhas e perguntou:

— Você não quer?

— Não — Alana balançou a cabeça ao perceber o que dissera — quero dizer, sim! Eu quero muito, Enrico. O que eu não quero é pensar...

— E eu não gostaria que você despertasse amanhã, arrependida, cheia de culpa e, acreditando ter agido movida por um impulso — Enrico subiu a mão e emoldurou o rosto dela — se você não está segura, nós podemos deixar para outro dia e ...

Alana pousou um dedo nos lábios dele, impedindo-o de prosseguir.

— Prefiro não conversar sobre culpas ou arrependimentos. Melhor não falar, não pensar e só sentir — sugeriu insinuante — o que você acha?

Satisfeito, Enrico anuiu com um aceno, pôs uma mão possessiva em sua cintura e puxou-a para si, e cravando os olhos nos dela, ergueu-a nos braços pela segunda vez naquele dia. Com as mãos ao redor do pescoço dele, Alana respondeu sua pergunta silenciosa com um leve mover do queixo, e Enrico atravessou o arco que separava a sala do corredor e entrou no quarto dela.

Alana pôde sentir a ereção apertando a lateral de seu corpo conforme ele caminhava, e logo se viu sendo deitada com gentileza sobre a grande cama de casal, onde se esticou feito uma gata sob o olhar ardente que ele lhe deu. Analisou-o por entre os cílios, sentindo o coração bater agitado diante da expectativa do que estava para acontecer.

Ela o viu erguer os braços, segurar a gola na nuca e passar a camiseta pela cabeça, embolando-a e jogando-a para o lado, deixando-a literalmente de queixo caído diante do peitoral quadrado e dos músculos firmes que cortavam o tórax e o abdômen sarado. E aqueles braços... Alana sequer

conseguia pensar direito, porque a vontade de tê-los em torno dela, sendo prensada entre eles, era quase insuportável.

Absorvendo cada detalhe do peito largo, ela espalmou as mãos na carne dura, desceu e agarrou o botão de sua calça, ciente de que seus olhos a acompanhavam. Abrindo-o, puxou sua ereção para fora da cueca preta e esta saltou na sua frente. Ergueu os olhos e sorriu devagar ao provar o quanto Enrico estava excitado. Sem deixar de fitá-lo, ela o imitou e tirou o vestido.

Os olhos de Enrico percorreram devagar as pernas longas, os quadris arredondados, a barriga firme e lisa, os seios fartos e, finalmente, deteve-se em seu rosto e pela primeira vez na vida, Alana teve consciência de sua nudez, assim como da dele.

— Linda – elogiou e fitando-a com desejo, tirou a calça junto com a cueca chutando-as para o lado, mas antes lembrou-se de pegar um preservativo na carteira.

O fecho do sutiã de Alana foi aberto quando ele subiu na cama, ficando de joelhos em frente a ela, e não demorou muito para a calcinha fazer companhia às demais peças espalhadas pelo quarto. Boquiaberta, ela se deleitou ao conferir suas coxas grossas. Aliás, o homem, além de ter um corpão, era todo proporcional. Viu quando ele abriu o invólucro, desenrolou o preservativo e revestiu o pau duro, apontando para ela.

Boquiaberta, Alana se deleitou ao conferir suas coxas grossas. Aliás, o homem, além de ter um corpão, era todo proporcional. Viu quando ele abriu o invólucro, desenrolou o preservativo e revestiu o pau duro, apontando para ela.

Sem uma palavra, Enrico pegou suas mãos e ergueu seus braços acima da cabeça, prendendo os pulsos entre os dedos. Com a outra mão, abriu um caminho de fogo, descendo pela lateral do braço esguio, o polegar

roçando em um mamilo já intumescido e que ele abocanhou, tirando um gemido dos lábios de Alana. Após brincar e se revezar por um tempo entre eles, seguiu até a barriga, colocou a mão aberta nas costelas e foi abaixando.

Os olhos castanho-claros dele, que agora encontravam-se escurecidos pelo tesão, penetraram os dela, e um sorriso sacana surgia em seus lábios ao passo que dedilhava a boceta quente e molhada com perícia. Seu toque preciso e firme a estava levando até a borda e Alana sentiu seu canal se contrair e pulsar, ansiando ser invadido, tomado e preenchido.

— Você está tão excitada e pronta... — Afastando-se e segurando o pau pela base, Enrico separou a coxas torneadas com uma perna e se posicionou no meio delas. — Esperei e fantasiei este momento por muito tempo. Talvez, uma outra hora, as coisas possam ser mais calmas entre nós, mas, agora, eu preciso estar dentro de você — rosnou, soltando o corpo poderoso sobre o dela.

A voz rouca e profunda inflamou ainda mais os sentidos de Alana, e o desejo alojou-se em seu baixo ventre e a fez ansiar senti-lo dentro dela, com toda a sua espessura e grandeza.

Enrico puxou seus cabelos com brutalidade e retesou a mandíbula ao mesmo tempo que mantinha seus pulsos presos. Gemeu ao roçar a glande na entrada da boceta receptiva, deslizando para o seu interior, empurrando-a ainda mais contra o colchão e enfiando o rosto em seu pescoço. Sem hesitar, ele empurrou a pélvis para trás e desceu, batendo na dela enquanto seguia agarrando-a com vigor.

— Porra — sussurrou na boca dela e os dois se beijaram, a fome de um pelo outro tornando-se insana, insaciável, e uma paixão selvagem, primitiva e que não conhecia limites explodiu entre eles.

Alana gemeu ao senti-lo entrar e ocupar o espaço apertado. Ofegou e prendeu a respiração com a explosão de sensações que varreu seu corpo ao senti-lo todo dentro de si, acompanhando cada rosnado que escapava dos lábios entreabertos.

Largando seu cabelo, Enrico agarrou-a pelo pescoço, o polegar sob seu queixo. Enterrando-se até as bolas, estocou bruscamente, voltando a empurrá-la contra o colchão. Impulsionando os quadris com ímpeto, os corpos suados, se colando, subindo e descendo. Com os olhos fixos em seu rosto, ele saiu quase inteiro e se enterrou até o fim, aumentando a velocidade das investidas em um vai e vem bruto, agressivo, arrancando gemidos ensandecidos da garganta dela.

Jogando a cabeça para trás, Alana deixou-o devorá-la como se ele fosse a fera, e ela, a presa, metendo com violência. Seu corpo tremia, sua boceta latejava e ela gemia sem timidez conforme ele acelerava o ritmo. Quando Enrico soltou suas mãos, Alana deslizou-as pela extensão das costas dele, agarrou a bunda dura e puxou-a na sua direção. Em um instante, seus olhos capturaram os braços dele, cujos músculos tensos apertavam-na contra a cama, e abraçou sua cintura com as pernas.

— Como isso é bom... — a voz dela voz saiu trêmula pela força dos sentimentos que a tomavam.

Elevando a pélvis, Alana encontrou a dele e ofegou quando Enrico bateu fundo dentro dela, o corpo vibrando a cada penetração. Seu gozo se formou e subiu em ondas em meio às estocadas implacáveis e à fricção incessante em seu clitóris. Fora de controle, ela gozou contra o pau dele, inundando-o com seu prazer, viajando em meio a sensações quentes e delirantes. Fechou os olhos, embevecida, e quando voltou a abri-los, encontrou-o com o rosto contraído, a respiração entrecortada, o olhar

anuviado e perdido no prazer que obtinha a cada vez que se afundava dentro dela.

— Não posso me segurar mais — avisou Enrico, sentindo os espasmos e as contrações ao redor do pau.

Presa num redemoinho de paixão, Alana sentiu-o estocar agressivo e forte, os dentes cerrados e os músculos do pescoço retesados à medida que ele intensificava as arremetidas.

Agarrando-a pela coxa, Enrico puxou-a novamente para ele, com um braço envolvendo suas costas. Gemendo, jogou o quadril para frente e para trás até explodir em um abraço apertado, estocando com ferocidade algumas vezes enquanto gozava. Um calor escaldante se alastrou por seu corpo e ele soltou um longo suspiro, desabando em cima dela.

Soterrada pela montanha de músculos e inserida numa nuvem de êxtase pós sexo, Alana afagou a nuca suada, passou as mãos pelas costas largas e espalmou-as sobre a bunda firme, os corpos ainda unidos, dormentes e sensíveis.

Exausto, Enrico levantou a cabeça e colou a testa na dela.

— Eu só preciso de alguns minutos... — murmurou, lutando para controlar a respiração, e os dois ficaram quietos, ofegantes e com os corações batendo no mesmo ritmo.

Quando a chama do desejo abrandou e os sentidos voltaram ao normal, Enrico se moveu e rolou para o lado. De repente, Alana sentiu-se sozinha sem o peso de seu corpo. Atordoada, apertou os olhos ao se dar conta do que acabara de fazer. E com quem. Ela e Enrico... O cara de quem fugia há mais de um ano, com quem discutira várias vezes, trocando farpas e palavras duras.

O sexo com um homem passional, absurdamente, sexy e, ao mesmo tempo, cuidadoso e carinhoso como Enrico, fora mais intenso e prazeroso do que ela vivenciara em seus sonhos mais loucos. Os corpos dos dois encaixavam-se à perfeição e a conexão que se estabelecera entre eles tinha sido fantástica e arrebatadora.

— Mas eu sei o que aconteceu entre nós foi só uma necessidade física — deixou escapar o que se passava por sua cabeça, usando um tom de voz muito baixo, dando a entender que falava sozinha, a fim de convencer a si mesma.

Enrico fitou-a intrigado, e com um vinco no meio da testa, levou a mão até o rosto dela, prendendo seu queixo entre os dedos.

— Então, para você, o que houve entre nós foi só sexo? — Estalou a língua no céu da boca e fez uma pausa antes de continuar: — E você está certa! O que fizemos foi protagonizar uma sessão de sexo gostoso, quente e suado. Nada mais que isso, *princesa* — reafirmou, usando a zombaria como mecanismo de defesa. Se ela podia pensar assim, ele não deixaria por menos.

Alana o fitou como se não tivesse percebido que havia dito o que pensara em voz alta, e o tom de ironia dele ao confirmar o que ela mesma tinha verbalizado lhe causou um estranho e inesperado mal-estar.

— Você sabe que eu não gosto quando me chama de princesa, mas insiste, só para me provocar — reclamou, melindrada, e para o seu espanto, um pouco decepcionada.

— Culpado! — Enrico ergueu o braço na altura do peito, mantendo a mão grande aberta. — Detesta que eu a chame de princesa, mas adora o modo como eu a faço se sentir quando tem o meu pau dentro de você — constatou, mordaz.

Alana sentiu o efeito das palavras desdenhosas, contudo, não foi capaz de esconder seu divertimento frente ao ar presunçoso de Enrico.

— Agora é você quem está sendo convencido — acusou-o, segurando o lençol firmemente sobre os seios num gesto de recato tardio.

Enrico meneou negativamente a cabeça, ampliando ainda mais o sorriso.

— Eu só digo o que vejo e sinto — rebateu e pulou da cama, e ao contrário dela, ele não se incomodou em ocultar a nudez ao cruzar o quarto e desaparecer no interior do banheiro. Quando voltou, ele viu que Alana o observava com atenção, os olhos semicerrados, os lábios cheios e sensuais entreabertos, e os longos cabelos espalhados sobre o travesseiro, fazendo um contraste fascinante entre o castanho e o branco imaculado.

Enrico sentiu-se subitamente tentado a entrelaçar os dedos nos fios sedosos, e seu corpo enrijeceu só de pensar na intensidade do desejo que aquela mulher despertava nele. Inclinando-se, pegou a calça, tirando outro preservativo da carteira e aceitando o convite explícito, subiu na cama, esticou o corpo e deitou-se, colando o corpo nas costas dela e capturando a pontinha sensível da sua orelha entre os dentes.

— Pronta para a segunda rodada? – indagou com um sorriso felino e sem esperar resposta, afastou o lençol que a cobria e escondia parte do corpo dela do seu olhar faminto. Deslizando a mão, enfiou-a, lentamente, no meio das suas coxas, separou as dobras da boceta e alcançou o clitóris durinho, passando a pressioná-lo, circundando-o com movimentos lentos e observando o fogo reacender nos olhos dela.

Inesperadamente, viu seu braço subir e a mão pequena pousar sobre seu pau semi ereto. Um rosnado rouco escapou dos lábios dele quando os dedos delicados o envolveram e uma onda de prazer fez suas bolas pulsarem,

engrossando-o ainda mais. Deixando-se ser ordenhado, Enrico introduziu dois dedos na boceta molhada e a temperatura entre os dois aumentou.

Alana virou a cabeça na direção dele e levantou a perna a fim de lhe dar mais acesso.

— Eu acho que isso responde sua pergunta — o corpo dela vibrou e estremeceu quando ele botou mais pressão no clitóris, passando a movimentar os dedos com perícia, em um vai e vem rápido e erótico.

Envolvida numa um espiral quente e delirante, Alana murmurou o nome dele em meio a um gemido rouco e intensificou as puxadas no pau que segurava, batendo uma punheta perfeita.

Incapaz de suportar por mais tempo, a incrível e deliciosa tortura dos dedos ao redor do seu pau, Enrico puxou-a pelos ombros e deitou-a de costas no centro da cama. Entregando o preservativo para ela, apoiou-se nas mãos e sentiu os dedos afundarem no colchão. Com os músculos dos braços tensionados, ele pairou o corpão, outra vez, sobre o dela.

Sem desviar os olhos dos dele, Alana abriu a embalagem plástica, retirou a camisinha e envolveu o mastro duro e pulsante. Umedeceu os lábios secos com a ponta da língua, arreganhou as pernas e agarrou o pau dele pelo eixo, passou o polegar devagar em torno da glande e guiou-o até sua entrada.

Alucinado, quase em transe, Enrico cobriu a boca dela num beijo apaixonado. Dobrando os cotovelos, ele abaixou o corpo e deslizou para dentro da caverna apertada e úmida, numa única e longa investida e quando começou a foder sua boceta estocando fundo e sem dó, gemidos, grunhidos e rosnados mútuos ecoaram pelo quarto.



Capítulo 17

Cantarolando baixinho, Alana abriu a porta da geladeira, inclinou o tronco e retirou de lá os frios, o leite e as frutas que pedira para Lilly comprar na volta da casa do pai no dia anterior. Pegou uma faca de dentro da gaveta do armário e foi para o balcão, onde começou a cortar o mamão em quadrados pequenos e colocá-los dentro de uma cestinha de vime forrada, junto com as uvas verdes, os kiwis cortados ao meio e as rodelas de abacaxi. Já os morangos, ela acomodou em uma tigelinha de porcelana.

Ficou quieta quando as imagens da noite que passara com Enrico retornaram, principalmente o momento ultra constrangedor em que falou demais, desejando ardentemente que um buraco se abrisse e a engolisse. Havia dito que tudo não passara de sexo ocasional, quando, na verdade, as coisas não eram bem assim. Era difícil para ela admitir, ainda que para si mesma, sentir algo a mais do que uma simples atração pelo homem que dormia placidamente em sua cama.

Sentiu-se intrigada ao tomar conhecimento da história de vida dele. O Grandão conseguiu despertar nela o desejo de conhecer o Enrico de verdade e apagar da mente o que criara com a intenção de mantê-lo fora de sua vida, assim como de sua cabeça, e pensar nisso fez o sentimento de culpa que ainda a incomodava ressurgir, trazendo de volta atos e conversas que, agora, ela preferia esquecer. Era uma perda de tempo e energia agir contra coisas que não poderiam ser mudadas, e como alterar o passado não era uma opção, Alana resolveu manter o foco no presente.

Afastando os pensamentos, voltou a cantarolar enquanto arrumava a mesa com o café da manhã, composto de pão, bolo, café, leite, iogurte, mel, geleia, granola, suco, frutas e queijo fresco. Afastou-se um passo da mesa e apreciou o resultado do seu trabalho, sorrindo com satisfação. Era tudo muito colorido, nutritivo e saudável.

Um lindo caminho branco feito em crochê e um bonito vaso de cristal com meia dúzia de tulipas cor-de-rosa, suas flores preferidas, davam um toque romântico. Depois de tudo pronto, Alana entrou em seu quarto e seu olhar foi direto para a o homem deitado de lado, de costas para ela. O movimento regular da respiração lhe dizia que Enrico ainda dormia. Com poucos passos, ela chegou perto da cama, tocou seu ombro e, inclinando-se, colou a boca na orelha dele, chamando-o com uma voz baixa e suave.

Enrico sentiu o toque e ouviu uma voz feminina e distante chamá-lo pelo nome, então foi acordando aos poucos. Piscou várias vezes antes de abrir os olhos, e demorou alguns segundos para se lembrar do local onde estava. Na noite anterior, não teve tempo, nem vontade, de reparar na decoração do quarto. Agora, à luz do dia, via que o lugar era amplo e arejado. Um armário tomava quase uma parede inteira, e havia um divã ao lado das portas francesas. Notou que a cortina, que ia do teto até o chão, estava entreaberta, permitindo a entrada dos primeiros raios de sol da manhã.

Girou o pescoço e viu o rack, a televisão e um *chemisier* encostado nos pés da cama. Os móveis eram de design moderno, nas cores preto e cinza, assim como a pintura nas paredes. O branco dos dois abajures, do tapete e das almofadas dava equilíbrio e leveza à atmosfera do quarto. Só precisou de um minuto para captar tudo isso e concluir que a decoração era uma mistura do romântico, do clássico e do contemporâneo. Podia ver o bom gosto em todos os cantinhos. Como um aficionado por planejamento de espaços, Enrico tinha um excelente olho para detalhes.

Finalmente, se virou na direção de Alana e um sorriso lento se formou em seus lábios. E seu sorriso, somado ao olhar carinhoso que lhe deu, causaram um verdadeiro reboliço no peito da moça, que precisou inspirar o ar com mais força.

— Bom dia, dorminhoco — ela o saudou alegremente, vendo-o se esticar como um felino grande e sonolento.

— Bom dia. Que horas são? — perguntou Enrico, com a voz rouca e esfregando dois dedos sobre os olhos para eliminar os últimos resquícios de sono.

— É cedo — disse ela. — Dormiu bem?

Enrico esticou o braço e Alana sentiu um arrepio percorrer seu corpo quando os dedos dele colocaram uma mecha dos seus cabelos atrás da orelha.

— Tem certeza de que quer saber a verdade?

Alana ficou em silêncio e mordeu o cantinho do lábio inferior, temendo a resposta.

Com um olhar preguiçoso, Enrico apertou de leve a ponta do nariz dela.

— Sim, eu dormi bem. Muito bem, para ser honesto.

Ela sentiu o coração aquecer e bater mais forte, e num gesto espontâneo, inclinou-se e lhe deu um selinho.

— O café está na mesa — avisou, ajeitando a postura e observando Enrico esfregar o maxilar por um momento, sem tirar os olhos dela. — O que foi? Você pensou que eu não ia retribuir a gentileza? — indagou, sorrindo abertamente, o que fez seu rosto inteiro se iluminar.

O pensamento de que ela ficava ainda mais linda quando sorria cruzou a mente de Enrico, que, inesperadamente, puxou-a para a cama, fazendo-a cair por cima dele. Pega de surpresa, Alana soltou um gritinho assustado quando o osso de seu ombro foi de encontro à carne dura do homem em seu colchão.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, presa entre o peito musculoso e os braços fortes.

Um brilho divertido surgiu nos olhos de Enrico.

— Nada de mais. Eu só quero te dar um bom dia mais ou menos decente.

— Mais ou menos decente? E como seria isso? — indagou Alana, curiosa.

Ajeitando-a no braço, Enrico passou o polegar pela sua bochecha.

— Como eu acabei de acordar, ainda não tive tempo de escovar os dentes — explicou com uma careta e devolveu o selinho.

Alana colocou a mão na lateral do rosto dele e se perdeu por vários segundos nos olhos castanho-claros, mas sabia que podiam mudar para escuros, tornando-se tempestuosos.

— Hora de levantar ou chegaremos atrasados aos nossos respectivos empregos. Meu trabalho acumulou um pouco, já que eu não fui para o escritório ontem.

— E você já está bem para ir hoje?

Alana fez que sim com a cabeça.

— Meu joelho não está doendo. O tornozelo ainda incomoda, mas bem menos do que ontem. Fez um ótimo trabalho nele, doutor Magalhães — elogiou, com um ar divertido no rosto e adorando estar tão próxima a ele.

— Eu faço o que posso — disse Enrico, lambendo o lábio, sorrindo de um jeito arrogante e arrematando com uma piscadela charmosa.

— Deixei uma escova nova na pia do banheiro para você — avisou Alana, e lutando contra sua vontade de ficar onde estava, desvencilhou-se lentamente do abraço dele.

— Obrigado. Não saia daqui, eu já volto. — Enrico pulou da cama e entrou no banheiro. Dez minutos depois, retornava com uma toalha pendurada perigosamente nos quadris. Foi até onde ela estava e deitou-se ao seu lado.

Com os cabelos soltos e levemente desarrumados, o rosto sem maquiagem, revelando as pequenas sardas espalhadas sobre o nariz, dentro de um robe preto de seda, rendado nas mangas e que deixava à mostra o começo do vale entre os seios e o par de pernas torneadas, Alana não poderia estar mais sexy. Enrico gostava de vê-la assim, ao natural e sem maquiagem. E inclinando a cabeça, perguntou:

— Eu já lhe disse como você está bonita esta manhã?

— Não. — Os cantos de sua boca se levantaram ligeiramente enquanto Alana respondia no mesmo tom sério que ele tinha usado. — Mas

pode me dizer agora — acrescentou, consciente da intimidade do quarto e de sua nudez embaixo do robe.

— Está muito bonita, Alana. Não só bonita, mas sexy, apetitosa e muito gostosa — exaltou ele, devorando-a com os olhos.

Alana sentiu-se derreter diante dos elogios e do olhar de Enrico.

— E você não está nada mal — retribuiu, e ao notar que o homem estava com segundas ou até terceiras intenções, emendou: — Enrico, nós temos que sair daqui a pouco.

— Eu sei, mas não quero — a voz dele saiu abafada pelos cabelos dela.

Sorrindo, Alana levantou a cabeça de Enrico e o fez voltar a encará-la.

— Nem eu, mas não temos opção. E preciso de uma ducha — avisou. Enrico, por fim, a soltou. — Eu te encontro na cozinha em meia hora. — E seguiu para o banheiro anexo ao seu quarto ciente do par de olhos que a acompanhava.

Uma chuveirada rápida levou embora a sensação de irrealidade que ainda a dominava. Amarrando o cinto do roupão azul-escuro, Alana saiu do banheiro e atravessou o quarto, sentou-se na banqueta diante da penteadeira e prendeu os cabelos em um coque baixo. Maquiada, ela andou até o armário, no outro lado do aposento, para escolher o que vestir, optando por uma blusa clara sem mangas e uma saia lápis na cor vinho, e embora fossem trajes atraentes e elegantes, lhe davam um ar sério e profissional.

Dando um passo para trás, deslizou as mãos pelas laterais da saia, um gesto tão automático quanto inútil, afinal, sua aparência estava impecável. Depois de conferir sua figura no espelho e satisfeita com o que viu, deixou o quarto.

Sentada à mesa da cozinha, Alana olhava discretamente o homem à sua frente. Seu olhar desceu do rosto para suas mãos. As mãos que tinham tocado seu corpo tão intimamente. Sentiu ondas de calor e desejo a inundarem, e lutando para se controlar, desviou os olhos e fitou seu prato.

— Uau! Isto é que é um café da manhã! — exclamou Enrico, com o corpão acomodado numa cadeira de assento almofadado e espaldar alto. — Tem tanta coisa aqui que até parece aqueles cafés da manhã que servem em hotéis luxuosos. Pessoalmente, eu não me lembro de já ter frequentado um desses, mas vi fotos. Fico até constrangido, comparando este com o que eu te ofereci ontem.

Alana levantou a cabeça e olhou-o, temendo encontrar algum sinal de ironia ou sarcasmo. Preparar aquele café para Enrico foi a maneira que encontrou para retribuir e agradecer pelo que ele fizera por ela, mas acabara de perceber que esse seu gesto podia ser mal interpretado. Porém, a rainha da má interpretação era ela, não ele. Analisando a expressão relaxada por entre os cílios, respirou aliviada ao perceber que havia se enganado, e a julgar pelo olhar guloso que ele lançava para a mesa, Enrico devia estar faminto, afinal, depois de toda aquela *atividade* durante a noite, ele não havia comido nada. Além dela, é claro. Concluiu suas divagações com um sorrisinho malicioso no rosto.

— Tudo o que você preparou estava excelente, especialmente o café. Pensei em te cumprimentar por ele, mas acabei esquecendo. Eu amo café e adorei o seu. E não é muito comum, para mim, gostar assim, de primeira. Está de parabéns — cumprimentou-o com sinceridade.

— Obrigado! — Enrico deixou um sorriso brincalhão aparecer e Alana sentiu um desejo quase irresistível de olhar para as curvas sensuais de sua boca.

Colocando o copo de suco em cima da mesa, ao lado de seu prato, Alana pegou o guardanapo e o levou aos lábios, sentindo uma inquietante necessidade de se justificar.

— Eu estou acostumada com um café da manhã variado. Em nenhum momento eu tive a intenção de te deixar constrangido.

Um brilho irônico apareceu nos olhos de Enrico.

— E você está dizendo isso para me fazer sentir melhor, estou certo? — replicou.

Subitamente, seu semblante, antes aberto, se tornou fechado quando um pensamento desagradável cruzou sua mente. Será que a noite que passaram juntos e aquele café da manhã requintado eram sua maneira de compensá-lo por tê-la ajudado?, perguntou-se, balançando a cabeça e comprimindo os lábios, torcendo para estar enganado.

— É claro que não! — Alana apressou-se em negar. — Quero dizer, eu não quero que você se sinta mal. E por que estamos tendo esta conversa? Eu não sou tão fresca assim. Sou? — Alana o viu sorrir de lado e erguer uma sobrancelha, duvidando dela, e era como se ele a questionasse sem palavras: *"Não mesmo? Sei... Agora conta outra!"*.

Enrico abriu os braços indicando o conteúdo à sua frente.

— Sabe, eu sou um cara simples, sem luxos. É só olhar para mim, para o carro que eu dirijo e para o lugar onde vivo. Dormimos juntos, você diz que *sabe* que tudo não passou de sexo, e, na manhã seguinte, acorda e decide me preparar um café da manhã como este... Me diz, o que você pretendia com tudo isso? Me mostrar que é rica? Mostrar que tem uma condição mil vezes melhor que a minha? Se era isso o que pretendia, não precisava, porque eu já sei! — bradou, brindando-a com um olhar exasperado e jogando o guardanapo sobre a mesa num gesto abrupto.

Encarando-o abismada, Alana não podia acreditar no que ouvia.

— Não é nada disso! Entendeu tudo errado, Enrico! — fez questão de negar, mas recebeu um olhar enviesado em troca. — Eu só quis te agradar... Você está sendo mau e injusto comigo.

Mantendo os olhos nos dela, Enrico não sabia o que pensar. Naquela manhã, ao despertar em um quarto estranho e em uma cama que não era a sua, ficou surpreso ao se deparar com uma Alana serena e risonha, o oposto da garota mimada e arrogante que conhecia. Mas, agora, depois de ver o que ela fizera, desconfiava que sua real intenção ao preparar aquele café da manhã luxuoso era colocá-lo para baixo. Convenceu-se de que o motivo por trás daquilo tudo era o de humilhá-lo, ainda mais depois de escutá-la dizer que considerava passageiro o que havia rolado entre eles.

Pela segunda vez, sentiu-se um tolo por se deixar levar pelo que sentia. Mas ele não ia se deixar humilhar, nem por ela, nem por ninguém. Que Alana fizesse isso com outro cara, não com ele.

Nervoso, decidiu que o melhor a fazer era ir embora dali. Não precisava que uma riquinha egoísta que jamais passara por qualquer tipo de necessidade na vida jogasse sua condição na cara dele. O que precisava era decidir o que fazer, agora que já não tinha a dívida da casa. Bella estava casada e feliz. Eros seguia se apresentando e tomando um rumo na vida. E ele? Ele precisava focar no que era mais importante, pensar e colocar todos os acontecimentos dos últimos tempos em perspectiva.

— Eu preciso ir — avisou e preparou-se para deixar a mesa.

Alana vacilou diante da expressão sombria que via em seu rosto.

— Mas você não comeu quase nada — observou, chateada, pois tudo o que preparara seguia praticamente intocado.

— Tenho certeza de que tudo está delicioso, pena que perdi o apetite — disse Enrico, sem encará-la.

— Bom, se é assim, eu te levo — Alana se ofereceu, mas por dentro a decepção a destroçava. Sem se reconhecer, chegou a sentir um nó na garganta com a atitude dele.

— Acha que já está bem para dirigir? — A pergunta de Enrico a fez refletir por alguns instantes.

— E-eu acho que ainda não, mas podemos dividir o Uber — sugeriu, afoita e contraiu-se, pois parecia que fazia aquilo para postergar o momento da separação. *O que estou fazendo? Eu nunca me senti desse jeito com ninguém antes*, pensou, atônita.

— Não precisa. Eu não quero tirar você do seu caminho — Enrico recusou, categórico e com o semblante carregado.

Desanimada, Alana o viu deixar a mesa e andar na direção da sala, as longas pernas realçadas dentro da calça escura, revelando um corpo forte e atlético, então, levantou-se e foi atrás dele.

Sem imaginar que era objeto de seu exame acurado, Enrico seguiu o caminho até a porta. A campainha do interfone soou, quebrando o silêncio tenso que caíra sobre eles. Cismado, ele se virou e cravou um olhar suspeito e interrogativo no rosto dela.

— Você está esperando alguém?

— Não. — E lembrando que era terça-feira, Alana retificou: — Espera, estou, sim. Izabel. Ela é a pessoa que limpa minha casa, e hoje é dia de faxina. — E após atender ao interfone, abriu o portão, permitindo a entrada da mulher.

Enquanto isso, Enrico puxou o celular do bolso da calça, entrou no aplicativo da Uber e fez o pedido.

— O carro deve chegar dentro de cinco minutos. Eu vou esperar na calçada — anunciou, e com um aceno à guisa de despedida, passou por ela, cruzou o quintal e saiu pelo portão entreaberto, deixando uma Alana estarrecida e plantada na porta de entrada.



Capítulo 18

O motorista estacionou na frente do prédio de dez andares, e com um gesto de despedida, Alana abriu a porta do seu lado e saiu segurando a bolsa e a pasta executiva. Saboreou a brisa fresca da manhã enquanto cruzava o portão e pegava o caminho para o elevador. Ao descer no andar onde ficavam os escritórios da *Di Fiori*, pegou o corredor e entrou em sua sala. Jogou a bolsa sobre uma poltrona, deu a volta na escrivaninha, sentou-se e abriu a pasta. Puxou o notebook de dentro dela, colocou-o em cima da mesa e ligou o aparelho.

Enquanto aguardava o computador conectar, Alana sentia sua mente fervilhar. Inconformada, ela não conseguia tirar as acusações de Enrico da cabeça. Como ele pôde acusá-la de ter desejado humilhá-lo?, perguntou-se, porém, sua consciência lhe devolveu o questionamento: *"É sério que você está se perguntando isso, Alana? O que você tem feito durante todo esse tempo, além de desprezar o cara, desconfiar dele e rebaixá-lo sempre que*

surge uma oportunidade? E para quê? Para fugir do que você sente por ele?”.

Tudo aquilo lhe parecia sem importância agora. Sempre teve o que queria. Não podia nem incluir mortes na família. Com exceção do episódio da mãe, Alana nunca teve qualquer experiência negativa, um desgosto profundo ou um amor não correspondido. Pela primeira vez, se colocava no lugar de Enrico e constatava que a sensação de ser alvo de uma injustiça, um mal-entendido ou conclusões precipitadas era simplesmente horrível. E sentiu raiva de si mesma.

Determinada a afastar o Grandão dos pensamentos, ao menos por algum tempo, Alana procurou se concentrar no trabalho. Clicou na caixa de entrada e procurou por um e-mail em particular entre dezenas que aguardavam para serem lidos e, posteriormente, guardados, deletados ou respondidos. Não encontrando o que queria, levantou o receptor do telefone e discou o número de um ramal interno.

— Pois não? — A voz que atendeu do outro lado era de Luíza, sua secretária e a única do grupo dos engenheiros mais jovem do que ela.

— Por favor, Luíza, peça para o senhor Samuel vir até a minha sala.

— Imediatamente, senhorita.

Alana colocou o receptor de volta no lugar, porém, menos de cinco minutos depois, ouviu o aparelho tocar.

— Srta. Alana, o senhor Samuel está aqui.

— Mande-o entrar — autorizou, colocando os óculos que estavam em cima de uma pilha de papéis. Ela conseguia ler sem eles, mas depois de algumas horas, uma leve dor de cabeça começava a incomodá-la. Ultimamente, vinha usando os óculos quase sempre no escritório, para evitar as dores e porque lhe davam um ar mais grave.

Seus lábios contraíram-se no instante em que a maçaneta da porta girou, e quando ela se abriu, sua boca terminou a curva num sorriso de saudação.

— Bom dia, Samuel — cumprimentou-o e remexeu nos papéis que estavam sobre sua mesa de trabalho.

— Bom dia, Alana! — o homem loiro, alto, musculoso e bem vestido retribuiu sua saudação, sorrindo. — Como está o tornozelo? — indagou, interessado.

— Melhorando. Hoje eu precisei chamar um Uber, mas acho que amanhã já estará bom o suficiente para eu vir dirigindo.

— Fico aliviado em saber — disse Samuel, piscando para ela.

— Obrigada por perguntar — agradeceu Alana, mantendo o semblante sério.

Ignorando a expressão e o tom de voz nada receptivos, Samuel aproximou-se, apoiou as duas mãos abertas no tampo da escrivaninha e, ampliando o sorriso no melhor estilo comercial de creme dental, declarou:

— Alana, você sabe que tudo o que te diz respeito me interessa.

Repentinamente incomodada com o olhar intenso dele, que parecia querer engoli-la, Alana desviou os olhos e fitou a tela do notebook, fingindo interesse no que lia.

Havia meses que Samuel vinha tentando se aproximar, inclusive o fizera no dia do casamento de seu pai. Alana não podia negar que ele era um homem muito atraente, inteligente e bem-sucedido, além de pertencer a uma família endinheirada e proeminente da capital do estado. No começo da casa dos trinta anos, era o tipo de partido que sua mãe certamente aprovaria como futuro genro. Ela tinha conhecimento de pelo menos meia dúzia de

mulheres, funcionárias da empresa, que adorariam que ele lhes fizesse uma declaração como aquela, no entanto, Alana não se incluía nesse número. Não via Samuel de outra maneira senão um cara simpático e ótimo companheiro de trabalho.

Ela pensou em responder, dizer alguma coisa frívola, porém, como não desejava alimentar uma situação que não se via sendo capaz de corresponder, achou melhor voltar sua atenção para o trabalho e ignorar a insinuação implícita no comentário dele.

— Eu não estou achando o projeto do *Vermont Residencial Hotel*. Já veio? — inquiriu, os olhos ainda fixos na tela do notebook.

Diante da mudança brusca de assunto, Samuel se retraiu.

— Não acredito — respondeu, e sua expressão aberta tornou-se fechada e diligente.

— O engenheiro responsável é o Eduardo Brandão, não é?

— Sim. Ele mesmo.

— Telefone para ele e pergunte onde está o projeto. Quero que esteja na minha mesa até às três da tarde — ordenou ela.

— Eu vou cuidar disso agora mesmo.

Quando a porta se fechou atrás dele, Alana se levantou e foi até a janela, e como sempre acontecia quando ficava sozinha, seus pensamentos lhe trouxeram a imagem do Grandão. Fez uma careta ao sentir o peito apertar, pois mesmo quando ele a acusava e a tratava com uma raiva fria, atingindo-a profundamente, ela conseguia identificar uma decepção em seu rosto e um quê de tristeza por trás do seu olhar.

Depois de pensar muito sobre a deplorável cena daquela manhã, Alana acreditava saber a razão que o levara a agir daquela maneira.

De alguma forma, na cabeça dele, ele acreditava que ela desejava rebaixá-lo, jogar na sua cara as diferenças existentes entre os dois, no que estava completamente enganado. E como o homem passional e orgulhoso que era, Enrico usou o ataque como defesa.

Voltando-se e andando até a escrivaninha, Alana sentou-se, perguntando-se o que poderia fazer para convencer aquele cabeça dura de que havia sido absolutamente sincera e que preparara o café da manhã como uma retribuição, uma gentileza, e que não havia nenhum motivo obscuro por trás do seu gesto.



Enrico olhou para o relógio na parede. Cinco e meia. Fechou o arquivo em que estivera trabalhando nas últimas horas e desligou o computador. Como fazia todos os dias e no mesmo horário, saiu do escritório, respondendo as despedidas dos colegas que encontrava pelo caminho.

— E aí? — saudou Yuri, um ruivo sorridente e quase tão alto quanto ele, mas com um físico mais para o atlético. — Às sete, na ponta da praia?

— Eu te encontro lá — disse Enrico, retribuindo o sorriso e o toque de mãos.

Seguindo seu caminho, ele bateu o ponto e deixou a fábrica. Pouco menos de uma hora depois, chegava em casa, e como o tempo mudara para frio, trocou a calça por uma bermuda de corrida, as botas por um par de tênis, e vestiu um moletom preto sobre a camiseta. Já estava na porta quando lembrou que faltava algo.

Na volta do quarto e com a touca que havia buscado na mão, pegou o celular e as chaves da caminhonete de cima do aparador e saiu, pronto para sua costumeira corrida noturna. Fazer um percurso reto, ida e volta, de cerca

de dez quilômetros, ajudava-o a manter a forma e relaxar depois de um dia chato e estressante no trabalho.

Enrico começava a se alongar quando viu o colega se aproximando. Os dois vinham correndo juntos havia mais ou menos dois meses, e embora preferisse correr sozinho, passou a gostar de ter companhia.

— Você está bem? — indagou Yuri, ofegando, logo após concluírem o percurso.

Enrico encarou-o, estranhando a pergunta, enquanto fazia o mesmo.

— Estou, por quê?

— Não sei. Você parece um pouco aéreo — comentou o ruivo, com o braço esticado para trás e puxando uma das pernas, encostando-a no músculo firme da nádega.

— Não é nada. Só estou cansado — negou Enrico, mas a vontade de colocar para fora o que sentia oprimia seu peito, acabando com ele.

Os olhos de Yuri se voltaram para o amigo e o rapaz franziu as sobrancelhas, preocupado.

— Você não me convenceu. Está a fim de falar sobre o que está te deixando fora do ar? De vez em quando é bom desabafar.

— Eu sei... — Enrico balançou a cabeça em resposta, enquanto Yuri dava uma batidinha amigável em seu ombro.

— Se não quiser, eu não vou insistir, mas você sabe que pode confiar em mim — assegurou com seriedade.

— Acho que eu me precipitei em um lance aí. Troquei os pés pelas mãos e acabei dando uma bola fora — confessou Enrico, fazendo uma careta.

Em um raro momento, ao menos para ele, decidiu que precisava se abrir com alguém, caso contrário, explodiria. Respirando fundo, começou a detalhar o que ocorrera entre ele e Alana, na manhã daquele mesmo dia, e que o vinha incomodando desde então. A expressão atordoada e o brilho magoado nos olhos castanhos dela pareciam ter sido impressos indelevelmente em sua memória.

— Você passa uma noite formidável com uma mulher linda e gostosa e, no dia seguinte, ela acorda e te prepara um café da manhã digno de um rei. E você, além de ser um ogro com ela, acusa a garota de querer te humilhar e deixa a coitada falando sozinha? Eu só vou te dizer isso, cara: Enrico, você pisou feio na bola! Mas muito feio mesmo!

Enrico deixou cair os ombros, levou a mão até o queixo e alisou os fios da barba. O que o amigo lhe dizia não era nenhuma novidade, porque chegara àquela conclusão sozinho. Yuri apenas confirmava o que ele já sabia, e sentia-se menos angustiado por ter falado, contudo, não eliminara a culpa que se debatia em seu peito. Enrico a tratara como se ela não tivesse importância para ele, como se fosse uma mulher passageira em sua vida, o que, nem de longe, correspondia à realidade.

— As coisas entre nós são complicadas, e tem sido assim desde que nos conhecemos. Quando nos encontramos, um sempre acaba provocando o outro, batendo de frente. Hoje de manhã, quando me levantei e vi aquilo tudo na mesa, pensei o pior e fiquei na defensiva — Enrico tentou se justificar, mas não convencia nem a si mesmo. — E depois que saí de lá, fiquei repassando o que falei para ela, várias e várias vezes, na minha cabeça. Eu sei que a minha reação foi desproporcional. Eu exagerei — admitiu, fixando o olhar em um ponto qualquer do horizonte. Não gostava nem um pouco de si mesmo naquele momento.

— É um grande passo admitir que cometeu um erro, mas você precisa pensar com calma e não tomar nenhuma atitude precipitada. Não se desespere, pois para cada problema, existe uma solução — argumentou, sabiamente, o rapaz.

— Agora estou me debatendo em um dilema. Não sei se eu ligo para ela, se vou até a casa dela ou se o melhor a fazer é esquecer esse assunto de uma vez — enumerou Enrico, o conflito interno visível nos músculos contraídos do rosto bonito.

— Desculpas, você vai ter que pedir. Pessoalmente ou não. Na minha opinião, é sempre melhor ao vivo. Olho no olho. E quanto a deixar para lá, vai do que você sente pela garota. Tem que se perguntar se vale a pena investir em um relacionamento com ela ou se tudo não passa de uma atração física, coisa de uma noite — Yuri se pronunciou, enquanto Enrico ouvia calado e pensativo.

Mais tarde, chegando em casa e sentindo-se física e mentalmente exausto, ele se jogou no sofá.

— Pois é.... Desta vez fui eu que fiz merda. — Deu um suspiro profundo e esfregou o rosto com as mãos.

No caminho até ali, ponderou sobre a palavras de Yuri. Embora Alana tivesse lhe proporcionado os melhores momentos de prazer de sua vida e que a química entre eles fosse incrível e inegável, não era só isso o que o puxava para ela. Ele gostava do seu espírito combativo, de sua inteligência, e era instigado pelo desafio que a morena linda representava.

Definitivamente, não era só físico o que Enrico sentia por ela, e foi pensando nisso que ele tomou a decisão de procurá-la, mais uma vez, a fim de tentar consertar a besteira que tinha feito.



Capítulo 19

Alana encontrava-se recostada no sofá lendo um livro, mas o conteúdo não conseguia prender sua atenção. Estava inquieta com os pensamentos voltando constantemente para a discussão que tivera com Enrico. Aliado a isso, havia os projetos sob sua responsabilidade; o resort na praia, o hotel de luxo, que em breve seria construído a cerca de cinquenta quilômetros de onde estava, e, por último, a ampliação de um haras na cidade de Goiânia, cujo contrato fora fechado pelo seu pai havia duas semanas. Em resumo, tinha coisas demais na cabeça.

Quando assumiu o cargo de coordenadora no Departamento de Engenharia da *Di Fiori*, há pouco mais de um ano, as apostas eram quase todas contra ela, por ser jovem, mulher e inexperiente no aspecto liderança. Ao entrar na empresa, e como desejava conhecer as etapas que envolviam cada projeto, decidiu começar de baixo, e foi galgando postos e conquistando seu espaço pouco a pouco.

Ela era comprometida, diligente e exalava profissionalismo, contudo, a maioria do grupo dos engenheiros tinha a idade aproximada de seu pai, e muitos ainda a viam somente como a filha do dono da empresa. Durante muito tempo, Alana foi alvo de piadinhas e olhares enviesados. Sabia, desde o início, que não seria fácil, mas não imaginou que fosse tão complicado. No fim, o mais difícil para ela foi compor sua autoridade.

Enquanto ascendia na hierarquia da empresa, Alana teve a boa sorte de ter Sérgio Moraes, um engenheiro reconhecido na área, extremamente competente, amigo pessoal de seu pai e sócio na construtora por mais de uma década e meia, como mentor. Confiou sua carreira a Sérgio e ele nunca lhe deu motivos para se arrepender, pelo contrário, já que, durante anos, ela aprendeu muito trabalhando ao lado dele, ouvindo cada um dos seus conselhos e absorvendo da sua experiência como uma esponjinha.

Sérgio era um apaixonado pela profissão, e Alana teve o privilégio de vê-lo em ação. Dono de uma personalidade afável e sempre muito educado, ele também se tornou um amigo querido de toda a família. Até sua mãe, seletiva e esnobe como era, não resistia ao seu carisma e encanto natural.

E agora, Alana estava em Bendita Luz, uma pequena e charmosa cidade litorânea abençoada com uma natureza exuberante e digna de cartão postal. Desde que fora trabalhar ali, por conta das obras do *resort* na praia, há cerca de seis meses, não fez amigo algum. Conhecidos, sim... Colegas de trabalho, sim... Mas... amigos? Ela não era o tipo alegre, amigável e risonha que fazia amigos com facilidade. Tal descrição encaixava-se facilmente na irmã caçula. Conhecia a si mesma e raramente se preocupava com isso, exceto naquela noite.

Levantou a cabeça e olhou na direção da janela entreaberta, fitando o céu limpo de nuvens e salpicado de estrelas. A temperatura tinha caído e ela estremeceu ao sentir uma brisa fresca entrar, sacudir a cortina e chegar até

onde estava. Embora fosse meio de semana, pensou que, provavelmente, no resto do mundo, as pessoas da sua idade estivessem se divertindo de alguma maneira. A verdade é que se sentia sozinha.

Deixando o livro de lado e com uma agitação indisfarçável, Alana pensou em sair e dar uma volta pela cidade. Mudar de ares e ver gente por uma ou duas horas talvez a fizesse se sentir melhor. Porém, em vez de colocar seu pensamento em prática, pegou o celular e abriu o *Spotify,* deslizou o dedo pela tela e, em segundos, a voz melodiosa de Sheryl Crow, uma famosa cantora e instrumentista norte-americana, tomou conta do ambiente.

Embalada pela melodia e cantarolando baixinho as primeiras estrofes da letra melancólica da música *All By Myself*, Alana andou até o barzinho e serviu-se de uma taça do vinho tinto *Carbenet Sauvignon,* seu preferido. Girou o corpo e foi até as portas francesas. Passando por elas, entrou na varanda, acomodando-se confortavelmente em uma poltrona em formato de concha, feita em vime, cujo assento era forrado por um tecido com estampas de flores e decorada com sete almofadas.

Elevando a taça na altura dos olhos, admirou o tom translúcido da bebida antes de levá-la aos lábios. Distraída e sentindo a brisa fria revigorante, ficou ali, degustando seu vinho por cerca de dez minutos, e encontrava-se tão distraída em contemplar a paisagem que levou um pequeno susto quando o alerta do celular soou.

Devagar, Alana colocou a taça com um restinho de vinho em cima de uma mesinha e pegou o aparelho, surpreendendo-se ao ler o nome da pessoa que a tinha enviado uma mensagem. Ficou encarando a tela por um minuto inteiro antes de responder. Feito isso, segurou a taça com dois dedos e sorveu o restante da bebida. Nervosa, retornou para a sala e serviu-se de outra dose.

Vinte minutos depois.

— Oi — Enrico saudou-a, o ombro apoiado indolentemente no batente da porta. Seus olhos abaixaram e passearam por ela, começando pelos longos cabelos soltos que caíam suavemente sobre os ombros, passando pela camisa branca com punhos franceses, pelo jeans justinho moldando o corpo perfeito, e pelo par de sandálias de tiras na cor nude. *Merda! Ela tem que parecer tão gostosa desse jeito?* — perguntou-se, desconcertado e irritado com a reação do seu corpo diante da visão da bela mulher que tinha à sua frente.

O semblante sério e a figura impressionante fizeram a respiração de Alana parar na garganta. O homem exalava uma agressividade inata e avassaladora, sempre prestes a explodir, e que, desde o instante em que se conheceram, parecia levá-la ao limite, a ponto de fazê-la perder a compostura. Enrico tinha esse efeito sobre ela, e Alana considerava aquilo algo perigoso.

Quando os olhos de Enrico colidiram com os seus, havia tanta intensidade neles que Alana estremeceu. Pareciam capazes de despir sua alma e adivinhar o que se passava em sua mente. *Mantenha o controle*, advertiu a si mesma, esforçando-se para recuperar a voz e responder a breve saudação dele.

— Oi. Entra — convidou e deu um passo para o lado, deixando espaço suficiente para ele passar, contudo, ainda assim, o corpo grande roçou no dela a caminho do centro da sala. As mãos enfiadas nos bolsos e a rigidez de sua expressão denotavam nervosismo. *Eu também estou nervosa,* admitiu. — Senta — disse, depois de fechar a porta devagar.

Com um assentir mudo, Enrico acomodou o corpão no sofá.

Alana pretendia fazer o mesmo, antes, porém, não resistiu e lhe lançou um olhar de esguelha. Notou que ele esfregava as mãos uma na outra e mordia o lábio inferior daquele jeito doce e sensual que considerava simplesmente encantador. Era como se o gesto instintivo e descuidado o deixasse menos duro, e até lhe conferia uma certa vulnerabilidade.

Distraída e com o pé ainda instável, acabou tropeçando e esbarrando na mesinha de centro, e teria caído se Enrico não tivesse se levantado, rápido demais para alguém do seu tamanho, esticado os braços e a segurado.

— Obrigada — agradeceu ela, tentando acalmar o coração acelerado, que se devia mais à presença sensual do homem que a segurava do que o constrangimento de ser salva de uma queda iminente. Inspirou e expirou algumas vezes e sentiu seus batimentos cardíacos voltando ao ritmo normal. — Você disse na mensagem que precisava falar comigo — disse, logo depois de se desvencilhar das mãos dele. — Ah, me desculpe. Aceita tomar algo? — indagou, indicando o barzinho com o queixo.

— Estou bem. — Enrico limpou a garganta antes de explicar: — Eu tenho evitado bebidas alcoólicas.

Alana fez um gesto em concordância.

— Café? Água? — sugeriu, mostrando-se ansiosa, e quando ele negou novamente, ela anuiu e decidiu se sentar.

Enquanto Alana se acomodava na outra ponta do sofá, Enrico voltou ao seu lugar, onde permaneceu calado por um tempo, apenas olhando-a. Sabia que devia desculpas a ela, mas alguma coisa o impedia de pronunciar as palavras. Nervoso, esfregou a nuca, ciente de que continuaria se sentindo miserável se não se desculpasse.

Respirando fundo, colocou seu orgulho de lado e começou a falar:

— Valeu por me receber. Depois do que houve, achei que você não iria querer me ver ou falar comigo, e eu precisava dessa oportunidade para me explicar. — Fitou as mãos por um momento, antes de levantar a cabeça e voltar a encará-la. — Eu quero conversar com você sobre o que houve essa manhã.

— Eu imaginei que fosse sobre isso — Alana aparteou.

— Eu não sou muito bom em me desculpar, mas eu não ia me sentir bem se não viesse. Eu não deveria ter dito aquilo tudo para você. Foi injusto. Acho que parti para o ataque para não pensar no que você disse... — Sua mão voou novamente para a nuca. — Sobre o que rolou entre a gente. Isso me incomodou, mas eu guardei essa inquietação comigo, e quando vi aquilo tudo sobre a mesa, acabei entendendo tudo errado. Fui grosso com você e gostaria que me desculpasse, Alana — falou de uma vez, satisfeito por ter conseguido ir até o fim.

Pensativa, Alana passou os dedos pelos cabelos, afastando-os do rosto e ajeitando-se no assento. Jogou uma perna sobre a outra em um movimento elegante e fluido. Fitando seus olhos, encontrou sinceridade neles.

— Você pegou pesado, tanto no que falou quanto na forma como saiu daqui, com raiva e brigando comigo. Não posso negar que fiquei chateada, ainda mais depois da noite que tivemos — respondeu, ignorando deliberadamente a parte onde ele apontou o que ela dissera, contudo, não havia acusação no seu tom de voz ou em sua fisionomia. O que havia era um quê de tristeza e arrependimento. — Enrico, você não é o único que deve um pedido de desculpas aqui. — Permitiu-se um momento para tomar uma respiração profunda, para logo emendar: — Andei refletindo sobre algumas coisas e percebi que não há desculpas para a maneira como eu me comportei com você.

Um músculo se contraiu no queixo de Enrico e uma veia pulsou em sua têmpora.

— Está querendo dizer que pensou melhor e chegou à conclusão de que tem sido intolerante, arrogante e preconceituosa comigo? — Sua boca torceu-se com ironia, sua maneira de mascarar a mágoa e a indignação que sentia.

Alana levantou um pouquinho o queixo e olhou diretamente para ele. Ainda que estivesse constrangida e sentindo-se culpada por tudo o que tinha feito, ela não desviou os olhos dos dele. Aquela era a hora, Enrico merecia uma desculpa completa, e a mais honesta possível. E não pretendia lhe oferecer menos que isso.

— Eu disse coisas horríveis, imperdoáveis. Coisas das quais eu não acredito, muito menos sinto. Eu me arrependo de tê-las dito. Não vou tentar me justificar, até porque, como eu disse, não existe nada que possa desculpar o meu comportamento. Só posso dizer que sinto muito, Enrico. — Alana percebeu que corava e sua garganta se fechava, por isso precisou de alguns segundos para poder continuar. — Desde aquele dia no hospital, eu criei uma imagem sua e a mantive comigo. Mesmo quando me diziam que eu estava enganada, eu rebatia usando argumentos que só convenciam a mim. Isso porque eu preferia seguir acreditando que você era aquela pessoa grosseira, detestável, violenta e que só merecia a minha raiva e o meu desprezo.

Enrico balançou a cabeça, recusando o papel de vítima, mas sentiu-se um pouco culpado, pois fizera algo parecido com Alana, e externava todas as vezes que a chamava de princesa de maneira sarcástica e pejorativa.

— Para você estar me dizendo tudo isso, alguma coisa deve ter mudado. O que foi que mudou? — indagou, interessado.

Alana pensou um pouco antes de sentir-se pronta para responder.

— O que mudou foi que eu me dei a chance de te conhecer, coisa que me recusei a fazer antes, por orgulho e teimosia. Eu sempre procurava ver o pior em você, e nesses poucos dias em que estivemos mais próximos, principalmente quando você evitou que eu fosse atropelada, me levou até a sua casa e cuidou de mim, apesar do modo como eu o vinha tratando, você me mostrou um Enrico totalmente distinto daquele que fantasiei. Eu não tinha o direito de te julgar, ainda mais sem conhecê-lo, sem saber que tipo de pessoa você é de verdade. Eu fiz tudo aquilo porque eu não queria sentir nada por você que não fosse...

— Desprezo, ressentimento e raiva? — Enrico completou, repetindo o que Alana já havia dito.

Mordendo o cantinho da boca, ela assentiu com um aceno lento da cabeça.

— Eu não sei mais o que te dizer... O que eu poderia fazer para...?

Com um gesto da mão, Enrico a interrompeu.

— Perdoar e esquecer? — A pergunta escapou dos seus lábios antes que ele pudesse pensar em reprimi-la, pegando-o de surpresa. Mas, de repente, era disso que ambos precisavam, deixar de agir feito duas crianças grandes e passar a agir como os adultos que eram. E um recomeço entre eles não lhe parecia uma má ideia.

— Eu não sei como você seria capaz de me perdoar — disse Alana, com espanto, a voz engasgada.

Enrico se levantou e caminhou até a janela, onde ficou por alguns segundos olhando para a rua, antes de se virar para ela. Foi quase impossível para Alana não ter os olhos puxados para o peito largo e sólido sob a jaqueta preta entreaberta.

— Enrico... — chamou-o, e incapaz de aguentar o silêncio enervante que havia se abatido entre os dois, ela se levantou e com passos lentos andou até ele.

— Alana, todas as vezes que a gente se encontra é para brigar, discutir, dizer coisas que ofendem, ferem e magoam o outro. E para ser honesto, estou cheio desse clima sempre tenso — confessou Enrico, cansado e abatido.

Ela observou a agonia mesclada a uma certa impaciência estampada no semblante dele e desejou abraçá-lo, porém, não se atreveu.

— Concordo... Você está certo. Mas, apesar de tudo o que você descreveu, eu sei que tem algo mais acontecendo entre nós — rebateu, todavia, a dúvida no olhar dele a fez hesitar.

Cruzando os braços sobre o peito largo, Enrico ergueu uma sobrancelha.

— Eu tenho consciência disso. Mas... e você? Será que sabe mesmo? Não foi o que me disse na outra noite.

Alana procurou manter a calma. Enrico não precisava dizer mais nada, pois ela sabia a que ele se referia. Abrira seu coração, abaixara a guarda e lhe pedira desculpas sinceras; se pudesse, voltaria no tempo e faria tudo diferente, mas era impossível. De repente, sentiu-se vulnerável e exposta. Um nó formou-se em sua garganta e lágrimas empoçaram em seus olhos, fazendo-a inspirar o ar com força a fim de tentar manter-se sob controle.

Embaraçada devido ao raro momento de fraqueza e incapaz de suportar seu escrutínio, Alana sentiu uma necessidade urgente de colocar uma certa distância entre os dois, caso contrário, era muito provável que

desmoronasse na frente dele. Com esses pensamentos em mente, a moça girou nos calcanhares e deixou a sala, indo em direção à varanda.

Percebendo sua intenção, Enrico moveu-se rápido e alcançou-a com suas longas passadas, esticou o braço e fechou a mão em torno de seu pulso, detendo-a.

Ela se virou com a intenção de pedir que ele a soltasse, mas encontrou o rosto másculo e moreno tão próximo que, se ele quisesse, poderia beijá-la sem o menor esforço, e sentiu um calafrio de antecipação percorrer sua espinha com o pensamento.

Perdida nas profundidades dos olhos dele, Alana não conseguiu desviar o olhar. Nem mesmo quando Enrico foi abaixando a cabeça, tão devagar que o ato se assemelhava a uma doce tortura, ainda mais quando ele parou no exato instante em que os lábios dele tocaram os seus. Foi um leve roçar, mas suficiente para fazer seu corpo esquentar como se labaredas de fogo houvessem se acendido dentro dela.

Elevando a mão, Enrico passou o polegar devagar sob seus olhos e bochechas, limpando as lágrimas que Alana foi incapaz de impedir que rolassem.

— Alana, eu sinto muito. Eu não deveria ter falado isso. Foi um comentário idiota. Por favor, não chore. Detesto te ver assim — disse, sentindo-se culpado.

Secando os últimos resquícios de lágrimas com o dorso da mão, ela foi capaz de sorrir, mesmo sentindo-se um pouco sem jeito frente à declaração dele.

— Não é só por isso. É tudo. Eu acho que não estou no meu estado normal esta noite.

— Então, só me responda uma coisa... — Enrico continuou. — Você estava fugindo de mim ou de si mesma? — A voz profunda não passou de um sussurro. Rouco. Sensual. Quente.

Recuperada, Alana balançou lentamente a cabeça.

— Eu não estava fugindo! — negou, contundente. Porém, quando viu a expressão inquisitiva no rosto ele, ela abrandou o tom da voz e retificou: — Quero dizer, eu não estou mais...

— Isso é muito bom. — Com um gesto de aprovação, Enrico puxou-a mais para si e Alana teve suas curvas delicadas e macias pressionadas de encontro aos contornos rijos do corpo dele. Com uma mão, ele rodeou a cintura fina com firmeza, enquanto a outra subiu e emoldurou seu queixo. Havia satisfação no meio sorriso e no brilho intenso de seus olhos.

O contato dos dedos longos era suave, mas, ainda assim, Alana foi incapaz de reprimir um profundo suspiro, e no instante em que suas bocas se encontraram, os músculos do estômago dela se contraíram. Seu coração começou a bater enlouquecido quando uma série de beijos longos e entorpecedores fizeram com que ela perdesse o interessasse em tudo à sua volta, menos em Enrico e nas exigências da própria carne. Sentir o gosto e o cheiro forte de homem aumentando pelo calor do corpo dele serviu para estimular ainda mais os sentidos de Alana, subjugando-a completamente.



Capítulo 20

Quando suas bocas se separaram, Enrico afastou-se devagar, as mãos percorrendo as costas de Alana numa carícia lenta, notando que ela tinha os lábios ligeiramente inchados pelo ímpeto com que ele os tomara. Sentindo-se subitamente acalorado, tirou a jaqueta e jogou-a na direção do sofá**.**

— Uau! — exclamou Alana, fascinada com o ondular dos músculos sob a camiseta colada ao peitoral rígido e que deixava à mostra os braços levemente bronzeados, com poucos pelos e que se estendiam por eles até o dorso das mãos.

— Como você se sente? — indagou Enrico, e com uma vagarosidade deliberada, voltou a estreitá-la contra o peito sólido, a mão forte descendo pelo pescoço dela e acariciando o ombro delicado, antes de introduzir os dedos sob a gola da camisa que ela usava. Lambeu os lábios ao ver uma pontinha de renda do sutiã se revelar quando o tecido escorregou para o lado.

Flutuando em uma nuvem de sensações produzidas por suas carícias, Alana não soube de imediato do que ele falava.

— Como eu me sinto? — inquiriu e lhe lançou um olhar confuso.

Enrico analisou seu rosto por alguns segundos.

— É. Como você se sente depois do que conversamos. — Notou quando sua expressão de dúvida mudou para entendimento.

— Eu me sinto bem — Alana respondeu, mas sem muita convicção. — E você?

Ignorando sua hesitação, Enrico ergueu as sobrancelhas em uma expressão sugestiva.

— Eu não poderia estar me sentindo melhor — confessou, brindando-a com um olhar tão safado quanto seu sorriso de lado.

Mantendo o contato visual, levou as mãos até a fileira de botões de sua camisa, abrindo-os um a um. Afastou as duas frentes do tecido, resvalando as palmas em seus braços ao fazer deslizar as mangas por eles, com gestos lentos e calculados.

Quando os lábios exigentes e sensuais seguiram a trilha de fogo deixada pelos dedos de Enrico, Alana sentiu um arrepio de antecipação percorrer sua espinha, apesar do calor que emanava do corpo dele, e atirou a cabeça para trás, abandonando-se ao sabor do momento.

Atento, Enrico afundou o rosto na curva de seu ombro e inalou o maravilhoso perfume, que, mesclado ao cheiro de mulher, fez sua libido subir feito um foguete. Em seguida, mordiscou seu lábio inferior. Puxou. Lambeu. Sugou.

Ato contínuo, abriu o fecho do sutiã e ajudou-a a se desfazer da peça íntima. Colocando a mão sobre um seio deliciosamente empinando, seus

dedos se fecharam em torno do bico e o apertaram. Abaixando a cabeça, capturou-o com a boca, chupando, mordendo e alternando movimentos rápidos e lentos com a língua.

O calor da boca de Enrico enquanto torturava o mamilo fez Alana ofegar violentamente. Sua mente e seu corpo reagiam ao toque. E ela queria mais. Muito mais. Não conseguia, nem queria, lutar contra as sensações que as carícias de Enrico produziam nela. Desejava aquele homem e estava prestes a se entregar a ele outra vez.

Com um movimento fluido e extremamente determinado, Enrico a fez recuar até um canto da sala. Espalmando uma das mãos na parede, inclinou-se na direção dela de modo que os rostos de ambos ficassem tão próximos que bastaria Alana erguer o queixo para unir os lábios aos dele. Com a outra mão, acariciou a lateral do rosto delicado, a ponta do polegar traçando o contorno de seu lábio inferior.

Os olhos da mulher se fecharam e um suspiro suave lhe escapou pela boca entreaberta. Fitando-a, Enrico sentiu a ponta do polegar formigar em contato com os lábios que ansiava voltar a beijar. Como desejava possuí-la de novo, afundar-se nas profundezas do corpo da mulher que lhe tirava o sono. E só havia uma maneira de satisfazer essa necessidade: saciando-a.

Quando Alana voltou a abrir os olhos, encarou-o de modo expectante. Ela o desejava com a mesma intensidade com que ele a queria. O desejo indomável que se refletia em seu rosto era o mesmo que o consumia. A maciez de seu corpo de encontro à aspereza máscula incendiando-a, nublando sua mente.

Alana envolveu a coluna do pescoço de Enrico com os braços ao mesmo tempo que ele a pressionava contra a parede, enterrando os dedos na massa sedosa de seus cabelos.

— Me beija! — exigiu ela, e Enrico sorriu, satisfeito. Alana o levava ao limite como nenhuma outra mulher jamais conseguira.

— Pretendo fazer mais do que beijar você — retrucou ele, com a voz rouca. Mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Alana colou os lábios nos dele, num beijo delicioso e profundo, ofegando na boca do homem quando suas línguas se encontraram em um balé sensual.

Apenas uma vez Enrico experimentou uma paixão tão intensa e uma ânsia tão urgente. E foi com a mulher que tinha nos braços. Quando suas bocas voltaram a se separar, Alana olhou-o com olhos escuros e pupilas imensas, lutando para respirar, tão imersa no momento quanto ele.

— Céus... Você me leva à loucura... — Enrico gemeu contra os lábios dela, arqueando os quadris para frente. E não resistindo ao desejo de tocá-lo, Alana enfiou as mãos por baixo da camiseta dele com avidez, deliciando-se ao sentir a carne dura, quente e palpitante sob os dedos.

Com habilidade, Enrico abriu o zíper do jeans de Alana e, pousando uma mão de cada lado de seus quadris, escorregou a peça pelas pernas longas e bem-feitas. Aprumando o corpo, introduziu os dedos sob o elástico da calcinha de renda e a tocou em seu ponto mais íntimo, encontrando-a úmida, quente e pronta para recebê-lo.

— Está disposta a continuar? — perguntou ele, sem interromper a carícia erótica.

— Sim — sussurrou a garota, com uma voz tão rouca e sexy que quase o fez perder o controle.

Alana passou a mover os quadris de encontro à mão que a estimulava, agarrando-se em seu pescoço forte. Enrico inclinou a cabeça na intenção de voltar a beijar os lábios cheios e macios, mas deixou escapar um rosnado quando ela tomou a iniciativa e se apossou de sua boca.

Pressionando-a contra a parede, Enrico deleitou-se com a sensação de seus seios contra o peito. Alana era tão quente e receptiva que desejou possuí-la ali mesmo. Parou de tocá-la, e com um brilho pecaminoso no olhar, retirou a última peça do corpo estonteante e a atirou longe. Alana arfou quando ele introduziu um dedo dentro dela, a boca explorando freneticamente a carne de seu colo, dos ombros e do vale entre os seios.

Incapaz de resistir ao deleite de ver e tocar seu corpo, Alana puxou a barra da camiseta com força, quase a ponto de rasgá-la. Atendendo ao pedido mudo, Enrico inclinou-se para trás e tirou-a, expondo os músculos do tórax coberto por uma camada rala de pelos. Ele desceu o zíper da calça e libertou sua ereção, ao mesmo tempo que mordia de leve o lábio inferior de Alana.

Um gemido rouco escapou dos lábios dele quando Alana fechou os dedos sobre a rigidez macia e aveludada, mas antes que ela a pudesse explorar, Enrico a ergueu. Instintivamente, Alana enroscou as pernas em torno da cintura reta, utilizando a parede onde estava encostada como apoio.

— Isso é tão... — Ela fechou os olhos, incapaz de completar a frase.

— Você me quer? — Enrico a cortou, e seu hálito quente aumentou a sensação delirante que a língua experiente provocava nos terminais nervosos dela.

— Sim... — Alana ofegou quando os beijos ardentes subiram para a base de seu pescoço, deixando-a incapaz de completar qualquer pensamento lógico diante das labaredas de fogo que a consumiam. — Eu quero que você faça amor comigo. — Ela lutou para deixar as palavras saírem enquanto aquele homem sexy e sensual continuava a produzir sua mágica.

— Não consigo imaginar nada mais prazeroso — Enrico retrucou com uma risada baixa. — O que eu mais quero agora é fazer amor com você

— declarou, pensando que, naquela noite, ele a teria da maneira mais primitiva.

A voz grave a excitou tanto quanto as palavras, intensificando o desejo excruciante que se avolumava no seu baixo ventre. Dominada por uma necessidade que não conseguia mais controlar, Alana escorregou a mão entre os corpos de ambos, e Enrico precisou se afastar alguns centímetros para lhe dar acesso. Queria senti-lo e deixá-lo enlouquecido como ele a deixava.

— Agora... — Ela o puxou contra o próprio corpo, querendo sentir aquele contato erótico e o sabor da carne rija. — Quero você agora.

Uma risada sexy e suave escapou da garganta dele enquanto se afastava um braço de distância. Ela se encontrava nua, com exceção das sandálias que logo foram descartadas. Os olhos castanhos escurecidos pelo desejo passearam pela sua nudez enquanto a atmosfera entre os dois zunia como uma descarga elétrica.

Uma pontada de timidez ameaçou invadi-la, mas Alana a afastou, recusando-se permitir que o pudor atrapalhasse o momento. E o rosnado que Enrico deixou escapar a estimulou a desejá-lo ainda mais. Balançou a cabeça, muda pela ferocidade da emoção que viu em seu rosto, uma combinação impressionante de desejo cru e necessidade básica.

Chocado com a fome atroz que o consumia, Enrico recuou, contudo, Alana enterrou os dedos em seus ombros e o puxou de volta.

— Você é uma diabinha que foi enviada para me tentar. — Seu tom era casual, mas seu comportamento era contido, revelando o esforço para manter o controle.

Sua voz gutural somada à sensação provocada por seus beijos quentes e insistentes fizeram-na experimentar um prazer quase insuportável.

Enrico prendeu suas mãos acima de sua cabeça, mostrando um brilho primitivo, aterrorizante e excitante nos olhos. Sua respiração saía pesada e rápida.

Imobilizada e com as pernas enroscadas em torno de sua cintura, Alana sentiu o desejo de se fundir a ele a dominar. Excitada, observou Enrico encostar a ponta do pau na sua entrada, fazendo-a perceber a potência de sua ereção.

Um tremor violento de antecipação atravessou seu corpo enquanto os olhos dele a fitavam, penetrantes. Seu coração pulsava com tanta força que ela se perguntou se as batidas podiam ser ouvidas por ele.

Soltando-a, Enrico a deixou por alguns instantes ao se lembrar a tempo de pegar um preservativo no bolso da calça. De volta e faminto, reivindicou sua boca mais uma vez, e Alana deixou as mãos vagarem pelas costas largas antes de cravar as unhas na pele quente e macia enquanto ele empurrava o quadril para frente e deslizava para dentro dela.

Estimulada pelo poder que parecia exercer sobre ele, Alana colou-se àquela estrutura rígida e musculosa, o corpo suplicando pela satisfação total. Sua presença a dominava, seu olhar a hipnotizava, seu hálito lhe queimava a pele e seu corpo inteiro subitamente pareceu estar em chamas.

Perdida na delícia de tê-lo por inteiro dentro dela, Alana começou a mexer os quadris e o roce contínuo de sua pélvis de encontro a dele ocasionou uma explosão de desejo que a deixou fora de si. Enrico gemia, balançando o corpo para frente e para trás. Enfiando os dedos na carne de suas coxas, ele começou uma investida gradual, mas constante.

— Devagar — murmurou, mas parecia que falava consigo mesmo. Respirando com dificuldade e em meio a rosnados, ele aumentou o ritmo das

estocadas, gemendo mais alto conforme suas investidas tornavam-se mais intensas e rápidas.

Embalada pelas sensações de profunda agonia e prazer que a inundavam, Alana arquejava em total abandono. Não demorou para que ela se aproximasse do clímax com Enrico enterrando-se fundo dentro dela, a excitação aumentando a cada investida e empurrando os dois cada vez mais para perto do abismo. Entre a solidez do corpo de Enrico e a parede da sala, ela teve os lábios devastados pela boca dele em um frenesi desesperado. Envolta na vertigem da paixão, deliciou-se na intimidade daquele corpo duro e gostoso que se movia ao ritmo de um instinto básico e selvagem.

— Enrico... — sussurrou ela, prestes a alcançar o ápice do seu prazer.

Ele a fitou com os olhos cheios de desejo.

— Você é minha... Só minha... — Seu tom era possessivo, e quando o mundo ao redor de Alana explodiu, os espasmos de um prazer delirante sacudiram seu corpo e as palavras roucas de Enrico perderam o significado.

De olhos fechados, tudo o que Alana podia ouvir eram os gemidos guturais que pontuavam o gozo dele, as respirações alteradas e as batidas desordenadas de seus corações. Momentos depois, ela abriu os olhos, trêmula e enfraquecida pelo orgasmo intenso que acabara de experimentar.

Enrico encarou-a com olhos enevoados, o corpo grande e musculoso estremecendo, descontrolado. Minutos se passaram até ele se sentir recuperado o suficiente para soltá-la, devagar. No instante em que seus pés tocaram o chão, Alana agradeceu pelo apoio da parede. E sem dizer uma única palavra, Enrico segurou a mão dela e a guiou pelo corredor rumo ao quarto.



Capítulo 21

Os dois seguiam pelo corredor, quando Enrico estacou e soltou a mão de Alana.

— Ei, me espera aqui — demandou e entrou no banheiro. Quando voltou, depois de se livrar da camisinha, encontrou-a no mesmo lugar onde a tinha deixado.

Hum, obediente, gostei!, pensou Enrico, e os cantinhos de sua boca inclinaram-se para cima quando seu orgulho de macho falou mais alto e ele quase sorriu com isso, porém, deteve-se a tempo, só não foi capaz de evitar que seus olhos pestanejassem, demonstrando surpresa, da qual ele se recuperou depressa. Com um olhar devasso, mediu-a de cima a baixo, deliciando-se com sua nudez completa. O corpo esbelto e sinuoso o estava deixando doido de vontade de se perder nele de novo.

Alana admirou os traços fortes de perto, a sensualidade das feições bem delineadas, e antes que pudesse dizer alguma coisa, sentiu suas costas sendo pressionadas contra a madeira da porta.

Encaixando uma mão entre o pescoço e a nuca de Alana, Enrico se aproximou e lhe deu um beijo rápido, mas intenso. E o contato dos lábios firmes e as mãos que agarravam seus cabelos fizeram com que Alana derretesse nos braços dele. Por instinto, ela elevou uma perna e abraçou o quadril de Enrico, puxando-o para si, contudo, seu desejo era arrastá-lo para o quarto, fechar a porta e fingir que não existia nada nem ninguém do lado de fora.

— Aqui não — falou Enrico, e como se adivinhasse os pensamentos da moça, espalmou a mão na base de suas costas, abriu a porta e guiou-a para o interior do aposento espaçoso. Lá dentro, ele a soltou e foi até o pequeno abajur do criado-mudo, e o brilho suave lançou uma réstia de luz sobre os lençóis.

Sentada na borda da cama, Alana observou, como que hipnotizada, Enrico se livrar do restante das roupas, bem como das meias e das botas, coisa que ele não tivera tempo de fazer devido à urgência do desejo que os consumira enquanto estavam na sala.

Totalmente nu, ele colocou as mãos em seus ombros e empurrou-a suavemente para trás, até que a cabeça dela se apoiasse no travesseiro. Esticando o corpão ao seu lado na cama, os lábios dele começaram a provocar os dela, roçando-os de modo excitante, até fazê-los tremer e ansiarem para serem beijados.

Incapaz de suportar o tormento da proximidade da boca dele sem receber o beijo, Alana enroscou os dedos em sua nuca e forçou-o a abaixar a

cabeça, e a boca úmida e quente de Enrico tomou a dela num beijo impetuoso e apaixonado.

— Já? — Alana inquiriu, quase sem fôlego, após suas bocas se separarem, notando que Enrico voltava a se excitar. Com as pálpebras semicerradas, ela traçou uma linha do peito ao umbigo dele e adorou quando a carne quente e dura se contraiu e ondulou sob seus dedos.

Ele sorriu de lado e fez um sinal de positivo com a cabeça.

— Nós mal começamos... e a noite ainda é uma criança — afirmou e voltou a prender os lábios dela nos dele, enquanto as mãos passeavam errantes pelo seu corpo.

Alana se excitou com o ardor das carícias, o calor espalhando-se pelas veias. Jamais encontrara um homem tão perito em despertar seu desejo quanto Enrico.

Os lábios exploradores percorreram suas faces e, acompanhando a curva graciosa da têmpora, mordiscou a pontinha da orelha e a pele sensível sob ela. Os sentidos alvoroçados de Alana corresponderam impetuosamente, e quando sentiu os dedos dele tocando-a, intimamente ela quase perdeu o pouco controle que lhe restava.

— Espera — pediu, movendo-se na cama para ficar de joelhos diante dele. Seu olhar guloso abaixou do seu rosto para sua ereção. Passou a língua pelos lábios, desejando levá-lo à loucura, deixá-lo na borda como parecia que ele adorava fazer com ela.

Apoiado nos cotovelos, Enrico a viu passar a mão na lateral de seu quadril e enterrar os dedos em seu traseiro, e instintivamente investiu a pélvis na direção dela.

Alana elevou o olhar e viu que Enrico a encarava com um desejo indisfarçável, os olhos arregalados, as pupilas dilatadas enquanto lutava para

manter-se estável sob seu toque.

A capacidade de pensar claramente o abandonou antes mesmo de ela se inclinar e abocanhar seu pau. Desse ponto em diante, tudo se tornou um furacão de sensações.

Correndo a mão livre pela coxa dele, Alana provocou-o passando a ponta do dedo na linha divisória entre os testículos antes de agarrar a base do mastro, que pulsou quando a ponta de sua língua percorreu a glande bem devagar.

— Ah, sim... isso... — murmurou Enrico, umedecendo os lábios e fitando-a de um jeito lascivo, voltando a impulsionar os quadris de encontro a ela.

Alana fechou os olhos enquanto deslizava os lábios pela cabeça ampla, envolvendo-a lentamente com a boca e tomando seu comprimento e espessura um pouco de cada vez. O sabor almiscarado do corpo dele e o sal da pele eram como afrodisíacos, fazendo todos os seus sentidos ficarem em alerta máximo.

Com delicadeza, apertou mais o traseiro de Enrico, incentivando-o a investir em sua boca, e ambos encontraram um bom ritmo quase de imediato. Erotismo, intimidade, avidez, desejo, todos esses elementos se misturavam dentro dela numa necessidade carnal, incentivando-a a aumentar a velocidade.

Os dedos de Enrico se enfiaram nos cabelos dela e sua voz era quase inaudível quando falou:

— Você tem que parar. Não vou conseguir segurar.

Alana deslizou a língua em torno de seu pau, fazendo-o vibrar, e apesar de seu pedido, ela não parou.

Apertando o maxilar, Enrico se libertou da boca deliciosa que o chupava e afastou a cabeça dela para trás. Um brilho fraco de suor fazia a pele de Alana brilhar sob a luz do abajur. Linda, sexy e absurdamente desejável.

— Você é demais, mas eu quero ver seu rosto quando te levar ao limite. Quero testemunhar o momento em que você desabará nos meus braços, e só então eu vou te acompanhar.

Sem esperar por um comentário e com um deslocamento rápido, ele acomodou os ombros entre as coxas macias e passou a língua pela extensão de sua boceta. Os quadris da mulher se ergueram da cama e Enrico passou os braços em torno de suas coxas, puxando-a de volta para baixo.

— Não se mexa.

— Eu não consigo — ofegou ela.

— Consegue, sim. Você vai ficar quietinha — comandou Enrico.

Então, a boca dele passou a trabalhar com afinco, conduzindo-a até a borda e parando. A pontinha da língua dançava em torno do clitóris, mas ele não ficava ali tempo suficiente para satisfazê-la. Ele brincava, acariciava, sugava e então se retraía, fazendo-a tremer sem controle. Finalmente, aquela tortura, embora deliciosa, a qual estava sendo submetida, se provou ser demais para ela ser capaz de suportar por mais tempo.

— Que droga, Enrico! Me come de uma vez! — exigiu, gemendo em agonia.

Pegando o preservativo que havia tirado da carteira e colocado sobre o criado-mudo, Enrico abriu a embalagem e, com movimentos seguros e hábeis, desenrolou o látex fino e revestiu o pau. O colchão afundou quando ele se lançou sobre o corpo de Alana. Encaixando um braço sob uma das pernas dela, ergueu-a, expondo a boceta para ele. A ponta do pau deslizou

por entre as dobras, tateando, e ela ergueu os quadris, incentivando-o a tomá-la.

Respirando fundo, Enrico fez uma pausa, afastando os olhos de onde ambos se conectavam e passeando o olhar pelo corpo dela.

— Tem um corpo lindo — elogiou ele, antes de pedir num sussurro rouco: — me ajude a entrar.

Colocando a mão entre eles, Alana retorceu-se ligeiramente, então o pegou, envolvendo-o com os dedos e o direcionando. Enrico empurrou firme e fez a glande passar pela entrada apertada, deslizando, preenchendo-a e estirando-a a ponto de ela soltar um choramingo.

Por um momento, Enrico se deteve, mas de jeito nenhum Alana permitiria que ele parasse, não quando estava louca por mais. Com um gemido de frustração, ela cravou as unhas nos quadris dele e, erguendo-se do colchão, deu-lhe uma chave de pernas, levando-o para dentro dela e enterrando-o até o fundo.

Um rosnado rouco escapou da garganta de Enrico quando as paredes do canal dela se contraíram ao redor de seu pau.

— Não quero que você seja delicado. Faz amor comigo com vontade — pediu Alana, e ele se viu impotente para negar qualquer coisa. Não havia a menor dúvida de que ele daria tudo o que ela pedia. Num instante, o instinto o dominou, o desejo tornou-se denso, voraz, e um turbilhão de emoções o tomou, exigindo libertação.

Com os calcanhares cravados no colchão, Alana impulsionava os quadris para encontrar suas investidas. Enrico agarrou uma coxa macia e abriu mais as pernas dela, segurando-as junto à cama enquanto seus dedos se enfiavam na carne firme e nos músculos trêmulos. E as dobras quentes em torno dele se transformaram no centro de quem ele era naquele momento.

Queria arrancar o prazer dela, ouvi-la sussurrar seu nome e assisti-la desmoronar em seus braços. Ele a penetrou com dureza, os apelos de Alana aumentando a força das estocadas conforme a avidez por ela queimava dentro dele. Pressionou a coxa dela com mais força e quase se descontrolou quando Alana gemeu e estremeceu sob sua mão.

— Por favor, Enrico... — Ela arqueou-se da cama, lutando para elevar os quadris de encontro aos dele.

Com o propósito de atender ao seu pedido, Enrico mudou o ângulo da penetração, o que permitiu a ele roçar seu órgão mais sensível, de novo e de novo. As paredes internas dela se contraíram e Alana agarrou os quadris dele, jogando a cabeça para trás, expondo seu pescoço. Ele se inclinou para frente, cobrindo o corpo dela com o seu, pressionando o clitóris já sensível com mais firmeza.

Ambos mantinham os olhos fixos um no outro, devorando-se, e a respiração se mesclando, ávidos e ofegantes, embriagados por aquela paixão avassaladora, os sentidos envoltos em chamas, as peles encharcadas de suor, subindo em direção ao topo, com o êxtase poderoso e firme à espera deles.

— Oh, meu Deus, Enrico! Isso é tão gostoso! — ela gemeu alto, com os olhos anuviados, explodindo e convulsionando debaixo dele, com os quadris travados estremecendo freneticamente, rendida e arquejando, os dedos cravados no lençol nas laterais do corpo.

Enrico sentiu a pressão do canal melado pelo gozo envolver sua ereção, apertando-o e ordenhando-o quando o prazer dela atingiu o auge. Ele achou que seria capaz de se segurar, de levá-la além do limite, mas não contava com o poder que a libertação dela tinha sobre ele. Alana ficara ainda mais desinibida e dominara o seu corpo, ao mesmo tempo que destruía seu autocontrole.

A construção do seu próprio orgasmo começou na base da espinha e passou por ele com uma ferocidade brutal, descontrolada, arrancando do fundo de sua garganta um uivo ensandecido e forte enquanto enterrava o rosto no pescoço dela, totalmente perdido no momento, o corpo subjugado pela liberação do gozo, ao passo que os quadris bombeavam em investidas delirantes e arrebatadoras.

Minutos depois, Enrico se moveu, aliviando-a do seu peso esmagador. Um relâmpago iluminou o céu, refletindo no interior do quarto através da janela entreaberta e sobre seus corpos, um esbelto e outro musculoso, dando-lhes um brilho prateado.

Um pensamento inesperado cruzou a mente de Enrico, o de que ele não desejava ir embora. Não sabia como seria entre eles dali para frente, mas se tinha uma certeza, era de que o que vivia com Alana não era uma simples aventura para ele. Jamais experimentara nada tão poderoso em sua vida, aquele desejo cru por uma mulher, alimentado por uma conexão física que, em nenhum momento, ele chegou a acreditar que existia.

Com os sentidos satisfeitos pela habilidade de Enrico, Alana surpreendeu-se com a sensação de arrebatamento, de abandono e de um enlevo especial que sentira durante a união deles. Algo lhe dizia que ele não estava dormindo. Estava apenas deitado ali, sentindo-se aquecido depois do ato de amor, assim como ela. Curiosa, virou a cabeça para olhá-lo. Enrico fitava o teto, com a fisionomia tranquila e o corpo poderoso apaziguado. As mãos másculas que haviam conduzido seus quadris com tanta destreza agora estavam relaxadas.

Subitamente, Alana sentiu o corpo mole, os olhos pesados e a cabeça leve. Um sorriso preguiçoso dançou em seus lábios. Moveu-se na cama, procurando uma posição melhor, e encontrou-a na curva do braço dele .

Enrico virou o rosto para olhá-la e p uxou o edredom sobre os dois. Ambos se ajeitaram sob o casulo aconchegante, e aninhados nos braços um do outro, adormeceram.



Capítulo 22

Envolvida com os projetos que tinha sob sua responsabilidade, Alana mal viu o tempo passar. Quando se deu conta, havia transcorrido quase um mês do dia que abaixara a guarda e fizera amor com Enrico pela primeira vez. E desde então, os dois se encontravam sempre que possível, ora na casa dele, ora na casa dela.

Naquela manhã de sexta-feira, os dois despertaram cedo, tomaram uma ducha e prepararam o café da manhã juntos. Agora, Alana e Enrico encontravam-se devidamente vestidos e sentados à mesa da cozinha. Ela tinha a cabeça inclinada para o lado e apoiada em uma das mãos enquanto observava o belo homem à sua frente por entre os cílios. Mudou de posição e aprumou o corpo no assento, pescando um morango com dois dedos da tijelinha e oferecendo-o a ele.

Enrico sinalou negativamente com um dedo, e em vez de pegá-lo, separou os lábios e comeu direto da mão dela. Após degustar a fruta doce e suculenta, ele pegou um morango e fez o mesmo com a mulher linda que o estava tirando do eixo.

— Chupe — ordenou, e Alana obedeceu sugando as pontas dos dedos dele de uma maneira sensual e erótica.

— É uma pena, mas não temos tempo... Acho que você poderia me dizer para fazer isso em um outro momento — comentou ela, piscando de um modo bastante sugestivo.

— Você está me saindo uma princesa devassa — disse ele, o semblante divertido. — Mas não se preocupe, eu prometo que não faltará oportunidade —garantiu, com uma piscadela charmosa e um sorrisinho sacana. E quando seus olhos colidiram, os dois riram, descontraídos. — Seu pai, a Bella e o Pietro vão chegar de viagem amanhã. Pelas fotos que recebi no celular, aqueles três se divertiram a valer — comentou, mudando de assunto.

— O tempo passou muito rápido. Eu também recebi um monte de fotos. Nunca vi meu pai tão feliz, e ele mudou muito desde que conheceu a sua irmã. Antes, ele vivia para trabalhar, quase não sorria ou parava em casa, mas, agora, o difícil é vê-lo sério por mais de cinco minutos. E saiu para uma lua de mel de um mês, um feito inédito ele se afastar dos negócios por tanto tempo. Eu acho até que é a primeira vez que ele faz isso, e eu amo vê-lo assim, todo bobo com o Pietro. Sem falar que a família vai crescer dentro de alguns meses — concluiu Alana, com um sorriso franco no rosto.

— O tempo passou bem depressa mesmo — concordou Enrico, brindando-a com um olhar significativo. — E quanto ao seu pai e minha irmã, nem precisamos dizer nada, está estampado na cara deles o quanto se

amam. E não é nenhum segredo que sou completamente apaixonado pelo meu sobrinho, assim como serei pelo bebê que está a caminho — disse com o olhar sonhador. Percebendo que divagara um pouco, limpou a garganta antes de continuar: — Você tem algum compromisso esta noite?

— Não... Bom, eu tenho uma reunião com alguns fornecedores às cinco da tarde, mas não creio que será muito demorada, fora isso, não tenho nada importante ou que não possa ser adiado para segunda-feira. — Alana afastou uma mecha de cabelo que lhe caíra na face. — E quais são seus planos?

Pensativo, Enrico tomou um gole do seu café antes de responder.

— Nós nunca saímos juntos, e como é fim de semana, eu pensei em te convidar para jantar fora, depois podemos dar uma volta pela cidade ou fazer uma caminhada pela praia.

Um pouco atordoada, Alana piscou diante do convite inesperado.

— Você está me chamando para um encontro?

Os cantos da boca de Enrico subiram, o que fez seus olhos estreitarem e ruguinhas charmosas aparecerem.

— É, pode-se dizer que sim. Não será *aquele encontro*, mas, ainda assim, um encontro. Por que o espanto?

— Por nada. — Alana sorriu, evasiva.

— E então? — insistiu ele.

— Então o quê? — devolveu ela, ganhando tempo.

Enrico soltou um suspiro, levemente impaciente.

— Aceita sair comigo? Prometo que não vai se arrepender.

— Pode ser — disse Alana, de forma distraída e evitando olhá-lo.

Diante da resposta, que considerou indiferente, Enrico levantou-se, sentindo-se estranhamente inquieto, a mão voando para a parte de trás da cabeça e esfregando a nuca com os dedos. Encarou-a sem fazer questão de esconder o quanto ficara chateado com o descaso de Alana ao seu convite.

— Vejo que não gostou muito da ideia. Um programa simples demais para alguém como você, estou certo? — Em seu tom de voz havia um quê de ressentimento. — Alana, você sabe que nem em meus sonhos eu terei condições de te levar para esses lugares chiques que deve estar acostumada.

Alarmada ao perceber o que dissera e, pior, que havia sido mal interpretada, Alana pulou da cadeira e foi até ele.

Por que Enrico tinha que se colocar sempre na defensiva? Isso a obrigava a permanecer atenta com o que falar e como falar, mas chegava a um ponto que ficar se policiando se tornava cansativo e estressante, embora, no fundo, ela entendesse os motivos dele.

— Enrico? — chamou, fazendo-o abaixar o olhar para ela. — Não é nada disso! Eu já te disse o que penso sobre sairmos. Esta cidade é pequena e eu acho que ainda é cedo para...

Alana foi interrompida por um gesto dele.

— Nós já tivemos essa conversa antes. Eu sei que você não quer que as pessoas saibam que estamos juntos. — Ele não gostava daquela situação, mas, em partes, até que concordava com ela, porque não era capaz de nomear o que ambos tinham, então seria melhor descobrir para onde aquele relacionamento os levaria antes de contar para a família dos dois.

Contudo, Enrico não podia negar que não estava exatamente tranquilo em esconder o que se passava entre eles dos irmãos. E, é claro, do George. Afinal, a garota era a filha mais velha dele, era como se, de alguma

maneira, estivesse traindo a confiança do cunhado, ainda mais depois do que o homem fora capaz de fazer por eles.

— Está certo... Mas, Enrico, isso é só por um tempo. Eu sei quem você é e estou com você porque quero. E ao contrário do que pensa, eu não faço tanta questão de frequentar esses lugares chiques que mencionou. — Alana colocou a mão em seu queixo e, olhando-o ternamente, emendou: — Eu adoraria jantar e depois passear pela praia com você, mas será que poderíamos ir para algum lugar fora da cidade? — Ficando nas pontas dos pés, ela lhe deu um selinho, mas ele permaneceu sério e rígido.

— Eu só me pergunto se você faria esse mesmo pedido caso o convite partisse de alguém do seu círculo, não de mim. Que você estivesse saindo com um desses ricaços, não comigo.

Alana parou um momento para refletir sobre o que ele estava dizendo. Seu questionamento fazia sentido para ela, contudo, seu principal motivo para ocultar o envolvimento dos dois do resto do mundo era preservar o que ambos tinham dos olhos maldosos de alguns e do julgamento alheio que certamente viriam. Mal haviam começado a se relacionar, e ela queria estar mais segura quanto aos sentimentos que tinham um pelo outro. Acariciando os fios macios da barba dele, ela fez o pedido:

— Enrico, por favor, não faz assim. Não vamos complicar as coisas. Prometo que essa situação não vai durar muito. Eu só preciso de um pouco mais de tempo. E lembre-se de que o proibido é sempre mais gostoso — brincou com ele, procurando lhe tirar um sorriso a fim de descontrair o momento tenso. — Nós não estamos bem do jeito que estamos? — indagou, visivelmente ansiosa.

Enrico analisou seu rosto atentamente durante alguns segundos e resolveu que poderia dar o tempo que Alana dizia precisar, desde que a

situação não se prolongasse demais. Logo Bella e George estariam de volta, e ele se conhecia, não era tão bom assim em dissimular sentimentos. Já estava sendo bem complicado inventar desculpas para explicar as noites que passava fora de casa quando não conseguia evitar as perguntas do irmão mais novo.

— Concordo. Pode ser mais gostoso, só que chega uma hora que enche o saco. E estamos bem como estamos, mas como você mesma disse, é por enquanto — respondeu Enrico, relaxando os músculos tensos do rosto e dos ombros. — Eu vou aceitar a sua condição para sairmos. *Desta vez* — ele fez questão de frisar, pois não estava disposto a sempre ceder as vontades dela. — Então, eu te pego às sete?

— Combinado. Estarei aqui, te esperando — confirmou Alana, e, mais aliviada, enlaçou o pescoço dele com os braços.

— Eu quero te dizer uma coisa — começou ele.

— Então me diga.

— Eu não sou ingênuo, Alana. Sei que algumas pessoas vão dizer que eu só quero me aproveitar, que estou com você por causa do seu dinheiro.

Alana colocou um dedo na boca dele para silenciá-lo.

— Nós não temos como controlar o que as pessoas pensam ou dizem. Cada um pensa e fala o que quer, mas eu sei que você não é assim. Não é por isso que está comigo. — *Embora eu mesma tenha feito mau juízo de você e da Bella*, completou para si mesma, envergonhada e sem coragem de admitir o quanto tinha sido injusta com os dois em voz alta.

— Eu gostaria de poder te oferecer mais, só que...

— Enrico, eu não espero nada de você além do que temos ou do que você é capaz de me dar — Alana declarou com sinceridade.

— Eu tenho planos de mudar, de melhorar minha vida, mas trabalhando e me esforçando, como sempre fiz, acredite em mim. Hoje, tudo o que eu tenho e posso te dar está aqui, na sua frente — confessou Enrico, um pouco surpreso com o que acabara de dizer.

Alana esticou a mão e tocou rosto o dele com carinho.

— Para mim, isso é mais do que suficiente. Tudo ao seu tempo. Não se cobre demais. Não me importa o que você tem ou não tem. Antes de te conhecer melhor, eu tinha essa visão totalmente distorcida, mas, hoje, o que realmente me importa é o homem forte, responsável, amoroso e generoso que tenho diante de mim. Enrico, você vale pelo que você é, e não há dinheiro no mundo inteiro capaz de pagar por isso — declarou, ciente de que cada palavra que saía de sua boca era a mais pura verdade. Arregalou os olhos quando sentiu o coração dar um salto no instante em que um pensamento inesperado passou por sua cabeça.

— Eu me alegro que pense assim, mas se o seu pensamento é esse mesmo, não entendo por que nós precisamos nos esconder e ocultar o que sentimos um pelo outro — confidenciou Enrico, fixando o olhar na boca bonita dela. Ele simplesmente a adorava. Era desenhada, com lábios carnudos e provocantes, sem mencionar o gosto, o qual ele desejava saborear de novo, de novo e de novo.

— Meu pensamento é esse, sim — Alana reafirmou com veemência. — E não tenha nenhuma dúvida quanto a isso. Eu só quero estar mais segura com relação a mim, a você e... a nós. — Ela hesitou por um momento quando terminou de falar. O que estavam vivenciando era algo tão intenso que, às vezes, chegava a temer a força dos sentimentos que habitavam seu

peito e não sabia bem o motivo de sentir-se assim. Havia a atração e a admiração, mas... *Meu Deus, será que estou me...?*

Ela não pôde concluir o pensamento, pois o gesto de assentimento dele chamou sua atenção e tirou-a do transe momentâneo em que estivera mergulhada no último minuto, trazendo-a de volta para a cozinha.

— Está bem, isso eu posso entender — Enrico cedeu, olhando-a nos olhos e alisando seus cabelos. Carinhoso, puxou-a mais para junto do peito e a beijou, porém, desta vez, ambos sentiam que havia um ingrediente novo no beijo que trocavam, no entanto, sem atinar sobre o que poderia ser esse algo inédito entre eles.



Capítulo 23

Enrico olhou-se no espelho. Estava um pouco ansioso, afinal, aquela seria a primeira saída dos dois como um casal. Não importava se não tinham dado um nome à relação que viviam, no fundo sabia que não estavam só tendo um caso. O que sentia por Alana ia além de uma simples atração física, era mais que paixão, e acreditava que ela também estava ciente disso, embora ainda se sentisse insegura. O ruim era que a insegurança dela acabava refletindo nele.

Olhou para o relógio em seu pulso e viu que tinha o tempo justo para buscá-la. Meia hora depois, às sete em ponto, estacionou na frente da casa dela, buzinou uma vez e aguardou Alana aparecer no portão. Prendeu o ar nos pulmões e sentiu o coração dar um salto quando a viu se aproximar.

Fitando-o com um sorriso, a moça entrou na caminhonete e acomodou-se no assento do carona. Sintonizados, ambos se inclinaram ao

mesmo tempo e beijaram-se, à guisa de cumprimento.

— Pontual, como sempre — observou Alana, ligeiramente ofegante quando separaram as bocas e se afastaram.

— Não gosto de me atrasar. Atrasos me deixam impaciente. — Enrico olhou-a de esguelha e colocou o carro em movimento.

— Aonde vai me levar? — indagou Alana, curiosa.

— Para um lugar especial — respondeu Enrico, evasivo, mas desde que a tinha chamado para sair, sabia exatamente para onde a levaria. Contudo, ele fez um gesto negativo com a cabeça. — Você só vai saber quando chegarmos lá — retorquiu, ligando o som, e os acordes da música *Mirros*, na versão do grupo Boyce Avenue, preencheu o interior da cabine da pick-up.

Já estavam na estrada há algum tempo quando Alana voltou a se manifestar:

— Será que podemos dar uma paradinha? Estou com a garganta seca.

Ele a olhou com um pequeno sorriso.

— Eu paro no próximo posto que tenha uma loja de conveniências.

Quando Enrico parou, ambos desceram e foram direto para a pequena loja localizada na parte dos fundos do posto de gasolina. Lá dentro, Enrico adiantou-se e abriu a geladeira, tirando duas garrafinhas de água. Alana esticou o braço e pediu uma delas com os olhos, mas ele ergueu os braços, colocando-as fora de seu alcance. Mesmo em clara desvantagem, Alana tentou pegá-las, e para isso, precisou dar alguns pulinhos no ar.

Rindo e com os braços ainda no alto, Enrico girou o corpão e começou a andar na direção do caixa. Alana o seguiu e abraçou-o por trás

quando ele parou na fila para ser atendido. Teimosa, ela insistiu em tentar alcançar e tirar uma garrafinha da mão dele, porém, Enrico sempre conseguia se esquivar dos seus avanços.

O som da risada alegre e contagiante dos dois ressoou pela pequena loja, chamando atenção de clientes e da senhora grisalha, na casa dos sessenta anos, que acompanhara o casal com um sorriso grudado no rosto desde o momento em que ambos passaram pela porta.

Penalizado com os esforços inúteis de Alana, Enrico girou dentro de seus braços e decidiu parar de provocá-la. Entregou uma garrafinha para ela, que a abriu com gestos rápidos, bebendo vários goles com avidez. Saciada, Alana devolveu a garrafa com pouco menos da metade.

— Estava ótima! — disse, secando um pouco da água que havia escorrido pelo seu queixo.

Divertido e incapaz de resistir, Enrico puxou-a para si e voltou a beijá-la ali mesmo, sem se importar com quem os estivesse assistindo.

— Diz para onde estamos indo, Enrico — mais uma vez, implorou Alana. — Fala, vai. Por favor!

Ele levantou um dedo e a olhou de maneira tão contundente que ela parou de falar na hora.

— Pode parar. Você não vai me convencer a contar. — Irredutível, rodeou a cintura dela com um braço, puxando-a para lhe dar mais um selinho.

E foi assim, rindo, trocando beijinhos e olhando-se como se não existisse mais ninguém no mundo, que chegou a vez de Alana e Enrico serem atendidos.

— Mais alguma coisa? — perguntou a senhorinha simpática.

— Não. É só isso mesmo — respondeu Enrico, tirando uma nota de dentro da carteira e entregando-a à senhora idosa.

— Os dois formam um casal muito bonito — disse ela, de repente. — Dá para ver logo que estão muito apaixonados. Que Deus conserve esse amor por toda a vida! Até que se tornem dois velhinhos, como eu e o meu marido — desejou e apontou para um senhor alto e magro que se encontrava encostado a um móvel e com a cara enfiada em um jornal, aparentemente alheio à conversa dos três.

Enrico e Alana se entreolharam divertidos com a conclusão que tirara a velha senhora, não se importando em contradizê-la.

— E há quanto tempo a senhora está casada com ele? — Alana a olhou sorridente, o queixo apoiado no ombro de Enrico enquanto seguia abraçando sua cintura por trás.

A mulher mais velha moveu os ombros num gesto gracioso.

— Há quarenta longos anos — respondeu ela, rolando os olhos, mas abriu um largo sorriso ao lançar um olhar carinhoso na direção do homem, vendo que ele seguia absorvido na leitura, então logo voltou a fitar o casal diante dela. — E vocês já têm filhos?

Alana ergueu as sobrancelhas.

— Não — disse, surpresa com a pergunta inesperada.

— Bem, não ainda — emendou Enrico, ficando sério antes de girar o pescoço e olhá-la. — Boa noite e obrigado — agradeceu à senhora, e tomando Alana pela mão, os dois voltaram para a caminhonete a fim de seguirem viagem.

— Falta muito para chegarmos?

— Menos de meia hora — Enrico estimou, os olhos fixos na estrada.

Alana anuiu e recostou a cabeça no ombro dele.

Vinte minutos se passaram quando ele estacionou a poucos metros do restaurante. Gentil, Enrico desceu, rodeou a caminhonete e ajudou Alana a fazer o mesmo. Já na calçada, tomou a mão dela na sua mais uma vez e os dois caminharam até a rampa que dava na entrada. De cara, era possível perceber o clima descontraído e informal que todo restaurante na praia deveria ter.

Seu aspecto era rústico, feito de madeira e com vista para o mar. A fachada chamava atenção, principalmente à noite, quando vários pontos de luz eram acesos, iluminando não só o restaurante, mas as palmeiras e o caminho de madeira que conferiam um toque de elegância à entrada. A decoração no interior possuía temas praianos, como barcos e redes de pesca, e as paredes eram de tijolinho à vista. O restaurante também oferecia mesas ao ar livre para quem desejasse saborear as entradas e os pratos principais com os pés na areia.

Pousando uma mão possessiva na cintura de Alana, ambos adentraram o salão do restaurante e logo uma morena alta, atraente e bem vestida, no início da casa dos trinta anos, aproximou-se com um amplo sorriso no rosto.

Percebendo que a mulher fitava Enrico, por instinto, Alana grudou-se ainda mais a ele. Sua intenção era enviar uma mensagem para a mulher que o devorava com os olhos: que o homão ao seu lado era, de fato, uma delícia, mas que já tinha dona.

— Mesa para dois? — A mulher ignorou o olhar feroz que Alana lhe endereçava, insistindo em manter sua atenção somente sobre Enrico. Alana estava a ponto de pular e enfiar as unhas na jugular dela, mas a mão grande que a prendia pela cintura apertou-a de leve, como se lhe enviasse o aviso de

manter a compostura. Em seguida, Enrico acenou afirmativamente com a cabeça em resposta à pergunta da sem vergonha. — Por aqui, por favor — chamou ela, virando-se e rebolando enquanto os guiava até uma das poucas mesas disponíveis, que eram distribuídas em círculo diante de um pequeno palco.

Que descarada!, pensou Alana, com raiva, e ficou ainda mais irritada com os olhares de interesse que algumas das demais mulheres do lugar lançaram sobre ele. Respirou fundo, tentando se acalmar e resistir ao impulso de ir até cada uma delas e furar os olhos que praticamente despiam o seu homem.

O quê? Eu pensei isso mesmo? E quando foi que me tornei uma mulher ciumenta?, perguntou-se, notando que aquela era a segunda vez que pensava nele como sendo dela. Não que Enrico fosse uma propriedade, longe disso. Não era assim que pensava nele. Não. De jeito nenhum. Não via Enrico como um homem que pertencia ou se submetia a quem quer que fosse. Ele tinha uma personalidade forte e era orgulhoso demais para "pertencer" a alguém. *Não que a ideia de tê-lo só para mim me desagrade. Meu homem...*

— Meu — murmurou, saboreado o pronome possessivo na língua. Estava tão absorvida em seus devaneios que precisou sacudir a cabeça ao ouvir a voz masculina se dirigir a ela.

— Este restaurante era o preferido da minha mãe — disse Enrico, quando se acomodaram na mesa reservada para eles. — Meu pai costumava trazê-la aqui em ocasiões e datas especiais.

— O ambiente é agradável e muito bonito — disse Alana, varrendo o interior do restaurante com olhos inquietos. Esticou o braço sobre a mesa e cobriu a mão grande com a sua, admirando por alguns segundos o quanto

eram diferentes, tanto no formato quanto no tamanho, mas, ainda assim, muito harmoniosas juntas. — Obrigada por me trazer aqui, ainda mais por saber que é um lugar especial para você.

Pensativo, Enrico virou a palma da mão para cima e envolveu a dela, passando a fazer movimentos giratórios com o polegar na parte interna do pulso delicado, obrigando Alana a soltar o ar devagar ao sentir o local que recebia a carícia formigar, causando uma agitação em seu interior. Uma chama trepidava intensa, a ponto de ela sentir as pontas dos dedos coçar devido à necessidade quase insuportável de tocá-lo.

— Que bom que gostou — Enrico falou num tom de voz baixo, o que só fez aumentar a carga sexual existente entre os dois. Soltando a mão de Alana, ele colou as costas no encosto da cadeira, fitando-a com olhos quase fechados.

— Gostar é pouco. Eu adorei! — Seus olhos estavam brilhantes e seu sorriso era genuíno e encantador ao responder.

Enrico abriu a boca para dizer algo, mas sua atenção foi puxada para a garçonete que se aproximava.

— Boa noite. Estão prontos para fazer o pedido? — indagou a garota, solícita.

Pegando o cardápio, Alana levou um minuto para examinar as opções e logo soube o que pedir.

— Para mim, como entrada, uma salada de rúcula, tomates picados e aspargos. Como prato principal, o filé a roquefort* — respondeu, dispensando o cardápio logo em seguida.

— E para beber? — averiguou a garçonete, após digitar o pedido na comanda eletrônica.

— O que me sugere? — indagou Alana, olhando-a com um breve sorriso.

O rosto da jovem se iluminou.

— Para acompanhar o filé, eu recomendo o vinho da casa. É um Cabernet Sauvignon levemente encorpado e de uma safra ótima.

Alana meneou a cabeça.

— Que delícia! É o meu vinho favorito. Aceito a sugestão — disse, educada.

— E o senhor? — inquiriu a garota, transferindo sua atenção para Enrico. Ele nem precisou consultar o cardápio, pois sabia de cor qual prato pediria.

— De entrada, eu vou querer o mesmo que ela, e como prato principal, o camarão com abacaxi e molho branco. Para beber, o vinho da casa. — E imitando o gesto de Alana, entregou o cardápio para a garçonete.

— Anotado. Dentro de alguns minutos, o garçom trará o vinho e a entrada. Logo depois, o prato principal será servido — avisou a garota, segurando os dois cardápios sob o braço colado junto ao corpo.

— Obrigado — agradeceu Enrico, e com um sorriso de despedida, a garçonete girou nos calcanhares e se afastou.

De onde estavam, os dois podiam apreciar a vista e ouvir o mar, com aquele barulhinho de ondas quebrando na praia e capaz de acalmar os nervos de qualquer pessoa.

Sem perceber, Alana deixou escapar um suspiro.

— Tudo aqui é tão lindo... — disse ela, encantada.

— Sabe quem também é linda? — indagou Enrico, incapaz de tirar os olhos de cima dela, admirando a bela mulher metida num vestido longo,

soltinho e florido, só imaginando o corpo quente, macio e bonito que havia sob ele. — Eu acho que nem preciso dizer — emendou, sorrindo de uma maneira simplesmente encantadora.

Mortificada, Alana sentiu o rosto esquentar e sorriu um pouco encabulada diante do elogio, mas amando a maneira de ele olhar para ela. Estava diante de um Enrico mais solto, relaxado e até brincalhão, o oposto do cara seco, duro e sarcástico com quem vivia batendo de frente. Podia dizer que estava adorando o fato de ele se sentir confiante a ponto de mostrar esse lado, totalmente novo para ela.

— E você não está nada mal — replicou ela, brindando-o com um olhar apreciativo. Dos homens presentes, ele era, sem sombra de dúvidas, o mais charmoso e bonito de todos. Ou seria ela que só tinha olhos para ele?

Os dois ficaram mudos quando o garçom trouxe a garrafa de vinho, servindo duas taças com elegância. Quando o homem se afastou, Enrico pegou uma delas e elevou o braço à sua frente.

Percebendo a intenção dele, sorrindo, Alana o imitou.

— A nós e que este seja o primeiro de muitos encontros que ainda teremos — desejou, e logo ouviram o som de cristal se tocando.

— Eu brindo a isso. — E como num ritual, Alana rodeou o vinho no interior da taça com calma e delicadeza, inalou seu aroma e, lentamente, levou a taça até os lábios. De olhos fechados, bebericou o primeiro gole, degustando o delicioso sabor de ameixa, que causou um verdadeiro frisson em sua boca. Reprimiu um gemido de satisfação quando abriu os olhos e passou a língua devagar pelos lábios, absorvendo o restinho da bebida que ficara ali.

Enrico tinha os olhos cravados em sua boca, enquanto as mãos apertavam com força o guardanapo sobre a mesa. Quando seus olhares se

encontraram, ele pigarreou, remexendo-se na cadeira, e logo quebrou o contato, correndo o olhar à volta, percebendo alguns olhares curiosos chegarem até eles. Foi com alívio que percebeu o garçom se aproximar, trazendo as entradas.

— Bom apetite — desejou o homem, após depositar os pratos sobre a mesa, diante de cada um deles, afastando-se em seguida.

Por alguns minutos, Enrico e Alana dedicaram-se a apreciar suas respectivas saladas, para só então iniciarem uma conversa.

— Você me disse que tem planos de mudar de vida — começou ela, bebendo mais um gole do seu vinho.

Colocando o garfo ao lado do prato, Enrico levou o guardanapo até os lábios.

— Sim, eu tenho pensado em voltar a estudar. Você disse para eu não me cobrar tanto, mas a vida passa tão rápido. E eu sinto que preciso de um objetivo, algo que me impulsione a seguir em frente, e acho que retomar meus estudos é uma boa ideia.

Alana olhou-o com interesse.

— Não é só boa, é uma ideia excelente! — concordou, empolgada. — E em que ano você parou?

— Parei no segundo ano da faculdade. Eu cursava Arquitetura. Ser arquiteto é um sonho que eu tenho desde que era moleque — Enrico contou com entusiasmo.

— Poxa, que legal saber que você gosta dessa área!

— Eu não gosto, eu sou apaixonado — respondeu ele, e seus olhos brilharam. — Tudo o que tem a ver com design de interiores, formatos, linhas, estruturas, relevos e uso de espaços me interessa. E também sou

muito bom desenhando. — O modo como falava e seu semblante animado eram contagiantes.

— Dá para ver o quanto você adora só de te ouvir. E você teve que parar... — O coração de Alana apertou ao dizer isso. Enrico falava com tanta paixão e entusiasmo que devia ter sido uma decisão excruciante ter que abandonar o curso bem antes de se formar, embora seu motivo tenha sido de força maior.

— Parei logo depois que meus pais morreram. Precisei trabalhar e cuidar da Bella e do Eros, que eram bem pequenos na época.

— Não deve ter sido fácil — comentou Alana, empática.

— E não foi. Em certos momentos da vida, precisamos fazer escolhas, tomar decisões. E algumas delas são difíceis, complicadas, mas precisamos levantar e seguir em frente de algum jeito. — Seu rosto tornou-se sombrio por um momento. — Mas eu não me arrependo. Se fosse hoje, eu faria tudo igual. — E sua fisionomia mudou drasticamente, fazendo o lampejo de tristeza desaparecer tão rápido que Alana se perguntou se não havia imaginado.

— É um homem especial, Enrico. Nem todo mundo é capaz de fazer o que você fez. Desistir de sonhos, colocar a própria vida em suspenso... — Satisfeita, Alana colocou o prato meio de lado para que o garçom viesse e o retirasse.

Diante do comentário dela, modesto, Enrico deu de ombros.

— Eu evito pensar no que passou. Nem gosto de tocar nesse assunto. Prefiro me focar no presente. A Bella está casada e feliz, o Eros está mais tranquilo e indo bem com as apresentações dele. Acho que chegou a hora de eu voltar a me concentrar em mim, na minha vida. Quanto a retomar o curso, eu não sei se vou poder continuar de onde parei, talvez eu tenha que

começar do zero. Mas me formar arquiteto e trabalhar na área é um sonho antigo, e hoje eu posso pensar em realizá-lo, coisa que até pouco tempo atrás era algo praticamente impossível.

Alana percebeu logo ao que Enrico se referia. Em sua arrogância e cegueira, ela não havia parado para pensar que a compra da casa onde vivia podia fazer tanta diferença na vida dele. Abaixou os olhos, incapaz de continuar a encará-lo. Tinha sido tão insensível e injusta. Esqueceu que todos têm direito a um teto, a cursar uma faculdade e a se formar. Seu pai, mesmo sem saber, tinha propiciado e devolvido o maior sonho de Enrico. Com a casa paga, ele seria capaz de voltar a estudar e se formar em Arquitetura. Alana piscou várias vezes e precisou respirar fundo, esperando o nó que travava sua garganta se desfazer.

— Senhor... — Não perceberam o *maître* se aproximar. — Senhora. Espero que estejam tendo uma excelente noite.

Quando o *maître* se foi, sentindo-se angustiada, Alana decidiu afastar aqueles pensamentos incômodos e manter o foco no assunto que ambos adoravam, não correndo o risco de estragar a noite perfeita.

— Fico feliz por você. Poder realizar um sonho é algo maravilhoso. Arquitetura foi a minha segunda opção na época em que prestei o vestibular — confessou ela, e os dois seguiram envolvidos no assunto.

Era bom saber que tinham mais essa paixão em comum, e assim permaneceram no restaurante por muito tempo. A conversa, a comida, a companhia, o ambiente, o clima, tudo estava tão perfeito que horas pareceram minutos. Após terminarem o jantar, deram uma trégua na conversa. Passava das dez da noite quando Enrico pagou a conta.

— Eu te prometi um jantar e um passeio pela praia. Como já terminamos o primeiro, agora vamos para o segundo — informou ele.

Ajeitando a bolsa no ombro, Alana se levantou, mas no trajeto até a saída, Enrico irritou-se ao perceber os olhares que alguns homens dirigiam a ela. Reparou em um deles em particular, que parecia querer devorá-la com os olhos. Trancou o maxilar e fechou o punho, pois sua vontade era a de socá-lo até tirar aquele sorrisinho lascivo da cara do idiota.

Ao passar do seu lado, Enrico lhe lançou um olhar frio e furioso, e o homem, quando notou que a mulher que admirava estava acompanhada, mudou suas feições para sem graça e recuou. *Pelo menos não é tão otário a ponto de me encarar*, pensou Enrico, com raiva, e reconhecer que sentia ciúmes de Alana foi como levar um soco imaginário na boca do estômago. Instintivamente, ele contraiu os músculos do rosto e enrijeceu o corpo. Alana pareceu perceber seu estado de espírito e girou o pescoço, sorrindo quando o encontrou, e o puxou pela mão quando ele hesitou por um milésimo de segundo.

De mãos dadas, saíram para a noite quente, estrelada e de lua cheia, cujos raios refletiam nas águas calmas do mar, e o som suave das ondas quebrando a alguns metros de onde estavam era como uma trilha sonora para o momento só deles. Passeavam à beira-mar, agindo como namorados desde o instante em que ele a pegara na frente da casa dela, e isso tanto a surpreendia como a deixava deliciada.

Alana nunca tivera muito tempo para namoros, além do mais, nenhum homem tinha lhe interessado particularmente. Havia centrado sua vida nos estudos e na carreira, mas quando estava com Enrico, na intimidade do quarto ou fora dele, como naquele encontro, ela não tinha mais remédio para admitir que ele despertara algo verdadeiramente especial dentro dela .

— Eu não me canso de admirar este lugar... — *E de admirar você*, acrescentou para si mesma.

— Gostou?

— Amei.

— Nunca esteve aqui antes?

— Definitivamente, não.

— Prometi que você não se arrependeria.

— E com certeza você cumpriu sua promessa.

Alana parou de andar, olhou ao redor e, sorrindo, voltou a encará-lo.

— Não tem como não amar um lugar como este, ainda mais estando tão bem acompanhada .

Enrico bebeu do sorriso dela e se deixou mergulhar no seu olhar.

— Eu sei ser persuasivo quando quero — disse e piscou para ela. — E olha que não foi fácil convencer o clima a permanecer tão ameno e agradável para nós — brincou, e seu riso soou tão perto que Alana pôde sentir o cálido alento em sua orelha e um enrosco na boca do estômago.

Se o homem já era lindo de cara amarrada, sorrindo daquele jeito deixava-o tão quente que ela não duvidava que ele fosse capaz de descongelar um *iceberg*. Seu coração pulsou mais forte e seus joelhos vacilaram. Enrico era o pecado em forma de gente, metido em coturnos, um par de calças escuras ajustadas no corpo e aquela camisa verde-exército por cima da camiseta da mesma cor, apenas um tom mais claro, sua vestimenta favorita.

Alana não se lembrava de já ter sentido aquela ânsia de querer tanto estar com alguém. O sentimento que nutria por Enrico era avassalador, e ela podia jurar que jamais experimentara alguma vez, em toda sua vida, algo remotamente parecido.

Enrico a encarou como se pretendesse dizer alguma coisa, mas acabou mudando de ideia. Usando uma das mãos, atraiu-a para si, e com a outra, livrou-a de uma mecha de cabelo que a brisa trouxera para frente e caíra sobre seu rosto. Ele riu e puxou-a lentamente, deixando o sorriso morrer quando suas bocas se encontraram num encaixe perfeito. De olhos fechados, aproveitaram cada segundo do beijo sensual e cheio de promessas. Minutos se passaram até Enrico se separar dela, respirando com dificuldade.

— Acho que é melhor a gente ir. — Ele retrocedeu em silêncio. Alana o estava deixando louco. Ela o fazia só pensar em sexo. E não sexo em geral, mas sexo com ela. Uma e outra vez. Os laços invisíveis da atração os tinham unido desde o começo, e agora não parecia ter mais volta.

Inesperadamente, sua mente lhe trouxe o pensamento das mulheres com quem ele se envolveu ao longo dos anos, mas, naquele exato momento, Enrico não conseguiu recordar seus nomes, seus rostos ou qualquer detalhe concreto do que havia sentido por elas. Só podia pensar em Alana. Na sua boca, em seus seios, em suas pernas, em sua voz, em seu corpo entre seus braços, em seu cabelo espalhado sobre o travesseiro. Podia vê-la na ducha com ele, ou tomando o café da manhã na cozinha após passarem a noite juntos. Era tão fácil desejar tê-la sempre por perto que ele até se assustou.

— Está maravilhoso aqui, mas se você prefere voltar, tudo bem. Na sua casa ou na minha? — questionou ela, jogando a cabeça para trás para poder olhá-lo nos olhos, entrelaçando os dedos na sua nuca, sorrindo e piscando, descontraída.

Enrico devolveu o sorriso e balançou a cabeça.

— Nenhuma das duas.

Confusa, Alana franziu a testa.

— Deixe-me adivinhar... Você não vai me contar para onde nós vamos, não é?

— Isso mesmo. Eu tenho outra surpresa para você — disse ele, e havia um quê de mistério no modo como olhou para ela. — Vem comigo?

Alana estremeceu só de ouvir a voz masculina muito perto de seu ouvido, e que não passou de um sussurro. Os braços pareciam se recusar a soltá-lo, o corpo não queria se afastar e perder aquele calor, contudo, mesmo contra sua vontade, ela o fez, pois desejava loucamente ficar sozinha com Enrico. Com os olhos fixos em seu rosto, sentindo seu cheiro almiscarado e repleto de hormônios, Alana assentiu, dando-se conta de que iria para onde Enrico desejasse levá-la.

De volta à avenida e recostada no banco, Alana olhou por um momento para as mãos fortes que seguravam a direção e sentiu um ligeiro tremor só de pensar no que elas eram capazes de fazer. Sem perceber, deixou escapar um suspiro. Tinha fugido durante meses, tentado lutar contra o que sentia com afinco, e apesar de tudo isso, ela não foi capaz de evitar.

Enrico foi chegando e envolvendo-a em sua teia, infiltrando-se sob sua pele para finalmente alcançar e fazer morada em seu coração. Já não podia mais negar o que acontecia com ela. Estava apaixonada por aquele que um dia achou que poderia odiar, e admitir, ainda que para si mesma, que o amava a deixava assustada. Na verdade, a palavra apavorada descrevia melhor como se sentia.

A caminhonete fez uma curva fechada e começou a subir uma estrada estreita e sinuosa. Em um dado momento, sem que Alana percebesse, atingiram o topo de uma colina, de onde se descortinava um vale. Cinco minutos depois, atravessaram o grande portão ladeado por duas toras de

madeira. Para além de um caminho em meio à vegetação, estava um charmoso chalé.

Enrico finalmente estacionou, mas Alana permaneceu sentada, imóvel, olhando em volta, e sentiu-se como se tivesse sido transportada diretamente para dentro de uma pintura. A vegetação densa, o jardim bem cuidado, tudo ali era incrível, mas o que a fez conter a respiração foi o chalé feito de toras de árvores. Boquiaberta, olhou para a construção e depois para Enrico, a surpresa estampada no rosto, e viu um sorriso satisfeito aparecer nos lábios dele.

— Vai ficar aí, só olhando? Não vai dizer nada?

— Eu nunca imaginei que você fosse me trazer em um lugar como este.

Afastando uma mecha do cabelo que lhe caía sobre os olhos e colocando-a atrás da orelha, Alana abriu a porta e desceu, recebendo uma golfada do ar fresco da noite, perfumado de jasmins. O encanto rústico, juntamente com a vegetação ao redor do chalé, lhe conferia um aspecto aconchegante e bucólico. Encantada com o que via, ela andou apressada até a entrada, sendo seguida por Enrico.

— O sítio pertence aos pais de um colega de trabalho. Eles são aposentados e costumam alugá-lo por temporada e fins de semana, mas só aceitam conhecidos ou pessoas indicadas por alguém da confiança deles. Tem um riacho que passa por trás da casa, trilhas e uma cachoeira não muito longe daqui. O lugar é ideal para o turismo ecológico — explicou Enrico, tão impressionado com o lugar quanto ela.

— É maravilhoso! — exclamou Alana ao chegar, olhando-o deslumbrada. — Adoro o fato de ele ter sido construído dessa maneira, até

parece parte da paisagem com todas essas árvores em volta dele — acrescentou, observando a estrutura do chalé.

— Vamos entrar. — Enrico puxou-a pela mão com gentileza, e logo depois ambos passaram pela porta larga pintada de verde.



Capítulo 24

Os olhos dela brilhavam quando deu uma última olhada ao redor antes de passarem pela porta da frente. Localizando o interruptor, Enrico acendeu a luz e ambos piscaram algumas vezes por conta da claridade repentina.

Com o interior do chalé iluminado, Alana escrutinou o lugar, e com olhos inquietos, reparou nas duas janelas estilo veneziana pintadas com a mesma cor da porta. Encantada, aproximou-se do mapa emoldurado acima da escrivaninha que ficava em um dos quatro cantos do cômodo, e girando o pescoço, viu três quadros perfeitamente alinhados, um espelho de tamanho médio e uma estante repleta de livros.

— Olha esta sala! — exclamou ao se deparar com o sofá de três lugares e uma poltrona, ambos revestidos com um tecido de listras nas cores marrom e bege. Uma cadeira de vime e um tapete cobrindo uma boa parte do piso de tábuas corridas e os vasos espalhados e decorados com flores

silvestres davam leveza e frescor ao ambiente. Tudo ali possuía um charme rústico que só adicionava mais romantismo ao lugar.

— Ele foi construído em conceito aberto, não tem paredes para separar os ambientes, a decoração é harmônica e sem excessos. Dá para notar o excelente trabalho do arquiteto na parte interna, e do paisagista na área externa. Tudo aqui foi feito para tornar a atmosfera ainda mais acolhedora — aparteou Enrico, varrendo o interior do chalé com olhos atentos, o ombro apoiado num dos batentes da porta entreaberta.

Alana absorveu as informações antes de concordar com um aceno.

— Nossa, isso é muito legal! — Andando de um lado para o outro, ela examinava cada cantinho com curiosidade explícita, enquanto Enrico, de braços cruzados, permanecia no mesmo lugar.

— Você está parecendo uma garotinha de cinco anos de idade no primeiro acampamento. — Uma gargalhada rouca e gostosa ecoou pelo ar e Alana voltou-se imediatamente para ele com os olhos arregalados. — O que foi? — Enrico descruzou os braços e avançou com passos largos, parando quando ficou frente a frente com ela.

— É que eu acho que nunca te vi assim antes.

Ele estreitou os olhos e encarou-a, intrigado.

— Assim como?

Alana ficou nas pontas dos pés para poder enlaçar seu pescoço grosso.

— Está mais leve, descontraído, e até gargalhando — respondeu ela, rindo.

— Eu me sinto bem, e posso dizer o mesmo de você. — Enrico tocou a pontinha do nariz dela com um dedo, então rodeou a cintura estreita com as mãos em um aperto firme.

Ele ultrapassou barreiras, superou crises, passou por muita coisa até chegar ali, mas, agora, estava naquele lugar fantástico com uma mulher linda e mais fantástica ainda. E naquele fim de semana em particular, contrariando seu estado normal, Enrico se pegava rindo até sem motivo. Seria um reflexo do que sentia por ela? Estava tendo um vislumbre do que era a verdadeira felicidade? E por que diabos estava tendo esses pensamentos tão bregas?

Dizem que o amor deixa a gente um pouco bobo... Opa! Como assim amor?, perguntou-se, aparvalhado. De repente, o interior do chalé pareceu quente demais e ele sentiu que começava a transpirar. Colocou uma mão na testa, respirando fundo e esforçando-se para manter a expressão neutra enquanto ouvia Alana falar.

— Há tempos que eu não me sentia tão bem, e estou achando que este meu estado de espírito, além do jantar e do passeio à beira-mar, que por sinal eu adorei, tem mais a ver com o fato de eu estar aqui, neste pedacinho do paraíso com você. — Alana sentiu a garganta apertada de emoção e um desejo que não sabia definir.

— Sinceramente, espero que seja por isso. Eu sei que o meu motivo é estar com você aqui ou em qualquer outro lugar — Enrico deu voz aos seus pensamentos. Não na intenção de seduzi-la, mas porque queria que ela soubesse o que ele sentia. Na verdade, nem pensou antes de falar, as palavras simplesmente saltaram de sua boca.

Com um frio na barriga, ele vasculhou o rosto bonito em busca de um sinal, de uma confirmação do que ela falara, do que sentia por ele de fato. Seu coração acelerou, a respiração falhou. O aperto da mão na cintura

dela se intensificou a ponto de ele sentir o calor do corpo esguio grudado ao seu aumentar.

Jesus Cristo! Como eu não percebi isso antes? Chego a pensar que... Eu lembro que senti algo diferente por ela desde aquela primeira vez... Atração? Sim. Paixão? Sim. Mas amor? Se eu estiver mesmo apaixonado...

Merda! A quem eu quero enganar? Eu sou louco por essa mulher. Caramba! Eu, Enrico Magalhães, apaixonado pela princesa Alana Di Fiori, herdeira da Construtora Di Fiori *e de sei lá mais quanto da parte da mãe dela, e filha do meu cunhado. Estou é ferrado se ela não...*

É melhor eu não pensar nisso agora. Não vou estragar nossa noite com dúvidas e inseguranças. Esse não sou eu. Eu encaro as situações. Se tiver que ser, vai ser, foda-se o resto! Mas, agora, eu quero me concentrar em aproveitar ao máximo a companhia, o lugar e o momento. Esta noite, da porta para fora, nada mais importa .

Determinado, Enrico piscou e balançou a cabeça a fim de afastar os pensamentos negativos da mente.

— Estou amando conhecer esse seu lado. Percebeu que a gente não discute há, o quê? Umas seis horas? Mas você bem que podia ter me dado um toque, falado alguma coisa — Alana reclamou.

— Minha princesa, se eu te contasse, não seria uma surpresa — rebateu Enrico, tocando os cabelos e a lateral do rosto dela num carinho descuidado.

— Eu entendo, mas você acabou gastando com o aluguel deste sítio. Por favor, não me entenda mal. Tudo é muito bonito, este chalé é maravilhoso, e eu adorei a surpresa, de verdade, mas...

Enrico fechou a cara de imediato com o tom de censura dela, e Alana viu uma veia pulsar na têmpora dele, uma clara indicação de que ficara alterado.

— Não vamos falar nisso agora. Eu não quero estragar a nossa noite com mais uma discussão sem sentido — decretou Enrico, ligeiramente irritado.

Droga. Falei cedo demais. Eu deveria ter sido um pouco mais sutil ao abordar o assunto com ele, Alana se recriminou, e, distraída, mordeu a ponta do polegar.

— Eu também não quero discutir, e entendo que é um assunto delicado para você. É só que eu preferia que você não se endividasse por minha causa — ela tentou se explicar, e viu o Grandão voltar-se e levantar os olhos, encarando-a com intensidade.

— Está tirando conclusões antes de saber dos fatos — após inspirar o ar com força, buscando manter o autocontrole, Enrico falou, e sua voz saiu surpreendentemente firme e calma, num tom mais baixo que o normal, em um flagrante contraste de como ele se sentia por dentro. E para sanar as dúvidas dela, decidiu que o melhor a fazer era esclarecer tudo de uma vez: — Eu não contraí uma dívida, ok? Esse meu amigo, o Yuri, conversou com os pais e eles me emprestaram o chalé neste fim de semana.

Alana franziu a testa e fitou-o com desconfiança.

— E esse seu amigo convenceu os dois a emprestar o sítio deles assim, sem mais nem menos? — Ela ainda não estava totalmente convencida de que não havia dinheiro envolvido.

Enrico puxou uma respiração profunda e a soltou. Levando a mão até a parte de trás da cabeça, ele andou pela sala, visivelmente incomodado.

— Eu fiz uns trabalhos para ele e pedi que convencesse os pais a me emprestarem o chalé em troca — explicou, fazendo um esforço para se manter calmo.

Diante de sua expressão, pois via-se que ele não estava gostando nada de estar se explicando para ela, Alana achou por bem recuar.

— Menos mal. Eu me sinto melhor sabendo que você não gastou tanto comigo. Oh homem bravo! — Ela fez uma careta e Enrico viu seu nariz enrugar, do jeito que o encantava.

— Você sabe que eu sou assim. — Ele lambeu os lábios e então sorriu, desejando evitar que houvesse tensão entre eles.

— Eu sei, mas se você tivesse pelo menos me dado uma pista, eu poderia ter trazido uma muda de roupa e um par de sapatos mais apropriados que esta sandalinha que estou usando. Só estou com a roupa do corpo — pontuou ela, e percebendo que Enrico ainda a observava com um semblante fechado, resolveu colocar o assunto empréstimo de lado. Seu receio era de que ele se endividasse no intuito de impressioná-la. Era muito fofo que o seu ogro se esforçasse tanto para surpreendê-la, e seu coração se desmanchou ao se dar conta disso.

— Relaxa, Alana. Você não vai precisar de roupas, não com o que eu pretendo fazer esta noite — observou Enrico, com um ar sem vergonha, piscando e dando uma mordidinha no lábio inferior só para provocá-la. — Calma, se precisar, eu tenho uma camiseta limpa na caminhonete — acrescentou quando viu os olhos castanho-escuros se ampliarem e os lábios carnudos se abrirem, formando um "o" perfeito.

Alana colocou as mãos na cintura e o encarou, irritada. *Droga! Ele tem que ser tão gostoso? E eu tenho que ser tão fraca quando ele me olha*

dessa maneira? E o cretino ainda pisca para mim e morde o lábio do jeitinho que eu acho sexy e fofo, pensou, sentindo a umidade entre as pernas aumentar.

Ela fica tão linda com essa carinha de brava... O pensamento súbito fez Enrico sorrir, relaxando os músculos de sua face, contudo, isso pareceu irritá-la ainda mais.

— Uma camiseta sua? Olha para o seu tamanho e olha para o meu. — Alana apontou para o peito imenso dele e depois para si mesma, a fim de enfatizar o que dizia. — Ela vai ficar enorme em mim, Rico! — exclamou, cruzando os braços e fazendo bico.

— Rico? — indagou ele, fitando-a com a testa vincada.

Seu tom de voz e o alçar da sobrancelha colocou-a em alerta, mas Alana não se deixou intimidar.

— O que foi? Você vive me chamando de princesa, mesmo sabendo que eu não gosto, então eu também tenho o direito de te dar um apelido. E eu escolho te chamar de Rico! — determinou ela, descruzando os braços e tocando o centro do peito dele com um dedo. — *Grandão só em pensamento*, emendou para si mesma.

Pensativo, Enrico coçou a barba.

— Poucas pessoas me chamaram assim em toda a minha vida. Para falar a verdade, hoje em dia, só o Pietro, mas isso porque ele não consegue falar meu nome inteiro.

A sombra de um sorriso irônico pairou sobre os lábios dela.

— Ah... estou entendendo. Você não gosta de apelidos, estou certa, Rico?

Os cantinhos da boca dele se inclinaram para cima, achando graça na provocação dela. Na verdade, desde que o sobrinho começou a chamá-lo assim, ele deixou de se importar, e para ser honesto, achava até bonitinho, mas ela não precisava saber disso. Não ainda.

— Tem razão, eu não gosto, mas posso abrir uma exceção para você.

— Sério? — Alana olhou-o incrédula.

— Sério. Eu te chamo de princesa e sei que você não gosta, então, nada mais justo que você me chame de algo que eu não curto. Mas, se quer saber, na sua boca, eu até que gostei.

— Ótimo! Porque eu também gostei de te chamar de Rico. Rico. Rico. Rico... — repetiu várias vezes, esperando irritá-lo com isso.

— Está se divertindo, não é? — Enrico foi no embalo e se manteve sério.

— Sim. Estou — confirmou ela, com um sorriso.

Lembrando-se repentinamente de algo, Enrico virou-se e andou em direção à porta.

— Eu já volto — avisou e deixou o chalé, indo até o local onde havia estacionado a pick-up. Levantou a lona e pegou alguns objetos que trouxera na carroceria, voltando para o interior do chalé em seguida. — Aqui — disse e estendeu uma malinha para ela, que a pegou de sua mão. Ele aproveitou para colocar os dois *coolers* que havia pegado na caminhonete em cima da mesinha.

Alana reconheceu a malinha de imediato e olhou para ele, confusa e surpresa ao mesmo tempo.

— Mas como você...?

— Eu conversei com a sua empregada. Ela ficou toda animada e começou a falar um monte de coisas, até me chamou de romântico quando eu disse para o que era. Ela separou algumas peças de roupas e um par botas sem salto, que é bem melhor para usar quando formos caminhar pelas redondezas — explicou Enrico, inclinando a cabeça para o lado, meio sem jeito e esfregando a nuca com a mão, desarmando-a por completo com o gesto.

— Então ela sabia e não me disse nada... Aquela traidora!

Enrico alarmou-se com sua reação.

— Não está brava com ela, está? A culpa foi minha, ela só me ajudou. Eu te disse que sei ser persuasivo quando quero — recordou-a, preocupado.

— Eu não estou brava, Rico — disse Alana, olhando-o atentamente. — Você ainda não sabe quando estou brincando, não é? — Enrico negou com a cabeça. — Tudo bem, você vai saber com o passar do tempo. — Ela tocou seu ombro e ampliou o sorriso ao dizer isso. — E o que tem dentro desses *coolers*?

— Água, sucos, vinho, cerveja e refrigerante — respondeu ele, aliviado. Não se perdoaria se Alana se zangasse com a empregada.

— Uau, você veio preparado mesmo. Bom, nós temos o que beber, mas o que teremos para comer?

Enrico abriu um aplicativo de músicas no seu celular e escolheu *Gravity* na voz de John Mayer, que tinha uma melodia lenta e sensual, tudo a ver com o momento dos dois. Deixando o aparelho em cima da mesinha, sorriu devagar, aproximou-se e enlaçou novamente a cintura dela, puxando-a para si, e só então respondeu:

— Eu pretendo me alimentar de você — confessou, dando-lhe um olhar malicioso, beirando o descaro. — E você pode fazer o mesmo comigo. O que acha disso?

Alana sorriu quando ouviu os primeiros acordes da música chegarem até ela e apreciou a escolha musical do Grandão. Ela também gostava de ouvir as músicas do John. Inclinou a cabeça a fim de estudá-lo, tomando alguns segundos para realizar a tarefa e enfim responder:

— Hum, eu acho a sua proposta bem indecente, mas sem dúvida muito tentadora e irresistível. — Ela esfregou a bochecha de encontro à mão dele, permitindo que Enrico a tocasse, o coração começando a bater mais forte, o tesão latejando contra sua calcinha.

— Muito bom que concordamos nisso, de saciarmos a nossa fome um no outro — aprovou Enrico, que no momento era o descaramento em pessoa. Ele mesmo não estava se reconhecendo. Costumava ser bem mais comedido, porém, algo em Alana o fazia desejar ultrapassar seus limites, tornar-se mais solto e espontâneo, pelo menos na hora do sexo. — E pode ficar tranquila, porque além das bebidas, eu também trouxe comida — revelou e meneou a cabeça, sorrindo de lado de um jeito que o deixava ainda mais sexy.

Com um sorriso doce no rosto e um toque de selvageria felina no olhar, Alana colocou as duas mãos espalmadas no peito dele e foi empurrando lentamente até os dois alcançarem o sofá. Largando o corpo no assento, Enrico se acomodou e colou as costas no encosto, de onde passou a acompanhar cada um dos movimentos lânguidos e sensuais dela com olhos inquietos. Havia uma certa ansiedade mesclada com malícia em sua fisionomia, e a expectativa do que estava para acontecer parecia trepidar entre eles.

Alana levantou as laterais da saia do vestido e passou uma perna por cima das coxas grossas e musculosas confinadas nas calças jeans, sentou em seu colo e as mãos voaram para pousarem sobre os ombros largos. Imediatamente, Enrico contornou sua cintura com os braços.

— Você pensou em tudo. — Ela gemeu quando Enrico se moveu, e pôde sentir o pau quente e duro pulsar bem embaixo dela.

— Eu quero que este fim de semana seja inesquecível — Enrico sussurrou próximo ao seu ouvido, aproveitando para beijar a parte de trás da orelha e segurar o lóbulo entre os dentes, sugando-o antes de soltá-lo.

— Já está sendo...

Enquanto o aplicativo tocava a próxima música da *playlist* de Enrico, tão lenta e envolvente quanto a anterior, ele mirava o rosto da mulher à sua frente com um olhar intenso e um sorriso nada sutil. Os olhos cor de âmbar que desciam para o decote do vestido de Alana estavam quase fechados, e aquela barba deixava-o ainda mais com cara de safado.

— Estive aqui pensando e cheguei à conclusão de que você está com roupa demais, princesa.— As palavras saíram lânguidas e pesadas da boca dele, que sentiu o sangue começar a ferver nas veias.

— Eu posso dizer o mesmo sobre você. — Ela lhe deu um sorriso travesso. — Prefiro ter você nu e à minha mercê. — Sem cortar o contato visual, Alana passou a pontinha da língua devagarinho por toda a extensão do lábio superior. Do jeito que ele a olhava, como se quisesse devorá-la, sabia que isso o deixaria a ponto de bala.

— E o que planeja fazer comigo?

— Pretendo começar com isto... — Ainda sem desviar os olhos dos dele, Alana deslizou a mão para baixo, passando pelo abdômen reto. Descendo um pouco mais, ela introduziu os dedos no cós da calça, localizando seu pau, e o segurou, a palma dando forma à extensão rija com movimentos suaves.

Era raro alguém deixá-lo sem jeito e fazê-lo perder a linha, mas Alana conseguira esse feito mais de uma vez desde que se conheceram. No momento em que Enrico pensou que não conseguiria se controlar por nem mais um segundo, ela subiu a mão pelo seu corpo e voltou a uni-la com a outra ao redor de seu pescoço.

Apesar no estado de excitação em que se encontrava, Enrico não queria apressar as coisas, por isso levantou-se, com ela enganchada nele, e a ajudou a deslizar pelo seu corpo. Agora, Alana estava em seus braços, o vestido roçando sua pele em uma carícia suave e excitante, enquanto ele podia sentir as curvas quentes e deliciosamente femininas contra si.

Segurando a nuca dela com firmeza, ele puxou-a para um beijo. Um gemido baixinho escapou dos lábios de Alana, que se renderam sob os dele, e Enrico não pôde deixar de pensar em como seu gosto era maravilhoso.

— Como eu adoro isso... Juro que eu poderia beijar essa sua boca gostosa a noite inteira. E acho que é exatamente o que vou fazer... — ele murmurou após romper o beijo, com ambos olhando-se, ofegantes.

— Faz amor comigo — Alana sussurrou o pedido no ouvido dele, mordiscando o lóbulo de sua orelha.

— Com prazer.

Desta vez, foi ela que se agarrou a ele e o puxou para um beijo, esmagando a boca contra a de seu homem. A surpresa de Enrico pela

iniciativa dela durou um milésimo de segundo, então ele passou a corresponder do mesmo modo. Não havia delicadeza quando Enrico mergulhou a língua nos recantos da boca de Alana com uma fome louca, desvairada, a qual ela respondeu com a mesma ânsia e fervor, expressando um desejo que combinava com o dele .

Sem se separarem, Enrico abriu o fecho do vestido, deslizando-o pelo seu corpo, as mãos acariciando seus braços e movendo-se para apertar-lhe os seios. Quando o beijo se tornou lento e preguiçoso, Alana sentiu um formigamento gostoso percorrer seu corpo, culminando na junção do meio de suas pernas. Suspirando entre beijos, deixou as mãos passearem por ele, acariciando sua nuca, pescoço e rosto. Era sempre assim, uma onda quente de excitação a invadia toda vez que Enrico a tocava.

Finalmente as bocas se separaram, e deixando cair o rosto, Enrico mordiscou o ombro dela de leve. Afastando-se alguns centímetros, ele notou que Alana usava um conjunto de lingerie vermelha, e isso quase o fez perder a cabeça. Sem dúvida, vermelho era a cor dela, e coincidentemente, era a sua favorita no que se referia a peças íntimas femininas. E nela... Céus! Ele nem conseguia encontrar as palavras certas para descrever o que via, mas tinha certeza de que o que se passava na sua cabeça estava escrito em cada traço do seu rosto.

Cortou a linha dos pensamentos, engolindo em seco enquanto seguia admirando-a. Parecia que ele nunca saciaria a fome que tinha de vê-la, tocá-la, e de sentir seu gosto delicioso na língua.

Girando o pescoço para direita, Alana reparou na grande cama de casal coberta por uma colcha branca, com um par de travesseiros e várias almofadas em cima dela. As duas partes de uma cortina de cor marrom

escuro e feita com um tecido mais grosso, estavam presas por presilhas em vigas de sustentação, formando um casulo confortável, aconchegante e separando dos demais ambientes quando eram soltas.

Subitamente, Alana se viu sendo carregada em direção à cama, onde foi deitada com delicadeza. Remexendo-se, desfez-se da calcinha e do sutiã, ouvindo o farfalhar de roupas enquanto ele se despia na frente dela, para logo depois deitar-se ao seu lado. E ela foi beijada por toda a parte que clamava por ele como nunca. Nem parecia que tinham transado há menos de vinte e quatro horas, ela já estava morta de saudade daquele corpo quente, musculoso e enorme.

— Tudo entre a gente é sempre tão intenso — murmurou Alana, salpicando de beijos o ombro e o pescoço dele, os dedos enfiados na carne dura enquanto aspirava seu aroma entorpecente e absolutamente másculo. Estava viciada nele, isso era um fato. — Eu me sinto assim sempre que nos tocamos.

— E será ainda melhor desta vez. — Esticando o braço, Enrico passou a brincar com um dos mamilos durinhos dela, o que a fez gemer baixinho.

Apoiando-se em um cotovelo, ele se colocou de lado, abaixou a cabeça e espremeu os lábios nos dela num beijo esfomeado. Ela o queria. Ele a fazia vibrar, alçar voo e finalmente explodir. E Enrico estava mais que disposto a fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para lhe dar isso e muito mais. Mesmo desejando tomá-la de maneira rápida e voraz, ele decidiu que não faria isso. Naquela noite, ele queria ir com calma, sem pressa, experimentar cada passo da escalada. Absorver seus gemidos com beijos, saborear o cheiro do tesão deles preenchendo o ar e provar o mesmo na boca, na carne e na pele dela.

Com Alana deitada de costas, Enrico separou suas coxas e aconchegou-se entre suas pernas, começando a chupá-la como se saboreasse a mais suculenta e saborosa das frutas. Ele sabia exatamente os lugares certos onde tocá-la para fazê-la chegar ao orgasmo rapidamente.

Enquanto sua boceta era adorada e devorada pela boca incansável de Enrico, o desejo a consumia e ela não pôde pensar em mais nada, deixando-se envolver pela onda escaldante de prazer que aquela língua macia, áspera e às vezes dura lhe proporcionava. Minutos depois, Enrico levantou a cabeça e olhou-a de um jeito que fizeram os músculos do seu baixo ventre ondularem e seu canal se contrair em expectativa.

— Agora eu vou te foder como se deve e como você gosta.

— Então vem e me fode gostoso — Alana convidou-o, os cabelos espalhados pelo travesseiro, os braços jogados acima da cabeça, os joelhos flexionados e as coxas bem separadas. De olhos quase fechados, podia-se ver a devassidão estampada em seu rosto.

Diante daquela visão do paraíso, Enrico colocou a camisinha e encaixou-se entre as pernas dela. Quando, em um único movimento rápido, ele uniu seus corpos, fazendo-a arfar, Alana arqueou as costas em resposta, mas ele começou a mover os quadris de um modo lento só para irritá-la.

Alana não conseguiu abafar um grito, os dedos se cravaram nos tríceps dele, o coração batendo cada vez mais rápido no peito, como o de um animalzinho pego em uma armadilha, no exato momento em que o sentiu todo dentro dela. De olhos fechados, ela remexeu-se embaixo dele, pedindo que Enrico continuasse, e aos poucos ele foi aumentando os movimentos e a força dos golpes, metendo duro e forte, dando tudo o que ela queria, ao mesmo tempo que se esforçava para extinguir o fogo insaciável que a mulher em seus braços despertava nele.

Pelos gemidos e contrações do seu corpo, Enrico sentiu que Alana estava quase lá, então saiu de dentro dela e, pegando-a pela cintura, colocou-a de quatro, e a posição primitiva o fez engasgar. Sem dar tempo de a garota reclamar, ele enterrou-se nela novamente, recuando e invadindo, fazendo a pélvis colidir com sua bunda redondinha, e o barulho característico dos corpos se batendo ecoou pelo quarto. Ele entrava e saía com vigor, com o corpo chocando-se contra o dela sem parar, deixando escapar sons ininteligíveis por entre os dentes trincados.

Enrico enrolou uma mecha longa do cabelo dela na mão e meteu a outra no meio de suas coxas, o polegar começando a circular o clitóris com a quantidade certa de pressão. Gotículas de suor se formaram em sua testa, peito, coxas e costas, a ponto de os corpos deslizarem quando batiam um no outro enquanto ele a fodia com vontade.

— Minha... — rosnou no seu ouvido, penetrando-a ferozmente. — Só minha — grunhiu, possessivo, e Alana sentiu a pressão dentro dela aumentar.

Aprisionada pela pegada firme, subjugada pelo corpo grande e totalmente entregue ao momento, Alana arqueou as costas e empinou mais a bunda em sua direção quando Enrico puxou com mais força o cabelo que segurava sem deixar de estimulá-la. Transpirando e com a respiração entrecortada, ela gozou tão forte que seus dedos se fecharam no lençol da cama, as entranhas virando do avesso. Seu interior abria e fechava ao redor do pau de Enrico, fazendo-o ficar ainda mais duro dentro dela.

Concentrado, ele seguiu estocando sem dó, até que foi impossível se segurar por mais tempo, e quando seu corpo se retesou, Enrico inclinou o pescoço, jogando a cabeça para trás, os músculos dos braços e do peito brilhando de suor, saltados e trêmulos pelo esforço, os olhos fortemente

fechados, em busca da própria libertação que chegou intensa e arrasadora, fazendo-o soltar o ar e urrar, descontrolado.

Ficaram moles e ofegantes por algum tempo, até que Enrico se afastou e livrou-se da camisinha, enrolando-a e jogando-a em uma pequena lixeira do lado da cama.

— Você não mentiu quando disse que desta vez seria ainda melhor!

Enrico sorriu, apreciando o elogio implícito no comentário de Alana, e com os olhos cravados em seu rosto afogueado, ele ajudou-a a sair da cama.

— Nada como a prática — falou num tom filosófico, mas com o semblante divertido.

— E a modéstia cai tão bem em você... — disse ela, e riram juntos enquanto andavam nus e abraçados em direção a um lugar nos fundos do chalé, que deduziram ser o banheiro, pelo simples fato de ser o único local que possuía uma porta.



Capítulo 25

Apaixonada. Apaixonada. Apaixonada.

Toda vez que Alana repetia aquela palavra em sua cabeça, o que vinha acontecendo com uma certa frequência, mais se conscientizava de que estava mesmo apaixonada, ainda que isso nunca tivesse lhe acontecido antes. Não tinha encontrado outra explicação para o sentimento de adequação que ela experimentava sempre que estava nos braços de Enrico. Ele era viciante, ela o amava. E o amor era um sentimento novo e estranho para Alana, mas que crescia e parecia ressoar no rosto dele quando ela o olhava e o beijava, fazendo aquela boca séria parecer mais suave. Era como se ele sentisse aquilo também.

Porém, sob todo o prazer e sentimento de união, havia a culpa pela forma como o julgara, pelo tempo que passara evitando-o por não aceitar que ele a atraíra desde a primeira vez que se viram naquele quarto de

hospital, e agora não conseguia se livrar dessa culpa, e sabia que não poderia seguir ignorando-a por muito tempo.

Quando uma pessoa se apaixona tão completamente, tudo muda. Será que estou mesmo pronta para uma mudança como essa na minha vida?, perguntou-se, desejando que a resposta pudesse ser simples. Um homem atraente... Uma atração física... Mas ela havia entregado seu coração para Enrico. E desejo misturado com amor nunca era simples. E agora, tudo o que conseguia pensar era no modo como o seu coração disparava toda vez que Enrico a tocava, como ondas de excitação e antecipação a invadiam toda vez que ele a fitava. Quando estava ao lado dele, ela chegava a acreditar em coisas como destino. Isso soava simples, se é que o destino podia ser considerado simples.

Subitamente, Alana sentiu falta de ter alguém com quem conversar sobre o que se passava com ela. Quantas vezes ouvira o relato das amigas de faculdade que estavam apaixonadas ou pensavam estar; a excitação, a infelicidade, as dúvidas, as emoções. Às vezes sentia uma ponta de inveja, e outras vezes agradecia aos céus por não ter tais complicações em sua vida. Mas sempre dava um conselho prático e reconfortante. Entretanto, de uma maneira estranha, ela não parecia ser capaz de fazer isso para si mesma.

— Será que podemos conversar sobre um assunto que vem me incomodando há algum tempo?

Alana estava tão absorta em seus pensamentos que demorou alguns segundos para sair do devaneio em que se encontrava. De volta, forçou-se a sorrir quando levantou o rosto para olhá-lo.

— É claro que podemos. Sobre o que você quer conversar? — indagou, traçando um círculo imaginário em torno de um dos mamilos de Enrico.

Ele pegou sua mão e, devagar, quase que com reverência, depositou um beijo nos nódulos de cada um dos seus dedos.

— Eu sempre me perguntei o motivo de você passar aquele tempo todo me evitando — confessou, acariciando a parte interna do seu pulso, justo em cima da veia que começou a pulsar, freneticamente.

Alana engoliu em seco, ligeiramente temerosa, pois parecia que ele tinha andado lendo seus pensamentos.

— Enrico, isso é passado. E você sabe o motivo. Por que trazer esse assunto para o nosso presente?

— Como eu disse, isso tem me incomodado. E está enganada, eu não sei qual foi a verdadeira razão que te levou a fazer isso, o que, inclusive, te afastou da sua própria família — especificou, olhando-a com o semblante sério.

Evitando encará-lo, Alana fixou os olhos no movimento lento do dedo dele em seu braço.

— Eu estava com medo — admitiu.

Ajeitando-se melhor na cama, a fim de ficar de frente para ela, Enrico uniu as sobrancelhas e encarou-a, incrédulo.

— Sei que eu não estava em um dos meus melhores dias quando nos conhecemos. Eu me excedi com o seu pai, sim, mas você teve medo de mim por causa disso? E por todo esse tempo?

Alana meneou negativamente a cabeça, os cabelos espalhados sobre o travesseiro e formando uma auréola castanha ao seu redor.

— Confesso que eu tive uma primeira impressão muito ruim de você, e você de mim, mas não é do que você está pensando que eu tinha medo. Era disso aqui. Eu estava com medo de querer tanto alguém como eu quero você.

Enrico piscou algumas vezes enquanto assimilava a declaração de Alana.

— Com medo de como você responde quando estamos perto um do outro? Então você sabe que o que sentimos, de alguma maneira, sempre foi diferente. Que não se resume a uma simples atração física.

Ainda evitando olhá-lo, Alana deslizou os dedos da mão livre pelo peito musculoso e com poucos pelos.

— Sim, eu acho que sempre soube que era algo mais... profundo, mas não quis aceitar e fechei os olhos para o que sentia, usando a raiva e a mágoa como escudo. E você descreveu exatamente como me sinto.

— É porque eu me sinto assim, como você. E saber disso te assustou, não é?

Alana pensou por um momento antes de perguntar:

— Isso não assusta você?

— Qualquer coisa que eu não posso controlar me assusta — admitiu ele.

— É muito bom saber que eu não sou a única — declarou Alana, e ambos riram. — O que temos, o que sinto... tudo isso é muito novo para mim.

— Para mim também, mas podemos fazer dar certo. — Enrico não sabia se poderia se acostumar com o universo dela, mas estava disposto a tentar.

— Acredita mesmo nisso? Mesmo com as nossas diferenças e a gente brigando e discutindo o tempo todo?

Enrico olhou-a com seriedade.

— Apesar das nossas diferenças — retificou ele —, o nosso começo não foi dos melhores, e depois aconteceram alguns mal-entendidos entre nós, mas foram esclarecidos. Nós dois possuímos temperamentos fortes e vamos ter que encontrar um ponto de equilíbrio. — Ela concordou com um gesto, mas Enrico ainda não havia terminado. — Alana, eu quero que a nossa família saiba que estamos juntos.

— Enrico...

Ele a encarou ainda mais sério.

— Nós não somos mais adolescentes. Somos adultos e donos das nossas vidas. Não temos motivos para ocultar o que sentimos. Eu quero poder ficar com você sem ter que me esconder, sair da cidade ou ter que inventar desculpas para o meu irmão porque passei a noite na sua casa. Você sabe que eu não me sinto bem do jeito que estamos. Não estamos tendo um caso. Para mim, você não é uma aventura. É muito mais que isso.

Ela assentiu com relutância.

— Ok, eu concordo, mas com uma condição.

— Qual?

— Eu quero falar com meu pai sozinha.

Enrico balançou a cabeça para os lados lentamente.

— Desculpe, mas eu não posso aceitar essa condição. O George não é só o marido da minha irmã, ele se tornou uma pessoa especial para mim, e a quem eu devo muito. Você é a filha dele e eu quero estar do seu lado quando ele souber sobre nós. Estamos nisso juntos e vamos assumir juntos, Alana. Com certeza o seu pai vai marcar uma reunião ou oferecer um

almoço agora que retornou de viagem, e será nesse dia, com toda a família reunida, que nós vamos contar.

Alana entendia que Enrico não era o tipo de homem que se esquivava das situações que a vida colocava diante dele. Ele as encarava, e se não havia contado para a família antes, foi por consideração à vontade dela, mas era verdade que ele nunca se sentira confortável com a situação. Ela querendo ou não, ele estaria do seu lado. E não tinha como Alana não admirar esses traços de sua personalidade. Um homem forte, responsável e determinado.

— Você tem razão. Somos adultos e não existe um motivo realmente forte para não contarmos. Depois deste fim de semana, eu também quero que todos saibam sobre nós. E faremos como você disse, com toda a nossa família reunida. — Ela remexeu-se na cama, aninhando-se mais ao peito dele.

A semana puxada no escritório, a noite agitada e cheia de surpresas que Enrico lhe proporcionara, culminando em duas sessões fantásticas de sexo, uma na cama e outra sob o chuveiro, e as batidas regulares do coração dele, ninando-a, fizeram sua mágica e ela acabou desmaiando de exaustão nos braços dele, que a seguiu pouco depois.

No dia seguinte, Alana acordou com algo pesando sobre ela. Sonolenta, levou a mão até o que quer que fosse e, ao tocá-lo, notou que era quente. Quente e musculoso. Com cuidado, afastou o braço que a prendia pela cintura e virou-se devagar, só para ver o corpo de Enrico colado ao seu. Fechou os olhos e abriu-os novamente quando sentiu o colchão afundar.

Enrico sentou-se e Alana pôde ouvir o som do interruptor da lâmpada do abajur. A súbita luz a cegou. Rapidamente, voltou a fechar os olhos, mas não antes de ter um vislumbre das costas largas, da bunda firme, dos quadris estreitos e das pernas longas e musculosas.

— Que horas são? — perguntou ela, ainda de olhos fechados.

— É cedo. — Enrico voltou-se e, inclinando o tronco, lhe deu um selinho. — Eu já volto — avisou e saiu da cama.

Alana obedeceu, mas só conseguiu ficar deitada por mais cinco minutos, então chutou o lençol de linho para o lado e levantou-se. Olhou para a janela entreaberta e viu que os primeiros raios de sol começavam a aparecer. Pegou a malinha de cima da pequena mesa e levou-a até a cama, abrindo-a e tomando alguns minutos para escolher o que usaria naquele dia. Mais tarde, ela se encontrava sentada no sofá, calçando as meias e a botinha sem salto, usando uma camiseta branca básica e um short jeans por cima do biquíni. Fechou a malinha e colocou-a no chão, ao lado da cama, e foi na direção da porta. Abriu-a e saiu para a varanda.

Com a luz do dia, Alana pôde ver os detalhes que, mesmo com as luzes externas acessas, as sombras da noite anterior não tinham permitido. Acomodou-se em uma cadeira de balanço, de onde podia apreciar a vista e os lindos canteiros de flores que cercavam o chalé, atraíam os pássaros e garantiam privacidade. Era um refúgio ideal para relaxar e imergir na natureza.

— Já preparei tudo para o nosso dia — anunciou Enrico, acomodando-se na outra cadeira, disposta a meio metro de distância da dela.

— Ah, sim? E para onde nós vamos? — indagou Alana, interessada, mas Enrico não respondeu de imediato. Tirou um papel dobrado do bolso do short e o desdobrou na sua frente. — O que é?

— O Yuri fez um mapa de como chegar à cachoeira. Disse que o lugar é muito bonito. Podemos nadar, tomar sol e fazer um piquenique. O que acha, te anima?

— É claro! Deve ser uma delícia caminhar por aqui, com todas essas árvores e o ar puro — respondeu ela, levantando-se com empolgação.

Enrico pulou da cadeira.

— Nós vamos de carro até a trilha, depois são uns cinco quilômetros até o local onde fica a cachoeira.

Meia hora depois, os dois seguiam pela trilha ladeada pela mata, e no trajeto avistaram vários tipos de árvores e plantas, bambuzais e jequitibás, até que chegaram a uma ponte feita de pedaços de madeira e sustentada por cordas.

— Espera, vamos ter que passar por ela? — questionou Alana, e havia um rasgo de desespero em sua expressão e pânico em sua voz.

— É o único jeito de atravessarmos. Por quê? Não me diga que você tem medo de altura, Lana. — Enrico riu.

— Isso não tem graça, Rico — reclamou ela, cruzando os braços sobre o peito, amuada.

A expressão de Enrico mudou quando ele olhou bem para ela e a encontrou rígida.

— Foi mal, me desculpe — pediu, tocando seu rosto. — Olha, nem é tão alto assim, e dá para ver que a ponte é segura. Além disso, vou estar com você o tempo todo — argumentou, tratando de convencê-la.

— Eu não gosto de altura... E mesmo que não seja tão alto, eu não sei se consigo...

— Não vai acontecer nada. Vai deixar o medo te dominar e dar meia-volta ou vai enfrentá-lo? É uma mulher forte, Alana. Estou certo de que você é capaz de vencer esse seu medo. Confie em mim, eu não vou deixar nada de

ruim te acontecer — assegurou, oferecendo-lhe a mão. — Você está segura comigo.

Alana ponderou por longos momentos, travando uma luta consigo mesma. O que sentia era irracional, sabia disso, mas era difícil de controlar. Contudo, estava com Enrico, e como ele mesmo dissera, não deixaria nada de ruim acontecer com ela. Por fim, Alana optou por confiar nele e aceitou sua mão. Juntos, começaram a cruzar a ponte com cuidado e no tempo dela.

Enquanto andava, Alana sentia o coração bater forte, o corpo trêmulo, as mãos úmidas e aquela sensação de que podia desmaiar a qualquer momento. Evitou a todo custo olhar para baixo e concentrou-se em colocar um pé na frente do outro. E a cada rangido das cordas e um balançar da ponte, ela rangia os dentes, colava o corpo na lateral do de Enrico e agarrava-se ainda mais àquela mão grande que prendia a sua com firmeza.

A caminhada de cerca de cinco minutos pareceu levar uma eternidade, e foi com alívio e uma sensação de vitória que Alana deu o último passo e sentiu a terra firme sob seus pés novamente. Notando o seu estado, Enrico abraçou-a forte, uma mão esfregando suas costas, confortando-a e absorvendo os seus tremores com o próprio corpo. Envolvendo o rosto dela com as mãos, ele a beijou nos lábios com suavidade.

— Eu disse que você conseguiria e conseguiu. — Enrico a fitou com admiração.

— É, eu consegui mesmo. — Alana sorriu fraco para ele e respirou fundo, a fim de se recompor enquanto esperava os batimentos em seu peito voltarem ao normal.

— Vem, nós temos que continuar, ainda falta um pouco para chegarmos. — Mais calma e confiante, Alana balançou a cabeça em

concordância e ambos percorreram o último trecho num silêncio contemplativo e envoltos pela exuberância de todo aquele verde.

Quando alcançaram o topo de um morro, Alana pensou que jamais se esqueceria daquele cenário. A luminosidade era tão pura, tão límpida. Flores cresciam em profusão e se enroscavam onde o vento as havia plantado, mais espetacular do que qualquer arranjo planejado. O tempo ali parecia passar em outro ritmo, permitindo apreciar cada detalhe com um olhar mais carinhoso.

Desceram quatro degraus feitos de pedra e, por fim, uma paisagem de tirar o fôlego se descortinou para eles. A cascata de vários metros assemelhava-se a um véu de água cristalina, e o rio corria desviando das dezenas de pedras à vista em seu leito. Alana prendeu a respiração por um instante diante do que via.

— Este lugar é tão lindo e tão tranquilo que eu me sinto como se estivesse dentro de um sonho — disse, observando tudo ao seu redor.

Enrico olhou para baixo, surpreso, mas contente por ela ter se sensibilizado com algo tão simples. Tomando sua mão, continuou a descida, com ela logo atrás. Já embaixo, circundaram algumas rochas banhadas pelos raios do sol. Acalorado, Enrico tirou a camiseta pela cabeça e se sentou em uma das pedras. Tirou as botas de caminhada e as meias. Ao seu lado, Alana fez o mesmo, e em minutos os dois adentravam as águas do rio. Ele, de short, e ela com seu biquíni pequeno e florido.

No início, sentiram arrepios devido ao choque térmico da água fria de encontro aos corpos quentes, mas não demorou muito para que os dois se acostumassem com a temperatura e começassem a se divertir, jogando água um no outro, mergulhando e voltando à tona por várias vezes. Enrico mergulhava e voltava nas costas dela, fazendo Alana soltar gritinhos

assustados, então ela batia as mãos na água, que espirrava nele. Beijavam-se, riam e se divertiam, livres e despreocupados, como duas crianças grandes.

Horas depois, cansados e quase sem fôlego, Alana e Enrico subiram numa rocha larga e achatada, onde deitaram-se lado a lado. E ficaram ali, sentindo os raios deliciosos do sol que lhes secavam a pele.

Passava pouco do meio-dia quando resolveram buscar por um lugar onde pudessem fazer o piquenique. Encontraram um nicho de dois metros quadrados aproximadamente, onde a grama era mais baixa e rodeada por rochas, o que lhes dava uma certa privacidade, para o caso de haver outras pessoas nas redondezas. Após verificar se não tinham insetos rasteiros ao redor, Alana abriu e estendeu a toalha quadriculada nas cores vermelho e branco sobre o gramado.

— Hum, o que será que temos aqui? — indagou ela, com os olhos nos três pacotinhos envoltos em papel alumínio que tinha nas mãos.

— São sanduíches naturais preparados por mim — respondeu Enrico. — E, modéstia à parte, estão muito bons.

— Não tenho a menor dúvida de que devem estar uma delícia — concordou Alana, colocando-os com cuidado sobre a toalha. — Suco, água, pães, geleia, frutas... — recitou seus nomes enquanto os tirava do *cooler*, com Enrico dispondo cada um deles sobre a toalha. — E por último e o que não podia faltar, uma garrafa de vinho! — anunciou sorridente, balançando as duas taças que pendiam pelas bases entre seus dedos e segurando a garrafa com a outra mão.

Rindo, Enrico esticou o braço e, alcançando a garrafa, tirou-a dela e serviu as duas taças, que brilharam sob a luz do sol.

— Eu perdi você? — perguntou ao vê-la pensativa de repente.

Alana aceitou o vinho e eles trocaram olhares.

— Desculpa. Eu acho que me perdi na paisagem e em você por alguns instantes — respondeu ela, um pouco sem jeito.

— Você se perdeu em mim? Não creio ter ouvido isso antes — confessou Enrico, estreitando os olhos. — Isso me parece um elogio. Eu já ouvi alguns, é claro. Que eu sou bonito e que sou ótimo na cama, por exemplo.

Seu tom de voz falso e a expressão canastrona fizeram Alana rir.

— Ótimo na cama, você tem certeza? — perguntou ela, ainda rindo.

— Foi o que me disseram, e não faz muito tempo. Se não me engano, foi ontem à noite. — Enrico arregalou os olhos, simulando surpresa. — Você acha que mentiram para mim?

Alana fingiu ignorância.

— Sabe que eu não consigo me lembrar...

— Eu não sei como você poderia esquecer. — Colocando a taça com seu vinho de lado e fazendo o mesmo com a dela, Enrico a fez deitar-se e rolou na grama, cobrindo-a com seu corpo. — Mas nada me faria mais feliz do que refrescar sua memória.

Alana riu, mas depois murmurou, apreciando o peso do corpo dele sobre o dela.

— Enrico... o almoço...

— O almoço pode esperar um pouco mais, porque agora a minha fome é outra. Eu quero comer você.

— Rude... grosseiro... cru... — pontuou ela, os olhos cravados no rosto dele.

Enrico sorriu de canto e brindou-a com um olhar preguiçoso.

— Rude, grosseiro e cru — repetiu as palavras devagar. — Mas eu sei que você gosta quando eu falo assim.

Alana elevou a cabeça para poder sussurrar a resposta em seu ouvido:

— Eu gosto, mas eu amo ainda mais ser comida, devorada e fodida por você... Só por você...

Impetuoso, Enrico pegou-a pelos ombros e tomou sua boca com maestria , pressionando-a contra o chão duro, e logo as mãos fortes estavam deslizando pelo corpo dela, deixando-a em chamas. Ele removeu-lhe a parte de cima do biquíni com uma fúria que a fez tremer em resposta e encarou os seios nus, empinados, lindos e apetitosos. Então, a boca quente e úmida abocanhou um mamilo, depois outro, sugando a auréola enquanto apertava a carne macia dos seios com ambas as mãos, atormentando-a e fazendo-a arfar, contorcer-se de prazer, deixando-a cada vez mais excitada.

Quando Enrico parou e olhou para ela, a mera visão do seu rosto tenso e contraído de desejo a inundou de um calor abrasador. Sua boceta parecia uma fornalha pronta para ser reivindicada, preenchida, tomada. Alana sentiu o estômago se contrair com uma mistura de excitação, medo e antecipação. Seu corpo ardia, e ela mal notou quando a parte de baixo do biquíni foi removida.

Enrico se afastou e tirou o short com rapidez. Nu e maravilhoso, passou a língua pela barriga plana, e com as duas mãos, separou as pernas de Alana e abaixou-se, a fim de ficar na melhor posição para chupá-la. Com um rosnado, ele pressionou a boca na boceta dela, começando a lambê-la e provocá-la.

Aquilo era como morrer, pensou Alana, e da maneira mais maravilhosa possível. Então, ele mudou de posição e ela parou de pensar. O

homem a deixava louca de tesão. Ele usou os lábios, a língua e até mesmo os dentes. Usou as mãos hábeis. E quando ela estava ofegando e se contorcendo, com a mente vazia, totalmente em branco, consciente apenas da tortura divina a qual era submetida, Enrico levantou a cabeça.

— Ah, por que você parou? Eu estava quase lá, Enrico — ela ofegou, tentando fechar as pernas, tratando de aliviar seu centro que latejava, mas era impossível, pois estavam separadas e apoiadas nos ombros largos. Frustrada, ela bufou e fechou os dedos na grama.

— Gostosa — Enrico murmurou com voz rouca —, da próxima vez que falar o meu nome, eu quero que você grite. — Quando ele pinçou seu clitóris com o polegar e o indicador, lambendo-o e sugando-o uma e outra vez, Alana explodiu num milhão de pedacinhos e obedeceu.

Ainda experimentando a sensação deliciosa do orgasmo intenso, reabriu os olhos e viu Enrico subindo pelo corpo dela numa trilha de beijos, começando no quadril, passando pelas costelas e indo até a lateral dos seios.

Ele acomodou-se entre as pernas dela, e, por um momento, Alana só foi capaz de fitá-lo, sentindo-se estranhamente vulnerável. E podia jurar que Enrico sabia disso. Então, ele começou a provocá-la, reacendendo o fogo dentro dela, como se ela não tivesse acabado de alcançar um clímax.

Encontrando seu olhar, Enrico analisou-a por um longo momento. Alana sentiu o coração dar um salto no instante em que ele girou os quadris e a penetrou profundamente, estabelecendo um ritmo exigente, com ela acompanhando-o, os corpos movendo-se em harmonia, como se tivessem sido feitos um para o outro.

Ele se movia contra ela, que, agarrada aos ombros largos, erguia os quadris para encontrá-lo, como se seu corpo já fosse dele por inteiro. Como se Enrico a conhecesse melhor do que ela mesma e pudesse fazê-la realizar

qualquer coisa que quisesse, ele moveu-se de novo, de novo e de novo, num deslize delicioso de carne contra carne, e ela entendeu que, de fato, ele podia.

Passando os braços ao redor dela, Enrico puxou-a para mais perto e acelerou o ritmo das estocadas até que Alana sentisse como se estivesse caindo de um precipício, e, desta vez, ele acompanhou-a na queda.

Eles fizeram amor várias vezes naquele fim de semana, a ponto de Alana perder a noção do tempo. Do mundo. De qualquer coisa que não fosse Enrico e seu corpo magnífico, que, quanto mais ela possuía, mais queria. Era como se não pudessem saciar o desejo que os consumia, não importando quantas vezes tentassem.

Era começo de tarde de domingo e Alana ajeitava suas coisas dentro da malinha, quando sentiu a presença de Enrico muito perto dela. Deixou escapar um suspiro de prazer e apoiou a cabeça em seu peito quando ele abraçou-a por trás. Porém, antes que a garota pudesse tirar proveito daquele corpo quente e delicioso que havia se grudado nela, Enrico girou-a no círculo dos braços fortes e a fez ficar de frente para ele, com as mãos grandes rodeando sua cintura.

— Este foi o melhor fim de semana da minha vida. Cada minuto, cada momento que passei com você superaram todas as minhas expectativas.

— Eu digo o mesmo. — Alana ofereceu os lábios para um beijo, um convite que Enrico aceitou de imediato.

— Estava tão bom ficar aqui, só nós dois, este chalé e a natureza. Temos mesmo que voltar? — choramingou ela, as mãos em volta do seu pescoço.

— Infelizmente sim. É melhor sairmos agora, assim pegamos a estrada vazia. Nós dois precisamos trabalhar amanhã cedo — lembrou-a, tocando seu rosto com carinho. — E assim, teremos tempo para descansar da viagem — emendou, sensato.

Sentindo-se um pouco decepcionada, Alana deixou escapar um gemido, mas teve que aceitar e concordar com ele. Enrico estava certo, infelizmente não era possível postergar o inevitável. Ela só queria viver mais um pouquinho dentro daquele sonho, com o homem que tinha o poder de levá-la às alturas, despertar sensações e emoções que não imaginou ser capaz de sentir, e com o bônus de estarem em um lugar idílico, antes de precisar despertar para a realidade.

— Se não tem jeito mesmo... — Ela não conseguiu evitar de sentir-se um pouco triste. Eles passaram momentos maravilhosos naquele lugar, conversaram, se amaram, se divertiram, e ela sentia que se apaixonara ainda mais. Envolvia-se mais a cada dia, hora e minuto que passava ao lado dele. E ainda se perguntava como tinha perdido tanto tempo evitando e fugindo de algo que, agora, ela sabia que era inevitável.

Enrico segurou seu queixo com gentileza, elevando-o para que Alana o olhasse.

— Ei, não fica assim. Nós ainda vamos ter muitos fins de semana como este — afirmou, no intuito de consolá-la.

— Eu sei, mas nenhum deles será igual. Este foi como você disse que seria. Inesquecível. Por isso eu me sinto triste e nostálgica em ter que deixar este lugar.

— Teremos outros fins de semana tão inesquecíveis quanto este — reafirmou ele.

— Promete? — indagou ela, cheia de esperança.

Enrico levantou uma sobrancelha como se perguntasse: *"E você ainda tem dúvida?"*.

— Eu preciso mesmo prometer?

Alana balançou a cabeça, negando. Eles riram por alguns segundos e Enrico a abraçou forte, como se não quisesse soltá-la nunca mais. Céus, como ele a amava. Desejava. Queria fundir-se nela e tê-la sempre ao seu lado. Saber que a mulher em seus braços nutria sentimentos por ele e que concordara em contar sobre os dois para a família deles deixava-o muito contente e satisfeito. Só de pensar que dentro de pouco tempo ele poderia dizer ao mundo que Alana era sua, era motivo mais que suficiente para deixá-lo com um sorriso idiota grudado na cara.

Usaram os dez minutos seguintes para guardar o restante das coisas. Tudo pronto, despediram-se do sítio com um último olhar, e era como se estivessem saindo de um sonho e despertando para a realidade quando entraram na caminhonete e pegaram a estradinha que dava na rodovia que os levaria de volta para Bendita Luz.

Depois de alguns quilômetros, começou a chover, e com o barulho confortante das gotas batendo no para-brisa, Alana sentiu-se sonolenta e recostou a cabeça no assento, porém, apesar de tentar, ela não conseguiu sequer cochilar. Estava agoniada e não sabia o motivo. Estavam a meio caminho da cidade quando Enrico olhou o retrovisor e uniu as sobrancelhas, intrigado.

— O que foi? — questionou Alana, já olhando por cima do ombro.

— Nada. Essa van preta atrás da gente. Parece que está nos seguindo desde que entramos na rodovia.

— Estranho. O que será que essa pessoa pretende?

— Não faço a menor ideia.

— Deixe-a passar.

— Já fiz isso, até mudei de faixa, mas ela continua lá. — Alana lhe lançou um olhar assustado. — Calma, não deve ser nada. Só mais um cara bêbado e irresponsável na estrada. — Enrico procurou tranquilizá-la e acelerou, mas o motorista da van fez o mesmo e, de repente, sentiram um impacto e seus corpos foram impulsionados para frente.

— O filho da puta bateu na gente! — gritou Enrico, furioso, socando o volante e aumentando ainda mais a velocidade.

— Que cara louco! — exclamou Alana, agarrada ao assento, olhando para trás aterrorizada, enquanto um Enrico tenso e com as mãos crispadas pisava fundo no acelerador, tentando colocar distância entre os dois carros. No entanto, o outro motorista o imitou, chegando ao ponto de emparelhar a van com a pick-up.

Uma segunda batida, e desta vez na lateral da caminhonete, empurrando-a para o acostamento. Uma guinada desesperada para se manter na avenida. Uma derrapagem e o som de uma freada brusca. O cheiro enjoativo de borracha queimada e o barulho metálico das ferragens se retorcendo e raspando no asfalto molhado. O mundo de Alana e Enrico girando, uma, duas, três vezes.

Tudo aconteceu muito rápido, mas, ao mesmo tempo, parecia ter sido em câmera lenta, e logo só se ouvia o som dos pingos da chuva forte que batia sobre a caminhonete acidentada no meio da rodovia.



Capítulo 26

Quando voltou a si, Alana sentiu-se fraca e zonza. Gemeu ao mover a cabeça, que latejava e parecia que partiria a qualquer momento. Um suor frio de terror infiltrou-se nela e a dor a impedia de raciocinar, fazendo-a precisar usar de um esforço sobre-humano para conseguir manter os olhos abertos. Levou algum tempo até se dar conta do que tinha acontecido.

Por um momento, ficou congelada pelo medo, até que uma descarga de adrenalina atravessou seu corpo e ela obrigou-se a reagir. Olhou para o lado e viu Enrico desacordado, com o corpo tombado para frente e com a testa apoiada no volante. A mão fria do desespero apertou seu peito e ela arregalou os olhos quando notou a mancha enorme na parte frontal da camiseta.

— Ai, Deus... Rico... NÃO! — soltou um grito doloroso, que parecia ter partido de suas entranhas. — Não, não, não... Rico, não... — Agitada e

com dedos trêmulos, Alana se livrou do cinto de segurança, repetindo seu nome sem parar. De súbito, uma onda gigante de alívio envolveu-a quando ouviu-o gemer. — Ai, Senhor! Você está vivo! Graças a Deus! — agradeceu, e estava a ponto de ajudá-lo a endireitar o corpão no assento, mas se deteve quando se lembrou do que ouvira mais de uma vez: que em casos de acidentes, não se deve mover o ferido, deve-se deixá-lo na mesma posição, por ainda não se saber qual a extensão dos ferimentos e para não agravar ainda mais o estado do acidentado. O correto é tentar manter a calma e esperar pela ajuda médica.

Entretanto, calma era a última coisa que Alana tinha naquele momento. Impaciente, pegou a bolsa caída no assoalho junto aos seus pés e, abrindo-a, alcançou o celular. Devido à pressa, seus dedos se atrapalharam enquanto apertava os três números do resgate na tela.

— Qual é a sua emergência? — a operadora perguntou.

— Nós sofremos... — Sua garganta estava seca e de repente sua cabeça rodou. A mão tremia tanto que Alana quase deixou o telefone cair, e precisou recostar-se por um instante no assento para tomar uma respiração profunda. — Nós sofremos um acidente na estrada — comunicou, olhando Enrico com olhos assustados.

— Sabe informar o local exato onde a senhorita se encontra? — Alana trincou os dentes por conta da dor quando girou o pescoço para olhar ao redor, à procura de um sinal que pudesse informar onde estavam. Por sorte, encontrou uma placa informando o número do quilômetro da rodovia e passou a informação para a atendente.

— Uma ambulância e a polícia já estão a caminho. Recebemos um chamado de ajuda há poucos minutos. — *Alguém deve ter visto o acidente e ligado*, Alana conseguiu raciocinar. Notou que a chuva havia parado e a voz

da atendente lhe perguntando algo chamou sua atenção, mas antes que pudesse responder, foi surpreendida pelo som de sirenes à distância. Poderia o resgate ter sido enviado tão rápido? — Consigo ouvir as sirenes — informou com dificuldade, mas esperançosa. Seriam socorridos e tudo ficaria bem, pensou, tratando de manter o pensamento positivo. — Obrigada — agradeceu e, após alguns minutos, desligou. Jogando o aparelho no console, voltou a se concentrar em Enrico. — Rico, está ouvindo? A ajuda já está chegando. Você vai ficar bem, meu amor. — Fechou os olhos enquanto as lágrimas se infiltravam por deles.

Enrico não se moveu, mas mesmo com seu corpo inclinado, quando reabriu os olhos, Alana pôde ver os sinais de agonia estampados em seu rosto contraído e ouvir um gemido baixo. Sentindo-se impotente diante de seu sofrimento, ela passou um braço pelas costas largas e colou o rosto no dele, falando com ele em um tom suave, visando acalmá-lo:

— Calma, calma... Eu sei que está doendo, mas vai ficar tudo bem. — Além de tentar confortá-lo, Alana sentia a necessidade de convencer a si mesma. — Vai ficar tudo bem. Eu não vou te perder. Eu não vou te perder, Rico — repetia como um mantra enquanto embalava-o gentilmente. — Deus, não permita que eu o perca. Não o leve, não o tire de mim e da família dele. Por favor, Deus... — implorou entre lágrimas, que agora corriam livremente pelo seu rosto. — Você me prometeu muitos fins de semana inesquecíveis como o que tivemos, e vai ter que cumprir, entendeu? Promessa é dívida, e eu vou cobrar — sussurrou perto de seu ouvido, recebendo um gemido mais alto como resposta. Estava tão absorta no que fazia que não percebeu quando o resgate chegou. Deu-se conta apenas quando viu duas mãos puxarem a porta do lado do motorista, mas só largou Enrico quando fizeram o mesmo com a porta do carona.

Foram feitas várias perguntas, as quais, mesmo sentindo-se um pouco aérea, Alana esforçou-se para responder enquanto mediam sua pressão arterial, auscultavam seus batimentos cardíacos e colocavam um colar cervical em volta de seu pescoço. Isso feito, ela foi retirada da pick-up e transferida para uma maca, embora Alana protestasse com veemência, afirmando que estava bem, que podia andar e que só lhe doía a cabeça.

— Não me levem ainda. Eu quero ir com ele — pediu quando sentiu a maca sendo empurrada na direção da ambulância estacionada a poucos metros de onde estavam. Girando o pescoço, ela levou o olhar até os paramédicos que se ocupavam de Enrico. — Como ele está? — indagou, aflita, e quando não obteve resposta, gritou: — Digam-me como ele está! E eu quero saber por que não posso ir com ele!

A fim de acalmar a paciente, o paramédico que prestava seus cuidados, sem parar o que fazia, por fim, respondeu:

— O ferimento do rapaz é grave, por isso ele terá que ser transportado de helicóptero. Mas fique calma, os dois serão levados para o mesmo hospital. E poderá avisar seus familiares e obter mais informações sobre o estado dele, mas isso só depois de ser atendida — informou, com voz pausada e profissional. — Ele está em boas mãos, agora fique quieta, está bem? Eu preciso concluir o seu exame.

Longe de tranquilizá-la, as palavras do paramédico deixaram Alana ainda mais nervosa, contudo, não teve outra opção além de obedecer e aceitar que não havia nada que ela pudesse fazer, apenas rezar para que tudo desse certo com Enrico, embora, por dentro, seu desalento devido ao estado em que ele se encontrava só fizesse aumentar.

Gravemente ferido, Enrico recebeu os primeiros socorros no local do acidente, e cerca de meia hora depois, já sobre a maca, coberto por uma

manta térmica, para manter a temperatura do corpo e evitar a hipotermia, e com uma bolsa de soro presa ao acesso em um de seus braços, ele foi colocado no helicóptero. Conectado aos aparelhos que informavam sobre seus sinais vitais, Enrico foi transportado para um hospital equipado pronto para recebê-lo, que ficava a trinta quilômetros distante de Bendita Luz.

Mais tarde, Alana encontrava-se sentada numa cadeira da sala de espera. Fora examinada, medicada e liberada. Ela tinha um inchaço na testa e alguns cortes e hematomas pelo corpo por conta do impacto contra a lateral e o teto da caminhonete enquanto ocorria o capotamento. Agora, os cortes encontram-se limpos, suturados e com curativos. Disseram-lhe que, pelo estado da pick-up, tinha sido um verdadeiro milagre nada de grave ter acontecido com ela.

Tocou a testa dolorida, sentindo a protuberância sob os dedos, e fez uma careta. Suspirando, Alana se levantou. A tensão e o desassossego a impediam de permanecer em um mesmo lugar por muito tempo. Olhando à sua volta com olhos inquietos, ela começou a andar de um lado ao outro. Só tinha conseguido falar com o pai há meia hora, e no final da ligação, ele ficou de dar a notícia para os demais. Sabia que o pai tinha muitas perguntas a fazer, mas o pânico no momento que o chamara era tão evidente que ele deve ter achado melhor tirar as dúvidas em outro momento, o que ela agradeceu, intimista e aliviada.

Abraçou o corpo e sentiu-se sozinha, aterrorizada e desamparada. Seus olhos volta e meia se fixavam na porta que se abria para um corredor que dava no centro cirúrgico, e ali permaneciam por vários e longos minutos. Sabia disso porque, quando chegou ali, a primeira coisa que fez foi perguntar por Enrico. Uma mocinha simpática e atenciosa se compadeceu do seu estado e aceitou ajudá-la. Usando o telefone, a garota procurou saber onde ele estava a fim de informá-la, mas só conseguiu descobrir que Enrico tinha

dado entrada no centro cirúrgico, onde ele se encontrava, duas horas e meia depois. E a espera agonizante estava acabando com Alana.

Ela sentia o peito se comprimir e doer a cada respiração. Desejava muito poder fingir que aquilo tudo era um pesadelo, mas sabia que não era. Era uma realidade, nua, crua e brutal.

— Pai! — exclamou assim que viu o homem alto, de meia-idade, grisalho e cheio de tatuagens adentrar a sala, chamando atenção das demais pessoas que estavam ali, em sua maioria mulheres, seguido por Bella e por Eros, que vinha logo atrás dela.

Viu o rosto contraído do pai relaxar no instante em que seus olhares se cruzaram. Em prantos, eliminou a pouca distância entre eles e jogou-se em seus braços.

— Alana?! Graças a Deus, você está bem! — exclamou George, envolvendo-a num abraço forte. — Viemos o mais rápido possível. E sua irmã já está vindo de São Paulo. Você não tem ideia do susto que me deu quando me contou que havia sofrido um acidente na estrada.

— Mas eu te disse que estava bem... — Alana lembrou-o, a cabeça apoiada em seu peito. — Mas o Enrico... Ele... — Sua voz falhou, sua garganta travou e foi impossível para ela continuar.

— Eu sei que você disse, mas, para um pai, falar não é suficiente. Eu só me convenceria de que você estava bem quando a visse com os meus próprios olhos, como estou fazendo agora. — George fez um carinho nos cabelos dela. — E o Enrico? Já teve alguma notícia dele? — quis saber, afastando-a de si apenas alguns centímetros.

Alana estremeceu ao sentir o olhar intenso do pai sobre ela, e desta vez, quando seus olhares voltaram a se encontrar, era como se ele conseguisse enxergar através dela, como se ela fosse inteiramente

transparente, como se ele pudesse ler o motivo da angústia e da aflição estampadas em seu rosto.

Bella, que carregava o filho nos braços, aproximou-se e teve a cintura enlaçada pelo marido, enquanto Alana tentava secar as lágrimas com as mãos antes de responder.

— Tudo o que eu sei é que ele está sendo operado, e isso já faz mais de três horas. Não me disseram mais nada. Só pediram para eu me acalmar e esperar. Mas eu não consigo me acalmar, é impossível enquanto eu não souber dele. — O nó em sua garganta voltou e ela engoliu algumas vezes, tentando se controlar, mas não era uma tarefa fácil.

Vendo que a filha se encontrava muito alterada, George passou um braço pelos seus ombros e, com um olhar de desculpas para a esposa, levou-a até uma das cadeiras, onde os dois se sentaram lado a lado.

Bella assentiu, e parecia que estava em estado de choque. Custava-lhe muito acreditar que seu irmão, tão alto e tão forte, estivesse naquele momento em um centro cirúrgico, deitado em uma mesa e sendo operado. A angústia que sentia a impedia de falar qualquer coisa. Sua mente fervilhava. Seu irmão, seu querido irmão, o pilar de sua família, aquele que enfrentou uma tragédia, que venceu tantas batalhas, que sofreu e superou muitas decepções, agora lutava pela própria vida. E isso era tão injusto.

Quanto você pode perder e continuar sendo quem você é?, perguntou-se ela, sentindo lágrimas chegarem aos olhos. Respirando profundamente, levou o olhar na direção do irmão mais novo, que permanecia escorado numa parede, calado, pensativo, com os ombros caídos e de cabeça baixa. Saiu de onde estava e foi até ele. Ao chegar, passou o braço livre ao seu redor. E quando Eros levantou a cabeça e olhou para ela,

tinha lágrimas represadas nos olhos. Bella puxou-o e apertou-o contra o peito.

— Não fique assim. O Enrico é forte. Sempre foi. Ele vai ficar bem — procurou consolá-lo, pedindo aos céus que o que dizia fosse mesmo verdade, porque até os mais fortes caem.

— Bella, nós não podemos perdê-lo também — disse Eros. Embora lutasse para não demonstrar, ele não conseguia ocultar sua dor e temor, denunciados pela expressão triste e voz chorosa.

— E não vamos — afirmou ela, fazendo uma carícia em seu rosto. — Vem, vamos nos sentar e esperar por notícias — chamou, puxando-o e indo na direção das cadeiras, onde poderiam se confortar mutuamente.

Sentadinho no colo de Bella, Pietro sugou a chupeta e levou a mãozinha gorducha até o rosto do tio, imitando o gesto da mãe, o que tirou um sorriso, ainda que fraco, de Eros. Ele subiu a sua e pegou a do menininho, levando-a até a boca e fingindo que ia mordê-la, fazendo com que Pietro abrisse um grande sorriso. Tio e sobrinho ficaram assim durante alguns minutos, o que foi bom, pois distraiu Eros. Mas quando um Pietro sonolento se acomodou no colo da mãe, o rapaz sentiu que não era capaz de conter a curiosidade por mais tempo.

— O Enrico e a Alana... juntos? — inquiriu unindo as sobrancelhas.

Bella, que embalava o filho, levantou a cabeça e encarou o irmão. Já havia se feito aquela mesma pergunta.

— Eu realmente não sei, mas a situação nos diz que sim. A Alana está muito abalada, e não parece ser apenas pelo trauma que passou. Se você tivesse ouvido o jeito como ela falou do Enrico e visto a expressão atormentada em seu rosto... Ela parece tão abalada quanto nós. George e eu desconfiamos quando soubemos que os dois voltavam para a cidade no

mesmo carro, mas ele achou melhor não fazer perguntas e respeitar o momento. Haverá tempo para isso mais tarde.

Eros ponderou sobre as palavras da irmã e chegou à conclusão de que tudo o que dissera fazia sentido.

— É estranho, quero dizer, se eles estiverem mesmo juntos. Ela sempre teve o nariz empinado para o lado dele, e fazia questão de deixar claro que não ia com a cara do Enrico. Sempre que se viam, os dois brigavam. Na noite do seu casamento mesmo, eles discutiram, ela disse alguma coisa que ele não gostou. O Enrico chegou a me dizer que queria ir embora, só não foi por sua causa e por consideração ao George. E para ele ter ficado tão chateado como eu o vi, deve ter sido algo bem sério.

Bella olhou o irmão com surpresa.

— Eu não sabia disso, mas algumas vezes o amor nasce, floresce e cresce onde e quando menos esperamos. — Deu uma pausa e seu pensamento trouxe a lembrança do seu primeiro encontro com o marido. — E o destino possui caminhos tortuosos. — Suspirou, levando o olhar até onde George estava. — Eu acho melhor a gente não especular. O Enrico não gostaria que ficássemos comentando sobre a vida pessoal dele, mesmo que nós dois tenhamos todo o direito, afinal, somos irmãos. Sabemos como ele é com os assuntos dele. Mas eu não deixo de te dar razão, é mesmo surpreendente. Só fico imaginando a reação do George caso seja verdade que os dois estão juntos.

Eros enrugou a testa.

— Você acha que o seu marido seria contra o namoro deles? O George gosta da gente, Bella. Até pagou a dívida da nossa casa — argumentou, remexendo-se no assento.

— Mas ele é o pai dela, Eros. E nós nunca conversamos sobre os sonhos e as expectativas que ele tem em relação às filhas, além de os dois pertencerem a mundos distintos.

— Você e o George também são e deram certo — rebateu Eros.

— É diferente. Mesmo o George sendo bem mais velho que eu, a sociedade aceita o nosso casamento, digamos que, com mais facilidade. É triste o que vou dizer agora, mas temos que ser realistas. Nós vivemos em uma sociedade machista, patriarcal, onde o homem é tido como o provedor. É claro que isso vem mudando ao longo dos anos, graças aos céus e aos esforços das mulheres que lutam pela igualdade, pelo respeito e pelo direito de escolha. E você conhece o nosso irmão mais velho, sabe como ele pode ser cabeça dura. Eu espero, sinceramente, que isso não seja um empecilho para eles. — Bella pousou o olhar pensativo sobre Alana, ainda sendo amparada pelo pai. — Agora tudo o que eu quero é que o Enrico saia dessa, que ele se recupere e que fique bem, o mais, os dois resolverão depois, e juntos.

Eros assentiu em silêncio. Bella estava certa, inclusive quando afirmou que os dois teriam que se entender. Mas ele também sabia que aquilo o atingia e sentiu um frio na barriga quando a imagem da garota bonita, dona de um par de grandes olhos castanhos, um sorriso que o encantava, um corpo espetacular e uma alegria de viver contagiante, e com quem estava saindo havia algum tempo, lhe veio à mente. A mulher que vinha tirando o seu sono e ocupando grande parte dos seus pensamentos.

Passaram-se mais duas horas antes que as portas duplas fossem abertas e a cama hospitalar de Enrico passasse por ela, empurrada por um auxiliar de enfermagem e ladeada por outro que segurava o frasco de soro.

Assim que ela os viu, Alana levantou-se e foi até eles. A mão voou para o rosto de Enrico desacordado, provavelmente ainda sob o efeito da anestesia. Ela tentou falar, mas a voz não saiu.

Diante da reação da filha, George se aproximou e tentou tirá-la do caminho deles.

— Alana, querida, vem comigo. Eles precisam levá-lo.

Ela resistiu e tentou se desvencilhar dos braços do pai. Nisso, Eros e Bella se aproximaram. Bella cobriu a boca com a mão, pois era de cortar o coração ver o irmão prostrado naquela cama. Foi difícil para os dois manter os olhos sobre Enrico.

— Mas, pai... — Alana começou a falar, porém, foi interrompida.

— Alana, o Enrico acabou de sair de uma cirurgia complicada e que levou horas. Seu corpo precisa de tempo e descanso para se recuperar. E ele precisa ser monitorado. Eles o estão levando para a UTI, onde ficará nas próximas vinte e quatro horas, pelo menos este é o procedimento normal em casos como o dele — George explicou com paciência, embora ainda o surpreendesse o comportamento da filha com relação ao cunhado. Estava claro que acontecia algo entre os dois, mas algo que ele ainda não tinha conhecimento, contudo, aquele não era o momento para pressioná-la com perguntas.

— Mas eu não quero me separar dele, pai... — insistiu Alana, ainda debruçada sobre a cama. — Eu amo você, Rico — falou baixinho, pertinho da orelha de Enrico, mesmo sabendo que ele era incapaz de ouvi-la.

Aí está a confirmação, pensou George. *A minha filha e o meu cunhado? Como e quando isso aconteceu?*

— Vocês estão juntos, Alana? Você e o Enrico? — George achou melhor ser direto, e viu a filha balançar a cabeça afirmativamente.

— Nós planejamos contar para todos na próxima reunião de família. Passamos o fim de semana em um sítio. Era de lá que voltávamos.

Pensativo, George alisou a barba por alguns instantes, logo depois colocou as mãos nas costas da filha a fim de puxá-la para si novamente.

— Entendi. Bom, depois a gente conversa sobre isso. Agora, nós vamos fazer o seguinte: eu vou procurar o médico responsável e pedir para ele vir falar conosco sobre o estado de saúde do Enrico. Está bem assim? — Relutante, Alana assentiu, os olhos ainda fixos no rosto do homem desacordado. — Ótimo, meu amor. Vamos deixá-los fazer o trabalho deles.

Depositando um beijo carinhoso na testa do homem que amava e com o coração apertado por ter que deixá-lo ir, Alana acabou cedendo, seguindo-os com os olhos até que sumissem de vista.

— Filha, você consegue me dizer como aconteceu o acidente? — George encarou-a com atenção.

Alana fixou o olhar torturado no rosto do pai.

— E-eu não sei bem — gaguejou e colocou as duas mãos nas laterais da cabeça, começando a andar pela sala, inquieta. — Uma... — Precisou engolir a pouca saliva que tinha antes de continuar. — Uma van preta que vinha atrás de nós... Ela colou na caminhonete e bateu na traseira... O Enrico, ele acelerou, tentando se distanciar dela, mas a pessoa que a dirigia continuou nos seguindo... Chovia forte e o asfalto estava escorregadio, o Enrico não conseguiu se manter na pista...

George sentiu o nível de adrenalina subir e seu coração disparou. Não podia acreditar no que a filha lhe contava. Alguém tinha feito aquilo de propósito?

— Espere um minuto, Alana... Você está me dizendo que foi não foi um acidente? Que tiraram vocês da estrada de propósito? — indagou, dando

voz aos seus pensamentos.

— Era o que parecia... Mas tudo aconteceu tão rápido...

— Continue — pediu George, compenetrado.

— Então, a van bateu na caminhonete de novo, e depois eu só me lembro de ter acordado com uma forte dor de cabeça, e o Enrico estava caído sobre o volante. Na hora, a minha mente travou, parou de funcionar. — Alana começou a chorar copiosamente. — Aí eu vi o sangue. Eu nunca vi tanto sangue na minha vida... — Soluçou, o corpo tremendo. — Quem pode ter feito isso com a gente? Quem desejaria nos machucar, pai?

— Eu não sei, mas saberemos. Estou com você e nada vai te acontecer — assegurou George, esfregando as mãos nas costas da filha e tratando de acalmá-la. — Nem com o Enrico — concluiu, pensativo e com a expressão sombria.



Capítulo 27

O coração de George sangrava ao ver sua menina destroçada daquela maneira. E também sentia muito pelo cunhado. Enrico era um bom rapaz, esforçado e honesto. Um lutador. Gostava dele. Era uma pessoa digna de admiração pelo seu comportamento altruísta e por ter um coração bom, definitivamente não merecia que a vida o maltratasse tanto. E no que se referia aos dois estarem romanticamente envolvidos...

Com um suspiro, George decidiu que era melhor deixar para pensar no assunto uma outra hora, visto que o estado de saúde e a recuperação do cunhado eram prioridades no momento. Além da filha, ele também se preocupava muito com a esposa grávida. Admirava o modo como Bella lidava com a situação. Demonstrava-se régia e forte enquanto consolava o irmão mais novo, que, a seu ver, encontrava-se bastante abatido.

Admitia que não via a hora de colocar as mãos no cretino que os tinha feito passar por aquilo. *Seja quem for a pessoa que tirou os dois da estrada, vai pagar caro!,* pensou, deixando a fúria invadi-lo, mas procurou manter a calma, apesar de sentir o ódio e a raiva devorando-o por dentro como um animal selvagem e faminto.

Envolveu a filha nos braços, desejando poder protegê-la de todo o mal que havia no mundo, mas como infelizmente isso era algo impossível, fez o que estava ao seu alcance para tranquilizá-la. Seu olhar cruzou com o da esposa sentada do outro lado da sala com o filho deles no colo. Ambos moveram a cabeça devagar e ao mesmo tempo, em um gesto de entendimento mútuo.

— Pai, o médico! — avisou Alana, quando um homem moreno de estatura mediana, um pouco acima do peso e trajando um jaleco branco, passou por eles.

Rapidamente, George soltou-a e foi atrás dele com suas passadas largas, conseguindo interceptá-lo antes que o homem deixasse a sala.

— Doutor! Por favor! — chamou e viu o homem parar e girar o corpo em sua direção. — Eu gostaria de ter uma palavra com o senhor — George continuou.

— É claro. Pois não — disse o médico, atencioso.

— Doutor Rogério... — George leu o nome bordado no bolso do jaleco. — Nós somos os parentes do paciente Enrico Magalhães. A caminhonete dele capotou na estrada e ele saiu da sala de cirurgia faz uns quarenta minutos. Mas nós ainda não sabemos sobre o real estado de saúde dele.

As sobrancelhas do médico se ergueram diante da pergunta, mas logo seu rosto se iluminou.

— É um rapaz alto e forte, com o cabelo cortado bem curto?

— Esse mesmo — confirmou George, levemente ansioso.

— Eu fiz parte da equipe que o operou. O paciente chegou aqui com um quadro de hemorragia interna, teve uma perda substancial de sangue. Ele foi operado, mas, infelizmente, não acordou ainda — concluiu, pesaroso.

— O quê?! Como assim o Enrico não acordou? — questionou Alana, incerta se entendia. E incerta se queria entender. — Quando ele vai acordar?

— Infelizmente, não temos como prever. O paciente recebeu quatro bolsas de sangue durante a cirurgia. Fizemos tudo o que foi possível, mas ele entrou em estado de coma, agora só nos resta esperar que seu corpo reaja.

Meu Deus! O Rico está em coma!

Emoções como confusão, apreensão e desespero cruzaram o rosto de Alana ao mesmo tempo. Ela sentiu o coração começar a martelar forte em seu peito, quase a ponto de doer. O nó na garganta impediu que o ar passasse e ela se sentiu sufocar. Os olhos arderam, mas conteve as lágrimas que teimavam em querer cair com piscadelas rápidas.

— Só isso? — exclamou ela, ainda sem acreditar. — Vocês não podem fazer mais nada? Tem que ter algum jeito! Façam alguma coisa! — exigiu, atordoada.

— Filha, não se exalte. Vamos deixar o doutor falar — interferiu George, num tom de voz baixo e apaziguador.

Alana tentou se controlar, respirando profundamente.

— Está bem. Desculpe-me — disse, mais calma.

O médico lhe dirigiu um olhar compreensivo e bondoso.

— Não se preocupe, eu entendo a sua aflição. Sei bem como é difícil lidar com uma situação imprevisível como esta, mas, como eu disse, nós não temos como saber quando o paciente vai acordar. Pode levar horas, dias ou semanas.

— Nós entendemos, doutor — disse George, contrito.

— Quando eu... — começou Alana, mas abarcando Eros e Bella com o olhar, corrigiu-se a tempo: — Quero dizer, quando nós poderemos vê-lo?

— A próximas quarenta e oito horas são cruciais na recuperação do paciente, por isso as visitas estão proibidas nesse período. Correndo tudo bem, ele será transferido para um quarto, onde permanecerá sob tratamento semi-intensivo, então os parentes terão autorização para vê-lo — advertiu o médico, o semblante sereno, mas sério.

— Obrigada, doutor. Nós vamos aguardar — Bella se manifestou. Sua angústia era enorme, mas estava ciente de que Enrico precisaria desse tempo para se recuperar e poder ser transferido. — Temos que ir, Eros.

O doutor Rogério assentiu.

— Informaremos caso haja alguma alteração importante no quadro do paciente — reforçou.

Embora hesitantes, todos compreendiam que não havia nada que pudessem fazer. Agradeceram a atenção do médico e deixaram a sala. A decisão de irem embora quando Enrico permanecia sob tratamento intensivo era excruciante. Mas, ao mesmo tempo, sabiam que não tinham opção.

— Bella, vamos todos para a nossa casa — disse George, dando um olhar significativo para a esposa, que assentiu, pois ela também acreditava que seria melhor que Alana e Eros não ficassem sozinhos.

Alana não se moveu, porém, deixou-se conduzir quando George a pegou pelo braço e a guiou até o elevador. Por mais que desejasse ficar, sentia-se física e mentalmente esgotada.

Depois de deixar o hospital e levar todos para sua casa, George decidiu não esperar até o dia seguinte, logo foi até a delegacia a fim de obter informações sobre o caso. Apesar de pensar muito, são sabia de ninguém que pudesse querer fazer mal aos dois.

Infelizmente, o mundo está cheio de gente mau-caráter e que só se sente bem fazendo coisas ruins e prejudicando pessoas sem realmente necessitar de um motivo para isso, pensou. Ele não pretendia sair do pé da polícia até descobrir quem estava por trás daquele acidente, e faria o que estivesse em seu poder para que o desgraçado recebesse seu castigo.

Era tarde da noite quando George retornou com as informações que conseguira tirar de um Chefe do Departamento de Investigações reticente. Soube que o motorista da van, após bater na caminhonete, perdeu o controle e bateu contra uma árvore a uns quinhentos metros do local do acidente. Policiais a encontraram abandonada e a apreenderam, em seguida, o automóvel foi enviado para a perícia. Em um pré-exame, descobriram que a placa era fria e que os números do chassi haviam sido raspados. Parecia que tinham feito o possível para que a van não pudesse ser rastreada. E era tudo o que sabiam até aquele momento.

Extraoficialmente, os policiais chegaram a especular que poderia se tratar de uma tentativa de roubo ou sequestro, mas como não descartavam nenhuma possibilidade, haviam aberto uma investigação a fim de elucidar o caso. E até que descobrissem algo, George considerou mais seguro todos ficarem sob o mesmo teto.

Entrando em casa, jogou as chaves sobre um móvel e subiu a escadaria que dava no segundo andar. Primeiro foi ver o filho, que dormia tranquilo, como um anjinho. Aproximou-se e fez um carinho na cabeça dele, bagunçando os cabelos tão escuros e lisos quanto os da mãe. Beijou sua testa e ajeitou o cobertorzinho azul que seu pequeno adorava. Ao sair, deixou a porta entreaberta e seguiu rumo à suíte.



Alana passou dois dias e duas noites, absorta em si mesma. Apesar de sentir-se bem fisicamente, a preocupação e a angústia a impediam de se concentrar. Nem mesmo em seu trabalho. E bem que ela havia tentado.

Não desejando ficar sozinha, ainda que Lilly, que havia chegado e ido direto para a casa do pai, pudesse lhe fazer companhia, Alana concordou em ficar ali. Tudo o que fazia era pensar e reviver os momentos que ela e Enrico passaram juntos durante aqueles poucos meses. Recordava-se até mesmo das brigas e discussões dos dois, que agora pareciam tão sem importância...

A cada vez que seu celular tocava, ela sentia um baque no peito, temendo se tratar de uma má notícia. Na noite que antecedeu o terceiro dia, Alana estava inquieta e ansiosa demais para dormir. Mudava de posição a cada poucos minutos, fazendo o edredom embolar em suas pernas, então se levantava, estendia-o na cama e se deitava, só para começar o mesmo processo de novo e de novo.

Já era madrugada quando se deu por vencida. Saiu da cama e, procurando não fazer o menor ruído, andou até a cozinha. Minutos depois, voltava com um copo de leite morno na mão. Foi até a sala e arrodilhou-se no sofá. Pegou o controle remoto e começou a zapear os canais, mas parou quando ouviu o som de passos e perguntou-se quem seria àquela hora.



Lilly abriu os olhos de repente e sentiu a boca seca. Chutando as cobertas para o lado, deixou a cama e saiu do quarto. Estava a caminho da cozinha quando ouviu uma movimentação na sala. Foi até lá e encontrou Alana meio deitada no sofá e com a cabeça apoiada na mão. A televisão estava ligada, mas ela não prestava atenção. Pelo horário, ou ela ainda não tinha dormido ou dormira quase nada.

— Alana? O que você está fazendo sozinha aqui?

A voz baixa e com um toque de preocupação da irmã deteve o fluxo dos seus pensamentos e a trouxe de volta para a realidade.

— Eu... — Por um momento, Alana não conseguiu raciocinar.

— Insônia? — Lilly aproximou-se e viu que a irmã segurava o celular, então resolveu sentar-se no assento próximo aos seus pés.

— Sim — confirmou e soltou um riso forçado, passando a mão trêmula pela testa. Seus nervos estavam mesmo em frangalhos. Nunca havia se sentido assim. Nem mesmo quando soubera que a mãe tinha tentado matar seu pai. Sofreu muito, mas, agora, o medo e o pavor de perder Enrico de maneira definitiva aumentava ainda mais a dor que a sufocava.

— Você não dormiu, não é?

Alana virou a cabeça para a janela, encarando a escuridão, e esvaziou o copo de leite, deixando-o sobre a mesinha.

— Eu não consegui.

— Sei que está preocupada com o Enrico, mas tem que tentar. Está abatida, não come e não dorme direito. Isso vai acabar te debilitando.

— Eu sei. É essa maldita ansiedade que não me deixa pregar o olho. O médico disse que, se tudo correr bem, o Enrico será transferido para um quarto e poderá receber visitas.

— Então quer dizer que você e o Enrico estão juntos... — Mesmo não sendo uma pergunta, Alana foi capaz de ler a interrogação nos olhos de Lilly.

— Sim, estamos — confirmou, um pouco sem graça.

Lilly ajeitou-se melhor no assento antes de voltar a falar.

— Conhecendo você como eu conheço, posso até imaginar o motivo de não ter falado nada. Você usou aquela sua velha desculpa de que era muito cedo para convencê-lo a esperar?

Recuperando-se da surpresa, Alana encarou a irmã.

— Como você sabe?

— Porque é a sua cara fazer isso — Lilly respondeu, escondendo cuidadosamente um sorriso.

— Eu não sabia que era tão transparente assim.

— Isso também, mas você já fez isso, pelo menos duas vezes. Sempre relutou em apresentar algum namorado para nós, mas eu sei que fazia isso principalmente por causa da nossa mãe. Mas parece que com o Enrico as coisas são diferentes, ou estou enganada?

Alana deu um sorriso fraco.

— Você não está enganada. É diferente, sim, e foi por isso que pedi um tempo para ele. Eu queria me sentir mais segura, mas no fim de semana que passamos juntos, nós decidimos que contaríamos na próxima vez que nossas famílias se reunissem.

— Entendi. Você teve medo do que o Enrico fazia você sentir, não é? —indagou Lilly, desviando o assunto novamente para o namoro da irmã.

— E como! Para ser sincera, ainda tenho — Alana admitiu. — Não sei dizer quando ou como aconteceu. Quando eu vi, era tarde demais. Eu estava completamente envolvida. E esse sentimento que sinto por ele é glorioso e assustador.

— Sabe, passar a vida sem amar de verdade é como se ela não tivesse sentido. Temos que tentar encontrar alguém por quem possamos nos apaixonar perdidamente e que nos ame do mesmo jeito. Que nos tire do chão, que nos faça ter vontade de dançar como se não tivesse ninguém olhando, que nos emocione e nos faça suspirar.

Alana escutou tudo com atenção, e depois que Lilly terminou de falar, uma série de dúvidas pipocaram dentro de sua cabeça. Será que sua irmã caçula estava apaixonada e ela não sabia? Era possível, não era? Lilly era uma jovem linda, cheia de vida, e devia ter mais de um rapaz atrás dela. Soltou uma bufada. Tinha sido tão egoísta nos últimos tempos, tão imersa na própria vida, que nem tinha prestado atenção nela.

— Está falando isso com muita propriedade, irmãzinha. Tem certeza de que não está deixando de me contar algo? — Alana lançou um olhar desconfiado para Lilly.

— O quê? É claro que não! — Lilly negou com veemência, enrubescendo até os cabelos, o que desmentia o que tinha acabado de dizer. — E não estamos falando de mim — desconversou rapidamente. — Você sempre foi muito séria! Dizia não às oportunidades que apareciam e afirmava fazer isso porque queria manter o foco na carreira. Que bom que você finalmente quebrou esse padrão e não disse não para o Enrico. E isso me deixa curiosa. Como ele te convenceu a dizer sim?

Alana voltou a sacudir os ombros.

— Não é como se ele tivesse me dado uma opção. O Enrico é intenso e um pouco cabeça dura. A verdade é que ele me colocou contra a parede durante o fim de semana. Foi então que eu descobri que estava apaixonada e que não tinha mais volta.

Lilly olhou para a irmã com carinho e tocou-a na perna.

— Você também sabe ser teimosa. Eu tive a sensação de que ele tinha mexido com você desde o começo, mesmo quando afirmava o contrário. E era por isso que você fugia dele como o diabo foge da cruz. Quando falava dele, por baixo daquela antipatia toda dava para ver que estava atraída.

Alana jogou a cabeça para trás e riu com espontaneidade, o que não fazia há dias.

— E eu achando que estava disfarçando bem.

Lilly acompanhou-a no riso.

— Depois daquela nossa última conversa sobre a compra da casa, eu tive medo de que você trocasse os pés pelas mãos e fizesse uma besteira.

Com um mover de ombros, Alana deixou sair o ar dos pulmões devagarinho.

— E eu quase fiz. No dia em que eu te pedi para pegar e entregar a pasta para o advogado, eu soube que o nosso pai a comprou como um presente de casamento para Bella. Era surpresa, por isso nenhum dos três sabia. Você estava certa o tempo todo. O Enrico não é interesseiro. Nunca foi.

— Ainda bem que você descobriu isso a tempo.

— Já me recriminei muito por ter pensado mal dos dois.

— E já falou com o nosso pai sobre você e o Enrico?

— Ainda não. A Bella está muito preocupada com a situação do irmão, e com a nova gravidez, o pai está ainda mais cuidadoso com ela. E o Eros... coitado. Dá até pena vê-lo triste e calado do jeito que está. Tudo isso é muito sofrido e estressante para todos nós.

A garota assentiu com um gesto.

— Eu falei com o Eros. Ele está mal — confessou ela, sem encarar a irmã. Ato contínuo, colocou-se de pé com um movimento ágil e estendeu a mão. — Bom, acho que chega por hoje, e ainda é muito cedo. Vem, vamos para a cama. Eu fico com você, como fazíamos quando éramos crianças. Lembra quando eu tinha pesadelos e não queria ficar sozinha, com medo de um monstro sair do armário ou de debaixo da cama? Eu abria a porta do seu quarto com o Fred embaixo do braço e pedia para dormir com você — relembrou Lilly, com uma expressão divertida.

— É claro que lembro! E também me lembro daquele seu dinossauro de pelúcia nojento e todo esfarrapado que a nossa mãe queria porque queria jogar fora, mas toda vez que ela tentava, você abria um berreiro e fazia um escândalo tão grande que ela levantava as mãos para o alto num gesto de rendição e saía de perto.

Por alguns instantes, Lilly riu das lembranças, mas voltou a ficar séria.

— Sempre cuidou de mim, Alana, e agora eu vou cuidar de você — disse e puxou a irmã mais velha gentilmente pelo braço.

Alana suspirou profundamente e acabou cedendo. De pé, Lilly passou um braço reconfortante pelos ombros dela, e assim as duas seguiram pelo corredor até adentrarem o quarto.

Os dias que se seguiram ao acidente foram os piores da vida de Alana. Após as primeiras quarenta e oito horas cruciais, e como Enrico

permanecia em coma, ele foi transferido para um quarto particular a pedido de George.

Alana, Bella e Eros se revezavam para lhe fazer companhia, dividindo-se em turnos de oito horas. Geralmente, Bella ia pela manhã; ela ficava com ele durante a tarde e Eros passava as noites ao lado do irmão, exceto quando precisava se apresentar, quando então trocava de turno com Alana.

Enquanto estava com Enrico, ela passava a maior parte do tempo lendo e falando com ele, mesmo sem saber se ele era capaz de ouvi-la. Depois da primeira semana, Alana passou a levar o notebook consigo, a fim de ocupar a mente e adiantar o trabalho do escritório, mas sempre de olho no homem adormecido e rezando fervorosamente para que ele acordasse.

Na terceira semana, mesmo contra a vontade do pai, Alana insistiu em ir até o escritório. Havia um determinado projeto que necessitava com urgência da sua atenção, e como ela sentia que precisava descansar sua mente da situação do Enrico ao menos por algumas horas, decidiu ir até lá, a fim de finalizá-lo.

Era sexta-feira, e como combinado com Eros, ela passaria a noite com Enrico enquanto ele se apresentaria no *Bar do Capitão*. A vida não podia parar, e as mentes precisavam ser ocupadas para não focarem no pior. Não era algo dito em voz alta, mas o maior receio de todos era que Enrico não acordasse.

— Alana? — Ao ouvir seu nome enquanto caminhava na direção de sua sala, ela se virou para dar de cara com Samuel. — Que bom te ver por aqui! — continuou ele, com animação.

— Olá, Samuel. Como estão as coisas? — indagou ela, ajeitando a alça da bolsa no ombro e as pastas acomodadas em um dos braços.

— Estão indo. Como você sabe, o seu pai e o Sérgio tomaram a frente dos projetos em andamento. Falei com eles e perguntei de você quando deixou de vir, mas eles só me disseram que você tirou uns dias para descansar. Pelo que vejo, está tudo bem agora.

— É verdade. Eu precisei me afastar por um tempo, mas não voltei em definitivo. Só vim para finalizar o projeto do hotel — informou, abrindo a porta e entrando em sua sala, com Samuel logo atrás dela.

— Isso tem a ver com o que aconteceu? — indagou ele, parado na frente de sua escrivaninha.

— Aconteceu...? — Alana tirou o casaquinho e, dando as costas para o engenheiro, pendurou-o em um cabide e guardou-o no pequeno armário junto à parede.

— O acidente. O fato do seu... — Samuel pigarreou antes de continuar. — Namorado ter saído muito ferido e ainda estar no hospital — esclareceu, e pareceu para Alana que o homem não se sentia muito à vontade ao abordar o assunto com ela.

E não devia mesmo!, completou para si mesma, olhando-o com desconfiança. Como ele soube disso? Tudo bem que a cidade era pequena e muita gente se conhecia, mas não entendia como os boatos tinham chegado até ali. Sérgio e seu pai com certeza não tinham dito nada. Quem mais poderia saber do que tinha acontecido? Talvez tivesse saído na mídia, afinal, um acidente como o deles, e envolvendo a filha do dono da construtora responsável pela construção do *resort*, o maior empreendimento local no momento, devia ser notícia.

— Sim, tem a ver, mas esse é um assunto pessoal que eu prefiro não comentar no âmbito profissional. — *E isso não é da sua conta!*, emendou em pensamento, profundamente incomodada com o olhar intenso que ele lhe dava. — Samuel, me desculpe, mas eu tenho muito o que fazer hoje — dispensou-o.

Os lábios de Samuel se comprimiram quando ele percebeu que Alana não negara que estava, de fato, namorando o rapaz que encontra-se em coma e que tinha sido sumariamente dispensado. Fechou a cara e sentiu a raiva e a tensão invadi-lo de imediato, mesmo assim, tratou de ocultar o que se passava dentro de si com um sorriso forçado.

— Claro... Estarei na minha sala, caso você precise de algo. — Hesitante, girou nos calcanhares e se foi.

Alana soltou o ar, aliviada, enquanto encarava a porta fechada. Algo nele a tinha deixado desconfortável, porém decidiu colocar aquele sentimento inoportuno de lado e concentrou-se no que tinha para fazer.

Não foi interrompida durante toda a tarde, o que agradeceu, pois pôde fazer tudo a que se propunha. E após deixar o escritório, foi direto para a casa do pai, onde tomou uma ducha e trocou o terninho por uma roupa mais confortável. Logo em seguida, pegou o carro e se dirigiu para o hospital.

Estava com Enrico há duas horas, quando foi até a mesinha disposta a um canto do quarto e alcançou uma garrafinha de água. Puxando uma cadeira, sentou-se ao lado da cama, e com uma gaze molhada, umedecia seus lábios a fim de evitar que ressecassem.

— Eles disseram que você está indo bem. Eu sei que vai sair dessa, Rico. Eu preciso que você saia. Sei que passamos pouco tempo juntos, mas

eu não consigo mais imaginar a minha vida sem você. — Alana fez um afago em seus cabelos, reparando, com um sorriso, que eles cresciam um pouco mais a cada dia**.**

Seu pai seguia incansável em descobrir quem havia causado o acidente. Ele ligava para o investigador responsável diariamente, mas, infelizmente, o homem ainda não tinha nada de concreto para informar. *Talvez as coisas mudem de figura depois que o laudo da perícia for liberado*, pensou Alana, desalentada.

Era tarde e sentiu os olhos pesarem. Colocou o livro de lado e recostou-se na poltrona confortável, de onde possuía uma visão direta de Enrico. Não tinha ideia de quanto tempo havia se passado quando um som a fez abrir um olho e ela procurou saber o que perturbara seu sono.

Não poderia ser hora de acordar, verificou, com a cabeça confusa. Talvez fosse um sonho. Seus olhos se fecharam novamente, então ouviu a mesma voz chamá-la outra vez. Ficou tensa e abriu os dois olhos. Isso não parecia um sonho.



Capítulo 28

Em meio à névoa em que se encontrava, Enrico viu-a adormecida na sua frente. Estudou-a por alguns instantes e notou que Alana parecia uma menina, com uma blusinha branca de ombro caído, calças jeans e o longo cabelo preso num rabo de cavalo, então chamou-a pela primeira vez. No entanto, ela pareceu não ouvi-lo, permanecendo na mesma posição.

— Lana? — tentou de novo, e sua voz tinha um tom interrogativo e preocupado.

Alana percebeu que, apesar de não ter entendido, ele devia ter chamado por ela antes. Enrico a encarava, e ela podia ver a confusão em seu olhar. Um sorriso lento se formou em seu rosto e seus olhos arregalados se prenderam nos dele.

— Rico! — exclamou, saindo da poltrona de um salto, e seu peito expandiu de tanta alegria que temeu que as pernas trêmulas a derrubassem.

— O que aconteceu? Eu morri? — A voz dele estava áspera e rouca.

— Não, meu amor. Você só dormiu mais do que deveria — explicou ela, animada. E nada poderia diminuir sua satisfação e alegria. Sua vontade era de gritar, mas, em vez disso, emoldurou o rosto dele com as mãos e beijou-o na face. Ao se afastar, tocou seu rosto com dedos trêmulos. — Eu rezei tanto para que este momento chegasse e você voltasse para nós — confessou e começou a chorar.

— No instante em que viu que Enrico recuperara a consciência, Alana demonstrou sua alegria com risos, mas agora que a tensão sob a qual vivera nas últimas semanas começava a se manifestar, ela não conseguia parar de chorar.

Quando ele voltou a fitá-la nos olhos, percebeu que estavam repletos de lágrimas e isso quase partiu seu coração.

— Eu te fiz chorar. Sinto muito Lana... Não chora. Está tudo bem agora... Não está? — Seu tom de voz era tão baixo e íntimo que Alana se sentiu ainda mais envolvida por ele.

— Sim, agora está tudo bem — confirmou ela, secando o rosto com as duas mãos, mantendo os olhos fixos nele e embriagando-se com sua visão: o cabelo estava maior e seu rosto estava abatido e parecia debilitado, no entanto, ele não poderia estar mais atraente. Com sua presença imponente, bonito e inteligente, não era de se admirar que fizesse brilhar os olhos das mulheres por onde passava, e embora não gostasse, ela nem podia culpá-las por isso. — Eu não posso nem expressar o quanto é bom ter você de volta. — De súbito, Alana lembrou-se de algo. — Ei, me espera, não dorme! Eu já volto. Só vou lá fora avisar o médico que você acordou.

Enrico acenou lentamente com a cabeça.

— Prometo não voltar a dormir, mas não demora — murmurou baixinho.

A voz terna e carinhosa dele encheu o coração dela de felicidade. E os dois não trocaram uma palavra enquanto se olhavam. Foram apenas uns poucos segundos, mas que pareceram durar uma eternidade.

Não conseguindo sustentar o olhar dele por mais tempo, Alana desviou o seu, sentindo-se enjoada. Disse a si mesma que era por ainda estar chocada por Enrico ter despertado do coma. Tinham sido tempos de muito estresse e preocupação, portanto, era natural que seu corpo reclamasse depois de semanas comendo e dormindo mal. Colocou as mãos nos bolsos traseiros do jeans para que ele não visse o quanto estavam tremendo. Alana sentia a boca seca só de olhar para ele. Aquele homem era seu amor, e só ele era capaz de fazê-la sentir-se especial e amada.

— Jamais — Alana finalmente prometeu. Em seguida, virou-se e deixou o quarto.

Atravessou o corredor com passos rápidos. Estava ansiosa, parte pela euforia de o homem que amava ter acordado de um coma, parte pela urgência em localizar o médico que o acompanhava.

— Por favor, a senhora poderia me informar onde eu posso encontrar o doutor Rogério? — indagou, ofegante, para a enfermeira no balcão da recepção.

As feições relaxadas da mulher mudaram para apreensivas quando seus olhos castanhos se depararam com a expressão ansiosa no rosto de Alana.

— Ele se encontra em atendimento. Eu posso ajudá-la? — a profissional da saúde indagou. — Você está se sentindo bem? Está muito

pálida, mocinha.

Alana respirou fundo quando uma súbita fraqueza a tomou e a fez apoiar-se na madeira do balcão para não cair. *Essa merda de enjoo atacou de novo*, pensou, suando frio. Havia dias que não andava bem do estômago, e mais uma vez ela colocou a culpa no estresse.

— Não é nada. É só cansaço. — Alana forçou um sorriso a fim de reforçar o que dizia. — Eu vim aqui porque o meu... — começou, porém, precisou parar e respirar fundo novamente. — Quero dizer, o paciente do quarto 304, Enrico Magalhães, que estava em coma, acabou de acordar. E o doutor Rogério pediu para ser informado, de imediato, caso surgisse qualquer alteração no estado dele. A senhora poderia avisá-lo? — pediu, com a voz trêmula, e viu o rosto da sexagenária se iluminar.

— Que notícia boa! Eu sei quem ele é! Um rapaz bonito daqueles... Foi uma pena o que aconteceu com ele. Eu vou avisar o doutor agora mesmo. Ele não deve demorar — afirmou, diligente.

— Está bem. Eu vou aguardar no quarto dele. Obrigada.— Após agradecer a mulher, Alana girou nos calcanhares e voltou a pegar o corredor.

Apesar de sentir-se débil, uma sensação inebriante de alegria a inundou e um largo sorriso iluminou seu rosto. Apressou o passo, pois não via a hora de vê-lo e provar para si mesma que não havia sonhado.

Mal tinha colocado os pés no interior do quarto quando o doutor Rogério adentrou. E na hora seguinte, Enrico foi submetido a uma bateria de exames. Enquanto isso, Alana avisava aos demais sobre o que tinha acontecido. Do outro lado da linha, ouviam-se gritos de alegria mesclados com suspiros de alívio. No fim, todos ficaram de ir até o hospital assim que possível.

De volta ao quarto, Enrico estudou-a por alguns minutos.

— Está com ar abatido, Lana. Devia ir para casa e descansar um pouco. Eu vou ficar bem — assegurou, fitando-a com cautela.

Os olhos dela encontraram os seus.

— Você está dizendo que eu estou feia? — indagou, passando a mão pelo rosto e depois pelos cabelos presos.

Um sorriso brotou dos lábios de Enrico e ele pensou em como ela era linda e inteligente, além de despertar sentimentos nele que lhe diziam que Alana era a mulher de sua vida.

— Eu jamais diria uma coisa dessas, até porque não tem como você ficar feia. Tem noção do quando você é linda? — indagou ele, e viu quando as bochechas dela ficaram rosadas. Havia timidez em sua princesa, afinal, pensou, intimista. — Eu sei como deve ter sido cansativo e estressante para você me acompanhar por todo o tempo em que estive fora do ar.

— E foi mesmo, não nego. Tanto para mim como para os seus irmãos. A propósito, eu falei com eles enquanto te examinavam. Estão a caminho.

— Obrigado. Vai ser muito bom ver a minha família de novo. Mas eu insisto, Alana, não quero que você passe mal por exaustão.

— Está bem, eu vou para casa, descansar, mas amanhã eu volto — advertiu ela, séria, levantando-se da poltrona para ir até ele, porém, deteve-se por um instante, com uma mão estendida diante de si à procura de uma superfície dura onde se apoiar, esfregando a têmpora com a outra.

— Alana?! — Enrico chamou-a, e quando não obteve resposta, repetiu seu nome com um tom de voz mais enérgico: — Alana?!

Ela olhou para ele como se não o enxergasse.

— Oi — finalmente Alana respondeu, piscando várias vezes para tentar manter o foco. *Que diabos está acontecendo comigo?*, perguntou-se, aflita.

— O que foi? — apreensivo, Enrico buscou o rosto dela com os olhos.

— De repente tudo rodou. Eu acho que me levantei rápido demais, mas já passou — assegurou ela, dirigindo-lhe um sorriso tranquilizador.

Enrico soltou um rosnado, impaciente.

— Está vendo? É disso que estou falando. Está exausta, Alana, e acho que nem deve estar se alimentando direito.

Preocupada com o estado alterado dele, Alana apressou-se em confirmar, balançando a cabeça.

— Nem dormido, mas isso é reflexo da incerteza em saber se você ficaria bem ou não. Mas agora que já acordou, as coisas voltarão ao normal.

— Entendi. Só que eu quero que você vá para casa e descanse. Não vou ficar sossegado se não fizer isso, Lana — insistiu Enrico, com uma carranca.

Alana se aproximou e emoldurou seu rosto com as mãos.

— Pelo jeito, você está ótimo. Senhor mandão! — disse e sorriu. — Pode ficar tranquilo, eu só vou esperar o pessoal chegar aqui para poder ir. Está bem assim?

— Muito melhor — grunhiu ele, relaxando o corpão na cama.

— Rico, lembra-se do que o médico disse? Você não pode se exaltar assim. Só respira e se acalma, ok? Está tudo bem — Alana assegurou,

dando-lhe um selinho e ajeitando o lençol na parte inferior de seu corpo. Engoliu em seco quando pousou os olhos no volume aparente embaixo dele.

Seguindo o olhar dela, Enrico estendeu a mão e, com um dedo, contornou um mamilo bem devagar sobre o tecido macio da blusinha que ela usava, então fez o mesmo com o outro. O gesto foi suficiente para fazê-la experimentar uma intensa onda de calor.

— Rico, aqui não! E muito menos com você convalescente do jeito que está — Alana apressou-se em admoestá-lo.

Afastando-se, ela olhou ao redor, vermelha feito um pimentão, ainda mais quando voltou a fitá-lo e se deparou com um Enrico de olhos semicerrados, mordendo de leve o lábio inferior e com a maior cara de safado do mundo. Exatamente do jeito que ela simplesmente adorava. E deu-se conta de que ele se divertia em provocá-la.

Horas mais tarde, e mesmo contra sua vontade, Alana fez o que Enrico pedira, ou melhor, exigira: deixou o hospital. No entanto, ele estava certo, sentia-se mesmo exausta. No trajeto para a casa do pai, resolveu dar uma paradinha no mercado vinte e quatro horas.

Estacionou em uma das várias vagas diante do estabelecimento, pegou a bolsa jogada no assento do passageiro e entrou. O lugar não era muito grande, mas tinha de tudo e era bem iluminado. Pegou uma cestinha e passou a percorrer os corredores, procurando pelos itens que pretendia comprar.

Meia hora depois, ela se encontrava no caixa, aguardando para ser atendida, quando sentiu uma coisa estranha e um arrepio percorrer sua espinha. E teve a nítida sensação de que era observada.

— Merda. Eu e essa minha independência — murmurou, com raiva de si mesma, pensando que aquele era um ótimo momento para se arrepender por ter batido o pé e insistido em voltar para casa sozinha quando o pai pedira para Lilly acompanhá-la, já que Eros ficaria no hospital com o irmão por mais algum tempo e ele e Bella voltariam para casa no mesmo carro. Teimosa, não aceitou a sugestão, afirmando que se recusava a mudar sua vida por causa de um maluco qualquer.

Evitara comentar sobre a investigação do acidente com Enrico, pois, além de não ser o momento, Alana não queria estressá-lo, e sabia que ele ficaria ainda mais preocupado com ela. Quando Enrico abordou o assunto, ela logo desconversou e começou a contar sobre a novas estripulias do Pietro, com a intenção de distraí-lo, e funcionou, o homem abriu um grande sorriso só de ouvir o nome do sobrinho.

Com aquela estranha sensação acompanhando-a, Alana pagou pela compra, deixou o mercado e entrou apressada em seu carro, o coração aos pulos. Sem demora, deu a partida e pegou a avenida, só respirando aliviada quando parou na frente da casa do pai.

Após guardar o carro na garagem, pegou as sacolinhas com as compras e subiu os degraus que davam na porta lateral, que se abria direto na cozinha. Com mãos trêmulas, tirou os produtos das sacolinhas e colocou-os sobre a ilha.

Lilly entrou meia hora depois, enquanto Alana encontrava-se aboletada em uma banqueta diante da ilha preparando um sanduíche.

— Oi — saudou a garota, e notando seu ar distraído, observou-a mais de perto. — Você está bem?

— Estou — respondeu Alana. — Por quê? — indagou, dando a primeira mordida no sanduíche.

— Nada. Achei que... — Lilly começou a falar, mas por algum motivo mudou de ideia e desistiu. — Deixa para lá. O que é isso que você está comendo? — inquiriu, curiosa.

— Pão, doce de leite, batata frita e mostarda — respondeu Alana, abrindo o pão, colocando mais um punhado de batata frita dentro, passando uma boa quantidade de doce de leite e salpicando mostarda por cima. — Está uma delícia. Quer experimentar? — ofereceu, dando uma bela mordida.

Lilly negou com a cabeça e fez uma careta de nojo. Nesse momento, a atenção das duas foi puxada para Bella, que entrava na cozinha e seguia direto para a geladeira, de onde tirou uma mamadeira cheia de leite.

— Hum, isso parece bom — disse ao reparar no lanche com o qual a enteada se deliciava. — Posso experimentar?

— Manda bala, fique à vontade. Tem pão, doce de leite, batata frita e mostarda suficientes para nós duas. Ou mais. — Alana lançou um olhar divertido para Lilly, que mantinha uma expressão de desagrado no rosto bonito.

Bella preparou um sanduíche igual ao de Alana e levou-o à boca.

— Uau! Muito bom! — aprovou ao dar a primeira mordida.

— Vocês duas são doidas, isso sim! Credo, isso parece meleca — comentou Lilly, torcendo o nariz para a estranha combinação. — Engraçado... — começou, em tom de suspeita. — Você, Alana, detesta mostarda, e eu não me lembro de já ter te visto comer batata frita com doce de leite antes — observou, e com uma expressão brincalhona, pegou meia

dúzia de palitos de batata frita e jogou na direção da irmã, que, rindo, desviou o corpo a fim de evitar o “ataque”.

Alana deu de ombros.

Após alguns minutos, as duas mulheres se olharam, sorrindo.

— De fato, eu não gosto mesmo, mas sei lá, me deu vontade.

— Está aliviada agora que o Enrico não corre mais risco de morte, não está? — quis saber Lilly, com a respiração levemente ofegante.

— Você não faz ideia do quanto. Mas mesmo saindo do coma, segundo o doutor Rogério, o estado do Enrico ainda inspira cuidados. Contudo, todos estão confiantes de que ele vai se recuperar, e é provável que não tenha sequelas.

— Essa é uma ótima notícia. A vida é o nosso bem mais precioso, tudo o que realmente importa. O Enrico é um cara durão, ele vai ficar bem — comentou Bella, e enquanto se deliciava com o seu sanduíche, esquentava a mamadeira de Pietro em banho-maria. — Bem, agora eu vou lá alimentar a minha outra cria — disse e deixou a cozinha, sorridente.

Alana assentiu. Era bom ver que todos à sua volta estavam mais relaxados e leves. E deu-se conta do quanto os irmãos Magalhães eram unidos e se amavam. Enrico era mesmo o pilar que sustentava sua família. Tinha como não admirar e amar uma pessoa tão bonita, tanto por fora quanto por dentro, como ele?

Se não fosse aquela sensação incômoda e perturbadora de perigo rondando, juntamente com a ignorância de quem desejava o mal deles, tudo estaria caminhando como deveria, mas ela não estava disposta a deixar nenhum fantasma interferir na sua paz de espírito. Amanhã seria outro dia. Agora, ela só queria relaxar e celebrar a recuperação do homem da sua vida.

— Bom, com as coisas voltando ao normal, o que eu mais desejo é um ambiente aconchegante, uma ducha e dez horas ininterruptas de sono — disse após alguns minutos. — Estou indo nessa, irmãzinha. Você vem?

— Daqui a pouco — respondeu Lilly, acompanhando a saída da irmã com os olhos. Foi até a varanda, apoiou-se no balcão, puxou o celular do bolso traseiro do jeans e apertou o botão de discagem rápida. Um sorriso surgiu em seu rosto quando ouviu a voz dele do outro lado da linha.



Capítulo 29

A tarde de sábado estava deliciosa, a suave brisa acariciava a pele e a temperatura amena incentivava as pessoas a saírem de casa para atividades ao ar livre. Depois do banho, Alana voltou para o quarto e pegou o vestido que estendera sobre a cama. Com um sorriso e o pensamento em Enrico, ela vestiu o conjunto de lingerie de seda com detalhes em renda na cor vermelha e passou o vestido estampado e de tecido molinho pela cabeça.

Sentada na beirada da cama, calçou as sandálias de salto baixo, levantou-se e foi até a penteadeira. Acomodada na banqueta, pegou a escova e começou a escovar os cabelos, mecha por mecha, reparando nas pontas e pensando que em breve precisaria apará-las.

Uma base e um corretivo na área dos olhos para esconder as olheiras, um blush nas maçãs do rosto para disfarçar a palidez, um batom na cor vinho nos lábios e estava pronta. Satisfeita com sua imagem refletida no

espelho, Alana alcançou a bolsa em cima da poltrona próxima à janela e deixou o quarto, encaminhando-se para a sala.

— Pai, tem um minuto? — perguntou assim que o viu sentado no sofá, com os olhos pregados na tela da tevê.

Distraído com um programa sobre customização de motos, o seu preferido, George levou um segundo para girar o pescoço na direção da filha. Ao vê-la, abaixou o volume e depositou o controle remoto na mesinha, só então respondeu, com um sorriso:

— Para você, meu amor, eu tenho todo o tempo do mundo.

Alana retribuiu o sorriso e se sentou na poltrona oposta ao sofá, ficando de frente para ele.

— Outro dia, quando eu voltava do hospital, resolvi parar naquele mercado vinte e quatro horas que fica no centro. Eu esperava a minha vez na fila do caixa, quando senti uma coisa estranha — começou a explicar.

George meneou a cabeça e lhe deu um olhar interessado.

— Estranha como?

— Eu tive uma impressão forte de estar sendo observada, não sei como explicar...

As feições de George mudaram de relaxadas para tensas em um milésimo de segundo. Ele fechou os olhos com força, esfregou a nuca e respirou fundo para se controlar.

— Alana... — falou seu nome em um grunhido baixo e gutural, e quando abriu os olhos, havia um *"eu te avisei"* estampado em seu semblante, o que fez com que uma rigidez anormal tomasse conta do corpo da filha.

— Espera. Calma. Eu sei o que o senhor vai me dizer. Que eu fui teimosa, descuidada e despreocupada. Que tem alguém solto por aí que quer me fazer mal e que eu ainda corro risco — resumiu, gesticulando, agitada.

Contrariado, George bateu com as palmas das mãos nos joelhos. Havia determinação em cada linha do seu rosto e no brilho frio e azul dos seus olhos quando voltou a encará-la.

Atingida pela fúria que lhe era dirigida, Alana arregalou os olhos, mordeu o lábio e encolheu-se no assento.

— Exatamente! Que bom que você está consciente do risco que correu por causa da sua teimosia. Sorte que, seja quem for esse desgraçado, não fez nada contra você. Céus, Alana! Entenda de uma vez que você e o Enrico ainda estão em perigo! — Sua voz grossa e potente trovejou, tomando conta do ambiente.

Reconhecendo que o pai estava com a razão, Alana assentiu com um aceno.

— Eu sei disso, pai. E depois do que senti, pude ver a situação com mais clareza. Prometo que vou ser mais cuidadosa — assegurou ela, colocando-se de pé e ajeitando a alça da bolsa no ombro.

Notando que a filha se dirigia para a porta da frente, George a interpelou:

— E para onde você pensa que vai?

Alana parou e girou o pescoço para olhar para o pai por cima dos ombros, com um sorriso largo espalhando-se pelo seu rosto, contudo, diante do vinco que se formara entre as sobrancelhas dele, seu entusiasmo logo arrefeceu e murchou.

— Para o hospital. É a minha vez de ficar com o Enrico.

George suspirou, ponderando sobre o que ouvia.

— A partir deste momento, você não vai mais sair sozinha até que a pessoa que atentou contra você e o Enrico seja identificada e presa. Eu vou falar com o Sérgio para contratar um serviço de escolta, mas, enquanto isso não acontece, eu mesmo vou me encarregar da sua segurança.

Alana bufou, contrariada.

— Pai, acha mesmo que é necessário? Eu acabei de falar que vou ter cuidado! — lembrou-o, impaciente.

— E eu acredito em você, mas, mesmo assim, eu quero e vou fazer isso. É minha filha e corre perigo. Acha que posso ficar aqui, sossegado, sabendo que algo pode te acontecer lá fora, a qualquer momento? — George inquiriu com firmeza, sem lhe dar a menor chance de refutar sua lógica. — Ademais, eu tenho mesmo que pegar a Bella, não custa nada nós dois irmos no mesmo carro — concluiu, decidido.

Sem outra opção, coube a Alana respirar fundo e aceitar a determinação do pai. O percurso da casa dele até o hospital demorou pouco menos de uma hora, com ela imersa em pensamentos na maior parte do trajeto, retornando ao presente quando o pai parou na frente do estacionamento e desligou o motor do carro.

— Quer que eu vá com você? — perguntou George.

— Não precisa. De qualquer maneira, só é permitido subir uma pessoa por vez. E há vários seguranças espalhados pelas dependências do hospital, então não se preocupe, eu vou ficar bem — garantiu, preparando-se para sair do carro.

George suspirou e olhou-a com cuidado.

— Está brava comigo?

Alana hesitou, com a mão sobre a maçaneta interna da porta.

— Não, pai. Eu entendo que é zeloso porque está preocupado comigo.

— É bom saber que entende, Alana. Sou seu pai e só quero o seu bem — reafirmou, vendo-a assentir com um sorriso. — Agora, vai lá. Diz para a Bella que estou aqui esperando por ela.

Minutos depois, Alana atravessava a ampla recepção na direção do balcão de atendimento, onde recebeu o adesivo que a autorizava subir. Colando-o no tecido do vestido um pouco abaixo do ombro, entrou em um dos elevadores. Lá dentro, apertou o botão do andar do quarto de Enrico, e quando as portas se abriram, saiu e pegou o corredor, apressada.

Deitado, com as mãos sob a cabeça e os olhos cravados no teto, Enrico aguardava o retorno de Bella, que saíra do quarto por alguns minutos, e uma recordação chegou até sua mente, a de quando ele ainda era um adolescente que só tinha três modos de viver a vida: muito feliz, como se fosse o dono do mundo; curioso, devorando pornografia escondido com um de seus amigos de infância; e melancólico, quando deitava em sua cama e fitava o teto para curtir uma crise existencial repentina, ouvindo música e zangado com tudo e todos, sem ter a mínima ideia da tragédia que cairia sobre sua cabeça anos mais tarde. E parecia que o destino ainda não queria lhe dar uma folga.

Enquanto era submetido a uma bateria de exames logo após despertar do coma, o doutor Rogério lhe contara o que havia acontecido

com ele. Tinham lhe tirado o baço, costurado seus rins e emendado o rasgo da coxa e do braço esquerdos. O cirurgião plástico também apareceu para tranquilizá-lo, assegurando que as cicatrizes não ficariam visíveis.

Apesar de tudo, Enrico sabia que era um cara de sorte. Conseguiram consertar o que era importante. E o mais preocupante, a sua cabeça, parecia estar bem, de acordo com o eletroencefalograma e a ressonância magnética que tinham feito.

Para sua surpresa, as duas semanas seguintes passaram depressa, e foram caracterizadas por alguns momentos dolorosos e por outros muito agradáveis. Bella e Eros revezavam-se para lhe fazer companhia, mesmo quando ele afirmava que não era necessário que ambos ficassem todo aquele tempo com ele, ainda mais a irmã estando grávida e com o marido e o filho pequeno esperando por ela.

Era verdade que Bella contava com Maria José, uma babá de confiança e George passara a trabalhar de seu escritório em casa, e isso a tranquilizava. Mas a irmã ainda tinha o trabalho na escola, e ele não queria vê-la sobrecarregada. No entanto, teimosa como era, Bella não lhe deu ouvidos, e os três passavam o tempo conversando, contando histórias, rindo e jogando no celular. Aqueles dois o ajudavam em tudo.

Alana lhe contara que, por conta do ocorrido, ela não estava indo para o escritório, mas como o pai, trabalhava de casa e usava os serviços de um motoboy quando precisava assinar algum documento. Ela foi vê-lo quase todos os dias, mas nunca sozinha. Sempre que George chegava para pegar a esposa, deixava a filha, que passava a tarde com ele, até Eros substituí-la, com George a postos para levá-la embora.

Saber disso fez Enrico sentir-se culpado e aliviado ao mesmo tempo. Aliviado por saber que Alana estava sempre acompanhada quando saía,

vivendo segura na casa do pai. Enrico estava ciente de que o filho da puta do motorista daquela van quis jogá-los para fora da estrada, mas até onde ele sabia, não possuía inimigos, nem Alana, o que tornava o “acidente” ainda mais estranho. E culpado porque ela tinha cancelado todos os seus planos e compromissos para estar com ele.

Ao final daquelas semanas, Enrico já podia se movimentar com certa facilidade e permanecer de pé por períodos de dez a quinze minutos de cada vez, mas ainda não sentia a energia que gostaria de sentir. Por isso, o médico havia lhe dito para esperar mais quinze dias antes de voltar ao trabalho.

Uma movimentação na porta trouxe-o de volta para o presente, e apoiando-se nos cotovelos, Enrico elevou o corpo até ficar praticamente sentado. Abriu um enorme sorriso quando viu Alana aparecer no vão da porta, e os dois não quebraram o contato visual enquanto ela atravessava o quarto.

Alana visitou Enrico quase todos os dias durante o período de internação, e foi testemunha da sua rápida e surpreendente recuperação. Com ele cada vez melhor a cada dia, ela também se sentia bem, embora, vez ou outra, aquele mal-estar voltava a incomodá-la. E não foi uma surpresa para ela quando Bella ligou mais cedo avisando que o irmão receberia alta naquela mesma tarde. Ao todo, tinham sido sete semanas de internação, e agora Enrico estava bem para voltar para casa.

Ela quase desmaiou de emoção quando ele abriu aquele sorrisão. Um sorriso onde os olhos parecem sorrir junto. Como Enrico conseguia ser tão lindo depois daquele tempo todo, numa cama de hospital e comendo aquela comida com gosto de nada, era um mistério.

Reparou que ele havia trocado a bata de tom azul-claro sem graça por sua costumeira camisa verde-militar de tecido grosso. Por baixo dela,

dava para ver parte de uma camiseta básica da mesma cor. As pernas longas e atléticas esticadas sobre a cama estavam cobertas por uma calça de cor escura, e, nos pés, um par de botas pretas. Era até um desrespeito ser tão bonito daquele jeito.

— Oi. — Alana inclinou o corpo para poder lhe dar um selinho. — Eu fiquei tão aliviada e contente quando a Bella ligou, avisando da sua alta — disse ao se separarem.

— Olá — Enrico retribuiu a saudação, olhando-a e fazendo o coração dela bater descompassado. — Eu nem sou capaz de descrever como me sinto em saber que finalmente vou para casa — revelou, voltando a sorrir quando seus olhos se encontraram.

— Eu imagino que deve estar mesmo ansioso. Hospitais são ótimos, mas só durante o tempo que precisamos deles. A propósito, onde sua irmã está? Eu não a vi quando cheguei — observou Alana, levando o olhar até a porta.

— Ela foi pegar os papéis da alta — informou Enrico. — Não deve demorar.

Alana sentou-se na borda da cama, ficando de costas para a porta e de frente para ele.

— Que bom. Eu estou com saudade de você bem e em casa — expôs, falando baixo e pertinho da boca dele.

— Nem me fale... — Enrico segurou seu rosto entre as mãos e tomou seus lábios em um beijo suave, porém tiveram que se afastar quando ouviram o som de um raspar de garganta dentro do quarto.

— Oi, Bella — saudou uma Alana muito corada, olhando-a de rabo de olho e com metade do rosto oculto no peito de Enrico.

Bella devolveu o cumprimento com um breve aceno e um sorriso.

— Então, já podemos ir? — indagou Enrico, inquieto. — Eu não vejo a hora de sair e ver como está o dia lá fora.

— Podemos. Eu já estou com a papelada da sua liberação — respondeu Bella, referindo-se ao pequeno maço de papéis que tinha nas mãos.

— Ótimo. Meu pai está esperando no estacionamento — avisou Alana, saindo da cama e posicionando-se de modo a poder ajudar Enrico a descer. — Deixe-me levar as coisas dele — prestativa, ela se ofereceu.

Depois de ajudá-lo, Alana foi até o local onde uma mochila de lona jazia no chão do quarto e a pegou, nisso, um enfermeiro adentrou empurrando uma cadeira de rodas.

Balançando a cabeça, Enrico olhou para a cadeira com estranheza.

— Eu não preciso disso — declarou, nem um pouco contente. Porra, ele não era nenhum inválido. — Eu posso andar!

— Você já passou da idade da rebeldia, Enrico. E o médico deixou bem claro que você não deve se esforçar, além disso, usar uma cadeira de rodas para sair faz parte das normas de qualquer hospital — com firmeza, Bella repreendeu o irmão.

— Está bem — embora contrariado, Enrico cedeu e acomodou o corpão na cadeira. Quando chegaram à rampa que dava acesso à calçada, ele se levantou e agradeceu ao enfermeiro, que acenou com um breve sorriso e se foi.

O dia estava ensolarado e o tempo seguia firme. Enrico respirou profundamente, e inclinando o pescoço para trás, fitou o céu muito azul e

livre de nuvens. Piscou várias vezes por conta da luminosidade e apreciou os raios de sol lambendo e lhe penetrando a pele. Há meses que ele não via um dia tão bonito, e, porra, como sentira falta de estar ao ar livre.

— O meu pai está logo ali — avisou Alana, e os três começaram a andar na direção indicada por ela. Quando se aproximaram, encontraram George de pé, de óculos escuros estilo aviador, com os braços cruzados sobre o peito largo e encostado em um Grand Cherokee preto, uma SUV de luxo e sua mais recente aquisição.

Inesperadamente, Enrico sentiu um frio na barriga quando seus olhos encontraram os do cunhado. Saber que George tinha consciência do que havia entre ele e sua filha deixava-o pouco à vontade, e para evitar maiores constrangimentos, decidiu que teria uma conversa definitiva com Alana, a fim de dar um nome àquele relacionamento.

Depois e assim que fosse possível, chamaria o pai da mulher que amava para uma conversa de homem para homem. Isso porque, além de ser a coisa certa a fazer, Enrico sentia-se na obrigação de deixar claro quais eram suas verdadeiras intenções com relação à filha dele.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Enrico encontrava-se encostado no móvel de sua sala. Cruzou os braços sobre o peito e mediu-a de alto a baixo.

— Gostei muito de você ter decidido passar esta noite comigo, mas me pareceu que seu pai não gostou nada da ideia.

— Eu sou uma das filhinhas dele, é natural que ele aja assim. Mas eu também sou uma mulher, maior de idade, vacinada e dona da minha vida. Meu pai entende isso. Só que não se anima muito, não. E eu só concordei em passar a noite aqui porque você prometeu se comportar. Acho que não

preciso lembrar que você acabou de deixar o hospital, portanto, está convalescente.

Enrico suspirou profundamente e fez uma careta de desgosto.

— Eu sei que prometi. E você está certa, sou obrigado a admitir que não me encontro na minha melhor forma. — Torceu a boca ao dizer isso. — Eu só quero passar um tempo sozinho com você. No quarto do hospital, não dava para fazer nada. Entrava e saía gente a cada cinco minutos. Toda hora vinha uma enfermeira com algum remédio, verificar os aparelhos, trocar o frasco de soro, perguntar como eu me sentia...

— É verdade, mas elas só estavam fazendo o trabalho delas, Rico. Que era cuidar bem de você, para ficar bom logo e poder estar na sua casa — observou Alana, olhando-o com ternura.

— Eu sei, mas com isso nós tínhamos zero privacidade.

— E o que o senhor pretendia fazer em um hospital? — Alana fitou-o com uma expressão entre curiosa e divertida.

— Para começar, eu queria poder beijar você sem correr o risco de ser interrompido a todo instante.

Alana riu, mas por alguma razão não demorou a ficar séria.

Enrico não conseguia desviar os olhos dos dela, que o fitavam com um brilho estranho. Descruzou os braços e enfiou as mãos nos bolsos traseiros do jeans. O movimento esticou o tecido da camiseta sobre seu abdômen e ele ficou instantaneamente cônscio de sua quase ereção.

— O que foi? Ficou pensativa de repente...

— Eu estive pensando em nós dois — confessou ela, num tom de voz suave.

Um vinco surgiu na testa de Enrico.

— Pensando em nós dois? — repetiu a pergunta.

— Isso. No em que me disse sobre não estar satisfeito com a nossa situação não oficializada.

— E chegou a alguma conclusão? — indagou ele, olhando-a com intensidade.

Foi difícil, mas Alana conseguiu sustentar seu olhar.

— Cheguei — respondeu, mordendo a pontinha do polegar.

Tentando perceber sinais do que se passava na cabeça dela, Enrico endireitou a postura.

— E qual foi?

O coração dela bateu forte com a expectativa de dizer as palavras que estavam na ponta da língua havia algum tempo.

— Eu pensei bem e cheguei à conclusão de que não quero me afastar de você — falou sorrindo, mas a verdade era que estava nervosa, e quando seus olhares se encontraram, ela sentiu um frio repentino que a fez estremecer.

— E por que isso aconteceria? — Enrico indagou, apreensivo.

— Eu pensei que poderíamos continuar juntos sem pressão, sem cobranças, apenas apreciando a companhia um do outro.

Nesse ponto, Enrico sacudiu a cabeça e apertou os lábios. Projetando o braço para cima, correu os dedos pelos cabelos, notando o quanto haviam crescido durante o tempo em que estivera internado.

— E isso quer dizer que você mudou de ideia sobre assumir para a nossa família que está comigo? Tarde demais, Lana. Eles já sabem.

— Eu sei, e eu pensei nisso antes do fim de semana no sítio. Não mudei de ideia, pelo contrário, estava para sugerir que marcássemos um encontro com todos no próximo domingo. O que acha?

— Parece-me uma boa ideia. Só recapitulando, isso significa um namoro?

Alana sentiu o coração bater mais depressa, incapaz de lutar contra o fascínio que Enrico exercia sobre ela.

— Sim, isso quer dizer um namoro.

Enrico eliminou a pouca distância entre os dois. Protetor, passou um braço pelos seus ombros e Alana descansou o rosto no peito dele, apreciando o contato. Pouco tempo depois, ele afastou-a de si, mas apenas o suficiente para poder ver seu rosto. Deslizou a mão pela face dela, até que seu polegar estivesse traçando o contorno da boca entreaberta. Graças aos céus, apesar de tudo, ele não esquecera nem um momento do tempo que passaram juntos.

— Por que me olha assim?

— Porque estou apaixonado. — Enrico deteve o dedo a milímetros de sua boca, e foi lá que ele ficou, parado, congelado, como o resto de seu corpo. *Eu falei apaixonado?* Pela expressão chocada de Alana, sim, ele tinha falado alto e em bom som.

Surpreso com o que revelara, Enrico afastou-se dela e foi em direção à janela. Não era do seu feitio fugir das situações, mas havia acabado de confessar à mulher que amava que estava apaixonado por ela, e sequer estava certo de que Alana sentia o mesmo.

Enrijeceu-se quando mãos pequenas rodearam sua cintura e braços esguios o envolveram por trás. Soltou um suspiro e colocou as mãos sobre as dela, levando uma até os lábios.

Alana não conseguia conter a sensação de pura alegria. Até ouvir as palavras escaparem da boca de Enrico, ela não havia percebido o quão desesperadamente desejava ouvi-las.

— Quer repetir o que acabou de dizer? — indagou, com a voz rouca e terna.

Enrico olhou a linha do horizonte através da janela. Não havia brisa fresca, nem céu estrelado. Não havia jantar à luz de velas, nem bonito arranjo de flores. Nada dessas coisas românticas que as mulheres, em sua maioria, gostam, mas isso não comprometia a magia do momento. E quando ele se virou, Alana pôde constatar a verdade do que lhe dissera em seus olhos. Rindo, ela se atirou em seus braços.

— Amo você. Acho que amei desde o primeiro momento em que a vi, e sinto que a amarei pelo resto da minha vida. — Enrico moveu-se com uma ternura que Alana não havia sentido antes, afastando-se só quando percebeu a umidade em seus olhos. — Por que está chorando? — perguntou com o cenho franzido. — O que eu fiz agora?

Meneando negativamente a cabeça, Alana sentiu o corpo vacilar e seus joelhos dobraram. Ao segurá-la para evitar que caísse, Enrico inspirou a leve fragrância de seu perfume, suave, feminino e sedutor, que fez seu pulso acelerar.

— É que eu também amo você, e não faz ideia do medo de perdê-lo que eu senti durante o tempo em que esteve em coma — declarou ela, respirando com dificuldade.

Embora as circunstâncias não fossem as mais favoráveis e, ao contrário do que dissera para a irmã, ela não soubesse como ou quando havia se apaixonado, Alana acabara de constatar que bastou um olhar para saber que havia encontrado a única pessoa capaz de fazê-la romper sua promessa de não se envolver emocionalmente com um homem tão cedo. Bastara um olhar para mudar sua vida. Pensando bem, *ela* mudara.

Enrico riu baixinho e sua boca percorreu os lábios dela por um instante. Puxando-a para si, colou seus corpos. Nunca quisera uma mulher com tanta força e intensidade como desejava Alana. Abraçando-a como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo, ele aprofundou o beijo, devorando seus lábios com paixão, e quanto mais a beijava, mais sede por ela sentia.



Capítulo 30

Alana cruzou a sala de estar, entrou na cozinha e foi até a geladeira. Abrindo-a, pegou uma jarra de água.

— Bom dia — saudou Lilly, elevando o olhar da tela do notebook quando viu a irmã entrar. — Veio fazer um lanche? Notei que você não comeu quase nada no café da manhã.

— Eu estava com pouca fome — disse Alana, pegando um copo no armário. — Ando dormindo bastante, mas sempre acordo me sentindo cansada. Deve ser o calor — comentou e tomou um grande gole do líquido gelado e refrescante. — Nossa, eu estava mesmo precisando disso.

— Eu soube que você foi buscar o Enrico com o nosso pai. Por acaso... o Eros estava com o irmão? — perguntou Lilly, como quem não quer nada.

— Não, por quê? — Alana colocou a jarra com água de volta na geladeira.

— Hum, por nada. Só curiosidade mesmo. E você vai ver o Enrico hoje?

— Não. Eles virão até aqui. Conversei com o pai e a Bella e marcamos uma pequena reunião de família para esta tarde — explicou e sentiu o estômago quase vazio reclamar. — Hum, pensando bem, acho que vou comer uma fruta — disse e pegou uma maçã, indo se aboletar numa banqueta e apoiando os cotovelos na ilha.

— E qual é a ocasião? — insistiu Lilly.

— Nada de mais. O Enrico só quer conversar com o nosso pai — proferiu Alana, dando uma mordida na fruta.

— Sobre vocês dois?

— U-hum, isso mesmo — confirmou e deu outra mordida.

— É tão a cara do Enrico fazer algo assim. — Lilly riu. — Mas até que eu acho bem legal esse jeito certinho dele.

Sem qualquer aviso, Alana largou a maçã pela metade, cobriu a boca com a mão e correu para o banheiro. Curvada sobre a bacia, enrolou os cabelos espessos numa das mãos enquanto colocava o conteúdo do estômago para fora.

Quando acabou, ainda trêmula, ela foi até a pia e lavou as mãos e o rosto. Levantando a cabeça, fitou sua imagem diante do espelho, notando a palidez e as olheiras profundas sob os olhos. Com as pernas bambas, precisou puxar o ar em uma sequência de respirações profundas para se acalmar, e ficou ali até o mal-estar começar a passar.

Aquilo era muito estranho. Não era para ela estar se sentindo tão mal. Agora que as coisas estavam mais calmas, com Enrico já em casa, seu nível de estresse deveria ter abaixado. Entretanto, a cada dia que passava, o mal-estar piorava.

— Alana? Está tudo bem? — Lilly perguntou do outro lado da porta, preocupada. Segundos depois, viu Alana sair do banheiro, estava branca feito um fantasma, passando um lenço de papel na boca e indo sentar-se no sofá. — Nossa, eu sabia que aquela gororoba que você inventou e anda comendo só podia dar nisso. Você está verde! — disse e foi sentar-se no assento ao lado.

— Não acho que a causa do meu enjoo seja o sanduíche. Não é a primeira vez que eu me sinto assim.

Enfraquecida, Alana apoiou a cabeça no encosto do sofá e puxou o ar com força. Enquanto isso, Lilly pensava em uma explicação lógica para o estado da irmã.

— Está me dizendo que você já vem se sentindo mal há vários dias? — inquiriu, unindo as sobrancelhas, desconfiada.

Alana encarou a irmã com intriga nos olhos.

— Para falar a verdade, sim. No começo eu achei que devia ser porque eu não estava comendo direito, por causa do estresse da situação do Enrico e tudo mais. Mas, agora, não sei o que está acontecendo comigo. Acho que eu deveria consultar um médico.

— Isso ou ir à uma farmácia — sugeriu Lilly, objetiva.

— Farmácia? — Alana encarou a irmã, confusa.

Lilly balançou a cabeça, assentindo.

— Isso mesmo. Me admira você, uma mulher moderna e inteligente, ainda não ter se dado conta do que está acontecendo. Eu desconfiei desde que te vi comendo aquela meleca que você chama de sanduíche, e fiquei ainda mais desconfiada quando a Bella fez o mesmo. E, pior, as duas achando aquilo uma delícia. Argh! É nojento! Só de imaginar o gosto, quem passa mal sou eu.

— Do que você está falando, Lilly?

— Estou dizendo que você precisa comprar um teste de gravidez.

— O quê? Endoidou? Não pode ser isso! — negou Alana, enfática, movendo a cabeça para os lados com vigor.

Lilly afastou-se um pouco, cruzou os braços sobre o peito e encarou a irmã.

— Então me diz: quando foi a última vez que você menstruou?

Alana enrugou a testa, buscando a data na memória. Teve que se esforçar muito para lembrar. Com tudo o que havia acontecido desde o acidente, ela tinha perdido um pouco a noção do tempo.

— Agora que você perguntou, era para ter sido há... Três semanas! — exclamou, arregalando os olhos, alarmada. — Ai, senhor!

— Um atraso de três semanas... — Lilly fez uma pausa de um segundo antes de acrescentar: — Isso quer dizer que você pode estar grávida de quase dois meses! — E fitando a irmã com olhos brilhantes, emendou, batendo palmas, eufórica: — Eu vou ser tia!

Preocupada com a reação escandalosa da irmã, Alana chamou sua atenção de maneira enérgica:

— Lilly?! Quer parar com isso? Você vai chamar atenção do pai e da Bella! E eu não quero que ninguém saiba de nada antes de ter certeza absoluta, entendeu?

— Está bem... Está bem...

— Caramba, quase dois meses... Então, se eu estiver mesmo grávida, o que não sabemos...

— Ainda — aparteou Lilly, mais controlada após a chamada da irmã, mas sem tirar o imenso sorriso do rosto bonito.

— Aconteceu no fim de semana que Enrico e eu passamos no sítio dos pais do amigo dele — concluiu Alana, ignorando a interrupção da irmã.

— E vocês não se protegem? Existe uma montanha de contraceptivos no mercado, inclusive preservativos, sabia? — Lilly arqueou as sobrancelhas e abriu um sorriso debochado.

Olhando feio para a irmã, Alana se levantou e passou a andar pela sala, com uma sensação angustiante apertando seu peito.

— É claro que sim! Nós sempre nos cuidamos, só que eu não sou muito regular, e você sabe! Claro... foi por isso que eu não me dei conta do atraso antes — respondeu e parou um instante para pensar. — Como nós deixamos isso acontecer? Quando foi que vacilamos? — perguntou-se, atordoada. — A cachoeira! — Arregalou os olhos com a lembrança.

— Bom, como você disse, ainda não temos certeza, pode ser um alarme falso — propôs Lilly, mais para acalmar e manter a sanidade da irmã, que, a essa altura, encontrava-se bastante alterada.

— Sim, um atraso pode ter mais de uma explicação. — Era tão cedo ainda para ela ter um filho... Não que não quisesse ser mãe um dia, mas...

Alana não conseguiu completar o raciocínio ao ver que Lilly seguia falando com ela.

— Olha, entrar em desespero não vai adiantar nada. O que você precisa fazer agora é respirar fundo, tentar manter a calma e comprar um teste, ou vários, se preferir, para tirar essa dúvida — aconselhou Lilly, de maneira sensata.

— Isso, me acalmar e tirar a dúvida — repetiu Alana, fazendo um esforço enorme para se controlar. — Certo, vou fazer isso, só que mais tarde. Agora não vai dar, eu fiquei de ajudar a Bella com a arrumação da casa para a reunião de família que teremos daqui a pouco.

Lilly refletiu por alguns instantes antes de se prontificar:

— Tudo bem, eu posso sair e comprar o teste para você. Quando o pessoal for embora, você faz. — Lilly queria ajudar a irmã, mas também estava morrendo de curiosidade. *Uau, a Alana esperando um filho do Enrico... E o meu pai, avô! Cara, isso é muito legal!*

Alana concordou com a sugestão de imediato.

— Combinado. Vamos tirar essa dúvida ainda hoje.

Diligente e sem hesitar, Lilly pegou a bolsa e as chaves em cima de um móvel e deixou a casa rumo à farmácia mais próxima.

Duas horas mais tarde.

— Olha só quem está chegando — anunciou Lilly, bem perto do ouvido da irmã, que instintivamente girou o pescoço na direção da entrada a tempo de ver os irmãos adentrarem a área da piscina. Enrico vinha na frente, com Eros logo atrás.

Os olhos castanhos se cravaram nela, tão intensos que Alana prendeu a respiração, sentindo uma onda de calor gostoso envolver seu corpo e um frio atingir a boca de seu estômago, contudo, o contato não durou muito.

Enrugou a testa quando Enrico desviou o olhar. Ele agachou-se, com ambos os braços esticados à frente do corpo. Curiosa, Alana acompanhou seu olhar, e riu apreciando a cena que se desenrolava do lado oposto ao dele.

Um braço do pai estava apoiado nos ombros de Bella, e o menininho de cabelos e olhos escuros puxava impaciente a mão dela. Era sempre tranquilizador ver o quanto os dois se amavam. Alana acenou para eles e Bella soltou Pietro, que saiu correndo por entre as cadeiras até alcançar o tio.

— Opa! — Enrico segurou o sobrinho pela cintura para detê-lo. — Você não deve correr assim, mocinho. Pode tropeçar e cair.

Pietro riu, e sua risada era a coisa mais contagiosa e gostosa do mundo. O sobrinho o fazia lembrar o verdadeiro sentido da vida, além de externar seu sonho de ter um garotinho como ele. Ou poderia ser uma menina. *Pai de menina*... O pensamento fez seu coração bater mais forte.

Perdera o chão quando Diana o traiu. Não ficou mal porque a amava, mas sim porque havia projetado seu amor no bebê que ambos esperavam. No entanto, esse sonho agora era algo distante, por isso o melhor a fazer era se concentrar no presente, retomar o curso de Arquitetura, buscar uma oportunidade na área e se estabilizar na profissão. Por ora, conviver com seu pequeno risonho lhe bastava.

— Titi.Titi — Pietro repetiu, mastigando o bico da chupeta com o canto da boquinha rosada e apontando para ele.

— Titi o quê? — estimulou Enrico.

— Riiii-coooo. — O garotinho abriu os bracinhos, jogou a cabecinha para trás e riu alto, fazendo o tio babão acompanhá-lo.

— Sentiu falta do tio Rico? Porque eu senti demais a sua, moleque — confessou Enrico, recostado em uma espreguiçadeira.

Com as duas mãos nas laterais do corpinho do sobrinho, Enrico o suspendeu, fazendo-o pairar acima dele. Encostou a boca na barriguinha e soprou. Pietro começou a gargalhar, agitando os braços e as perninhas no ar.

Enquanto fingia morder a barriga do sobrinho, Pietro beliscava suas bochechas, apertava seu nariz, e Enrico deixava. O pequeno ria e Enrico ria com ele.

— O Rico adora esse sobrinho dele — comentou Alana, com Bella ao seu lado. — Será que ele já pode fazer isso? — indagou, vincando a testa, preocupada.

— Pelo jeito, sim. Meu irmão adora crianças. Será um ótimo pai um dia — comentou Bella, pousando a mão sobre a discreta protuberância em seu ventre.

— Sim — Alana confirmou com um sorriso.

— Ele te contou que quase foi pai uma vez?

Alana balançou a cabeça em uma negação tensa.

— Não. Nós não conversamos sobre o passado.

Bella torceu a boca com desgosto ao recordar-se da mulher sem escrúpulos.

— Eu não sei se deveria te contar, mas talvez você precise saber... para poder entender melhor algumas atitudes dele, seu jeito fechado, caladão e por vezes tão desconfiado.

Alana não sabia se queria realmente saber de outro relacionamento de Enrico. Passado era passado, mas, ao mesmo tempo, se mexeu tanto com ele, poderia ser do seu interesse, e como Bella dissera, a ajudaria a conhecê-lo um pouco mais.

— E o que houve? — viu-se perguntando, não conseguindo refrear a língua. *Rico é o meu homem e estou curiosa, ora bolas*, justificou-se mentalmente.

— Só não diz para ele que eu te contei, certo? Ele não gosta que comentem sobre a vida dele. — Alana acenou positivamente. — Seu nome era Diana. Uma cadela sem coração. Os dois namoravam havia alguns meses quando ela contou que estava grávida. O Enrico, sendo como é, fez o certo e chamou a garota para morar com a gente. Mas ela tinha um ex-namorado que estava preso na época. E quando o bandido saiu da cadeia, ela simplesmente escreveu um bilhete contando que ele era o verdadeiro pai do bebê que esperava. Meu irmão ficou muito mal por um tempo. Não por ela. O Eros e eu desconfiávamos que ele não a amava, mas já amava a criança. A Diana estava grávida de oito meses quando foi embora.

Alana permaneceu calada por uns segundos, estava chocada demais com o relato de Bella. Estava pronta para ouvir qualquer coisa, menos aquilo. Como alguém podia ser tão canalha e covarde assim? Brincar com os sonhos e os sentimentos de alguém era algo inaceitável, para não dizer imperdoável.

— Que horror! Me admira o Enrico, um cara tão correto, se envolver com uma mulher desse tipo, mentirosa e sem caráter — ela finalmente

conseguiu se pronunciar, porém ainda lhe custava muito acreditar no que tinha ouvido.

Bella suspirou, triste ao recordar-se daquele período tão difícil para o irmão. Juntando a traição à ameaça da perda da casa, não era de admirar que Enrico tivesse ficado tão alquebrado e desiludido da vida, tanto que entregou-se à bebida. E para completar, aconteceu o acidente, deixando-o em coma. Graças a Deus ele saiu dele sem maiores consequências ou sequelas. Ela torcia para que a pior parte houvesse passado. Agora, vendo o irmão brincar com seu filho, ele parecia outro, renovado, e dava parte do crédito dessa mudança ao relacionamento dele com Alana.

— Todo mundo é passível de ser enganado. O Enrico é um homem que procura sempre agir da maneira mais correta, de bons sentimentos, e procura o mesmo nas pessoas. Quando aquela... — Bella hesitou e reprimiu um xingamento mais pesado. — Aproveitadora o deixou, ele viu seu sonho de ter um filho desmoronar. Ficou com o coração partido, furioso e completamente desiludido. E seguiu assim até te conhecer. — Bella virou-se na direção da enteada. — E você, pensa em se tornar mãe um dia?

Alana mordeu o lábio inferior, os olhos pousados sobre Enrico, e sem pensar, a mão foi parar na barriga. *Será que serei eu a pessoa que realizará o sonho dele?* A dúvida a angustiava, mas só de pensar, a possibilidade tanto a assustava quanto a deixava encantada. *Um filho do Enrico, um filho do amor... Será, meu Deus?* Sem perceber, Alana acariciava o ventre enquanto imaginava o filho dele crescendo ali dentro.

Notando que Bella aguardava uma resposta, ela se forçou a desviar o olhar do Grandão, rindo e brincando com um bebê, moveu os ombros e respondeu:

— Desde muito nova eu sempre pensei em estudar, me formar, crescer profissionalmente, me especializar, viajar, conhecer o mundo, e só então encontrar o cara certo, e dentro de uma relação estável, pensar em ter um ou dois filhos com ele.

Bella fitou-a com um sorriso nos lábios bonitos.

— Você disse *o cara certo*? — Mal terminara de falar e seus olhares pousaram, ao mesmo tempo, sobre um Enrico sorridente, divertindo-se com o pequeno Pietro. — Por acaso não seria aquele cara certo ali? — indagou Bella, apontando o irmão com o queixo.

Alana sorriu, encabulada, mas não verbalizou a resposta. E nem precisava. Pelo olhar que Bella lhe deu, estava escrito em seu rosto tudo o que sentia pelo irmão dela.

— E você, sempre pensou em ter mais de um filho? O Pietro ainda é tão novinho... — comentou, desviando-se do assunto.

Bella pousou um olhar amoroso sobre a própria barriga.

— Este aqui veio mais cedo do que esperávamos, mas seu pai e eu já havíamos conversado sobre termos mais filhos. George sempre quis que o Pietro tivesse um irmãozinho com idade próxima a dele — contou, a mão ainda pousada no ventre. — E até aqui, nós estamos indo muito bem.

— Entendi. É uma boa ideia. E de quanto tempo você está?

— Na semana que vem, eu completo quatro meses. Na próxima consulta do pré-natal, se o bebê estiver na posição correta, poderemos saber o sexo.

Essa foi a deixa para uma Lilly toda molhada interromper a conversa das duas.

— A água está ótima! — exclamou com entusiasmo. Pegou uma toalha de cima da bancada e começou a tirar o excesso de água dos cabelos, oferecendo um olhar significativo para a irmã. — A Alana e eu vamos tomar conta do nosso irmãozinho esta noite para que você e o nosso pai possam passar um tempo a sós. — Olhou para George, que encontrava-se sentado na beira da piscina, e fitou seu par de olhos azul-claros. — Além disso, não queremos que o Pietro dê mais cabelos brancos a ele — provocou a garota, rindo.

— Não culpe o Pietro por isso — ralhou George. — Se tem alguém nesta família que é capaz de me deixar com mais cabelos brancos, esse alguém é sua irmã, Lilly.

Surpresa passou pela expressão de Alana, que encrespou-se de imediato.

— Ei, agora deu para se preocupar comigo?

— Mas eu me preocupo com você desde o dia que nasceu! E por falar nisso, já resolveu o que quer de aniversário?

— Já — respondeu ela, e olhou de lado para Enrico.

— O quê? — perguntou George.

— Uma viagem de um mês, para a Grécia, com tudo pago! — brincou Alana.

— Tente outra — sugeriu George, e ela riu, sabendo muito bem que seu pedido estava fora de cogitação. *Por enquanto.*

Enrico finalmente deixou o sobrinho sob os cuidados da mãe e aproximou-se de Alana.

— Oi — saudou-a com um selinho.

— Ora, ora, eu pensei que você não vinha falar comigo — reclamou ela, enlaçando o pescoço dele com os braços e rindo.

— Que vergonha, Lana! Com ciúmes de um garotinho? — zombou ele, envolvendo-a pela cintura e encarando-a, com um sorriso lhe iluminando o rosto.

— Seu bobo! Eu estava brincando. — Alana socou seu ombro de leve.

— Eu também — afirmou Enrico, antes de soltá-la e dirigir-se ao pai dela, que não estava muito distante deles. — George, será que podemos conversar? — indagou, direto.

George elevou o olhar até o cunhado e, acreditando saber do que se tratava, sinalou positivamente.

— Vamos conversar no escritório — chamou, levantando-se. Logo os dois homens caminhavam, lado a lado, na direção da porta dos fundos.

Observando-os, Alana sorriu e acenou para Enrico, à guisa de despedida. De repente, sentiu que as pernas não mais a sustentavam e desabou. Por pouco não bateu a cabeça na quina de uma mesa ao chocar-se contra o chão frio e duro.

Ouvindo o som de um gemido seguido de um baque, Enrico se virou e, com o semblante assustado, voltou correndo. Ao chegar, agachou-se na frente dela, porém, por mais que tentasse, por conta do seu estado não foi capaz de erguê-la nos braços. Grunhiu, frustrado, e tomando todo o cuidado, virou-a e apoiou a cabeça dela em suas pernas.

— O que houve? — indagou Lilly, esbaforida e seguida por Eros.

— Ouvi um baque, me virei e a vi aqui, caída — contou Enrico, assustado, sentindo a adrenalina correr livre por suas veias e fazer seus

batimentos acelerarem. — Ela está desacordada, não está voltando a si — disse, dando leves batidinhas no rosto de Alana.

— É melhor chamar ajuda — decidiu Lilly, pegando o celular e teclando os números da emergência. Embora estivesse quase certa de que a irmã esperava um bebê, lembrou-se do que ela dissera sobre não querer que soubessem antes de ter absoluta certeza, por isso, em respeito à sua vontade, achou melhor não dizer nada. Em alguns minutos, Alana seria atendida, e se a gravidez fosse uma realidade, em breve todos ficariam a par da novidade.

Com vários pares de olhos preocupados e ansiosos ao redor dela, Alana permaneceu desacordada enquanto esperavam pela ambulância.

Preocupado, George cogitou pegá-la e lavá-la ele mesmo para o hospital, mas foi convencido a esperar, afinal, a ajuda estava a caminho e não demoraria a chegar. De fato, dez minutos depois, a ambulância estacionava diante da casa.

Incapaz de afastar-se de Alana, Enrico conseguiu encontrar um local próximo e que não interferiria no trabalho dos paramédicos. Segurou-lhe a mão gelada e respirou fundo, angustiado ao ver o quanto ela estava pálida.

— Ei, Lana, acorde — chamou pela enésima vez e viu suas pálpebras tremerem. Um suspiro escapou pelos lábios entreabertos. — Vamos, meu amor, você pode fazer isso — estimulou ele, e a viu se remexer, inquieta, deixando escapar um gemido.

Os paramédicos se entreolharam.

— Acho que ela está voltando — comentou um deles.

— Os sinais vitais estão fortes, o que é muito bom — confirmou o outro.

— Vão levá-la ao hospital? — Quando ouviu a pergunta de Enrico, os olhos de Alana se abriram.

— Não. Nada de hospitais. Foi só um desmaio. — Ela começou a sentar-se, mas, em seguida, fez uma careta, pressionou a cabeça e se deitou de novo.

— Calma, não se esforce. Que tal esperar até a tontura passar? E uma ida ao setor de emergência não lhe faria mal. — Enrico ainda lhe segurava a mão. — Só para ser examinada.

Novamente, Alana se esforçou para se sentar, agora segurando o braço de Enrico e usando-o como apoio.

— Você está melhor? — quis saber ele, em um tom mais tranquilo agora que ela acordara.

— Um pouco — mentiu Alana, porque a verdade era que se sentia muito mal. Sua cabeça rodava, sentia espasmos de dor no baixo ventre, tinha o estômago embrulhado, sua visão estava desfocada e ela tremia.

— Nós vamos levá-la — anunciou um dos paramédicos, preparando Alana sobre uma maca e a empurrando para fora da casa.

Sem pensar duas vezes, Enrico foi atrás deles.

— Eu irei com ela. Nós nos encontramos no hospital, George — disse e entrou pela traseira da ambulância, com a carranca impedindo que os paramédicos argumentassem contra.



Capítulo 31

Na sala de espera do hospital.

— Se continuar andando de um lado ao outro, você só vai conseguir fazer um buraco no assoalho. Não vai fazer as coisas andarem mais rápidas, meu amor — Bella olhou para o marido, tão nervoso que assemelha-se a uma fera enjaulada.

— Já faz quase uma hora que a Alana foi levada para ser atendida e nada de alguém voltar aqui e nos dizer o que ela tem. E você me pede para ficar calmo!? — rebateu George, cada vez mais ansioso.

Bella levantou e pousou as mãos em seus ombros, obrigando-o a parar e olhar para ela.

— Querido, sua filha está em boas mãos. Ficar nervoso só fará mal a você mesmo. Não vai resolver nada e nem apressar o trabalho dos médicos

— ponderou, pegando-o pelo braço.

— Desculpe. Eu sei que você tem razão, mas não consigo evitar, minha Bella — a contragosto, George se deixou levar e foi sentar-se ao lado da mulher.

— O Enrico também está nervoso — Bella lançou um olhar na direção oposta da sala onde o irmão se encontrava, mas antes que George pudesse dizer alguma coisa, uma jovem vestida com o uniforme do hospital, aproximou-se e varrendo o lugar com os olhos, perguntou:

— Os parentes de Alana Di Fiori?

— Aqui — George levantou e andou até ela — eu sou o pai dela. Já sabem o que a minha filha tem? — disparou ele, a angústia estampada no rosto.

Neste momento, os demais aproximaram-se, formando um círculo ao redor a mocinha.

— A doutora Maria Eduarda, a médica de plantão, está com ela nesse momento. Foram solicitados alguns exames a fim de identificar a causa do desmaio e os resultados estão sendo esperados dentro dos próximos dez minutos, mas a filha do senhor está acordada e bem.

— Graças a Deus — George respirou fundo, aliviado.

— E quem de vocês, é o Enrico? — indagou a moça, levando o olhar para os dois rapazes na frente dela.

— Sou eu — Enrico ergueu a mão e deu um passo à frente.

Ela meneou a cabeça e um sorriso discreto curvou seus lábios para cima.

— A paciente gostaria de vê-lo. O senhor poderia me acompanhar? — chamou, girando nos calcanhares e tomando o corredor. Enrico acenou com a cabeça e seguiu-a, deixando os demais intrigados sobre o motivo de Alana ter chamado apenas a ele.

Enquanto esperava, Alana sentia que seu coração explodiria de ansiedade. Embora tudo indicasse que suas suspeitas eram verdadeiras, faltando apenas os resultados dos exames que fizera para consumar o fato, ela não foi capaz de ignorar as dúvidas que cruzavam sua cabeça. *E se o Rico pensar que eu sou como a tal da Diana? Se duvidar que o bebê que espero é dele?* — perguntou-se, agoniada — *Não. Ele não seria capaz disso, ou seria? Ele foi traído e por causa disso tornou-se desiludido e desconfiado. Que Deus não permita que ele duvide de mim. Me sentirei muito mal se algo assim vier a acontecer.*

Colocando as dúvidas de lado, ela vestiu um sorriso no rosto quando Enrico entrou na sala e foi até ela, segurando sua mão fria devido ao nervosismo. Com a outra, ele acariciou seu rosto.

— Como você está? — indagou ele, analisado sua expressão.

— Estou bem, dentro do possível — respondeu ela, sentindo-se um pouco aérea.

— Como assim, dentro do possível? O que você tem? É algo ruim?

Enrico fitou a mulher mais velha, de pé, diante da cama onde Alana estava deitada.

— Boa tarde. Você deve ser o Enrico — disse ela, oferecendo a mão para um cumprimento, que ele aceitou, anuindo com a cabeça — eu sou a doutora Maria Eduarda e o que a minha paciente tem, não é nada ruim. Mas,

muito em breve, o senhor saberá do que se trata — disse ela, com um sorriso cúmplice na direção de Alana.

Enrico enrugou a testa, perguntando-se o que estava acontecendo, mas como não desejava tirar conclusões precipitadas, achou por bem, aguardar.

— Por que a senhora não me diz agora?

— Porque eu estou esperando o resultado dos exames, mas acabaram de me avisar que ficaram prontos e uma auxiliar os está trazendo neste exato momento — explicou ela, paciente.

Como se houvesse sido combinado, uma batida na madeira, seguida do ruído da porta sendo aberta, chamou a atenção dos três.

— Doutora, aqui estão os resultados dos exames que a senhora pediu — a auxiliar estendeu um pequeno maço de papel dobrado na direção da mulher mais velha.

— Obrigada — agradeceu Maria Eduarda, abrindo os papeis e lendo o conteúdo descritos neles — você poderia trazer o aparelho de ultrassom, por favor?

— Claro — respondeu a jovem, solícita, deixando a sala em seguida.

Ultrassom? Que diabos está havendo aqui?

Atônito, Enrico intercalou o olhar entre Alana e a médica.

— É o que estou pensando? — questionou, sentindo o coração bater descompassado frente ao pensamento que cruzou sua mente.

Doutora Maria Eduarda elevou o olhar e fitou o homem que a encarava, angustiado.

— Se o que você está pensando é que será pai, então, sim, está correto. Sua esposa está grávida — revelou, em um tom, levemente, teatral.

Enquanto Alana abria a boca para esclarecer o mal entendido sobre ela e Enrico serem casados, a porta foi aberta, mais uma vez, e viram a auxiliar de enfermagem adentrar, empurrando o aparelho solicitado pela médica.

— Você já sabia? — A voz de Enrico saiu baixa e um pouco rouca, porém suave.

Engolindo em seco, ela assentiu.

— Eu desconfiei. Na verdade, foi a Lilly que me abriu os olhos quando eu passei mal algumas horas antes de você chegar.

— Quer dizer que você passou mal, desconfiou que poderia estar grávida e não me disse nada? — seu tom ainda era baixo, contudo, havia um quê de ressentimento no questionamento dele.

— Eu queria ter certeza absoluta antes de falar com você — explicou Alana, apreensiva — Lilly até ficou de ir até a farmácia para comprar um teste, mas acabou que eu não tive tempo de fazer.

Enrico olhou para ela e pensativo, fisgou o lábio inferior.

— Então isso significa que... — se deteve e apenas a encarou, fazendo um esforço para processar a notícia que acabara de receber.

Percebendo seu estado catatônico, Alana completou a frase por ele.

— Significa que vamos ter um bebê; Seremos pais, meu amor — sua voz vacilou e lágrimas represaram-se em seus olhos.

— Vocês querem vê-lo? — interrompeu, Maria Eduarda, após preparar e puxar o aparelho para mais perto da cama e acomodando-se em

uma banqueta, a fim de ficar bem posicionada para realizar o exame.

— Sim, por favor! — Alana se pronunciou, com os olhos brilhando em expectativa. Olhou para Enrico, que parecia tão ansioso quanto ela.

— Está bem. Primeiro, vamos colocar um pouco disso aqui. É gelado — avisou ela e levantou a bata, deixando o ventre de Alana exposto. Apertando o frasco, espirrou um liquido transparente e viscoso em cima da barriga dela.

De maneira involuntária, Alana contraiu os músculos ao sentir a frieza do gel contra sua pele. A médica pressionou a ponta do aparelho sobre a barriga dela e começou a espalhar o gel, fazendo movimentos circulares.

Em seguida, o trio focava a tela quando uma imagem apareceu.

— Está tudo bem? — Alana quis saber, sem conseguir controlar a ansiedade.

— Sim e pelo tamanho do embrião, você está de sete semanas e meia.

— Sete semanas e meia — Enrico repetiu e seu rosto se iluminou — então, foi no final de semana que passamos no sítio — concluiu, olhando-a com surpresa.

— Para ser mais precisa, aconteceu quando estávamos na cachoeira. A única vez que eu me lembro, que nós esquecemos de nos proteger, Rico — lembrou Alana, com um sorriso suave.

Enrico assentiu de cara fechada. Alana engravidara por conta de uma falha sua. Se preocupara tanto em ser cuidadoso, e acabou agindo como um adolescente apaixonado, ansioso e irresponsável. E se ela tivesse outros planos de vida? E se não quisesse ter um filho agora e muito menos, com

ele? E se o rejeitasse? O que faria? O relacionamento deles era tão novo ainda. E os dois apenas haviam começado a se entender.

A voz dócil e mansa da médica tirou-o de seus devaneios e o trouxe de volta para o momento presente.

— Aqui está. Conseguem ver? A cabecinha, a espinha dorsal, os pezinhos... — compilou ela, indicando os membros na tela conforme ia falando.

— Sim, eu vejo... Eu vou ser pai...Nós vamos ter um filho, Lana — Enrico repetiu, absorvendo a novidade e perscrutou seu rosto numa tentativa de descobrir o que se passava pela cabeça dela.

— Querem ouvir o coraçãozinho? — voltou a indagar a médica.

— Sim — respondeu Enrico, emocionado.

Num instante, o som de um coração batendo rápido ecoou pela sala.

— Rico! Este é o som mais lindo que eu já ouvi na minha vida – Alana agarrou-se ao braço dele e os dois ficaram observando aquela coisinha minúscula, piscando sem parar. Era o milagre da vida acontecendo diante de olhos deles.

— Hum, espera um pouco... — murmurou a médica, compenetrada.

— O que foi? O bebê está bem? — Alana moveu-se irrequieta, o semblante mudando para preocupado.

— Sim, estão bem — a doutora Maria Eduarda respondeu, com os olhos ainda cravados na tela do ultrassom.

A confusão instalou-se nos olhos de Enrico e um vinco formou-se na sua testa.

— Estão? — inquiriu, procurando entender o que tanto ela procurava naquela tela, além do que já haviam visto. Então ele a viu girar um botão e a resolução aumentou, foi quando seu queixo caiu.

— Estão vendo esses dois pontinhos bem aqui? — Alana e Enrico olharam para o local que ela indicava e balançaram as cabeças em sinal afirmativo — são os bebês de vocês – confirmou, Maria Eduarda.

— O quê?! — ambos falaram ao mesmo tempo.

— Vocês serão pais de gêmeos — anunciou ela, em um tom triunfante.

Alana e Enrico se entreolharam, estupefatos, depois, riram feito crianças que tinham acabado de ganhar um presente em dose dupla do Papai Noel em uma manhã de Natal.

— Gêmeos?! — os dois exclamaram em uníssono.

Parando para respirar, Enrico levou a mão à boca e sentiu o sangue fugir do seu rosto, sua respiração falhou e um calafrio desceu pela sua espinha, quando uma energia confusa correu por seu corpo.

— Santo Deus...Dois, Lana? — seu olhar foi da médica para Alana que parecia tão chocada quanto ele — nós fizemos dois bebês? — sua expressão dizia que ele ainda não tinha acreditado que aquilo tudo era mesmo real. De súbito, sua respiração tornou-se acelerada e o coração passou a bater tão rápido, a ponto de fazê-lo imaginar que o órgão saltaria para fora do peito a qualquer momento.

— Enrico, calma. Você vai passar mal desse jeito — a médica o advertiu — não entre em pânico, tente controlar a respiração — aconselhou-o, sorrindo — eu vou deixá-los sozinhos para que possam conversar um

pouco e assimilar melhor a notícia. Nesse meio tempo, você pode se trocar — informou e entregou uma caixa de lenços de papel para Alana.

Enquanto ela se ocupava em limpar o gel, sentado em uma banqueta ao lado da cama, Enrico inspirou e expirou o ar devagar a fim de se controlar. Momentos depois, sentiu seus batimentos voltarem ao normal o suficiente para questionar a doutora.

— Então, ela está liberada? Já podemos voltar para casa?

A plantonista meneou, positivamente, com a cabeça.

— Sim, eu vou dar alta para Alana. Eu só vou preparar a receita com as vitaminas que ela vai precisar tomar, a partir de hoje. Ferro e demais complementos vitamínicos necessários ao bom desenvolvimento dos bebês. E Alana, você terá que iniciar o pré-natal com o seu ginecologista o quanto antes.

— Obrigada — Alana agradeceu e seguiu a mulher com os olhos até que saiu e fechou a porta atrás dela, só então, voltou a estudar o rosto de Enrico com cuidado, após ambos serem deixados sozinhos na sala.

— Você ficou contente com a notícia? Eu sei que não foi uma gravidez planejada e que nos pegou de surpresa, ainda mais sendo de dois, mas...

Eufórico, ele a interrompeu com um gesto.

— Se eu estou contente? Deus do céu, Lana! Eu nem acredito que terei a família que eu sempre sonhei. Certa vez eu cheguei a pensar que.... — começou a falar, porém, mudou de ideia — não, isso está no passado e não tem mais importância. O que importa é o agora. E o meu presente é você e os nossos filhos — a expressão “você e os nossos filhos” parecia derreter como manteiga sob fogo na sua boca — é assustador e maravilhoso. Não sei

como colocar em palavras o quanto eu me sinto feliz. São tantas coisas para pensar e mudanças que irão acontecer na nossa vida — Enrico deu-se uma pausa para respirar — Eu confesso que ainda me sinto um pouco atordoado e nem sei direito por onde começar, mas o importante é que estamos juntos. E eu farei o possível e o impossível para que as coisas, entre nós, deem certo — assegurou, puxando-a para um abraço apertado — E você, como se sente? — indagou, sem soltá-la, com a emoção estampada em seus olhos castanhos e transbordando amor pelos poros.

Alana suspirou, apreciando o contato, aspirando seu cheiro de homem mesclado ao perfume almiscarado, com um toque de madeira e absorvendo o calor reconfortante do peito largo colado ao dela.

— Não me passou pela cabeça que aconteceria tão cedo, mas, passada a surpresa e o susto inicial, eu confesso que estou um pouco amedrontada com as mudanças que você mencionou, mas eu acho que é uma questão de nos adaptarmos. Este será um novo capítulo em nossas vidas e fora o meu temor com relação a gravidez e de gêmeos, eu me sinto plena, cheia de luz e de vida. Eu te amo e esses bebês são os frutos desse amor que eu jamais pensei que seria capaz de sentir por alguém, mas que hoje, eu sei que sinto por você.

Libertando-a do abraço para voltar a mirar seu rosto, Enrico ampliou o sorriso sem conseguir se conter. Alana não tinha ideia do alívio que ele sentiu com o que ela acabara de revelar. Era muita felicidade para uma pessoa só. Tanta, que chegava a dar medo.

— A minha vontade é de sair daqui e gritar aos quatro ventos que vou ser pai de gêmeos — embevecido, tocou seu rosto com carinho, os dedos trêmulos e olhos marejados — e que a mãe deles é a mulher mais linda do mundo inteiro.

Alana ofegou mais profundo ao olhar para ele. Enrico era o homem mais deslumbrante que conhecera na sua vida. Lindo e sexy até não poder mais. Como pudera pensar em odiar alguém como ele? Ela devia estar louca, alterada e fora de si. Seu peito doía de amor só de olhá-lo. E pensar que gerava dois filhos deste homem fascinante, autêntico e encantador.

— Você é um bobo — brincou com ele — mas é o meu bobo, pai dos meus filhos e tão lindo que quando olho para você, chego a perder o fôlego — ela sorriu entre lágrimas, que agora corriam livres pelo seu rosto. Retribuindo o carinho dele, sentiu os fios macios da barba, mais cheia do que ele costumava usar, pinicando lhe as pontas dos dedos — nós precisamos sair e contar a novidade para a nossa família. Devem estar aflitos. Em especial, o meu pai. Não sei como ele não invadiu este lugar quando eu te chamei em vez dele. E eu fiz isso porque queria que você fosse o primeiro a saber...

Ele sorriu com ternura e acariciou a lateral do seu rosto com o dorso da mão.

— Durante todo o tempo em que aguardamos por notícias, seu pai esteve tão ou mais nervoso do que eu, mas a Bella conseguia acalmá-lo. E eu vi como ficou aliviado quando a auxiliar foi até lá e nos disse que você estava bem. — Deu-se uma pausa para olhá-la com extrema ternura. — E eu agradeço, mas a linda aqui é você — rebateu, nem um pouco envaidecido pelo elogio de Alana. — Obrigado por ter me chamado e por me fazer o homem mais feliz do mundo. Eu te amo, Lana. Como você, eu também achei que o amor não era para mim, mas, nossa, que bom que me enganei.

Com o rosto iluminado pela emoção, Alana acariciou seu braço, desejando acalentá-lo.

— Quanto mais eu te conheço, mais eu me apaixono por você — declarou Alana, aproximando-se para lhe dar um selinho mais demorado — pode parecer loucura, porque acabamos de obter a confirmação, mas eu sinto que já amo os nossos bebês... — desceu o olhar para sua barriga e toda vez que fazia isso, mais encantada, ela ficava — dá para acreditar que tem dois pedacinhos de nós aqui dentro?

— Eu acredito. São duas misturinhas, minha e sua. São os nossos bebês — repetiu Enrico maravilhado e com os olhos fixos no ventre dela — essa situação é tão fantástica que até parece irreal. É como se eu estivesse vivendo dentro de um sonho — disse e voltou a beijá-la nos lábios.

Será que o que estava vivendo era o destino lhe dando a folga que ele tinha ansiado por anos, deixando-o sentir uma felicidade genuína? Em êxtase, sentia-se invencível, capaz até de tocar o céu com as mãos.

— Para mim, também, está sendo assim. Surreal — ouviu-a dizer.

— Bom, agora nós vamos sair e dividir a nossa alegria com a nossa família. E eu acabei de me dar conta de algo.

— Do quê? — curiosa, Alana aguardou pela resposta.

— Que seu pai será o vovô George. Acha que ele vai gostar da ideia?

Alana riu, despreocupada.

— Eu não tenho a menor dúvida de que ele vai amar! Meu pai é como você. Adora crianças.

Enrico elevou uma sobrancelha.

— E como você sabe disso? — prestativo e atento, ele ficou de pé a fim de ajudá-la a sair da cama.

— Isto é muito simples. Eu vejo como você interage com o Pietro. Um homão com você, tornando-se massa de modelar nas mãozinhas dele. E sua irmã me disse que você seria um ótimo pai, um dia — respondeu Alana, buscando por suas roupas e indo até um biombo a um canto da sala a fim de se trocar.

— Eu espero conseguir ser um ótimo pai para os nossos filhos — Enrico riu do jeitinho tímido dela, mas achou melhor respeitar e não falar nada.

— Não tenho dúvidas de que será o melhor — gritou Alana por trás do biombo. Cinco minutos depois, ela reapareceu vestida com a roupa que tinha posta quando chegou e foi sentar-se em uma cadeira a fim de calçar as sandálias.

— Pronta?

Levantando-se, ela respirou fundo.

— Pronta.

Ele acenou e com um braço protetor, envolveu sua cintura.

— Não podemos esquecer de pegar a receita das vitaminas com a doutora — lembrou ele, guiando-a para a saída e em questão de segundos, ambos percorriam o corredor rumo à sala de espera.



Capítulo 32

Quando viu os dois despontarem na porta da sala de espera, George soltou a mão de Bella e, com dois passos largos, alcançou-os, envolvendo a filha em um abraço forte.

— Alana, meu amor! Você não sabe o quanto eu estava angustiado — confessou ele, sem soltá-la.

— Sinto muito por tê-lo deixado tão preocupado, mas eu já me sinto bem, pai — afirmou ela, deixando-se abraçar. — Será que podemos ir embora? Passei tanto tempo dentro de um hospital acompanhando o Enrico... Não aguento mais olhar para essas paredes brancas e sentir esse cheiro de antisséptico. Acho que fiquei traumatizada — concluiu, dando um sorriso fraco quando George afastou-a do peito, o suficiente para se olharem.

— É claro, vamos. Podemos conversar em casa. — Certificando-se de que a filha estava mesmo bem, George libertou-a do abraço e foi até o local

onde Bella o aguardava.

— Que bom que está melhor! — exclamou Lilly, aproximando-se da irmã. — Só para você saber, eu não falei nada sobre aquele assunto — murmurou, com a boca próxima de sua orelha.

Enquanto isso, com a fisionomia fechada, Eros se aproximou do irmão.

— Está tudo bem com a Alana?

— Sim, está — respondeu Enrico, conciso.

Insatisfeito com a resposta curta, Eros voltou a perguntar:

— E por que ela chamou você, em vez de chamar pelo pai dela?

— Porque ela queria me contar uma coisa. E antes que você me pergunte, vou logo dizendo que em breve todos saberão do que se trata.

Eros fitou o irmão mais velho, e conhecendo-o como conhecia, sabia que não adiantaria insistir no assunto, pois aquilo era o máximo que conseguiria arrancar dele. Conformado, anuiu com a cabeça e andou ao lado dele rumo à saída do hospital.

No estacionamento, Lilly e Eros entraram no carro de Alana, que a garota viera dirigindo, enquanto os demais faziam o mesmo no Grand Cherokee de George. Acomodados no assento traseiro, Enrico passou o braço pelos ombros da namorada.

— Você está bem? — indagou em tom baixo, afagando seus cabelos com carinho.

— Sim, só estou um pouco cansada — respondeu ela, remexendo-se e ajeitando-se contra o peito dele.

A intenção de Alana era descansar os olhos por apenas alguns instantes, porém, devido à sua condição atual, com o balanço do carro e

acalentada pelo calor do corpo de Enrico, passados poucos minutos, sentia-se exausta demais para conseguir manter os olhos abertos.

— Lana, acorde! — Enrico chamou-a num tom suave quando George parou a SUV na frente de casa. — Nós já chegamos — avisou e ouviu-a resmungar algo ininteligível contra sua camisa. — Eu sei, mas lá dentro você vai poder descansar mais — insistiu ele.

Sem alternativa, ao abrir os olhos, Alana se deparou com o subir e descer do peito do Grandão.

— Nossa, eu dormi muito? — perguntou, erguendo um pouco a cabeça e deixando Enrico ver a confusão em seus olhos, enquanto ele sorria ao senti-la toda quentinha e macia em seus braços. Notou que ela estava um pouquinho descabelada e o rosto estava corado, o que ele considerou simplesmente adorável.

— Você dormiu durante o trajeto do hospital até aqui.

Com um gemido rouco, Alana escondeu o rosto em seu pescoço.

— Acho que foi o efeito do medicamento que tomei para dor — deduziu, a voz abafada. Suspirando e sem querer se afastar de Enrico, ela apoiou a mão no peito amplo, a fim de alavancar o corpo e acertar a postura no assento. De imediato, sentiu falta do calor que vinha dele.

Alarmado com o que ouvia, Enrico uniu as sobrancelhas e procurou o rosto dela com os olhos.

— Como foi que eu não soube disso? Por que a doutora não me contou?

— Porque não foi nada de mais. Eu senti uns espasmos no ventre, e quando contei, ela me disse que era a maneira de o meu corpo se adaptar à

gravidez e que logo passaria — contou e alisou a roupa amarrotada pela posição em que dormira, ajeitando os cabelos longos com as duas mãos.

— E você não está sentindo mais nada?

— Não. Só sonolência mesmo.

— Menos mal. Vem, vamos descer.

Assim que saíram do carro, Bella e George seguiram rumo à entrada da casa, enquanto Alana e Enrico pararam um momento para trocarem algumas palavras.

— Lana, eu acho que depois de entrarmos, seria bom você deitar e dormir um pouco.

— Eu já dormi no caminho. Estou bem. Você já quer ir embora?

— Não é isso. É que eu preciso conversar com o seu pai.

— Sobre nós e os bebês? — Enrico anuiu. — Entendi. Então, nós vamos falar com ele juntos, Rico.

— Tem certeza de que está bem para fazer isso? — Havia sinais de apreensão no rosto dele enquanto averiguava.

— Sim, tenho. Não vou deixar você conversar com o meu pai sozinho.

Embora não fosse o que ele queria, Enrico aceitou sua palavra e optou por acatar sua decisão. E tomando sua mão na dele, ambos adentraram a casa.

— Oi, Jô. Como o meu pequeno se comportou? — quis saber Bella, trazendo o filho para seus braços.

— Como sempre, ele se comportou como um rapazinho — revelou a jovem, com um sorriso. — O Pietro não dá trabalho.

— Que bom. Obrigada por ter ficado com ele. Pode ir para casa, vá descansar. — Liberada, a babá pegou a bolsa, despediu-se e saiu, só então Bella se dirigiu ao George.

— Eu vou pedir para a empregada preparar uma comidinha leve para a Alana. Apesar de ter sido medicada, ela ainda parece um pouco debilitada, precisa se alimentar. Cuida do Pietro um pouquinho para mim, eu volto logo — avisou, ficando nas pontas dos pés para lhe dar um selinho, passando o filho para os braços dele e desaparecendo no interior da cozinha.

George acenou concordando e foi sentar-se com o filho no colo. Quando Enrico entrou, seguido por Alana, viu o cunhado acomodado em uma das poltronas e aproveitou para renovar seu pedido para conversarem.

Deixando Pietro aos cuidados de Lilly e Eros, George pegou o corredor, com os dois seguindo-o de perto.

— Uísque? — perguntou, indo até o pequeno bar do escritório.

— Obrigado, eu não estou bebendo. — Enrico aguardou que o cunhado ocupasse sua cadeira atrás da mesa.

— Então, vocês queriam a minha atenção, aqui estamos! — George apontou para as duas cadeiras de frente para a escrivaninha e viu a filha se acomodar. — Que bom que o seu desmaio não passou de um susto. Mas fiquei intrigado, porque, pelo que me lembro, essa foi a primeira vez que você desmaiou. A médica disse o motivo? Foi uma queda de pressão? — Alternou o olhar entre os dois, com uma ruga entre os olhos denotando sua preocupação.

Enrico, que preferiu permanecer de pé ao lado de Alana, com uma das mãos lhe massageando o ombro, sorriu para ela antes de voltar seu olhar para o cunhado. Pigarreou, à procura das palavras certas.

— É sobre isso que nós queremos falar. Pouco antes de Alana passar mal, eu te chamei para uma conversa, mas diante dos acontecimentos desta tarde, o que eu pretendia dizer mudou um pouco.

— Dos acontecimentos...? Não sei se entendi o que você quer dizer com isso — respondeu George, entre curioso e confuso.

Alana lançou um olhar discreto na direção do pai e elevou o braço, apertando a mão de Enrico num sinal de apoio mudo, ao mesmo tempo que tentava controlar o próprio nervosismo.

— Não foi bem um susto... Quero dizer, foi, mas não exatamente como o senhor está pensando.

George levou o olhar de um para o outro e aguardou, mas como ambos não diziam nada, direcionou seu questionamento para Enrico:

— Ah, não? E o que foi então?

Enrico respirou fundo, mantendo uma mão possessiva no ombro de Alana.

— Nós conversamos e decidimos que seria melhor falar com o senhor antes de contarmos para os outros.

Relaxado, George abriu um sorriso.

— Se o que querem me contar é que estão juntos, saibam que essa notícia já é velha — antecipou-se, tomando um gole do seu uísque. — Estão aqui para oficializar a relação de vocês, estou certo? — continuou.

— Alana e eu conversamos e a minha intenção, em um primeiro momento, era pedir a mão dela em namoro, mas, agora, as coisas mudaram.

George empurrou a cadeira para trás e se recostou. Suspirando, uniu as mãos e levou-as até a boca. Pensativo, sacudiu a cabeça e voltou a fixar os olhos no casal diante de si.

— Mudaram como? — inquiriu ele, ainda sem entender aonde queriam chegar. — Vamos, parem com esse suspense e digam logo o que vocês têm para me dizer.

Embora fizesse de tudo para não deixar transparecer, Enrico estava nervoso, como se aquela fosse a primeira vez que falava com George. O que era ridículo, mas era assim que se sentia. Apesar do homem ser casado com sua irmã, não era com o cunhado que falava, e sim com o pai da mulher que amava e carregava seus filhos no ventre. E isso o lembrava de como ele e Alana haviam pulado algumas etapas no relacionamento deles.

— Não se trata mais de um simples pedido de namoro, George. — Enrico esfregou a nuca com a mão livre antes de acrescentar: — Eu quero pedir a sua filha em casamento.

Uh, o quê?! Como assim casamento? Alana não podia ter ficado mais desconcertada naquele momento. Eles sequer tinham tocado no assunto casamento. Nem mesmo em morarem juntos. Só haviam conversado sobre o namoro. Como ela não tinha pensado naquilo antes? Era bastante óbvio que, na cabeça de um homem de princípios fortes em sua maneira de pensar e de ser, não haveria espaço para outra opção que não fosse casar-se com ela.

— Você está pedindo a Alana em casamento? — repetiu George, e a surpresa era aparente em seu semblante. — Até onde eu sei, a relação de vocês tem poucos meses. Não acha um pouco precipitado falar em casamento? — O tom de reprimenda em sua voz não passou despercebido aos dois.

— Enrico, nós não falamos sobre isso...

— Eu queria falar com você antes, mas não tivemos tempo, Lana. Confesso que a ideia já havia passado pela minha cabeça, e pensei mais no assunto quando voltávamos do hospital. E também por isso nos reunimos

aqui. Diante do ocorrido, acho que não temos por que adiar o que sabemos, aconteceria mais cedo ou mais tarde — observou Enrico, e voltando-se para o cunhado, acrescentou: — Você tem razão, George. Sim, nós estamos juntos há pouco tempo, mas eu não acho que falar de casamento hoje seja precipitado, ainda mais diante da notícia que temos para compartilhar. Primeiro, com você... E depois com o restante da família.

George sobressaltou-se, voltando a levar o olhar de um para o outro.

— Que notícia?

Pensativa, Alana fitou o namorado, e o pai logo em seguida, fisgando o lábio antes de anunciar o principal motivo que os levou a iniciar aquela conversa.

— Eu estou grávida, pai — contou ela, sem mais rodeios.

— O quê? — George arregalou os olhos, descrente.

— É isso mesmo o que o senhor ouviu. O senhor vai ser avô em, mais ou menos, sete meses. Pode ser um pouco antes...

Frente ao que ouvia, George pousou a mão direita no centro do peito e puxou o ar com força algumas vezes.

— Pai?! — Alana se levantou, assustada com a repentina palidez de seu rosto, percebendo que ele sofria para inspirar e expirar o ar dos pulmões. — Isso, respira fundo — instruiu, apreensiva.

— Calma, eu já estou bem — George tranquilizou a filha, que voltou a se sentar. — Só fiquei um pouco chocado, eu não esperava por uma notícia dessas. Sabe o que significa para a sua vida ter um filho neste momento? — Sua respiração pareceu mais pesada ao questioná-la.

— Sim, talvez eu precise adiar alguns planos, passar alguns dos projetos que estou cuidando para a equipe do Sérgio e restringir a frequência

das minhas visitas às obras, nada que não possa ser resolvido. E esse arranjo será temporário. Gravidez não é doença, eu vou continuar a fazer o meu trabalho normalmente — assegurou Alana, decidida.

George fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— É claro que gravidez não é doença, Alana. Muitas mulheres trabalham até poucas semanas antes da data prevista para o parto. Mas um filho é uma responsabilidade muito grande. Requer tempo e dedicação. Vocês acham que estão prontos para uma mudança radical como essa?

Alana meneou a cabeça em resposta. Entendia que o pai se preocupava com ela, mas só agora, após ouvir sua pergunta, foi que se deu conta do quanto desejava a aprovação do homem mais importante da sua vida. E quanto a estar pronta, ela não sabia dizer com certeza.

De repente, recordou-se de que, no passado, Enrico havia chamado sua namorada grávida para viverem sob o mesmo teto, e de acordo com o que Bella lhe contara, ele sequer a amava, só tomara aquela decisão por acreditar que a garota esperava um filho seu. Tomando esse fato como exemplo, era óbvio que ele não agiria de maneira diferente com ela. Para muitos, seu comportamento tradicional e certinho demais podia ser considerado ultrapassado para os dias atuais, mas para um homem como Enrico, era o certo a fazer, e não deixava de ser uma atitude madura, fofa e até mesmo romântica.

Contudo, Alana não desejava se casar só porque estava grávida dos filhos dele. Para ela, uma gravidez por si só não era motivo suficiente para começar uma vida a dois. Mas a próxima pergunta do pai serviu para externar seus pensamentos, e a resposta do namorado sanou as dúvidas que ainda permeavam sua mente.

— Enrico, me diz uma coisa: você está pedindo a Alana em casamento só por causa da gravidez? — indagou George, sem rodeios ou preâmbulos, os olhos fixos nos do cunhado, que não abaixou ou desviou os dele, encarando-o sem receios, de homem para homem.

— Eu não estou agindo por impulso, nem se trata de um rompante romântico. A descoberta da gravidez precipitou um pouco os meus planos, mas este não é o único motivo que me levou a fazer o pedido. George, eu amo a sua filha e me sinto pronto para assumir um compromisso de vida com ela. E no que depender de mim, não faltará nada para os nossos filhos — reforçou Enrico, com sua firmeza habitual.

Então foi a vez de Alana mostrar seus argumentos:

— Pai, a minha gravidez não foi planejada. Sabemos que o ideal seria esperar para termos um filho, mas aconteceu, e depois que consegui assimilar melhor a notícia... — Deteve-se e procurou pela mão do namorado, em busca de apoio. — Eu cheguei à conclusão de que não há volta, e como o Enrico, eu também estou pronta e disposta a fazer com que dê certo. Por nós, pelo que sentimos um pelo outro e, é claro, pelos bebês que esperamos — finalizou, procurando soar segura e animada.

George observou o casal enquanto absorvia suas declarações e argumentos. Emocionou-se com a grandiosidade do amor que sentia nas palavras e via nas feições de ambos. E foi só depois de um longo tempo que percebeu o real significado de uma parte específica do que o cunhado dissera.

— Espera! Eu ouvi direito? Enrico, você disse *filhos*, no plural? Alana... *bebês*? — indagou, olhando-os de maneira desnorteada.

— Sim, o senhor entendeu direito. Eu estou grávida de gêmeos — Alana adiantou-se em dar uma resposta ao pai.

Inquieto, George se levantou e passou a andar pelo escritório, esfregando o rosto e tomando alguns segundos para absorver o que acabara de escutar.

— Eu nem sei o que dizer. — Parou diante deles e balançou a cabeça. — Porra, vocês não brincam mesmo em serviço! E está certa, Alana, o que vem pela frente não será nada fácil. Está claro que vão precisar de ajuda.

Ela moveu a cabeça, consciente das dificuldades que teriam que enfrentar.

— E então, o senhor se sente bem com a novidade?

— Com qual delas? A que dentro de alguns meses eu serei avô, e logo de dois, ou que minha filhinha vai se casar com o irmão da minha esposa?

Relaxando diante do ar leve do pai, Alana respondeu:

— No caso, eu acho que com as duas.

— Eu vou ser honesto com vocês... Como pai, eu desejaria que tivessem esperado um pouco, porém, eu, melhor do que ninguém, entendo que o inesperado acontece. Alana, você é adulta, formada e independente, portanto, dona da sua vida. Se você chega para o seu velho e conta que está apaixonada e grávida de gêmeos, o que ele pode dizer, além de que te ama e que tudo o que mais deseja é que você seja feliz?

— Pai, eu... — Alana tentou, mas o nó preso em sua garganta a impediu de falar.

— Meu amor, a vida é sua, assim como a decisão de se casar. Admito que as duas novidades me pegaram de surpresa, mas eu não posso deixar de aprovar as suas escolhas. — E voltando-se para o cunhado, acrescentou: — Enrico, sei que é um homem responsável, correto e muito

esforçado. Sei do seu caráter e não faço nenhuma objeção à sua união com a minha filha, a única coisa que eu peço é que você cuide muito bem dela. — Ao finalizar seu discurso, a expressão de George era séria, mas não demorou para ele abrir um sorriso franco e genuíno .

— Não tenha dúvidas de que farei isso. Tem a minha palavra. — Seu lado racional o advertia de que fazia uma promessa ao cunhado, alguém a quem não podia decepcionar, mas Enrico não fazia aquilo às cegas. Ele sabia que lutaria com todas as suas forças para que sua vida com Alana fosse muito mais que um sonho que alguma vez almejara.

Enquanto ouvia as palavras do pai, Alana sentia uma onda crescente de alívio tomá-la. Sabia que não aguentaria caso ele a recriminasse ou não aceitasse a situação dos dois. Mas, como sempre, aquele homem que tanto amava e admirava não a decepcionara.

Depois de acatar a promessa de Enrico com um meneio de cabeça, George desviou os olhos brilhantes de emoção para a filha, tomando-lhe o rosto entre as mãos e plantando um beijo em sua testa.

— Não é muito fácil para mim saber que aquela garotinha que até outro dia me pedia para ler historinhas antes de dormir, em breve, será mãe. Acho que estou ficando velho. — Deu de ombros e fingiu um suspiro cansado. — Fazer o quê? É a lei da vida. Bem, acho que podemos sair e contar a novidade para os demais. Devem estar ansiosos para saber o que estamos fazendo durante todo esse tempo trancados aqui dentro.

Enrico projetou o braço à frente e ofereceu a mão, a fim de ajudar Alana a se levantar.

— Na verdade, eu acho que serão novidades para a Bella e para o Eros, porque a Lilly meio que já sabe, e o que ela ainda não sabe, tenho

certeza de que já passou pela cabeça dela — observou Alana, aceitando a ajuda do namorado e futuro marido.

Posicionado entre os dois, George riu e sacudiu a cabeça. Passou um braço pelos ombros da filha e do cunhado e guiou-os para fora do escritório.

Ao retornaram à sala, o trio chamou a atenção de Eros e Lilly, sentados no tapete enquanto um Pietro distraído e ajoelhado no meio deles se divertia com seus brinquedos favoritos. O menininho seguiu os olhares do par, e quando reconheceu o pai, largou o que fazia, levantou-se e correu com os bracinhos esticados na direção dele. E foi nesse momento que Bella apareceu na sala, vinda da cozinha.

— Até que enfim vocês saíram daquele escritório — comentou e intercalou o olhar entre eles. — Alana, eu pedi para a empregada preparar uma comidinha leve para você, acabou de ficar pronta — avisou, dando-lhe um sorriso enquanto andava na direção do marido e do filho. — E então, podemos saber o que vocês tanto conversavam às portas fechadas?

Foi a vez de Alana girar o pescoço e fitar os dois homens que a ladeavam antes de voltar a encarar Eros, Bella e Lilly com um amplo sorriso.

— Estou grávida de gêmeos e o Enrico acabou de pedir a minha mão em casamento! — contou de uma vez, observando a atmosfera do ambiente mudar, com seus ocupantes permanecendo em completo silêncio, olhando-os atônitos. Então, de repente, todos começaram a falar ao mesmo tempo e exclamações de surpresa, os sons de risadas, gritinhos de alegria e aplausos preencheram o ar, abraços e toques de mãos foram dados entre parabéns, desejos de boa sorte e felicidades.



Capítulo 33

O toque do celular ecoou pela sala, mas o homem de pé, diante de uma vidraça que tomava a metade de uma parede, e com as mãos enfiadas nos bolsos dianteiros da calça do terno de grife, não teve pressa em virar-se e caminhar até a imensa mesa de mogno e pegá-lo, franzindo a testa ao ler o nome de quem o chamava.

— Alô? — finalmente atendeu.

— *Oi, sou eu.*

— Eu sei que é você, porra! Seu nome aparece na tela do meu celular — disse e sorriu com deboche.

— *Muito engraçado* — reclamou a voz do outro lado da linha.

— Você pediu. Quem manda ser idiota?

— *Olha como fala comigo!* — censurou a voz, ríspida.

— Vai, diz logo por que me ligou, ou acha que eu tenho tempo para perder com você?

— Que mau humor! Relaxa, isso está me parecendo falta de dar uma. Ok, eu liguei para contar que as coisas não saíram como planejei. E isso é uma merda! Estou muito puto!

— Quer se acalmar? Por que você está tão nervosinho?

— Já disse! Você não está me ouvindo? Porque o meu plano não saiu como eu esperava. E também porque ela está vendo um cara aí.

— Como você sabe disso? Andou seguindo a mulher?

— Não pessoalmente, mas coloquei uma pessoa na cola dela, que foi atrás e até fez a caminhonete do cara capotar.

Arregalando os olhos, ele segurou o ar por um segundo e esfregou a nuca com a outra mão.

— Você tentou matá-los? Enlouqueceu? Nós falamos em neutralizar a ameaça, não em eliminá-la! — *Estúpido! Imbecil!*, xingou mentalmente, socando o tampo da mesa com tanta força e fúria que balançou tudo o que havia em cima dela.

— Fica tranquilo, os dois sobreviveram. A ideia era só dar um susto nela, como naquela tentativa de atropelamento. O cara seria um bônus, mas a situação acabou saindo do controle.

— A sua obsessão por essa garota ainda vai te meter em sérios apuros. Quando eu te propus o negócio, você me garantiu que não teriam empecilhos.

— E não tem, pode acreditar em mim. Ninguém faz ideia de que somos nós que estamos por trás dos "acidentes".

— Espero, para o seu bem, que não façam mesmo — advertiu, deixando um grunhido insatisfeito escapar.

— Eles estão assustados, por isso ficaram mais cuidadosos. O homem que coloquei na cola dela não conseguiu outra brecha, mas continua de olho.

— É melhor ficar na encolha daqui para frente. Ela não está indo trabalhar, o que é bom para nós. Ganhamos tempo com isso. Pelo menos esse seu plano idiota serviu para alguma coisa.

— E o que vamos fazer quando ela voltar? Meu homem me contou que o babaca lá saiu do hospital.

— Eu vou pensar em alguma coisa e te aviso. Enquanto ela estiver fora da construtora, não mete seu belo narizinho onde não é chamada. Estávamos muito perto de sermos descobertos. Se não fosse o nosso contato na empresa de auditoria interceptar e nos avisar sobre a documentação que ela enviou para eles, a essa altura, a nossa situação seria outra, bem pior.

— Não ia dar em nada. Cobrimos bem os nossos rastros.

— Não o suficiente, se ela desconfiou a ponto de colocar a auditoria no meio. Precisamos ser mais discretos do que nunca. Ninguém pode saber o que andamos fazendo.

— Não vão. Mas o pior é que eu soube que a polícia está investigando o "acidente" deles.

— Caralho! Então faz o seguinte: manda essa pessoa que você contratou tirar umas férias, sumir do mapa, até a investigação esfriar e ser arquivada. Nada de correr riscos desnecessários.

— Eu vou fazer isso, mas tudo está indo muito bem.

— Graças a quem? A mim, é claro! E não me liga mais, eu entro em contato — dito isso, a chamada foi cortada. — Idiota! — xingou entredentes, com os olhos fixos no aparelho antes de jogá-lo sobre a escrivaninha. Bufando, voltou para frente da vidraça e mirou a paisagem, pensando no próximo passo que teria que dar. Talvez, tivesse chegado a hora de eliminar as pontas soltas. Percebera, tarde demais, que aquele otário não passava de um fraco, e era bem capaz de fazer outra besteira e colocar tudo a perder.

Já era noite quando as comemorações barulhentas tiveram fim e agora, a casa encontrava-se mais tranquila e silenciosa. Enquanto Bella pegava o corredor a fim de pôr o filho para dormir, os demais permaneciam na sala. Cansada, Alana deixou-os em meio a uma conversa amena, foi para o seu quarto e entrou no banho. Meia hora depois e vestida com um pijama leve de camiseta e short, ela se encontrava recostada no espelho da cama, embaixo dos lençóis e com a bandeja com a comida que Bella havia mandado preparar, na sua frente. Ninguém dera ouvidos aos seus protestos de que se sentia perfeitamente bem e que não tinha fome. Lilly, sentada ao lado da cama, a observava com atenção, como se temesse a possibilidade de ela voltar a desmaiar a qualquer momento.

— Coma! — ordenou quando Alana pegou o garfo e ficou olhando para a comida.

— Não estou com fome.

— Mesmo assim, você precisa comer. Experimenta, quem sabe não abre o seu apetite?

Alana empurrou a cenoura, as vagens e o frango grelhado em torno do prato. Então, levou uma garfada à boca, mas a pousou outra vez.

— Boa tentativa, mas tem que pôr a comida dentro da boca para obter algum benefício. — Lilly estudou a irmã, preocupada. — Eu sabia que tinha esquecido alguma coisa. Vou até a cozinha pegar um copo de suco.

Alana pensou em começar a protestar, mas se deparou com uma expressão ameaçadora nos olhos de Lilly e manteve a boca fechada.

— Coma o seu jantar. Eu já volto — avisou Lilly, da porta.

— Sim, senhora — respondeu Alana, com uma saudação zombeteira ao modo de falar autoritário da irmã.

Depois que Lilly saiu do quarto, ela remexeu o conteúdo do prato, agora com menos vontade ainda de comer, e suspirou.

— Assim não vai se recuperar tão cedo — repreendeu-a uma voz grave em tom de desaprovação.

O olhar de Alana voou direto para a porta, onde Enrico se encontrava parado, fitando-a com um sorriso de lado.

— Não estou com fome — repetiu o que dissera para a irmã caçula.

Ele atravessou o quarto, deu uma olhada no prato e torceu o nariz em uma careta.

— Me dá isso.

Alana segurou firme a bandeja.

— Por quê?

Enrico revirou os olhos.

— Você tem que discutir sobre tudo?

— Quase tudo. Caso contrário, as pessoas tendem a querer me dar ordens.

— Isso só acontece se você permitir. — Enrico afastou seus dedos suavemente e levou a bandeja. — Eu já volto.

Alana o observou, um pouco confusa. Passaram-se vinte minutos antes de Enrico retornar ao quarto trazendo a mesma bandeja, mas agora com um prato fumegante de sopa de carne com legumes. Colocou a bandeja sobre os joelhos dela e a fitou com uma expressão séria.

— Bem, existem duas maneiras de lidarmos com o problema... — começou ele. — Você pode comer sozinha, como a mulher inteligente que nós dois sabemos que é...

Alana teve que lutar para conter o riso.

— Ou?

Enrico sorriu, parecendo muito ansioso por ela o testar.

— Ou posso lhe dar na boca.

— Eu gostaria de vê-lo tentar. — Mas Alana pegou a colher e começou a comer. Após algumas colheradas, fitou-o, surpresa. — Isto está muito bom. Foi você quem fez?

— Com minhas próprias mãos. Quando vivemos sozinhos, temos que aprender a cozinhar, caso contrário, somos obrigados a passar com delivery ou comida congelada.

Alana sorriu.

— Você será um marido maravilhoso para uma mulher de sorte — provocou, sorridente.

A observação irônica o fez rir e os dois riram juntos por uns momentos, até Alana voltar a comer. Quando terminou, Enrico tirou a bandeja do seu colo e colocou-a de lado. Segurando suas mãos, ele olhou-a com intensidade.

— Lana, eu sei que pedir sua mão ao seu pai foi uma surpresa para você. Eu pedi a benção dele, mas ainda não fiz uma proposta de casamento convencional para a principal interessada — disse e fez uma pausa.

— Meu Deus... você falou sério mesmo — murmurou ela, surpreendendo-o com sua descrença. — Pensei que você tivesse dito aquilo para... — diante da expressão sombria no rosto dele, Alana desistiu de continuar — Deixa para lá...

Enrico empertigou-se.

— Eu não acredito que você chegou a pensar que eu não falava sério. Pelo amor de Deus, Alana! Como pode ter passado pela sua cabeça que eu brincaria com um assunto tão importante quanto esse?

— Você me pegou de surpresa... Eu não soube o que pensar.

Meneando a cabeça e depois de respirar fundo, ele continuou:

— Só para deixar tudo muito claro, eu nunca falei tão sério na minha vida. Uma experiência de quase morte, como a que eu tive, faz a gente valorizar ainda mais a vida e a não perder tempo. Lana, o que eu mais quero é estar ao lado da mulher que amo. — Enrico voltou a acariciar seu rosto e cabelos. — Eu não posso pensar em viver minha vida com outra pessoa que não seja você.

Sem conseguir ocultar a emoção, Alana colocou o dedo no rosto dele, mas não aguentou manter-se séria por muito tempo.

— É ótimo saber disso, porque, pelo seu bem, é bom que você não se atreva a viver sem mim! — ameaçou e riu — Na verdade, eu gostaria de escutar aquela proposta convencional agora.

— Ora vamos, Alana — Enrico tentou segurar sua mão outra vez, mas ela o evitou.

— Estou falando sério — insistiu ela.

Embaraçado, Enrico levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans.

— Sabe que quero me casar com você.

— Essa não é uma proposta convencional. — Alana cruzou os braços, esperando. — Muito bem — começou, quando Enrico permaneceu calado. — Quer que eu te ajude? Você deve dizer algo como: Alana...

— Sei o que devo dizer — resmungou ele.

Rindo, divertida, Alana escorregou da cama, deu alguns passos e se atirou nos braços de Enrico.

— Peça — sussurrou ela, deixando os lábios planarem a centímetros dos dele.

— Está bem — concordou ele, circundando a cintura dela com as mãos — Alana Di Fiori, você quer casar comigo? — Os lábios tentadoramente próximos aos dele se curvaram em um sorriso, porém ela se manteve em silêncio. Os olhos de Enrico baixaram em direção à boca dela, detiveram-se ali por uns instantes e se ergueram para fitá-la. — E então?

— Estou pensando na proposta — disse Alana, tocando-o no peito — Eu lhe darei a resposta dentro de alguns dias. — Enrico a fez recuar e deitou-a, novamente, sobre a cama. — Ou antes — decidiu, quando ele começou a salpicar de beijos a região do ombro até o seu pescoço.

— Cale-se — rosnou Enrico, impaciente.

Alana ergueu uma sobrancelha.

— Não quer ouvir minha resposta?

— Vamos dar entrada na papelada amanhã.

— Eu ainda não disse...eu não concordei...

Os lábios de Enrico a silenciaram em um beijo longo, enquanto seu corpo se amoldava com perfeição ao dela.

— Claro que eu posso ser persuadida — ela murmurou e encarou-o por um longo momento, até finalmente responder — Sim, sim, sim! — seu coração disparou de alegria — É claro que eu me caso com você. Mas tenho uma condição.

Enrico juntou as sobrancelhas e encarou-a, exigindo uma explicação.

— Que tal se fizermos como o meu pai e a Bella e nos casarmos depois do nascimento dos bebês? Como eu disse antes, vou continuar trabalhando, e organizar um casamento demanda tempo. Não precisamos fazer as coisas às pressas.

— Eu acho que não teria muito o que organizar. Pode ser uma cerimônia simples, aqui mesmo, na praia — sugeriu Enrico, e emendou: — Mas eu posso concordar em esperar, desde que você venha morar comigo.

— Ou você pode ir morar comigo... — rebateu ela.

— Lana, com tudo o que teremos pela frente, eu não teria condições de arcar com o aluguel daquela casa onde você vive, e ...

Colocando um dedo sobre seus lábios, Alana impediu-o de continuar. Não queria falar sobre isso agora, sabia que o incomodava o fato de pertencerem a mundos distintos. Ambos teriam que aprender a conviver com a realidade do outro, mas isso não precisaria acontecer de imediato. E tocando seu rosto com carinho, falou:

— E você não vai precisar. O contrato de aluguel da casa está no nome da construtora. É um benefício da empresa para funcionários transferidos de suas cidades de origem. Então?

— Eu vou pensar no assunto, afinal, não precisamos tomar nenhuma decisão esta noite. — E abaixando o olhar, Enrico murmurou: —Gêmeos... — Circundou seu ombro e trouxe-a mais para perto. Incapaz de disfarçar sua felicidade, passou a mão livre sobre a barriga lisa, ainda sem sinais de gravidez, sentindo o amor e o desejo dominando seu corpo, corroendo-o por dentro. Ajeitou-a melhor em seus braços para que pudessem encarar um ao outro, apagando todas as rugas de preocupação da testa dela, com beijos.

Mantendo a mão espalmada sobre seu ventre, ele viu Alana se erguer para passar os dedos nos cabelos dele. Uma emoção violenta o tomou e seus olhos ficaram marejados. Suspirou, ainda muito abalado por saber que duas partes deles, se formavam ali dentro. Correu os dedos da mão livre pela pele macia do ombro dela e foi descendo, parando ao alcançar sua mão, trazendo-a até os lábios.

— Eu sinto uma cumplicidade com você que nunca tive com outra pessoa. Eu te amo, Lana e sei que juntos realizaremos todos os nossos sonhos. — Beijou seus lábios e então se afastou, apenas o suficiente para sentar na borda da cama e puxá-la para o seu colo.

Emocionada, Alana sorriu, sentindo o coração debatendo-se em seu peito. Como não abri-lo para um homem como ele? Foi humanamente impossível não fazê-lo e agora, estava cada vez mais apaixonada. O amor que sentia por Enrico era novo, bonito e parecia natural ao mesmo tempo. Um sentimento tão forte que chegava a assustá-la, contudo, suas carícias e a forma como a olhava afastavam todas suas preocupações e incertezas.

Encarou-o, fascinada com a maneira firme e intensa dos olhos castanhos se conectarem com os dela. Intrigava-a o fato de ela nem sempre conseguir desvendar o que se passava por trás deles, e aquele toque de mistério a encantava. Provocante, umedeceu os lábios com a ponta da língua, um gesto que, sabia, sempre o deixava louco.

— Não vejo a hora, e eu também amo você — confessou e retribuiu o beijo dele.



Capítulo 34

Uma semana se passou desde o episódio do desmaio de Alana. Durante esse tempo, encontrou-se com Enrico quase todos os dias. Nunca tinha visto alguém tão encantado com a possibilidade de ser pai como ele. Nem mesmo o próprio pai, e o senhor George era um babão de primeira no que se referia aos filhos. Dava para ver no brilho dos olhos, no sorriso aberto e no modo como Enrico tocava sua barriga, quase com reverência, e embora ainda fosse cedo, ele encostava o ouvido em seu ventre e começava a conversar com os bebês.

Alana sorriu sozinha ao se recordar da cena. Não sabia o que tinha feito para merecer alguém tão bom como ele, mas estava grata ao destino por colocá-lo em seu caminho. Quanto a ela, seguia enjoando pelas manhãs, mas sentia-se bem na maior parte do dia, e quando não estava trabalhando de casa, compartilhava momentos de prazer, paz e amor com Enrico, fazendo longos passeios pela praia, assistindo ao pôr do sol juntos e comendo fora,

apesar dos protestos de seu pai, sempre preocupado com a segurança dos dois.

Outra semana se passou e um Enrico já recuperado retornou ao trabalho. E o mesmo fez Alana, mas não antes de muito argumentar e se impor diante do pai e do namorado quando decidiu que era hora de retomar sua rotina, porém, teve que ceder e aceitar ser acompanhada pelos seguranças contratados por Sérgio. Ele tinha contratado logo dois deles, apesar de que não houvera nenhum outro incidente que a tivesse deixado preocupada ou desconfortável, fazendo-a acreditar que o culpado deveria ser um louco que resolveu tirá-los da estrada por nenhum outro motivo além de diversão. Com tanta gente doida no mundo, nada era impossível e nenhuma hipótese podia ser descartada.

Apesar disso, seu pai havia lhe dado um ultimato: ou ela aceitava ser custodiada ou teria que continuar fazendo seu trabalho de casa. Porém, no cargo que Alana ocupava na construtora, nem tudo podia ser resolvido de longe. Era preciso visitar obras em andamento, desenvolver novos projetos junto à sua equipe, reunir-se e negociar compras de materiais com os fornecedores...

De súbito, veio à sua mente parte da conversa que tivera com George na semana anterior:

[...] — Pai, eu sei que só está pensando no meu bem-estar, só que eu preciso de espaço e quero estar na minha casa. Batalhei muito pela minha independência e gosto de andar com as minhas próprias pernas. Eu não sou uma mocinha tola e ingênua que precisa ser protegida o tempo todo. Eu tenho quase vinte e seis anos, caramba!

Emburrada, Alana defendeu seu ponto de vista, deixando escapar um suspiro impaciente enquanto se afundava no sofá.

— Eu entendo, mas a sua segurança não está em discussão. O Sérgio já esquematizou tudo e você vai seguir as orientações dele sem questionar. — Ela abriu a boca para protestar, mas o pai sustentou o olhar no dela, sem se importar com o seu espanto. — *Isso é inegociável, Alana!* — seu pai concluiu de modo definitivo. *[...]*

Ele também solicitara os serviços de um detetive particular indicado por um de seus amigos de longa data e que mantinha contatos com o Departamento de Polícia, pensando que, talvez, o homem conseguisse obter as informações que estavam sendo negadas a ele. E, de fato, em seu primeiro relatório, o detetive informou que, mesmo tendo sido raspado, um dos peritos conseguiu identificar os números do chassi por meio de um processo digno da série *CSI*.

Com esses dados em mãos, obtiveram o nome do dono da van e tiveram acesso ao boletim de ocorrência do roubo. Em seguida, solicitaram as gravações das câmeras de segurança do local onde o carro havia sido roubado, mas como já se passara várias semanas, a possibilidade de terem sido apagadas era grande. Porém, não custava tentar. O dono da van foi localizado e convidado a ir até a delegacia, contudo, o homem não pôde acrescentar nenhuma nova informação à investigação. Pelo menos, ele a recuperou, praticamente intacta, exceto por um amassado no capô.

Era meio de semana quando Alana retornou em definitivo ao escritório. Entrou no estacionamento seguida de perto pela SUV preta, guiada por um dos dois guarda-costas, parou, pegou a bolsa e a pasta executiva de cima do assento do carona e saiu para a manhã bonita. Olhou para o alto e admirou o céu muito azul, sentindo a brisa gostosa acariciar sua pele. Por um momento, ficou ali, de pé, segurando a porta do carro e apreciando o dia.

Desde pequena ela gostava de observar a natureza. Talvez tivesse sido por influência de seu pai, que por ser um amante das atividades ao ar livre, quando podia e o trabalho permitia, levava a ela e a irmã ao parque para brincar. Enquanto passeavam, ele costumava comentar sobre a exuberância do lugar e de como estava o dia ou a tarde, afirmando que deviam parar por alguns minutos para admirar a natureza, sem pressa.

Entretanto, por ser muito impaciente, Alana queria tudo e ao mesmo tempo. Até chegar àquele ponto: prestes a completar vinte e seis anos de idade e tendo conseguido quase tudo o que almejava. Estava no auge de sua carreira, amando pela primeira vez um homem maravilhoso, grávida dos filhos dele, e, é claro, mais madura. Podia se dar ao luxo de aproveitar as pequenas coisas da vida sem aquela gana de querer engolir o mundo. E apesar da ameaça invisível pairando como uma sombra negra sobre suas cabeças, nada conseguia embotar a alegria que sentia e a certeza de estar na melhor fase de sua vida, repleta de paz interior e alegria de viver.

Fechou a porta do Jetta, acenou para os seguranças e afastou-se pelo estacionamento, os saltos ecoando pelo chão de cimento. Um deles desceu e a acompanhou, enquanto o outro permaneceu na SUV. De repente, Alana estava diante da construção toda envidraçada. Seus olhos foram puxados para a entrada, cuidadosamente planejada e com um belo trabalho de paisagismo. Passou pela porta eletrônica dupla e caminhou na direção dos elevadores.

Quando as portas se abriram no andar da *Di Fiori*, ela suspirou, sentindo-se aliviada por não dar de cara com Samuel. Parecia que o homem tinha um radar que avisava quando ela chegava, pois toda vez que colocava o pé na empresa, ele era sempre o primeiro a se aproximar e lhe desejar bom dia. Desconfiava que o engenheiro ficava de tocaia, só esperando-a pegar o corredor para interceptá-la, e ela não gostava nada disso. Um sexto sentido

lhe avisava para ficar longe dele, pois ele transmitia uma energia ruim e até um pouco sombria. Alana chegava a sentir calafrios quando Samuel estava por perto.

Colocando os pensamentos desagradáveis de lado, saudou a secretária com um sorriso:

— Bom dia, Luíza!

— Bom dia, senhorita Alana! — Luíza devolveu o cumprimento, animada. — Que bom que voltou!

— É bom estar de volta — afirmou Alana, cheirando o ar. — Café?

Luíza fez um sinal positivo com a cabeça.

— Eu acabei de fazer.

— Delícia. Já vou lá pegar — disse, com a mão na maçaneta da porta de sua sala.

— Eu pego para a senhorita — solícita, Luíza se prontificou.

— Obrigada. — Alana entrou em seu escritório, enquanto Luíza saía de trás da mesa e se dirigia à salinha de descanso, de onde vinha o aroma delicioso de café fresquinho.

Ela mal havia jogado a bolsa e a pasta sobre uma poltrona a um canto da parede, como sempre fazia, quando Luíza entrou trazendo uma caneca fumegante na mão. Agradeceu com um gesto e a jovem deixou a sala, fechando a porta atrás de si. Acomodada em sua confortável cadeira de couro escuro, tomou um gole do seu café e depositou a caneca sobre a mesa. Abriu o notebook e clicou na caixa de entrada a fim de verificar os e-mails. Depois de classificar e responder os mais urgentes, olhou em sua agenda e checou os compromissos que teria ao longo do dia, foi quando se lembrou

dos documentos que enviara para a empresa responsável pela auditoria e contabilidade da construtora.

Alana enrugou a testa, estranhando o fato de não ter recebido nenhuma resposta durante todo aquele tempo, e por conta dos últimos acontecimentos, havia esquecido completamente de cobrá-los. Diligente, desbloqueou a tela do celular e localizou o nome que procurava nos contatos.

— Bom dia. Aqui quem fala é Alana Di Fiori, da *Construtora Di Fiori*. Eu gostaria de falar com o senhor Ricardo Moreira, por favor — pediu ao ser atendida.

— *Sim. Só um momento, estou passando a ligação* — uma voz feminina respondeu.

Ela batia com a ponta da caneta no tampo da mesa quando uma voz masculina tomou a linha.

— *Alana?! Como vai?*

— Estou bem, Ricardo. Obrigada por perguntar.

— *Que bom saber. Então, a que se deve sua chamada?*

— Ricardo, há cerca de dois meses, eu enviei uma documentação para a sua empresa para ser auditada, mas até agora não obtive um retorno. Eu gostaria de saber o motivo da demora.

— *Você enviou uma documentação para nós? Eu não tenho nenhum registro de recebimento de documentos da* Di Fiori *nos últimos meses*.

— Tem certeza? Eu pedi para um funcionário escanear e enviar por e-mail.

— *Sim, estou seguro disso. Normalmente é minha secretária que recebe os e-mails. Ela os seleciona e me passa, principalmente os que se referem à auditoria. Eu faço uma primeira análise e autorizo que o e-mail*

seja transmitido para o endereço do profissional responsável pela empresa. E como lhe disse, não tenho aqui nenhum registro de ter recebido documentos da Di Fiori *para serem auditados.*

— Que estranho... Eu mesma confirmei o envio na época. Enfim, vou verificar o que houve e volto a te ligar.

— Eu só posso garantir que esse e-mail não foi recebido por nós, mas poderia reenviar? Só que, desta vez, mande para o meu endereço. Eu te confirmo assim que receber.

— Farei isso. Nós nos falamos mais tarde. — Após cortar a chamada, Alana discou o ramal da secretária. — Luíza, você pode me trazer as pastas com os orçamentos e os contratos do último ano, por favor?

— É claro. Eu as levarei em seguida — assentiu a secretária.

— Obrigada — Alana agradeceu e desligou, pensativa.

Descobrir que a empresa de auditoria não havia recebido seu e-mail a deixou ainda mais intrigada. Começou a desconfiar de que algo estranho acontecia quando percebeu que alguns orçamentos e contratos dos últimos meses não estavam batendo. Optou por não fazer alarde, mas abriu os olhos e passou a prestar atenção nos funcionários mais próximos e com poder de interferir nos negócios daquela maneira.

Lembrou-se da possibilidade de haver alguém roubando a empresa ficar rodeando sua mente. Como o problema era muito grande, tinha decidido reunir-se com o pai e com o Sérgio para debaterem e tentar descobrir o que se passava. Poderia ser só um erro da contabilidade ou algo muito maior do que imaginavam, mas depois de todo o ocorrido, ela não teve cabeça para voltar a pensar naquele assunto. Agora que estava de volta, era o que faria, e o mais breve possível. De súbito, sentiu um arrepio na espinha ao se dar conta de que tudo aquilo tinha acontecido poucos dias

antes de ela e Enrico sofrerem aquele acidente. Não pensara nisso antes, por isso não chegou a juntar os dois acontecimentos, mas será que...?

Uma batida na porta interrompeu sua linha de raciocínio.

— Entre — autorizou e viu a secretária em posse das pastas solicitadas.

Luíza se aproximou e deixou-as em cima de sua mesa. Após dispensá-la com um breve sorriso, Alana começou a procurar e tirar os documentos de que necessitava, e desta vez não confiaria o trabalho a mais ninguém. Ela mesma se encarregaria do processo de escanear e enviar o e-mail, nem que isso levasse toda a manhã para ser feito.

No fim do dia, depois de separar todos os orçamentos e contratos com valores divergentes que conseguiu encontrar, enviar e ligar para o Ricardo a fim de confirmar o recebimento do e-mail, Alana desligou com a promessa de que ele próprio se incumbiria de analisá-los, e, devido à urgência, ele lhe enviaria um parecer até a próxima semana. Ela ainda encarou uma visita à obra do *resort* e duas reuniões, com um fornecedor e com sua equipe, por isso sentia-se exausta.

Quando ouviu seu estômago reclamar, lembrou-se de que seu dia tinha sido tão corrido que ela mal tivera tempo de comer uma salada na hora do almoço. Com isso em mente, Alana fechou o notebook e olhou a hora na tela do celular. Seis e meia. Massageou o pescoço tenso e dolorido, levantou-se, pegou suas coisas e se preparou para deixar o escritório. Ao sair, deu-se conta de que era a última pessoa ali dentro, com exceção do segurança que a esperava sentado no sofá da recepção. Este ficou de pé assim que a viu, e acompanhou-a em silêncio até o estacionamento, onde o segundo segurança os aguardava.

No carro, dirigindo para casa, Alana ansiava por tomar um banho e colocar uma roupa leve. Combinara de jantar na casa do pai, e Enrico também iria. Ela ampliou o sorriso, pois não via a hora de encontrar-se com ele e refugiar-se em seus braços. Eros recusou o convite, por já ter outro compromisso marcado, segundo ele. Na verdade, não havia nenhum motivo especial, só desejavam passar um tempo juntos, jantando em família, aproveitando a presença de Lilly, que só ficaria de férias na cidade por mais alguns dias. Em breve, a garota retornaria para a capital, a fim de seguir com seus estudos.

Passada a euforia inicial da descoberta da gravidez de Alana e do pedido de casamento, Enrico tomou um choque de realidade quando saiu da bolha de felicidade em que se encontrava e voltou a pensar em tudo o que havia acontecido. Recordou-se do pânico que sentiu segundos antes de perder o controle da direção da caminhonete, que era como as garras de um animal selvagem enfiadas em seu pescoço, tornando-o consciente de que ele e Alana escaparam por um triz de terem o mesmo destino trágico de seus pais.

Alguém tinha tentado matá-los e ninguém fazia ideia de quem era o desgraçado. Quando perguntavam, a polícia só dizia que seguia investigando, mas até aquele momento, de concreto, ainda não havia nada. O curioso era que alguém tinha ligado para a emergência logo após o acidente, e até onde ele se lembrava, a estrada estava vazia naquela hora, com exceção de seu carro e daquela van.

Ficar no escuro era uma merda. Ele estava tão furioso com tudo isso que, se tivesse a oportunidade, não tinha dúvidas de que seria capaz de acabar com a raça de quem estivesse por trás daquele atentado, e o faria com as próprias mãos. *Controle. Respire fundo. Mantenha o foco*, comandou a si

mesmo e saiu do banheiro, com o cabelo ainda úmido do banho e uma toalha pendurada ao redor dos quadris.

Durante a semana, Enrico havia ido atrás do seguro da caminhonete, cujo laudo resultara em perda total. Acabou pegando um carro provisório, enquanto a indenização não era liberada e pudesse comprar outro. Tinha voltado a trabalhar e havia alguns dias que ele e Alana não se viam, apenas se falavam pelo celular, por isso estava ansioso para revê-la logo mais, na casa do pai dela. Levou cerca de vinte minutos para se aprontar, então saiu do quarto, passou pela sala, pegou as chaves sobre o aparador e deixou a casa.



Recostada em uma cadeira de vime, Alana observava o vaivém das ondas na praia, o glorioso azul do mar e as águas refletindo os últimos raios do sol, feito só possível devido ao horário de verão. Por conta do tempo quente, ela usava um vestido leve e fresco. Os cabelos estavam soltos, caindo nos ombros levemente bronzeados e cobrindo as alças de tiras fininhas.

— Ah, você está aí! — disse Lilly quando se reuniu a ela no terraço, onde a empregada colocava pequenas bandejas com saladas sobre a mesa. — E então, você e o Enrico já resolveram quando vão morar juntos?

— Nós ainda não decidimos. — Alana levou o olhar novamente para aquela vista maravilhosa e suspirou. — Tudo tem acontecido tão rápido... O nosso namoro, a gravidez, o pedido de casamento. Eu nunca imaginei que seria dessa maneira. Sempre achei que quando encontrasse a pessoa certa, faria tudo com calma e bem planejado. E eu acho que seria assim se a minha gravidez não tivesse precipitado as coisas.

Lilly olhou para a irmã e assentiu.

— Tem razão, mas a vida nos pega de surpresa às vezes. O importante é que vocês se amam. Eu fico tão feliz pelos dois! E viu só como eu estava certa quando disse que não havia a menor chance de o Enrico ser um aproveitador? Que ele jamais seria capaz de manipular a Bella para convencer o nosso pai a pagar a dívida da casa deles, como você pensou? — lembrou, com um sorriso.

Alana suspirou, pesarosa, pois tinha consciência de que havia ultrapassado os limites ao pensar aquilo de Bella e Enrico. Tinha sido injusta e horrível com duas pessoas que eram totalmente o oposto do que um dia acreditara.

— Nem me lembre, eu... — Alana não chegou a completar a frase, pois algo havia feito a expressão da irmã mudar de maneira drástica e repentina. Esta foi do riso ao alarme em um átimo de segundo, e a obrigou a girar o pescoço na direção das portas duplas francesas que davam na sala de visita. Arregalou os olhos, chocada, quando se deparou com ele, parado, estático, pálido, parecendo nem respirar. — Enrico... — balbuciou, incrédula e sem reação.

Alana sentiu o coração saltar dentro do peito e uma descarga de adrenalina tomou conta de suas células e a fez reagir. Ela levantou de um salto e deu um passo na direção dele, a mão projetada à frente numa tentativa de tocá-lo.

— O-o que foi que você ouviu? — gaguejou, começando a tremer de susto e de nervoso.

Enrico fez um movimento de engolir antes de responder:

— Algo que eu não imaginei que chegaria a ouvir. — Os olhos fixos nela. O rosto contraído. Os punhos fechados. Uma dor atroz atravessou seu corpo, e sem dizer mais uma palavra, ele virou e andou na direção da sala.

— Sinto muito, Alana. Escapou. Eu não pretendia causar um mal-estar entre vocês dois... — Lilly se desculpou, quase chorando. Então fez menção de segui-lo, disposta a tentar consertar o dano que, pela cara dele, ela havia causado com o que dissera. *Se arrependimento matasse...*

Alana sentiu a boca ficar seca e seu coração se comprimir.

— Tudo bem, Lilly. Sei que você não fez por mal.

Consternada, Lilly foi até onde a irmã estava.

— Não está tudo bem coisa nenhuma. Eu não tinha nada que falar aquilo. Merda! Eu e minha boca grande. Pode deixar, eu vou conversar com ele — disse, indo na direção da sala.

— Lilly, não! Sou eu que tenho que falar com o Enrico — impediu-a Alana, antes que pudesse deixar o terraço. E sem perder mais tempo, foi atrás dele, porém, foi interceptada por Bella, que vinha da cozinha com uma travessa nas mãos.

— Alana?! Aconteceu alguma coisa? O Enrico passou por mim feito um raio. E estava com uma cara...

— Desculpa, Bella, agora não dá para falar. Conversamos depois. — Alana voou porta afora e conseguiu alcançar Enrico, que estava a ponto de passar pelo portão.

— Enrico, espera! Nós temos que conversar — pediu ao chegar perto dele, com a respiração ofegante e o coração batendo a mil.

De costas, ele abaixou a cabeça por um momento, então se virou para ela. Seu rosto se transformara em uma máscara e os olhos frios estudaram-na com ar desgostoso.

— Conversar sobre o quê? Como sempre, você preferiu pensar o pior de mim, e ainda colocou a Bella no meio. De mim, eu poderia esperar algo

assim vindo de você. Afinal, não seria a primeira vez. Eu aguento. Mas da minha irmã?! Não admito! Nem de você, nem de ninguém! A Bella é uma mulher honesta, doce, amiga, amorosa e batalhadora. Nunca deu motivos para pensarem o contrário dela. Jamais manipularia o marido a meu favor, nem eu seria capaz de pedir isso a ela! — Enrico se deu uma pausa e levou as mãos até a cabeça, andando de um lado para o outro.

Por que, Alana? Por quê?, perguntou-se, agoniado. Levou o olhar torturado novamente até ela e continuou:

— Eu sei o motivo de você pensar que seríamos capazes de fazer algo tão baixo e indigno como manipular o George e tirar dinheiro dele. No seu modo pequeno e mesquinho de ver o mundo e as pessoas, nós, os pobres, somos interesseiros e aproveitadores! — A fúria dentro dele era tão latente que era possível ver uma veia pulsando em sua testa, as narinas dilatadas, além dos lábios comprimidos e da tensão em cada músculo de seu corpo.

Mesmo receosa diante da ira do namorado, Alana se atreveu a chegar mais perto, porém, ele recuou. Ela tentou pegar sua mão, mas Enrico não deixou e afastou-se, evitando o toque dela.

Sem saída, Alana achou por bem confessar. Não podia fugir do inevitável.

— Eu pensei isso, sim. Mas foi antes de conhecer vocês, de saber como são de verdade! — tentou se defender.

Enrico torceu os lábios, com uma expressão amarga, os olhos castanhos continuando sua dura avaliação.

— Isso não é justificativa! Não se pode tirar conclusões sem ter conhecimento dos fatos. E se não nos conhecia, foi porque você nunca quis! Sempre se achou melhor que nós... Mas a culpa é minha... Eu fui um idiota! Devo ser o cara mais otário do planeta! Eu te desculpei quando você se

mostrou arrependida, eu te dei um voto de confiança e acreditei em você, Alana! — vociferou, fervendo de raiva.

Os dois ficaram se encarando por um longo tempo, em silêncio, com as respirações fora de ritmo. Desesperada, Alana tentou se explicar:

— Eu sei... Eu sei... Tudo o que você está dizendo é verdade. Eu errei. Julguei antes da hora, sem saber o que acontecia, e não tinha o direito. — Ela fitou-o, a expressão triste, os olhos vermelhos. — Enrico, eu...

Ele fez um gesto para que ela se cala-se, detendo-a.

— Sente muito? — indagou. — É sempre assim. Você fala as coisas sem pensar, sem se importar se vai magoar ou ferir alguém. Tira suas conclusões e, quando descobre que fez besteira, que errou, diz que sente muito — observou, ríspido. — Por que não falou comigo quando soube? Nem para me dar a porra do benefício da dúvida! Nem me deu a chance de explicar como as coisas aconteceram! Que merda, Alana! Eu abri meu coração para você e te dei o poder de me machucar. Eu me desarmei e me expus de peito aberto para a primeira e única mulher a quem disse que amo. Quem me garante que você não continua pensando isso da Bella e de mim? — A dor da humilhação invadiu-o, cegando-o por um instante, até que Enrico conseguiu dominá-la.

— Rico, me escuta... — implorou Alana. — Eu não penso assim! Acredite em mim!

— Eu descubro que você duvidou de mim e da minha irmã, do nosso caráter, e espera que eu me sinta como? Que ache tudo isso normal, que não sinta nada? — indagou e desviou o olhar. Sentiu-se culpado pelo que dizia e pelo que estava fazendo-a passar, mas não conseguia aceitar. A decepção que sentia era esmagadora, avassaladora, cruel.

— Enrico, eu já não sei mais o que dizer para fazer você me perdoar. Eu já te disse que me arrependi do que falei e do que pensei. A minha visão era outra. Eu estava confusa e chateada com você... Ou achava que estava...

Ele voltou a encará-la com frieza e cruzou os braços sobre o peito.

— E como soube da compra da casa?

— Eu encontrei um aviso bancário dizendo que vocês estavam para perder a casa, e depois eu vi os documentos que diziam que meu pai havia quitado a dívida e passava o imóvel para o nome de vocês...

— E foi então que pensou que tudo não passava de manipulação? E quando foi que você descobriu a verdade?

— Um pouco antes do meu pai e da Bella viajarem em lua de mel. Ele me ligou e, no meio da conversa, me contou que vocês não sabiam de nada, que ele comprou a casa como um presente de casamento para a sua irmã — Alana apressou-se em explicar. — Eu sei que é difícil de entender, nem eu mesma me entendo...

Puxando o ar com força, Enrico refletiu por um instante sobre o que ouvira.

— O que eu entendo é que, se o George não tivesse dito nada, você estaria duvidando de mim e da Bella até hoje — concluiu, deixando cair os ombros, derrotado.

Alana negou, movendo a cabeça para os lados com vigor.

— É claro que não! Que droga, Rico! Por que você não pode deixar isso de lado? O que nós vivemos durante todos esses meses juntos não valeu nada? Não conta? Caramba! Eu te amo!

Enrico estreitou os olhos, descrente.

— Algumas vezes, o amor não é suficiente. Além disso, amar implica confiar no outro. Eu confiei em você, mas você nunca confiou em mim, *princesa* — disse, a voz profunda, sibilando, furiosa. A expressão fechada e os lábios contraídos.

Alana engoliu a saliva provocada pela náusea. Nada do que ela dizia parecia penetrar no muro que Enrico criara ao redor de si. Duvidar do seu amor a quebrou e tirou seu ar como quando se leva um soco bem na boca do estômago.

Princesa não! Por favor, não me chame assim! Não quando me olha com tanto ódio e ressentimento!

Alana tentou de novo, e, desta vez, conseguiu segurá-lo pelo braço.

— Eu confio em você. O que eu disse, o que eu pensei, tudo isso ficou no passado. Eu não penso assim, Rico... Por favor, você precisa acreditar em mim! — insistiu, negando-se a se dar por vencida.

— Eu acredito — disse ele, para logo emendar: — Do mesmo jeito que você acreditou em mim. — Puxou o braço que Alana ainda segurava e fitou-a, com a mágoa e a decepção estampadas no rosto.

Alana sentiu os olhos se encheram de lágrimas enquanto assistia-o virar as costas e passar pelo portão sem hesitar ou olhar para trás. Apertou o alto do nariz, evitando o choro. Respirou fundo, cansada demais para ir atrás dele. Não sabia mais o que poderia dizer para convencê-lo. E como poderia se defender? Enrico estava certo em ficar bravo. Ela pensara mesmo aquilo deles. Duvidara da índole dos dois. E saber disso só fazia piorar a sensação de aperto no peito, de consciência pesada, e se amaldiçoou por ter se deixado levar por seu temperamento impulsivo. Arrependia-se muito de ter dito aquilo, de ter desconfiado dos irmãos.

— Perdoe-me, Rico... Eu te amo. Juro que te amo. — Paralisada, Alana dobrou o corpo em dois enquanto olhava fixo para o portão fechado. Segundos depois, explodiu em um choro compulsivo. Lágrimas quentes começaram a rolar pelas duas faces, fazendo seu peito se contrair, quase a impedindo de respirar. Sua vontade era de gritar de impotência e agonia. Ouviu passos apressados atrás de si, mas, afundada em sua dor e sofrimento, ela nem se importou em saber de quem eram.

— Onde está o Enrico? — Lilly perguntou ao se aproximar.

Levou um tempo para Alana se controlar o suficiente para responder. Ela não conseguia parar de chorar.

— Ele não quis me ouvir. Discutimos e ele se foi — disse com a respiração sofrida.

Penalizada e sentindo-se culpada, Lilly envolveu as costas da irmã com o braço.

— Vocês se amam e têm dois bebês a caminho. O Enrico está se sentindo magoado, ele só precisa de um tempo para esfriar a cabeça e colocar as ideias em ordem. Vai ver que não vai demorar para ele te procurar e vocês dois fazerem as pazes — procurou consolá-la. — Eu sinto muito, de verdade!

Alana respirou profundamente, fazendo o possível para segurar as lágrimas que insistiam em cair.

— Não se martirize, Lilly. Eu fui impulsiva, falei e pensei coisas que não eram certas. Você mesma me disse para eu ter cuidado, para não fazer um pré-julgamento, e mesmo assim, eu fiz. A errada aqui sou eu. E ele não ficou só magoado. Eu vi decepção e tristeza nele. O Enrico não acreditou em mim, duvidou de tudo o que eu disse. E as coisas que me falou... Eu sei que mereci muitas delas, mas dói tanto. — Ela soluçou, inconsolável. — Ele foi

embora furioso. Eu o feri e tenho medo de que, desta vez, ele não seja capaz de me perdoar. — Arrasada, Alana virou-se e, amparada pela irmã, arrastou-se rumo ao interior da casa.



Capítulo 35

Passaram-se uma semana e meia desde a noite em que Enrico deixou a casa de George sem olhar para trás. Por mais que tentasse, Alana mal conseguia se concentrar no trabalho. Passava a maior parte do tempo pensando no que havia acontecido e sentindo sua falta. A garganta chegava a fechar quando lembrava-se do seu rosto triste e do olhar decepcionado. Várias vezes durante o dia, ela se pegava desejando que aquilo não fosse verdade.

Seu corpo reagia às lembranças, e pelas noites Alana tinha dificuldade em conciliar o sono, sentindo-se impotente e frustrada. Com isso, ela chorava, chorava e chorava, porém, creditava parte de sua fragilidade aos hormônios em ebulição por conta da gravidez.

Havia ligado várias vezes para Enrico e deixado incontáveis mensagens. Chegara a pedir ajuda ao Eros para lhe dar um recado, mas todas

as suas tentativas de contatá-lo foram em vão. Enrico não retornou suas chamadas ou respondeu às suas mensagens. Simplesmente as ignorou.

Alana sentia-se cada vez mais triste e sozinha, apenas os bebês que cresciam em seu ventre e o seu trabalho a obrigavam a sair da cama pelas manhãs. E foi em meio ao período negro e sombrio que vivia que ela recebeu o relatório da empresa de auditoria. Ligou imediatamente para o pai, a fim de avisá-lo que passaria em sua casa após o expediente, pois precisava ter uma conversa séria e urgente com ele.

Assim que chegou lá, os dois foram para o escritório e ela começou a contar sobre suas desconfianças. Ao concluir o relato, apresentou-lhe o parecer do auditor, então viu o pai ficar pálido e furioso com o que lia. Quando ele terminou de desabafar sua indignação e se acalmou, decidiram montar uma força tarefa composta por eles, Ricardo Moreira e Marcelo Sales, contador da construtora. Logo os quatro iniciaram uma investigação interna e sigilosa.

Dias depois daquela conversa, Alana e George encontravam-se na sede da *Di Fiori*, em São Paulo. Ele solicitara a reunião, mas sem informar o motivo aos demais convocados. Ambos olharam para a porta quando Sérgio entrou, cumprimentando-os rapidamente e rodeando a mesa oval, indo sentar-se na cadeira ao lado do sócio.

— Do que se trata esta reunião? — perguntou, intercalando o olhar entre os dois.

— Você já vai saber. Só vou começar quando todos estiverem presentes — respondeu George, bastante sério, voltando sua atenção para o *iPad*. — Ainda falta alguém — completou.

Instantes depois, foi a vez de Samuel entrar.

— Desculpem o atraso. Eu estava finalizando uma chamada — disse ele, e foi se sentar ao lado de Alana, que fez questão de não olhar nenhuma vez em sua direção. Ao contrário dele, que não conseguia tirar os olhos de cima dela.

— Sem problemas — George disse simplesmente. — Bem, agora que estamos os quatro aqui, vamos começar. O assunto que eu tenho para discutir com vocês não é dos mais agradáveis. Eu passei os últimos dias com a Alana, o auditor e o contador desta empresa revisando todos os contratos do último ano e tentando descobrir por que as contas de alguns deles não estavam fechando. A princípio, pensamos que fosse algum erro de contabilidade, mas a coisa não é tão simples. Depois de analisarmos e checarmos cada um dos documentos levantados, chegamos a um rombo de dois milhões de reais.

— Você não pode estar falando sério — Sérgio se pronunciou, agitado. — Como ninguém percebeu isso antes, George?

— Porque, seja quem for que está por trás disso, não está deixando rastros. Nós buscamos por falhas, mas não há nada que nos ajude a descobrir quem está roubando a empresa. Eu tomei algumas providências, contatei uma empresa especializada, e seguindo suas orientações, a partir de hoje e até segunda ordem, todos os orçamentos e contratos serão conferidos pela Alana e os pagamentos aos fornecedores serão aprovados unicamente por mim. Enquanto isso, temos uma equipe de TI de fora analisando o nosso sistema em busca de alguma pista — explicou George, o semblante aborrecido.

Enquanto ouvia, Samuel tentava assimilar o perigo de ter alguém rastreando os computadores da *Di Fiori.*

— E se não encontrarem nada? — perguntou ele, tentando parecer casual.

— Nesse caso, encontraremos outra maneira de chegar até esse desgraçado. Eu não vou admitir que me roubem debaixo do meu nariz. Seja quem for que esteja fazendo isso, vai ter que pagar, e muito caro!

— E você tem algum suspeito? — Sérgio indagou, o semblante preocupado.

— Ainda não.

Sua resposta fez Sérgio se agitar ainda mais no assento. Assim como para o sócio, a *Di Fiori* significava tudo para ele.

No fim da reunião, George pediu que cooperassem com a investigação e repassassem a ele qualquer atividade suspeita entre os funcionários de suas respectivas equipes. Ele acreditava que quem comandava aquilo devia ter um comparsa. O esquema era muito bem montado para ser trabalho de uma só pessoa.

Na sexta-feira à noite daquela mesma semana, a chuva caía intermitente, As duas mulheres caminhavam apressadas, dividindo o mesmo guarda-chuva e seguidas por um homem forte, corpulento e com o semblante fechado.

Assim que terminaram de subir os degraus da entrada do *Bar do Capitão*, Alana enjoou ao aspirar o cheiro forte de perfume, cerveja e vinho, arrependendo-se de ter cedido aos apelos da irmã. Ela relutou, mas Lilly insistiu tanto que precisava sair, se distrair e ver gente que ela acabou cedendo. E já que estava ali, tentaria se divertir e desanuviar a cabeça depois de uma semana estressante no trabalho, isso sem falar no seu coração em pedaços e nos nervos em frangalhos.

Pediu um drinque suave e sem álcool assim que chegaram ao balcão onde as bebidas eram servidas. Lilly decidiu-se por um coquetel de rum e logo foi arrastada por dois rapazes que, pelo jeito, deviam ser seus amigos, afinal, aquela não era a primeira, nem a segunda, vez dela naquele bar. Alana aguardou sua bebida, e já ia movimentar-se para seguir a irmã quando avistou Eros, que a chamava com um aceno de mão. Intrigada, sem saber o que ele poderia querer falar com ela, e com tanta insistência, andou na direção de um dos cantos sossegados do salão onde ele a aguardava.

— Quero te mostrar uma coisa — Eros falou assim que Alana se aproximou.

— Não me diga que vai se declarar para a Lilly?

Eros arregalou os olhos e fez um gesto negativo com a cabeça.

— Como sabe... Quero dizer... — ele começou a falar e, constrangido, levou a mão até a nuca.

Notando seu desconforto, Alana procurou tranquilizá-lo:

— Calma, relaxa, Eros. Eu sei disso porque conheço a minha irmã. E vocês dois não são os melhores em disfarçar. Então, vai falar com ela?

Ele moveu a cabeça, negando novamente, mas seu semblante se iluminou antes de dizer:

— Ações falam mais do que palavras. Eu vou mostrar a ela como me sinto. — E, para provar o que dizia, puxou a manga da camiseta até a parte superior do braço, exibindo uma pequena e recente tatuagem da letra “L”, estilizada.

Comovida, Alana sorriu. Ele gostava mesmo dela. E, com certeza, formavam um bonito casal.

— Uma tatuagem é um pouco radical, mas respeito a sua escolha. Agora vá lá e mostre a ela. Só não esqueça que as garotas também gostam das palavras ditas ao vivo, em alto e bom som.

Eros agradeceu e saiu todo sorridente, caminhando apressado na direção de onde Lilly se encontrava.

Alana o acompanhou com os olhos, estava tão distraída que nem percebeu Samuel se aproximar. *Céus! O que esse homem faz aqui? Não basta eu ter que aturá-lo no escritório?*

— O que está fazendo aqui, neste canto, tão solitária? Esperando por alguém?

— Olá, Samuel. Eu estava conversando com um amigo e — Alana se interrompeu ao notar que Samuel não prestava atenção no que ela dizia. Ele parecia petrificado com o olhar fixo nela. Franziu a testa e segurou o copo com as duas mãos na frente do corpo, num gesto inconsciente de proteção. Que diabos ele pensava que estava fazendo?

— Não tenho te visto no escritório. — A mão dele tocou seu braço, o que a fez se afastar em um gesto instintivo de repulsa, mas que Samuel não pareceu notar. — Eu senti saudade, Alana. Você está muito gata esta noite.

Alana sentiu-se desconfortável. A última coisa que esperava era uma investida dele. *Será que ele não entendeu o* recado *quando eu ignorei seus avanços tempos atrás?*, perguntou-se, preocupada. Girando os olhos ao redor, procurou por alguém que estivesse próximo para incluir na conversa. Não havia ninguém. A maioria das pessoas se agrupava próximo ao balcão de bebidas e na pista de dança em frente ao pequeno palco.

Ela levou o copo aos lábios e saboreou um gole do seu drinque devagar. Tinha esperanças de que ele percebesse sua falta de interesse e

fosse embora, porém, pelo que conhecia de Samuel, sabia que estava lidando com um cara chato e persistente.

— Samuel, eu sinto muito, mas...

— Alana, me dá uma chance! Vamos sair para jantar. Quem sabe você não tem uma surpresa agradável? — insinuou ele, lançando um olhar com a pretensão de seduzi-la, mas que teve o efeito contrário.

Alana desviou os olhos e os direcionou para onde estava a irmã. Percebeu que Eros tinha conseguido espantar os dois rapazes e, agora, estavam a sós, no que parecia ser uma conversa séria. Então, voltou a encarar Samuel e decidiu fazê-lo ouvir o que tinha a dizer, com a voz firme e determinada:

— Eu não estou interessada em ter nada com você!

Ele uniu as sobrancelhas, contrariado.

— Não está interessada?! — repetiu as palavras com uma grande ênfase, como se quisesse demonstrar que havia algo errado com ela. — Tem certeza? — O homem deu um passo à frente, quase tocando seu corpo num gesto impertinente.

Alana irritou-se. *Que cara mais pretencioso!*, pensou, abismada. E sem que ela esperasse, dois braços fortes surgiram por detrás dela e a agarraram pela cintura, forçando-a a recuar até encostar-se a uma verdadeira muralha de músculos.

Enrico!

Mesmo surpresa em encontrá-lo ali, não havia melhor momento para ele aparecer. Sentia-se aliviada e protegida.

— Ela estava me esperando.

Alana percebeu o tom irritado na voz dele. *Ele está com ciúmes!*

Samuel recuou um pouco, mas manteve o olhar firme.

— É, estou vendo. Mas não se pode culpar um homem por tentar. — E após um último gole do drinque, esvaziando o copo que trazia nas mãos e olhando diretamente para Alana, falou em tom maldoso: — Eu já vi tudo... O pobretão aí ganhou na loteria e ainda tem você como diversão.

O que é que esse idiota está dizendo? Alana sentiu uma onda de indignação a invadir. Sentiu que precisava sair dali e tentou se mover, mas os braços de Enrico pareciam feitos de aço. Girou a cabeça e a ergueu para encará-lo, mas ele a segurava tão apertado que tudo o que ela conseguia ver era a mandíbula trincada.

A animosidade entre os dois homens crescia. Pareciam dois predadores esperando o melhor momento para atacar.

— Qual é a sua, hein? Eu nem te conheço, cara! Pense o que quiser, a sua opinião não me interessa! — Enrico encarou-o com raiva e desprezo.

Samuel deu de ombros e levantou as mãos em um gesto de rendição.

— Se é o que diz... — E lançando um olhar penetrante e insinuante para Alana, afastou-se, apressado.

— Você já pode me soltar — disse ela, com a voz embargada.

Enrico não cedeu um milímetro sequer. Ao contrário, ele pressionou-a ainda mais. O contato enviou uma intensa onda de desejo pelo corpo de Alana, mas ela se controlou para não mostrar o quanto o toque dele a afetava.

— Você conhece aquele babaca? — indagou Enrico, ressabiado.

— Ele trabalha na *Di Fiori* — Alana respondeu, aborrecida consigo mesma por estar lhe dando explicações. — Ouça, Enrico: eu vim aqui esta

noite para me distrair um pouco. Não precisa fazer ceninha de ciúmes, você já deixou bem claro que entre nós está tudo acabado.

Mas por que ela disse aquilo? Para se proteger da atração latente entre eles? Por orgulho? Para afastá-lo dela, ou só para provocá-lo?

— Não está, não! — A voz de Enrico soou estrondosa. Por alguns segundos, houve silêncio no bar. Depois, sussurros. E, por fim, uma voz desconhecida ecoou:

— É isso aí, cara! Não dá mole, não! Pega a garota!

Alana desvencilhou-se de seus braços e andou na direção da porta, desceu os degraus da frente do bar e prosseguiu pela calçada, sentindo as gotas geladas da chuva que continuava a cair. Olhou por cima dos ombros e percebeu que Enrico a seguia de perto. Ela acelerou os passos.

— Alana?! Espera! Com esses saltos, você vai cair e torcer o tornozelo!

— Eu não quero falar com você! E não se preocupe comigo, posso até correr com eles, se eu quiser.

— Pode, mas você precisa pensar nos nossos bebês, porra! — Enrico exclamou no momento em que conseguiu agarrar um dos seus braços e forçá-la a parar.

Ela tentou se desvencilhar novamente, mas não conseguiu. As pessoas que circulavam pela calçada eram obrigadas a contorná-los para poderem seguir caminho.

— Vamos para outro lugar. Um mais tranquilo, onde possamos conversar com calma.

Alana se manteve calada. Olhou de lado e viu o segurança a alguns passos dos dois, então fez um sinal discreto com a mão para que ele ficasse

onde estava. Voltou a encarar o homem que amava. Tentara falar com ele durante todo aquele tempo, sem obter uma única resposta. Agora, ele aparecia no bar, onde ela estivera pela primeira vez, e pedia para conversarem.

— Você sabe que o que o engomadinho disse lá dentro não é verdade. Eu não dou a mínima para o seu dinheiro ou o da sua família — insistiu Enrico, e após respirar fundo, emendou: — Quer que eu me afaste de você? É isso o que quer? De verdade? — Ele esperou, mas como Alana não lhe deu uma resposta, continuou: — Tudo bem. Algo me dizia que as coisas entre nós não dariam certo mesmo, que mais cedo ou mais tarde acabaria.

A frieza e as palavras a atingiram. Ele não via que ela estava chateada com o seu desprezo? Que o que dissera a fizera sofrer demais? Magoada e temendo cair no choro ali mesmo, Alana desviou os olhos do rosto dele. Doía admitir que suas ações os tinham levado para aquela situação.

— Perdoe-me por eu ter pensado mal de você e da Bella — lamentou, e por alguns segundos voltou o olhar para ele. Observou sua figura. O rosto bonito, o peito largo, o abdômen liso sob a camiseta preta, as coxas grossas apertadas em um jeans desgastado. Gostoso, imponente, lindo. Se tudo entre eles estava terminado, ela tentaria ao menos memorizar o melhor que pudesse do homem por quem se apaixonara. — Sinto muito, Enrico — murmurou, girando nos calcanhares e afastando-se dele, apressada.

— Espera, eu te levo! — ele gritou de repente, sozinho e parado sob a chuva, assistindo-a ir embora.

— Obrigada, mas não precisa. Estou de carro — Alana gritou de volta, rumo ao estacionamento e com o segurança seguindo-a.

Passava de uma da manhã quando ela entrou em casa. Suspirou, cansada e um pouco atordoada pelo que havia acontecido. Apreciou o som do silêncio enquanto sentava-se e tirava as sandálias. No caminho até ali, enviou uma mensagem para Lilly avisando que não se sentira bem e que tinha resolvido ir embora. Foi até um móvel, e abrindo uma gavetinha, tirou uma cartela com comprimidos, tomou um e torceu para que a leve dor de cabeça que sentia passasse logo.

Lágrimas quentes inundaram seus olhos. Tinha alimentado a esperança de que ele pudesse voltar atrás, que quando esfriasse a cabeça, a procurasse e os dois se entendessem, mas se esperava que ele reconsiderasse, agora parecia que aquilo não aconteceria mais. De repente, foi acometida pelo familiar enjoo que, além da manhã, passou a atacar também à noite. Vinte extenuantes minutos depois, achava-se sob a água morna do chuveiro, afagando seu ventre e murmurando:

— Vocês estão fazendo a mamãe passar uns maus bocados, pequeninos! — Ao mesmo tempo que seus lábios se curvavam num sorriso terno, seus olhos voltaram a se encher de lágrimas. — E o pai de vocês também, e o pior é que eu nem posso culpá-lo. — A água quente dissipou as lágrimas e ela saiu do chuveiro. Enxugou-se e enrolou os cabelos numa toalha felpuda, dizendo a si mesma que aquelas haviam sido as últimas lágrimas que tinha derramado por Enrico. A vida prosseguia. Tinha os bebês em seu ventre para cuidar; iria amá-los com todas as suas forças e dar a eles a vida mais feliz que pudessem desejar.

Que droga, Rico!, sentada na borda da cama, ela praguejou, chorosa. A quem queria enganar, se não conseguia convencer nem a si mesma?

Fraca pelo enjoo, ela resolveu se deitar, mas não conseguiu pegar no sono, pois os pensamentos girando frenéticos em sua cabeça a impediam de relaxar.



Capítulo 36

No caminho de volta para casa, um Toyota saiu da vaga onde estava estacionado, avançando bem na frente do carro de Enrico.

Ele sentia uma necessidade muito grande de uma bebida, mas preferiu não tomar no Bar do Capitão e foi com alívio que avistou o toldo que identificava o estabelecimento comercial no qual pretendia entrar. Deixando o carro estacionado em uma vaga na frente do bar, ele entrou e foi recebido pelo ar abafado e que recendia a tabaco.

Rogério estava atrás do balcão. Ergueu os olhos quando Enrico entrou, moveu a cabeça na direção dele, acenou e depois tornou a virar-se para um aparelho de televisão instalado na parede. Estavam transmitindo a reprise de um programa de teste de conhecimentos com prêmios e ele adorava aquele tipo de programa.

Suspirando, Enrico cruzou o bar e ocupou o lugar na ponta do balcão.

— Uma cerveja.

Rogério desceu do banco, enfiou a mão dentro do balcão refrigerado e pôs um copo e uma garrafa de cerveja diante dele, depois voltou ao seu posto e ao programa da TV. Enrico tomou o primeiro copo em dois grandes goles, quase não sentindo o gosto e com a mão firme, encheu outra vez o copo.

. Emborcou o resto da cerveja e encheu de novo o copo até a borda, puxando-o para si. Perdeu a noção do tempo ali sentado, uma das mãos segurando a quarta ou quinta garrafa, e a outra o copo. Pouco a pouco foram chegando mais fregueses habituais. Enrico se deu conta que a garrafa que abraçava estava vazia no mesmo instante em que notou que o nível das vozes se elevava para competir com a televisão.

As pernas de um banco arranharam o chão perto dele. Olhou de relance para o lado e decidiu que era hora de ir embora.

Enrico virou o último gole da cerveja e o pensamento trouxe a lembrança da discussão que tiveram mais cedo, furando lhe o peito. Nada saíra como tinha imaginado.

Lana. Sua bela Alana. A mulher que amava. A mãe dos seus filhos. Não. Ele não podia se dar por vencido.

Decidido, pagou a conta, acenou à guisa de despedida para o Rogério e deixou o bar.

Meia hora mais tarde, quando Enrico saiu do táxi e cambaleou em direção à casa dela, ele imaginou que se odiaria na manhã seguinte. Mas era com aquela noite que tinha que lidar. Apoiou-se contra o portão e esperou que o chão parasse de girar sob os seus pés. Havia pensado em uma dúzia de coisas que tinha de dizer a ela. Erguendo uma mão, apertou a campainha.

— Vamos, Alana. — Ele tocou outra vez. — Eu sei que você está aí. — Ele viu uma luz se acender lá dentro e continuou tocando. — Vamos, vamos. Abre.

— Enrico? — Do outro lado da porta, Alana colocou o robe e amarrou a faixa na cintura. — Já passa das duas da manhã! O que você está fazendo aqui?

— Eu quero conversar com você. Por favor, me deixa entrar.

— É tarde. Podemos conversar amanhã.

Quando ele tocou a campainha outra vez, ela foi até o portão e destrancou-o.

— Para com isso! Você vai acordar os vizinhos! — Tensa, Alana o deixou entrar e foi surpreendida por uma massa de músculos tombando contra ela. — Você está machucado? O que aconteceu? — Os sinais de alarme que haviam soado mudaram quando ela sentiu o cheiro de cerveja. — Você está bêbado!

— Um pouco. — Ele começou a se endireitar, então se perdeu no perfume dela. — Deus, você cheira tão bem. — E acariciou seus cabelos. — Tem um cheiro delicioso e tentador, Lana. Dá vontade de enfiar meu rosto no seu pescoço e não sair mais de lá.

— Realmente bêbado — disse ela, com um suspiro. — Vamos entrar, eu vou fazer um café forte para você.

— Não quero café. Eu tenho algo para te dizer. — Ele se afastou quando entraram na casa e descobriu que não estava tão firme quanto esperava. — Mas, antes, eu vou me sentar no seu sofá. — Enrico se jogou no assento. — Odeio ficar bêbado.

— Se é assim, então por que você bebeu? — Perplexa, ela o observou.

— Para afogar as mágoas? — Ele se concentrou nela e sorriu. — Você é a mulher mais linda que já vi na vida. Sabe, espero que os nossos bebês se pareçam exatamente como a mãe.

— Eu já gostaria que fossem como você. — Alana queria estar brava com ele, mas Enrico estava tão bêbado e adorável ao mesmo tempo que era praticamente impossível.

— Por que eu não levo você para o quarto e te coloco na cama?

— Eu quero fazer amor com você. Quero tocá-la de novo.

Ela queria aquilo também. Muito. Mas não naquela noite, nem com ele daquele jeito.

— Você disse que queria conversar comigo.

Enrico ignorou o comentário e apanhou suas mãos.

— Você sabe como é tocar sua pele? Eu não consigo descrever, só sei que é suave, delicada. Eu comecei a pensar na sua pele quando estava bebendo no bar do meu amigo, até deixei o carro lá. E fiquei pensando nesses seus olhos grandes que eu adoro e nas pernas longas e lindas que você tem... Sabia disso?

— Não — ela disse baixinho. — Eu não sabia.

Suspirando, Alana inclinou-se para tirar as botas dele e notou que Enrico havia adormecido quando ela se abaixou e beijou-o no rosto.

Na manhã seguinte, quando a ressaca veio, Enrico sabia que seria das piores. Ele não tinha que abrir os olhos, não tinha que se mexer, não quando sua cabeça latejava como se tivesse uma britadeira ligada dentro dela. Ele não tinha certeza de como dera um jeito de chegar em casa e em sua cama.

Cauteloso, quase receoso, ele abriu os olhos e levantou uma das mãos em direção à cabeça. Onde diabos estava? Aquele, definitivamente, não era o seu quarto.

Fazendo um esforço supremo, Enrico se sentou. Quando sua cabeça rodou, ele segurou-a entre as mãos. Olhou para a mesinha de centro e viu uma cartela de aspirinas ao lado de um copo. Agradeceu a boa alma que tivera o cuidado de deixá-los por perto. Pegou dois comprimidos e tomou-os com um bom gole de água. Apoiou a cabeça no encosto e, aos poucos, foi começando a se lembrar da noite anterior, mas ainda não sabia como chegara ali ou quando apagara no sofá da sala de Alana.

Lembrava-se de Eros contando que as duas, Lilly e Alana, iam para o *Bar do Capitão* naquela noite; da sua decisão de ir até lá para vê-la, mesmo que de longe; de, depois de um tempo, encontrá-la conversando com um cara que dava em cima dela de maneira ostensiva e descarada; de quase ter perdido as estribeiras e enchido o babaca pretencioso de porrada; e de só não ter feito isso pela própria Alana. Não seria nada bom para ela, no estado em que estava, vê-lo trocar socos com um otário em um bar e piorar ainda mais a situação entre eles. Também tinha pensado no irmão, afinal, o bar era seu local de trabalho.

Recordava-se de ver Alana sair em disparada do interior do bar, de ele ir atrás dela, de discutirem sob a chuva, de ouvi-la dizer *"sinto muito"*, virar-se e ir embora. Depois disso, desanimado e sem querer retornar para uma casa silenciosa e vazia, ele entrou no carro e decidiu ir para o bar do Rogério, que ficava próximo de onde morava. O resto, com exceção de alguns clarões, resumia-se a um grande borrão.

Abaixando o olhar, Enrico notou que havia um papel com algo escrito sobre a mesinha, ao lado do copo. Inclinando-se para frente, ele pegou-o e leu. Este dizia que Alana tinha saído para dar uma volta, mas que

deixara o café da manhã pronto sobre a bancada da cozinha. Imaginou que ela fizera isso antes que ele acordasse para evitar uma conversa.

Irritado, Enrico amassou o papel, jogou-o em cima da mesa e foi até o banheiro. Tomou uma chuveirada e, quando saiu, a dor de cabeça já havia diminuído e ele se sentia melhor. Vestiu o jeans e pegou uma camiseta sua limpa de dentro do armário do quarto de Alana. Voltou e entrou na cozinha, onde pegou uma fruta da fruteira para o estômago ter com que trabalhar, porque, na verdade, não sentia um pingo de fome, então deixou a casa em seguida.

Alana afastou uma mecha de cabelo do rosto e prendeu-a atrás da orelha. O sol banhava a pele exposta pela saia longa, branca e de cintura baixa, e pelo *cropped* floral com detalhes em renda que deixava a leve protuberância em seu ventre à mostra.

Abraçando a si mesma, virou-se lentamente e acenou com a cabeça para o segurança que a seguia a uma distância discreta, dando a ela, na medida do possível, um pouco de espaço e alguma privacidade. Avançou na direção da praia, seguindo o movimento das ondas do mar sendo açoitadas pelo vento. Ainda a incomodava um pouco ter uma pessoa atrás dela o tempo todo, mas sabia que, enquanto a ameaça existisse, o pai não mudaria de ideia, e a verdade era que começava a se acostumar com a situação.

Marcos, o guarda-costas, apesar de ser um grandalhão, possuir um ar sempre sério e profissional, também era um pai de família amoroso, um homem respeitoso, simpático e muito educado. Do mesmo modo que o outro de nome Francisco, que costumava permanecer dentro ou próximo de onde a SUV ficava estacionada.

Ela tirou as sandálias e subiu um pouco a barra da saia, apreciando o contato da areia fina e morna sob os pés descalços. Havia um lugar para o

brilho e o glamour, mas fazia algum tempo que ela não queria mais esse lugar, porém, só agora tivera certeza absoluta disso.

Durante alguns minutos, ela ficou admirando o mar sob o brilho intenso do sol. Aprendera a amar aquela cidade. A praia. As pessoas. Pensou em Enrico e naquele fim de semana mágico. Pensou nos momentos que vivera com ele e que seguiam vívidos em sua mente. Seguiu andando devagar sob o céu imenso e limpo, uma mão espalmada sobre o ventre.

— Minhas bençõe... Meus bebês...

— Olá — murmurou Enrico, atrás dela.

Ela virou-se rápido, os olhos arregalados, a respiração suspensa. Ele estava parado e olhava-a com um sorriso no canto da boca.

— Rico... — Alana pareceu sair de um transe ao balbuciar seu nome.

— Eu te assustei? — ele quis saber, apreensivo.

— Eu não te esperava. Pensei que já tivesse ido embora — confessou, sentindo uma estranha agitação dentro de si.

Enrico chegou mais perto dela e o cheiro másculo a invadiu. A fragrância conhecida fez seus sentidos dispararem. *Caramba!* Era só olhar para ele, sentir seu aroma, que ela desmoronava. Havia algo nele que a deixava vulnerável e a atraía como abelha ao mel. Os olhos castanhos a estudaram e Alana sentiu um frio na espinha quando ele piscou. *Diabo de homem sensual dos infernos!*

— Como vê, eu não fui, nem pretendo ir — afirmou ele, tocando-a no braço, e uma energia conhecida e que os deixava elétricos disparou.

Alana olhou-o com seriedade. O que ele queria dizer com aquilo? Que tinha pensado, refletido e decidido esquecer o motivo da briga e perdoá-

la? Será mesmo? Suspirando, ela resolveu não se animar tanto, pois temia tirar uma conclusão precipitada e acabar se decepcionando.

— Você não atendeu as minhas ligações, não respondeu as minhas mensagens, não quis falar comigo por todos esses dias, então, aparece na minha casa, de madrugada e bêbado. Desmaia no meu sofá e agora me fala que não vai mais embora? O que significa isso, Rico?

Dando sinais de nervosismo, Enrico passou a mão pelos cabelos.

— Eu não quis falar com você porque estava me sentindo muito mal e precisava de um tempo sozinho para pensar sobre a nossa briga, sobre o que eu falei, sobre o que você disse... Enfim, sobre tudo o que está acontecendo com a gente.

Ela voltou a colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha, que o vento insistia em trazer para frente do seu rosto. Encarava-o em expectativa, enquanto Enrico seguia falando:

— Eu refleti durante esse tempo e algo que aprendi é que o orgulho é uma grande perda de tempo. Muita coisa é reprimida por medo da humilhação. Nós todos somos humanos, não precisamos ser fortes ou estar sempre certos. Nossa humanidade nos permite cometer erros e ser vulneráveis. Eu sei que extrapolei, Lana. Perdi o controle. Fiquei bravo. Falei coisas com a intenção de te ferir, te magoar. Queria que sentisse a mesma dor que eu estava sentindo. Na hora, eu não pensei em você, nem nos bebês, e peço perdão por isso. Fui um ogro insensível. E sei que você precisa estar tranquila, precisa de paz, e não de um cara raivoso e estourado do lado.

Tomada por uma onda de alívio e esperança, Alana respirou fundo.

— Doeu ouvir aquilo tudo de você, não nego, e admito a minha culpa — voltou a falar — sei que você se alterou tanto porque estava ferido e zangado. Mas eu sinto que mudei. Não me vejo mais como aquela Alana

impulsiva, chata e mimada de antes — Deu-se uma pausa e suspirou. — O que nós vamos fazer, Rico? Não podemos seguir brigando e nos machucando desse jeito. Isso não é bom para nós, muito menos para eles — concluiu, abaixando o olhar para a própria barriga.

Enrico seguiu o olhar dela e deixou o seu ali por uns instantes. Elevou a cabeça, estreitou os olhos e encarou o mar ao fundo. Girou o pescoço e voltou a olhar para ela. Projetou o braço à frente e emoldurou a lateral do belo rosto com uma mão, enquanto a outra descia até seu ventre.

— O que vamos fazer? Nós vamos nos policiar e tomar cuidado com o que dissermos um ao outro, porque uma palavra mal dita é capaz de machucar mais que uma surra. Quando alguma coisa nos incomodar, surgir uma situação ou um problema, antes de tudo, vamos sentar e conversar. E como eu disse antes, amar implica em confiança, mas, também, em respeito, companheirismo e desejar o bem do outro — Ele moveu o polegar até o queixo dela e levantou o seu rosto — Então, mulher da minha vida, vamos fazer o seguinte: prosseguiremos com os nossos planos de casamento em uma cerimônia singela e rodeados por nossos entes queridos; esperar com ansiedade, expectativa e alegria a chegada dos nossos pequenos, e eu vou estar lá, segurando a sua mão quando for a hora de recebê-los; e vamos criá-los com todo o amor que já sentimos por eles... ou elas — retificou e sorriu. — Vamos ser felizes, os quatro, Lana. O que acha?

Inclinando a cabeça para o lado, ela esfregou a bochecha na mão quente, relaxou e fitou-o com um ar divertido no rosto.

— Eu... hum... acho que é um bom plano.

Descrente, Enrico arregalou os olhos, jogou a cabeça para trás, e o seu peito começou a vibrar enquanto ele gargalhava.

— Bom?! Lana, este é um ótimo plano. O melhor! — Sem se conter, ele a puxou em direção ao seu corpo, abraçando-a. Alana estremeceu com a proximidade. — Eu tenho mil defeitos, mas eu te amo e quero ficar com você para sempre. — O timbre gutural ressoou muito próximo de seu ouvido.

— Eu desejo o mesmo que você, amor da minha vida! — Alana fez coro à declaração dele. Tocou sua face com as pontas dos dedos numa carícia gentil, enlaçou o pescoço forte com os braços, suspirou, rendida, e beijaram-se. Não foi um beijo apaixonado, mas um suave, íntimo, como um leve roçar de lábios, com o som cadenciado do vaivém das ondas quebrando na areia, servindo de trilha sonora para aquele momento especial e só deles.



Capítulo 37

Os dois tinham acabado de chegar da praia e agora encontravam-se parados diante da porta da casa de Alana. Com um sorriso preguiçoso e encostado na soleira, Enrico fitava o rosto de traços harmoniosos, os lábios suculentos como a mais tenra e deliciosa das frutas, pensando que era aquela mulher linda, deslumbrante e que o encarava com os olhos brilhantes que desejava ter ao lado até o fim de seus dias.

Alana sorriu de volta e não pensou duas vezes antes de se atirar nos braços dele, descansando a cabeça no peito largo. Estava feliz demais por terem feito as pazes e adorou escutar seu coração batendo tão forte e rápido quanto o dela. Sentiu sua mão lhe afagar as costas e subir até os cabelos, que ele afastou gentilmente para o lado, liberando o ombro esquerdo. Deixando cair o rosto, os lábios e os dentes dele roçaram a pele sensível do pescoço e subiram pela parte de trás da orelha, provocando um arrepio gostoso que percorreu pela espinha.

Enrico abaixou-se e, apoiado em um joelho, acariciou a barriga de Alana com as mãos antes de depositar ali um beijo delicado. Foi um instante de ternura e um momento que ela havia desejado ardentemente voltar a vivenciar. Abaixou a vista e afundou as mãos nos cabelos escuros dele, que levantou a cabeça para ela. O olhar que Enrico lhe dedicou fez seu coração quase parar de bater e suas pernas tremerem.

Alana não estava obcecada com seu corpo, como acontecia com várias mulheres grávidas. Na realidade, gostava das novas curvas. Em muitos aspectos, estava melhor. Sua pele resplandecia, os seios tinham crescido e a fascinava a saliência arredondada em seu ventre.

— É linda! — Enrico disse com a voz rouca, como se tivesse lido seu pensamento.

Lentamente, ele ficou de pé e afundou as mãos em seus cabelos, exibindo um sorriso de provocação; a chama do desejo incontrolável flamejava em seus olhos. A mão grande deixou seus cabelos e desceu, traçando o caminho pela bochecha, desenhando o queixo com as pontas dos dedos, fechando-os nele. Mantendo-a segura, Enrico a fez encará-lo e ela se perdeu em seu olhar. Passou a língua pelos lábios e semicerrou os olhos.

Alana excitou-se com seu toque. Os seios pareceram aumentar de tamanho e sentiu os bicos endurecerem. Ficara quase duas semanas sem ele e estava tão saudosa e sensível que o corpo respondia ao seu cheiro e toque de imediato.

— Rico... — O tom que usou para chamá-lo soou como a súplica de um sedento ao se deparar com um oásis no deserto. — Me beija... — A cabeça estava um pouco inclinada para o lado, numa atitude provocante, e os olhos escuros faiscavam.

Enrico parou um instante para observá-la e reparou no brilho inquietante nos olhos que sondavam o seu rosto.

— Achei que nunca fosse pedir — disse e deslizou o polegar devagar entre seus lábios, deixando um caminho de fogo por onde passava, fazendo-os tremer em uma doce tortura.

O toque suave dos lábios dele lhe provocou um estremecimento involuntário. Passaram pela porta e entraram na sala, rodando e atrapalhando-se com o entrelace dos pés. Enrico virou o tronco, fechou a porta e, quando se voltou, foi envolvido pelos ombros. Alana ergueu a cabeça e ficou nas pontas dos pés, pois ele era uns bons vinte centímetros mais alto do que ela. Ele voltou a tomar sua boca e ela se entregou, ronronando feito uma gata. Amava aquele homem com tudo o que havia nela.

Enrico passou de um toque suave para um apaixonado. Num instante, bocas famintas se procuravam; mãos afoitas exploravam os corpos cheios de desejo e saudade; gemidos mal contidos escapavam de seus lábios. Pouco depois, quando separaram as bocas, estavam ofegantes e em busca de ar. Alana espalmou as mãos em seu peito, desejando sentir o calor de sua carne, dos músculos firmes e palpitantes sob os dedos.

De repente, Enrico a pegou pela cintura e a virou. Ela mal se deu conta e já estava sentada no colo do homem, os joelhos separados, um de cada lado das coxas dele e apoiados no sofá. Curvou-se para frente e rebolou, provocando-o. Procurou por sua boca, pois queria sentir seu gosto de novo, mas ele jogou a cabeça para trás, evitando seu beijo, e a boca aberta dela resvalou pelo queixo dele. Alana mordeu a pele de leve, sentindo os fios macios da barba pinicarem sua língua.

Enrico deu o troco e seguiu provocando-a, mas ela não desistiu e tentou beijá-lo, de novo e de novo, até que o viu se render. As mãos abarcaram os seios, os dedos amassavam e moldavam a carne, os polegares giravam e se fechavam sobre os mamilos ultrassensíveis. Era uma carícia gostosa e dolorosa. Dor e prazer misturados. E o resultado foi ela se acender ainda mais do que já estava. A boca dele se moveu faminta sobre a dela, que sentiu um calor descer pelo estômago e barriga, terminando por se alojar no meio de suas pernas.

— Nossa, como você é gostosa — murmurou Enrico, abrindo o decote da blusinha quase a ponto de rasgá-lo. — Quero dizer, eu sei que é, mas, hoje, você está mil vezes mais — disse, tirando um seio para fora e abocanhando-o, fazendo-a soltar um gemido ao lamber e mordiscar o mamilo, aumentando a pressão, sugando, chupando, deliciando-se como se fosse a primeira vez que o fazia.

Enlaçando-o pelo pescoço, Alana forçou sua cabeça para baixo. Ele abriu mais a boca, tomando o seio por inteiro. Gemeu, mas não se deteve, e logo fez o mesmo com o outro, juntando-os e sentindo o peso deles nas palmas das mãos, encarando-os por um longo momento antes de voltar a reverenciá-los com a língua, lábios e boca. E ela pensou que nunca o tinha visto com tanta fome e desejo antes.

— Você estava mesmo com saudades deles — sussurrou, ofegante, perto do seu ouvido.

— E não só deles. De você inteira. Sente só o que faz comigo — pediu e moveu a pélvis para cima, fazendo-a sentir o quanto estava excitado. Sim, o seu homem estava deliciosamente ereto. — Você me deixa cada dia mais louco, sabia?

Alana fez que sim com a cabeça. Algo tinha mudado entre eles. Sempre tinham feito amor de maneira intensa e apaixonada, mas o Enrico que tinha ante ela era… diferente. Olhava-a como se estivesse a ponto de devorá-la; como se a desejasse mais do que jamais tivesse desejado a nenhuma outra mulher. Nesses momentos, não havia nada despreocupado na maneira como a tocava: autoritário, mesmo assim, doce e terno. Reverente.

Enrico segurou possesivamente a nuca com a mão em concha e a atraiu para beijá-la de novo. Depois deslizou os lábios até a orelha e lambeu um lóbulo, provocando grandes ondas de desejo que desciam até a pélvis dela. Os músculos internos de Alana se esticaram e ela suspirou. A mão dele se enfiou por baixo da saia dela, imiscuindo-se para dentro da calcinha. Com o dedo médio, ele percorreu suavemente toda a extensão de sua boceta, abriu os grandes lábios e localizou seu ponto mais sensível, começando a massagear o órgão durinho e lubrificado, com movimentos lentos para frente, para trás e ao redor dele.

Entregue, Alana sentiu seu corpo todo estremecer e viu um leve sorriso carregado de sensualidade curvar os lábios bem-feitos, deixando entrever uma fileira de dentes brancos e alinhados. Reparou na covinha charmosa na bochecha dele e que a barba aparada não conseguia ocultar. Enrico puxou-a mais para ele e beijou-a na boca. Ela retribuiu com a mesma fome que percebia nele e que se igualava à dela. Com a outra mão apoiada no centro de suas costas, a boca do homem desceu aberta e percorreu seu ombro e pescoço, deixando uma trilha de beijos sobre a pele escaldante.

— Eu sei o quanto seu sofá é confortável, mas acho melhor irmos para o quarto — sugeriu ele, impulsionando o corpo e pegando-a no colo.

Com as mãos espalmadas na bunda da mulher, ele andou pelo corredor que levava ao quarto principal da casa.

Enganchada nele, Alana deixou as mãos vagarem pelo seu peito, rosto e cabelos. Com a boca sedenta procurando saciar-se na dele, só percebeu que estavam no quarto quando ele a soltou e a deixou escorregar, raspando o corpo curvilíneo no dele, até que sentiu a frieza do piso sob os pés. Ela levou as mãos até o fecho lateral da saia, contudo, as mãos trêmulas e a ansiedade para se livrar da roupa não a ajudavam a realizar a tarefa.

Sem uma palavra, mas com um sorrisinho de canto e um toque de malícia no olhar, Enrico virou-a de costas para ele. Em segundos, Alana ouviu o descer do zíper seguido do farfalhar do tecido deslizando e caindo aos seus pés. Sentiu os dedos dele tocarem sua pele nua e a boca, os lábios e a língua seguirem o mesmo percurso enquanto a despia.

Provocante, ela afastou-se e tirou a blusinha, logo começando a tirar a lingerie. Primeiro, o sutiã, e depois a calcinha, jogando esta última na direção dele. Enrico pegou a minúscula peça de renda no ar, apertou-a na mão e levou-a até o rosto, inalando seu cheiro. A maneira erótica como fez isso, encarando-a com fogo no olhar, deixou-a ainda mais louca de desejo.

— Senti sua falta — ele murmurou ao conduzi-la para a cama, com a delicadeza de quem cuida de uma carga preciosa e rara.

Alana deitou-se e se alongou, jogando os braços acima da cabeça. A posição empinou seus seios como se fossem uma oferenda, pois sabia o quanto Enrico gostava deles. Durante um longo momento, ele não fez mais que contemplar seu corpo.

— Eu também. Muita. Demais — sussurrou ela, elevando-se apenas o suficiente para sugar a carne macia e tenra do lóbulo da orelha dele.

Como se não suportasse a ideia de deixar de fazê-lo, ele beijou-a outra vez antes de se afastar e, com mãos trêmulas, começar a tirar a roupa.

Alana analisava-o enquanto ele se despia com desenvoltura sob seu olhar vidrado, deleitando-a com aquela visão magnífica. A escultura mais perfeita ganhava vida diante dela.

Enrico jogou a um lado a camiseta e os braços fortes, os ombros largos e os músculos da barriga definida a atraíram e a fizeram desejá-lo ainda mais, se é que isso era possível. Seu Grandão se avolumava em torno dela, fazendo-a sentir-se pequena, frágil e protegida. Alana mordeu o lábio quando ele começou a descer o zíper do jeans e quase gemeu ao vê-lo se desfazer da calça e da cueca com um puxão impaciente. Deslizou o olhar até a virilha e não pôde evitar suspirar de admiração ante a rígida e potente ereção.

Subindo na cama, Enrico apoiou-se nas mãos e abaixou o corpo, deslizando uma perna entre as coxas femininas. Alana o recebeu envolvendo seu torso, abraçando os quadris estreitos com as pernas e unindo os calcanhares na base das costas largas, fazendo a ponta do pau tocar seu baixo-ventre. Ela o sentiu passear entre os grandes lábios e pairar sobre o clitóris, fazendo pressão no pequeno órgão. E a sensação era tão gostosa que ela não foi capaz de reprimir um gemido de prazer mais alto. Em seguida, sugou o ar com força e prendeu o fôlego, na expectativa de tê-lo inteiro dentro de si.

Posicionado na entrada dela, Enrico impulsionou o quadril para frente, alargando, abrindo caminho e sentindo o membro ser envolvido pelo calor aconchegante dos músculos internos. Não importava quantas vezes tivessem feito sexo antes, com Alana tinha sempre um sabor de primeira vez. Girou o quadril para se acomodar melhor e iniciou os movimentos, o balançar do corpo, o ir e vir erótico. Por algum tempo dentro daquele quarto, apenas se ouviam os gemidos, o ofegar de ambos e o som incessante dos golpes dos músculos duros contra a carne macia.

Então ele a beijou, a venerou e a amou, e quando deu por si, Alana tinha Enrico por todos os lados: em sua boca, dentro de si e sob sua pele. Tinha Enrico fodendo seu corpo e fundindo-se à sua alma. E ela adorava ter aquele corpo másculo e pesado golpeando o seu, movendo-se e arremetendo incansável dentro dela. Uma mão apertava seu seio, a outra agarrava a carne tenra de sua bunda, os dentes raspavam sua garganta enquanto ele sussurrava safadezas em seu ouvido.

Enrico costumava ser atencioso e carinhoso no sexo, mas algumas vezes se deixava dominar pelo desejo e pela luxúria. Ela gostava quando o Grandão libertava e deixava vir à tona o seu lado selvagem. Amava aquele fogo e a pegada mais bruta, por isso rebolava e gemia ao se sentir preenchida, deixando-o saber o quanto apreciava ser tomada daquele jeito.

Depois de algum tempo, Enrico afastou-se para lhe dar espaço e pegou-a pela cintura, a fim de ajudá-la a mudar de posição.

— Fica de quatro — comandou, e Alana prontamente obedeceu.

Mesmo prendendo o lábio inferior entre os dentes, Alana não foi capaz de reprimir um gemido alto quando Enrico, de joelhos atrás dela, voltou a penetrá-la de uma só vez, retomando o ritmo alucinante de antes. Os golpes faziam seus cabelos caírem para o lado e os seios balançarem para frente e para trás.

Ele seguiu investindo, entrando e saindo com vigor, o corpo masculino indo de encontro ao feminino. Seu membro duro, rijo pulsava, as mãos a seguravam com força, enterrando os dedos na carne, a respiração cada vez mais curta e intensa. Ondas crescentes de calor faziam o sangue se acumular na ponta do pau dele e no clitóris dela. As peles estavam aquecidas, coradas, suadas. Alana sentiu o líquido da sua excitação escorrer pelas coxas.

— Oh... — gemeu ela, sem conseguir se conter por mais tempo. A fricção constante e o ritmo cada vez mais acelerado eram demais para suportar.

Enrico seguiu estocando, murmurando palavras ininteligíveis e unindo-se a ela na explosão dos sentidos, numa conexão rara, pura, profunda e transcendente. A alma sobressaiu-se à matéria e, num instante, o prazer da carne os atingiu, quebrando, dilacerando, e ambos sentiam-se como se tivessem alcançado o próprio nirvana.

Os corpos suados deslizaram um sobre o outro, as mãos unidas, os dedos entrelaçados, o torso dele colado nas costas dela. Então, ficaram moles e relaxados. Pouco tempo depois, Enrico se retirou e saltou da cama em direção ao banheiro, mas logo voltou exibindo toda aquela masculinidade devastadora. Os músculos ondulavam conforme ele andava e deitada de costas, Alana o seguindo com os olhos. Nu, ele deitou de lado na cama, ficando de frente para ela. Com o braço flexionado, apoiou a cabeça em uma das mãos.

— Eu te amo, Enrico Magalhães — declarou Alana, fitando-o, apaixonada.

— Eu te amo, Alana Di Fiori — repetiu ele, e com um dedo, traçou um caminho invisível da testa até o queixo dela.

Era fim de expediente quando Alana puxou a alça da bolsa para cima do ombro e aspirou a brisa fresca do ar noturno e ameno de Bendita Luz. Com os olhos, localizou seu carro no estacionamento e encaminhou-se para lá. Quando o alcançou, Francisco, o guarda-costas, estava ali, segurando a porta aberta para ela, que entrou, jogou a bolsa no banco do carona e acomodou-se na direção.

Lembrou-se de que tinha acabado de ser colocada a par da investigação que iniciaram com o intuito de descobrir quem era o ladrão que estava desfalcando a construtora. Depois de uma minuciosa e exaustiva varredura no sistema pela empresa contratada, descobriu-se como funcionava o esquema de desvio de dinheiro: um contrato era firmado entre um fornecedor e a *Di Fiori* e pedidos parciais eram feitos em cima dele durante seu período de vigência. Quando o material de um determinado pedido ficava pronto e a nota fiscal era emitida pelo fornecedor, seu valor vinha superfaturado. Quem recebia a nota, substituía o orçamento e o contrato verdadeiros, por vias com valores e assinaturas adulteradas, fazendo os números casarem e enviava a nota para a área financeira. Após o pagamento ser efetuado, o fornecedor transferia parte da diferença para uma conta aberta unicamente para esse fim, e os envolvidos a dividiam entre si.

Só faltavam descobrir os nomes dos envolvidos na fraude. Depois de muito pensarem, George e Alana chegaram à conclusão de que, além deles e de Sérgio, uma dessas pessoas deveria ser a que tinha acesso aos documentos confidenciais e poder para esquematizar um desvio como aquele. E devia ser o responsável por receber e conferir todos os orçamentos e contratos. Tinham fortes suspeitas, mas ainda não possuíam as provas necessárias para desmascará-los e mandá-los para a cadeia. Contudo, pelo que ela soube, isso não estava longe de acontecer.

Desviando os pensamentos para um assunto mais leve e agradável, Alana calculou que teria menos de uma hora para se arrumar e ir ao encontro marcado com Enrico. Respirou fundo, já planejando o que usaria: um par de jeans confortáveis, uma blusinha básica e uma jaqueta leve para o caso de a temperatura cair.

Valendo-se das estradas que contornavam a cidade, já que as noites de sexta-feira às vezes tinham um pouco de trânsito, Alana levou dez

minutos para chegar. Desceu do carro e passou pelo portão antes que Marcos pudesse entrar primeiro e liberar os cômodos, enquanto Francisco verificava o perímetro ao redor da construção. Adentrou a sala e foi direto para o seu quarto.

Depois de um banho relaxante, tirou as peças de roupas escolhidas do armário e segurou-as diante de si, virando-se para o espelho. Usaria sandálias sem saltos, decidiu. Tomada a decisão, ela se vestiu, secou os cabelos e adicionou um par de brincos simples que combinavam com o visual despojado.

Pôs o celular no bolso da jaqueta, pegou a *nécessaire* contendo seus itens pessoais, uma muda de roupa e colocou-as dentro de uma bolsa, já que passaria a noite na casa de Enrico depois de jantarem juntos.

Então ele surgiu na porta do quarto.

— Olá, Alana.

— Samuel?

Ai, meu Deus!



Capítulo 38

Petrificada, Alana congelou no lugar por alguns instantes.

— O-o que você está fazendo aqui? Como conseguiu entrar? — indagou, levando o olhar para além da porta entreaberta.

Quando notou que ele caminhava em sua direção, Alana recuou um passo, escapando dos dedos do homem.

— Dei o meu jeito e vim por você, é claro.

— Não estou entendendo — disse ela, recuando um pouco mais, com o medo sufocando seu peito.

— Nunca entendeu, não é mesmo? Acho que nós dois precisamos ter uma longa conversa, só que mais tarde. Agora vamos.

— Eu não vou a lugar algum com você.

Com um gesto aparentemente casual, Samuel colocou um braço atrás de si e puxou uma arma.

— Vai, sim!

Alana achou que aquele revólver apontado para ela era tão inacreditável quanto o restante da cena.

— Vai atirar em mim? Enlouqueceu?

— Nós só vamos conversar. Agora vem, e sem dar um pio.

— Eu não vou! — O medo pareceu atravessar o corpo de Alana como uma faca afiada encontrando um osso.

— É claro que vai. — Samuel gesticulou com a arma para a porta do quarto. Enquanto desciam as escadas e saíam da casa pela porta dos fundos, ele encostou o cano da arma na lateral do corpo dela. — Vamos dar uma voltinha no meu carro. — Ele deu um beijo em sua testa e Alana estremeceu, enojada.

— Para onde vamos?

— Para um lugarzinho que eu conheço. Tranquilo... Isolado... Exatamente o que precisamos para uma conversa sem o risco de sermos interrompidos. Você vai dirigir.

— Por que está fazendo isso? — Samuel não respondeu, em vez disso, a empurrou para fora da casa. — Eu nunca fiz nada para você.

— Ande! E não pense em gritar e alertar aqueles brutamontes. Se o fizer, eu te dou um tiro na barriga antes que um deles descubra o que aconteceu e venha te ajudar. Eu soube que é um jeito bem doloroso de morrer — ameaçou, encarando-a com frieza.

Alana pousou a mão sobre o ventre em um gesto automático de proteção.

Não! Os meus bebês não!

— Como vou dirigir, se não sei para onde vou?

— Não se preocupe com isso. Vamos deixar este buraco que vocês chamam de cidade — instruiu Samuel, impassível. — Se reagir, Alana, eu te mato e vou atrás do seu querido *Rico*. Trabalhei e esperei demais para você estragar tudo. Agora todos estão atrás de mim, e por culpa sua! — A voz dele sibilou em seu ouvido. O tom revelando sua fúria. E a ameaça explícita fez o sangue de Alana gelar.

— Então é você a pessoa que está roubando a empresa do meu pai?! É disso que se trata? Tudo isso por dinheiro? — indagou com raiva, mas o medo começou a substituí-la quando Alana examinou a expressão distante do homem, procurando desesperadamente algum sinal de compaixão e não encontrando nada.

— Tudo sempre se trata de dinheiro. — Uma animação e uma luz irradiaram de seus olhos, mas Alana sabia que ela era inclemente e falsa. — Tudo sempre se trata de dinheiro — repetiu ele —, mas adoro a adrenalina. Saber que você é a pessoa mais inteligente de uma sala, de qualquer merda de sala. Saber que, se você quiser algo, pode ter.

— Mesmo que pertença a outra pessoa?

— Especialmente, sua idiota, se pertencer a outra pessoa. Esse é o segredo da adrenalina. — Samuel lhe lançou um sorriso largo.

— Acha que eu me importo? Pode pegar tudo e desaparecer!

— Ah, eu vou fazer isso. Segunda-feira de manhã. Enquanto isso, vamos passar um tempo juntos. Só faça o que eu disser e vai ficar tudo bem.

Alana tentou conter as lágrimas com todas as forças, suas entranhas se revirando de náusea e de medo.

— Eles vão procurar por mim.

— E não vão te encontrar. — Fazendo uma careta, Samuel pressionou a arma em suas costelas. — Meu Deus, sua vadia idiota, acha mesmo que enganei todo mundo por todo esse tempo, mas não consigo passar um dia despistando um monte de idiotas? Agora anda! Não queremos que a arma dispare sem querer — completou com cinismo.

Todos os órgãos dentro dela pareceram se contorcer, mas Alana forçou-se a manter-se o mais calma possível diante da situação.

— Você é um ladrão, um golpista — replicou, tentando não deixar transparecer o terror que sentia.

— Isso mesmo, querida — retorquiu o homem, os olhos se apertando em fendas estreitas, o rosto contorcido. Mas ele logo desviou o olhar, incapaz de encarar qualquer um por muito tempo, e subitamente sua careta se transformou em um sorriso. — Eu sou muito bom no que faço.

— O que aconteceu para você se transformar de um engenheiro bem-sucedido em um ladrão? — Alana perguntou, tentando mantê-lo distraído, falando enquanto enfiava uma das mãos no bolso da jaqueta.

— Eu não tive escolha. Fiz uns investimentos e negócios que deram errado. Perdi muito dinheiro, precisei hipotecar minha casa e peguei empréstimos na mão de gente muito perigosa e que me ameaçaram caso eu não pagasse. Mas nós vamos conversar sobre isso. Aliás, temos muito o que conversar — repetiu Samuel, encarando-a com um brilho maligno no olhar.

Cutucou-a com a arma e obrigou-a a caminhar na direção de uma saída lateral no muro que circundava a casa. Alana tentou não ficar histérica e torceu para estar digitando as palavras certas. Desesperado e enlouquecido como estava, acreditava sinceramente que Samuel seria capaz de matá-la antes de fugir e sumir do mapa.

— Anda logo! Pensa que não sei o que está fazendo? Mas não vai dar certo. Fui cuidadoso e me escondi direito. Ninguém me viu entrar. Meu Deus, como você é lerda! E você e aquele *Rico*? Acha mesmo que aquele babaca com quem está fodendo vai ficar com você?

— Ele me ama. — Dizer isso, saber disso, a ajudava a manter o controle. *Nós vamos nos casar e seremos muito felizes com os bebês que estou esperando*, repetiu para si mesma.

— Ama? Você é gostosa. É só isso que é e sempre vai ser. Uma mulher fácil e gostosa que toma banho pelada numa cachoeira no meio do mato.

Alana congelou e lentamente levantou a cabeça. Como ele sabia disso? Só se...

— Você nos seguiu até o chalé e ficou nos espionando?

— Eu poderia ter matado os dois lá mesmo. — Samuel levantou a arma e apontou para a cabeça dela. — Pá, pá. Mas não o fiz, porque queria que parecesse um acidente.

— Você está por trás disso também? Você é um monstro! — Ela pausou. — Seu plano deu errado. Nós sobrevivemos.

— Tiveram sorte, mas não se preocupe, já bolei uma solução. Sempre bolo.

Alana pensou e começou a bolar seu próprio plano. Teria que encontrar um meio de atrasá-lo e dar tempo para que os seguranças pudessem alcançá-los.

Enquanto isso, na frente da casa, Francisco desceu da van e se aproximou do portão da frente para falar com Marcos.

— Onde ela está?

— Lá dentro. Ela me enviou uma mensagem dizendo que estava saindo. — Olhou para o relógio no pulso. — Mas já deveria ter descido.

— É melhor ir ver como ela está, enquanto isso vou verificar a área ao redor da casa e conferir se está do em ordem.

Marcos fez sinal de positivo com a cabeça e virou-se para entrar na casa. Talvez fosse pelos anos de experiência, mas, de repente, uma sensação ruim o envolveu como névoa. Tirou o telefone do bolso, pensando em ligar para ela, mas o aparelho apitou, sinalizando o recebimento de uma mensagem.

— É dela.

— Pronto. — Francisco deu um tapa amigável no braço do companheiro. — Imagino que seja para avisar que está vindo.

Mas quando Marcos abriu a tela, não foi isso o que leu. Olhou rapidamente para o companheiro e os olhos de Francisco se tornaram frios de imediato.

— O que houve?

— Ela está com algum problema. — Marcos mostrou o telefone.

“Samuel tm arma saída fundos.”

— Esse é o nome do cara que a assediou no *Bar do Capitão*. Ela me falou dele, que tinha arrepios quando ele chegava perto — contou Marcos, com o semblante preocupado.

Francisco assentiu, a expressão sombria.

— Vamos fazer da seguinte maneira: você sai, dá a volta na casa e liga para a polícia. Enquanto isso, eu vou pelos fundos. Mas vai com muito cuidado, porque, pela mensagem, o cara é perigoso e está armado.

— Certo — confirmou Marcos, e se separaram.



Alana e Samuel chegaram ao portãozinho dos fundos da casa e estavam a ponto de sair para a rua. Podia ser uma loucura, e das grandes, mas ela não estava disposta a ir para lugar nenhum com aquele idiota. Precisava fazer alguma coisa, e logo. Samuel estava seguro demais e isso poderia ser algo a seu favor, pois a última coisa que ele esperava era algum tipo de resistência por parte dela. Não com uma arma apontada para ela e depois de todas aquelas ameaças.

Quando um carro passou rápido por eles, Alana aproveitou o momento de distração, virou e chutou com toda a força que possuía, mirando sua virilha. Quando Samuel gritou, ela soube que tinha acertado e se viu diante de duas opções: poderia tentar pegar a arma ou correr para a rua. E estava irritada demais para correr. Mas enquanto tentava pegá-la, Samuel a disparou e o som ecoou em seus ouvidos, deixando-a surda por alguns segundos.

Nervoso e cego de raiva, ele grudou em seus cabelos, causando uma dor debilitante no couro cabeludo. Alana bateu com o cotovelo em um ponto macio e soube que o machucara, que causara dor. Mas ele estava tão irritado quanto ela e a mandou voando para a calçada.

— Vaca! Sua vaca! — xingou, andando lentamente em sua direção. — Não vou te matar agora. Primeiro, vou te machucar.

Alana se preparou para a dor, mas então olhou em choque quando viu um braço envolver o pescoço de Samuel com força, puxando-o para trás, enquanto com o outro tentava fazê-lo largar a arma. Seguiram-se sons horríveis; gemidos, rosnados, o estalar de um punho contra um osso. E ela viu quando a mão de Samuel se abriu, deixando a arma cair e escorregar pelo chão até parar perto dela. Por instinto, Alana mergulhou para pegá-la, quase a deixando escapulir de suas palmas trêmulas. Nesse momento, Samuel conseguiu acertar uma cotovelada no estômago de Francisco e se desvencilhar do abraço dele por alguns instantes.

— Samuel?! — Alana gritou para chamar sua atenção, a fim de dar tempo ao segurança para se recuperar. Quando a cabeça dele se virou na sua direção, ela imaginou como seria a imagem de si mesma vista por aqueles olhos arregalados.

Mostrando os dentes, ele soltou uma risada curta.

— Você não teria coragem — desafiou e pulou em cima dela.

Tudo não levou mais do que alguns segundos, e quando Alana voltou a si, estava ajoelhada no chão, segurando a arma esticada na frente do corpo com as duas mãos. Seus olhos estavam frios e determinados, o rosto tornara-se corado, os cabelos castanhos eram um emaranhado só, dando-lhe um aspecto selvagem. De súbito, notou que seus braços tremiam, então os abaixou.

— Eu acho que o matei...

Francisco se aproximou o suficiente para tirar a arma de seus dedos rijos.

— Ele machucou você?

— Não tanto quanto gostaria. Ele disse que me mataria se eu não obedecesse. Disse que iria atrás do meu noivo. — Alana olhou para Marcos, que chegara e agora pressionava os dedos contra a garganta de Samuel. — Eu precisava protegê-lo. E os nossos bebês. Ele morreu?

— Ainda respira, mas está por um fio. Só Deus e os médicos para dizerem se vai sobreviver — Marcos respondeu.

Francisco agachou-se para olhar a cliente nos olhos.

— Você fez o que tinha que ser feito.

Os olhos de Alana perderam a determinação, tornaram-se vítreos e cheios de lágrimas. Então Francisco ficou de pé e, com cuidado e em um gesto gentil, ajudou-a a fazer o mesmo.



Capítulo 39

Alana dormiu profundamente por um longo tempo. Sentia-se melhor e aliviada depois de ser examinada pelos paramédicos, por insistência de Enrico e do pai, e saber que a queda não prejudicara em nada a sua gravidez.

O sol brilhava alto no céu quando acordou, iluminando as gotas da tempestade que caíra enquanto descansava. Escorregou da cama e andou até o banheiro. Fez uma careta quando viu o reflexo no espelho, observando os pontos roxos e inchados. E fez outra, desta vez soltando um gemido de dor, quando pressionou os dedos no hematoma em seu braço. Lembrou a si mesma de que logo desapareceria. Não permitiria que Samuel deixasse uma marca nela.

Ouviu vozes no andar de baixo enquanto descia as escadas. Seguiu o som até o terraço onde se deparou com Enrico, sorrindo de algo que Bella lhe dizia, enquanto seu pai mostrava o desenho da cabeça de um tigre, sua

mais recente tatuagem, no seu pescoço e logo abaixo do queixo para um Eros fascinado. Levando os olhos para a mesa, viu que Bella preparara uma bandeja bonita.

— Mas que festa! — declarou, tentando parecer animada.

Todas as conversas pararam e todos os olhos se voltaram para ela.

— Ah, meu amor, eu ia levar café na cama para você. Precisa descansar — disse Enrico, levantando-se e indo ao seu encontro.

— Descansei enquanto dormia e agora me sinto bem. Nós estamos bem — assegurou, referindo-se a si mesma e aos bebês em seu ventre.

Esticando-se, deu um selinho nele e pegou um pedaço de pão da bandeja, mesmo sem apetite, para fazê-lo sorrir.

Ficando de pé em um pulo, Lilly lhe deu um abraço apertado.

— Você me assustou, Alana. Nunca mais faça isso de novo.

— É a melhor promessa que já fiz.

— Sente-se aqui — ordenou o pai. — Quero dar uma boa olhada em você.

— Sim, senhor. Onde está o Pietro?

— Está com a Maria José, brincando no quintal. — Bella sorriu. — Pensamos que você fosse dormir mais.

— Estou feliz por estarem aqui. Que bom que acordei a tempo de encontrar todos vocês. — Alana olhou para Enrico e este sorriu para ela, mas apertou sua mão com força. Então, sentou-se para que o pai pudesse olhar bem para ela.

— Já melhorou.

E muito, pensou ela.

— O Samuel apertou o meu braço e puxou meus cabelos como se aquilo fosse uma briga de mulher. No geral, tentou me machucar usando as palavras. Não conseguiu. Nada que pudesse dizer iria... Ai, meu Deus, esqueci de novo! Tem algo que preciso contar...

— Nós já sabemos — George a interrompeu. — Eu já tinha dividido as nossas desconfianças com o detetive e este entrou em contato com a polícia. Ontem mesmo, foram até a casa de Samuel e confiscaram seu notebook pessoal e outros documentos. Encontraram provas do esquema do roubo na empresa; nomes, datas, valores... Inclusive os dados da conta bancária que usavam para transferir o dinheiro.

Desanimando, Alana deu uma mordida no pão.

— Sim, também, mas era ele quem estava por trás do nosso acidente na estrada. Samuel nos seguiu até o chalé naquele fim de semana, só não sei se foi ele mesmo quem nos tirou da estrada. Se não foi ele em pessoa, devia estar por perto. Era isso o que eu vivia esquecendo de falar.

— Aquele desgraçado! — Enrico soou furioso, mas logo procurou se acalmar, pois agora tudo estava na mão da justiça.

— Conte a ela o restante da história, George. — Bella o cutucou. — Ainda não consigo acreditar.

— Que restante? — O estômago de Alana embrulhou, então ela pegou uma bolacha de água e sal de um pratinho na bandeja. — O Samuel morreu? Eu o matei?

— Não era essa parte do restante. Ele está vivo. Os médicos disseram que tem boas chances de se sobreviver.

Fechando os olhos, ela suspirou. Fizera o que tinha de ser feito, como o segurança dissera, mas, por Deus, não queria uma morte na sua consciência. Nem mesmo a dele.

— Ele vai ficar bem?

— Parece que sim. Vai poder passar muitos anos atrás das grades. Dizem que é praticamente certo que vai se recuperar — respondeu George.

— Eu não o matei. Não tenho que viver sabendo que o matei. — Alana fechou os olhos de novo. — Mas Samuel vai para a prisão. E não vai sair tão cedo.

— Ele nunca mais vai encostar um dedo em você — afirmou Enrico.

— Conte a ela a parte boa — insistiu Bella. — Já chega de falarmos sobre esse homem nesta casa.

— Ele passando um bom tempo na prisão é uma parte ótima — disse George, mas deu de ombros. E então sorriu. — Conseguimos recuperar uma parte do dinheiro roubado e dois dos comparsas dele foram identificados, estão sendo investigados e em breve todos eles serão presos.

— Não consigo nem imaginar isso. A ficha ainda precisa cair. Não acredito que vamos ficar livres daquela ameaça sobre as nossas cabeças.

Quando Alana começou a chorar, Enrico a abraçou.

— Quero que coma um pouco e depois descanse. Vai ficar tudo bem.

Mais tarde, Alana foi para casa com o homem que nunca a machucaria. E como queria aproveitar a companhia dele, os dois ficaram sentados na varanda de sua casa por um longo tempo.

— Tantas coisas passaram pela minha cabeça ontem, com o Samuel me ameaçando. Só estou tocando no assunto para contar que papai ligou para o hospital. Ele sobreviveu e quer fazer um acordo com a polícia, mas ninguém se interessou. E o comparsa está contando tudo o que sabe. Acho que não vai sair da prisão. Não precisamos mais nos preocupar com ele.

— É a melhor coisa de tudo isso. Quando eu soube o que houve, senti o chão fugir debaixo dos meus pés, o sangue pareceu sumir do meu corpo. Tive um medo horrível de que algo ruim pudesse acontecer, de perder você e os bebês. Só relaxei quando soube que estava bem.

Alana viu com clareza a determinação e o amor na expressão de seu rosto.

— Hoje, tudo o que aconteceu parece meio embolado na minha cabeça. Não sei se te contei a história do jeito certo.

— Não importa. Você está aqui.

— Eu queria fazer um jantar para nós dois mais tarde.

— Eu cuido disso — ofereceu-se Enrico.

Sorrindo, Alana apoiou a cabeça em seu ombro.

— Está bem. Você é um cozinheiro mil vezes melhor que eu. Mas eu queria te pedir uma coisa...

— Tudo o que você quiser.

— Eu quero que você fique para o jantar e para o café da manhã. Só fique.

Quando Enrico a fitou, pareceu a Alana que seu coração sorria dentro do peito.

— Ficarei. — Ele fez uma pausa e olhou-a nos olhos. — Para sempre. — E então, tomou o rosto dela entre as mãos e a beijou.



Epílogo

Um ano depois

Jamais duvide da capacidade das mulheres! O pensamento cruzou a mente de Enrico enquanto ele girava a cabeça e olhava ao redor. Estava na festa de seu casamento e não fazia a menor ideia de que seria tão grandiosa. Não soubera de absolutamente nada antes. Elas conseguiram planejar tudo praticamente debaixo do seu nariz.

Era para ser uma cerimônia singela e íntima, mas parecia que Alana, Bella e Lilly não tinham o mesmo pensamento que ele. Não podia negar que tudo estava muito bonito e haviam conseguido convidar seus amigos da época da faculdade, e agora os dois se moviam próximos à piscina ao som da música tocada pela banda contratada. Ele se afastou um pouco, girou-a e logo Alana voltou a apoiar a cabeça em seu peito. Estava longe de ser um bom dançarino, mas o que não era capaz de fazer por ela?

Alana estava incrível em seu vestido branco e longo. Rosas bordadas davam forma ao corpete e às alças, e a saia longa se abria ampla a partir dos quadris até cobrirem seus pés. O cabelo preso em um penteado elaborado e enfeitado com um pequeno e delicado arranjo de flores brancas deixava seu belo rosto em evidência. Enrico não via a hora de estarem a sós, quando então poderia desfazê-lo como desejava enquanto se afundava em seu corpo.

A imagem de Alana nua invadiu sua mente e o deixou em uma situação desconfortável. Definitivamente, aquele não era um bom momento para ficar excitado, ainda mais quando Bella e Lilly caminhavam na direção deles, trazendo suas princesas, seguidas por um George sorridente e com o filho nos braços.

— Laís e Alícia não param de repetir *ma, ma, ma.* Acho que estão com fome. — Antes que Bella terminasse de falar, as meninas já estavam com os bracinhos esticados para Alana.

— Vocês querem mamar, meus amores? — Alana segurou Alícia, que se agarrou ao seu pescoço em um abraço forte, enquanto isso Enrico se encarregava de Laís.

— Estou tão feliz por vocês — Bella disse e sorriu.

— Obrigada — Alana agradeceu e sorriu de volta.

— Bem, minha vez de amamentar a minha. Deixei Maria Flor com a babá, mas já está na hora de ela mamar.

Despedindo-se do sogro-cunhado, da irmã e de Lilly com um aceno, Enrico acompanhou Alana para dentro da casa. Passaram pela sala e seguiram até o escritório. Com as pessoas circulando por ali, buscaram por um pouco de privacidade. Ele viu Alana sentar-se na poltrona e dizer baixinho o quanto a filha estava linda.

Apoiado na mesa, Enrico as observava, e mesmo as gêmeas estando com quase seis meses, ele não se cansava de admirar a maneira como as duas encaravam a mãe enquanto mamavam e o modo como Alana segurava suas mãozinhas e sorria para elas.

Quando Alícia ficou satisfeita, ela se afastou e girou o pescocinho na direção dele, brindando-o com um sorriso banguela naquele rostinho lindo. Enrico devolveu o sorriso da filha, inclinou-se para frente e passou uma Laís resmungona para o colo de Alana, pegando o outro bebê.

Minutos depois, quando Alana havia acabado de amamentar, ouviram duas batidinhas na porta e logo um furacão chamado Betty, seguida por um Sérgio estranhamente acanhado, entravam no escritório. Com um sorrisão, a mulher passou por Enrico e esticou os braços para Laís, que aceitou fazendo festa enquanto Alana colocava a alça do vestido no lugar.

— Vocês precisam cortar o bolo. Eu vou levar a Laís e o Sérgio traz a Alícia. Vamos nos juntar à Maria Flor e tirar algumas fotos. Andem logo — disse, apressada e caminhando até a porta.

— Eu vou retocar a maquiagem e já vou — avisou Alana, levantando-se e alisando a saia. Porém, antes que pudesse alcançar a porta, foi interceptada por Enrico.

— Você nesse vestido é a visão mais linda que eu já tive em minha vida, senhora Magalhães — elogiou, sorrindo de lado.

— Rico, temos que ir...

Fitando-a com malícia, ele fez um meneio com a cabeça.

— Lana, estamos no escritório e mal conseguimos ficar perto um do outro desde que a festa começou. Só um beijo e voltamos.

— É melhor não... — sussurrou ela.

— Relaxa, nós já vamos — Enrico insistiu e se aproximou. Alana recuou até se apoiar na beirada da mesa. — Está com medo do seu marido?

Ela abriu a boca para protestar, mas antes que conseguisse falar algo, Enrico cobriu-a com a dele. O contado das línguas ávidas fez seu pau pulsar dentro da boxer. Ele sabia que tinha de soltá-la para voltarem para a festa, mas o desejo não o deixava afastar seus lábios dos dela. Comparou-se a um adolescente tendo uma ereção, tamanho era o seu tesão. E o gosto delicioso da mulher amada não o estava ajudando em nada.

— É claro que não, mas nós precisamos parar — por fim, ela conseguiu responder, contudo, moveu a cabeça e lhe deu acesso ao pescoço, contrariando o que dizia e dificultando ainda mais a situação dele. — Hoje é o nosso dia e eu quero aproveitar ao máximo. Vamos ter tempo sozinhos, só que depois. — Com um ar de provocação, Alana puxou-o pela mão, e mesmo a contragosto, Enrico deixou-se ser guiado para fora do escritório.

Sentada debaixo do guarda-sol, com os olhos atentos nas filhas que corriam com passinhos trôpegos na direção do pai, Alana viu Enrico se agachar com um amplo sorriso no rosto, abrir os braços e as gêmeas se jogarem neles, rindo, felizes. Quando seus olhares se encontraram, ela pôde ver aquele sentimento chamado amor claramente refletido em seus olhos.

Instantes depois, ela desviou sua atenção e fitou o céu sem nuvens. Estava quente para aquele horário da manhã. Por sorte não se esquecera de carregar na camada de protetor solar, em si mesma e nas meninas. A risada dele irrompeu rápida e gostosa, chamando-a de volta para as maiores razões da sua vida.

Havia programado de sair à noite com Enrico, há tempos não faziam isso. Ela, envolvida no trabalho; ele, com a faculdade e o estágio na construtora; e ambos, dando atenção às filhas. Sobrava pouco tempo para os dois aproveitarem a companhia um do outro, e sentiam falta disso, de estarem juntos e se conectarem.

Alana virou-se para o marido, percorrendo-o com os olhos e observando-o brincar com as filhas. Guardou os protetores na bolsa, pegou o chapéu de palha, os óculos de sol, levantou-se e chamou os três para irem embora. Pretendia passar no mercado a caminho de casa, pois lembrara-se de que precisava comprar verduras frescas para fazer a sopinha das pequenas.

Lembrara-se também de quando Enrico pediu demissão da empresa onde havia trabalhado por mais de uma década, logo após regressar à faculdade e retomar o tão sonhado curso de Arquitetura. Em seguida, a convite de seu pai, iniciou um estágio remunerado na *Di Fiori*, e segundo os comentários que ouvira dos colegas de trabalho dele, Enrico tinha ótimas ideias. Era competente no que fazia e contagiava os demais com seu entusiasmo no momento de colocá-las em prática.

Quanto ao roubo na empresa, depois de um tempo, soube-se que, por meio das imagens obtidas de uma das câmeras de vigilância, foi possível identificar um conhecido ladrão de carros que, de acordo com a polícia, após concluídas as investigações, possuía pontos de desmanches espalhados por diversas cidades do litoral. Confrontado com as provas que o incriminavam e pressionado a contar o que sabia aos agentes que o interrogavam, o homem acabou cedendo e revelou o nome da pessoa que o tinha contratado para que provocasse o acidente de Alana e Enrico, comprovando, mais uma vez, não haver honra entre bandidos. E, finalmente, o contato de Samuel dentro da empresa de auditoria também foi identificado, demitido e processado por desvio de documentos confidenciais.

O vestido justo na cor verde, terminando um palmo acima dos joelhos, desenhava as curvas de seu corpo e deixava as pernas longas e matadoras expostas ao olhar guloso dele. Um decote no estilo cigano deixava a pele cremosa dos ombros à mostra. Os reflexos dourados em seus olhos castanhos e os lábios carnudos despertavam sua paixão.

Marcando sua cintura, havia um cinto largo de couro, e nos pés, sandálias pretas de saltos plataforma, cujas tiras envolviam os tornozelos finos. Brincos de ouro branco em formato de gotas adornavam suas orelhas, e no pulso, apenas uma pulseira decorada com pingentes, onde se lia os nomes das filhas e as iniciais do nome dele.

Não havia dúvida de que Enrico estava diante de uma mulher linda, sensual e inteligente, capaz de ter o mundo aos seus pés. E a cada dia que passava, ele se sentia um homem muito afortunado por tê-la ao seu lado.

— Lana, se não sairmos dentro de cinco minutos, vamos perder a nossa reserva para jantar no restaurante mais badalado de Bendita Luz — advertiu ele, entrando no quarto todo decorado nas cores branco e rosa.

Por uma fresta da cortina de tecido leve que cobria a ampla janela, entrava um raio de luz da lua nova. Um tapete felpudo cobria quase todo o assoalho e por todo lado podia-se ver os brinquedos, ursinhos de pelúcia e diversas bonecas espalhadas. Perto da porta, ficavam os berços posicionados lado a lado, onde os bebês dormiam tranquilamente. Na frente deles, aconchegada em dois nichos entre a janela e a cômoda, foram colocadas duas confortáveis poltronas, apropriadas para alimentá-las. O quarto era bem decorado e um verdadeiro sonho para qualquer criança.

Alana deu uma risadinha e meneou a cabeça em concordância.

— Elas são tão lindas — disse e alisou a cabecinha de uma das filhas, como sempre fazia ao observá-las dormir. As duas possuíam cabelos escuros, em contraste com o tom clarinho de suas faces. O formato dos olhos castanhos era puxadinho nos cantos, como os do pai. O rosado em suas bochechas as deixava ainda mais adoráveis e encantadoras. — E tão novinhas ainda.

Enrico descansou as mãos em seus ombros e acompanhou seu olhar.

— Sim, meu amor. Eu concordo com você, mas agora, vem comigo — chamou-a, paciente. — Não acha que merecemos uma folga? — Ele amava demais as filhas, mas ansiava ardentemente ficar a sós com a esposa. — Além da babá, a Lilly e o Eros virão ajudar a cuidar das sobrinhas. Elas ficarão bem com os três por algumas horas — assegurou com delicadeza.

Passando os braços em sua cintura, plantou um beijo na curva do pescoço da esposa, aproveitando para inalar o aroma delicioso do seu perfume e observar a aliança brilhar em seu dedo enquanto Alana acariciava o rostinho de Alícia. Ele gostava daquilo, do que tinham e de tudo o que ainda iriam construir juntos.

— Tem razão. — Alana empurrou-o gentilmente, abafando um sorriso ao colocar um dedo no meio dos lábios unidos, como um sinal mudo para que ele não acordasse as crianças. — Eu vou dar as últimas instruções para a babá e já desço.

— Enquanto isso, eu vou tirar o carro da garagem — murmurou ele, roçando os lábios na nuca dela, o que fez arrepios deliciosos subirem por toda a extensão de sua espinha.

Com um sorriso, Alana girou o pescoço e acompanhou a saída do marido por entre os cílios. Voltou a observar as filhas por mais alguns

instantes e finalmente afastou-se dos berços, procurando fazer o mínimo de ruído possível quando fechou a porta atrás de si.

FIM

Agradecimentos

Em primeiro lugar, um enorme OBRIGADA aos queridos leitores. Vocês são a razão de eu poder fazer da escrita o meu ofício. E são vocês que me impulsionam a seguir contanto histórias. Muito obrigada! De coração!

A minha revisora, Luhana Andreoli. Uma profissional, pessoa e amiga, maravilhosa e que Deus colocou no meu caminho. Obrigada por cuidar com tanto carinho dos cinco livros da minha série Sob o Mesmo Céu, do livro Do que são feitos os sonhos e deste aqui. Obrigada pelas inúmeras conversas no Messenger do Facebook, pelos toques e pelo apoio.

As minhas Anjinhas que me acompanham na plataforma gratuita, que comentaram em cada capítulo, tornando-se assim, milhares de leitoras betas. Meu muito obrigada!

Por fim e não menos importante, agradeço a minha família e meus amigos, que me apoiaram nessa jornada e que são minha rede de segurança. Amor maior não há!

Todos vocês são peças fundamentais nessa minha jornada e sou infinitamente grata por fazerem parte deste meu sonho.

Sobre a autora

Angie Mello é mãe solo de dois rapazes. Nascida no interior do Estado de Pernambuco, imigrou com a família aos quatro meses de vida, para a capital do Estado de São Paulo, onde vive até os dias de hoje.

Leitora assídua desde a mais tenra idade, quando não está escrevendo, adora assistir filmes, documentários, séries e ouvir música.

ACOMPANHE A AUTORA NAS REDES SOCIAIS

FACEBOOK PERFIL

FANPAGE

WATTPAD PERFIL

TWITTER: @angiemello

Não esqueça de deixar uma avaliação. Ela é muito importante, pois além de impulsionar a obra, me ajuda a seguir criando novas histórias.

Conheça outros títulos da autora



Do que são feitos os sonhos

George é um dedicado pai de família, tem duas ótimas filhas, um casamento estável e uma carreira invejável. Fez fortuna como empresário e está sempre em busca de novos empreendimentos. Porém, ainda que sua vida semelhe à perfeição, nem tudo é o que parece.

Ele não é um homem feliz. Seu casamento com Maristela, uma socialite que segue uma rotina rígida, sem espaço para imprevistos ou surpresas, há muito acabou. Disposta a tudo para manter as aparências, a mulher nunca mediu esforços para mantê-lo ao seu lado. No passado, George cedeu às suas chantagens por amor às filhas, as duas pessoas a quem mais ama na vida.

Durante uma viagem a trabalho, conhece Isabella, uma jovem simples e com menos da metade de sua idade, mas que mexe com ele a ponto de fazê-lo se

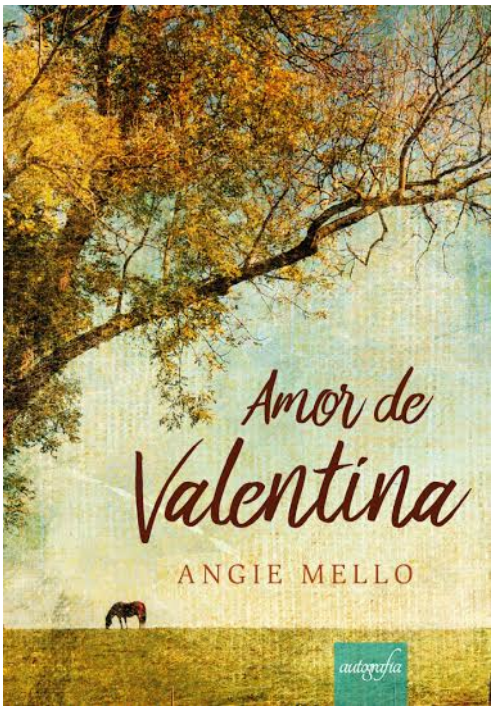
perguntar se seu destino é mesmo permanecer preso a um casamento de conveniência ou se ainda não é tarde demais e ele tem direito à felicidade.

Órfã desde os nove anos de idade, Bella é a mais nova de três irmãos, por isso sempre foi superprotegida, tanto por Eros, o do meio, quanto por Enrico, o mais velho. Estudiosa e determinada, batalhou muito para cursar Pedagogia, um sonho que alimentava desde a infância. A conclusão do curso torna Bella o maior motivo de orgulho de Enrico, que abriu mão de seus próprios sonhos e aspirações para trabalhar e sustentar a casa, e assim manter a família unida.

Em um fim de tarde, no caminho para casa, um acidente acontece e Bella se depara com George, um homem cujo estilo e aparência são diferentes das pessoas com quem convive. Apesar das diferenças, logo Bella se vê fascinada por seu olhar intenso, intrigada pela áurea de mistério que o envolve e por seu charme maduro.

Uma mulher obsessiva e que não está disposta a perder, dois irmãos mais velhos e protetores, diferença de idade e classe social são alguns dos obstáculos contra os quais ambos terão que lutar para defender seu amor.

Embarque na história de Bella e George e venha descobrir *Do que são feitos os sonhos.*



Amor de Valentina

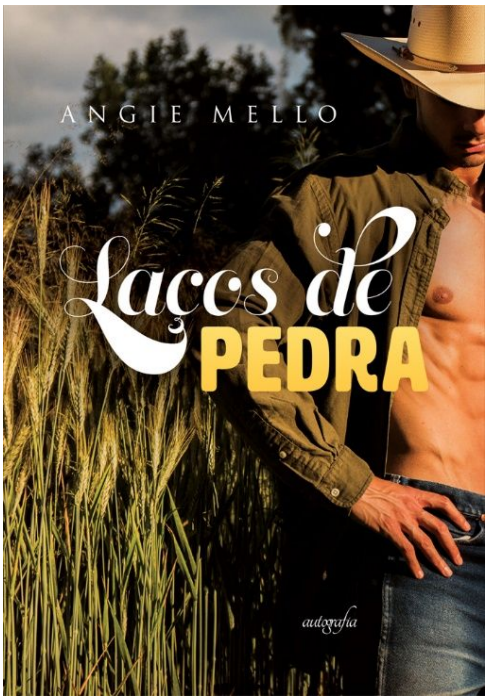
Um acidente, duas vidas que se cruzam.

Valentina Valdez, 27 anos, mulher independente e profissional competente. Depois da morte do pai decide que é tempo de tentar um recomeço e deixa a cidade onde vive, se candidatando a uma vaga de veterinária em Goiânia. Durante o trajeto, perde o controle do carro e sofre um acidente. Por coincidência, é socorrida pelo dono da fazenda para onde se dirigia, a fim de fazer a entrevista.

Matheus Zanetti, 31 anos, é um fazendeiro bem sucedido e possuidor de um haras. Um homem determinado e seguro do que quer para si. Se fez sozinho à custa de muito trabalho, esforço e dedicação. Seu maior sonho é encontrar a mulher da sua vida e constituir uma família.

Será que o destino, que os unirá em um mesmo lugar, vai conseguir provar para Valentina, que ela está enganada quanto ao que pensa sobre o amor? E

Matheus? encontrará nela, a mulher com quem poderá dividir seus sonhos, sua vida e seu futuro?



Laços de Pedra

Ele escolheu fugir. Ela não teve opção a não ser ficar.

Arthur Zanetti. 28 anos. Motoqueiro. Cowboy. Pegador.

Depois de ter causado o acidente onde o irmão gêmeo sai gravemente ferido, abandona sua vida na fazenda, por não conseguir lidar com a culpa. Se foi sem saber que deixaria para trás, muito mais que um coração partido. Vários anos depois ele está de volta, a pedido do pai, que após sofrer um infarto, não está em condições de seguir cuidando dos negócios da família.

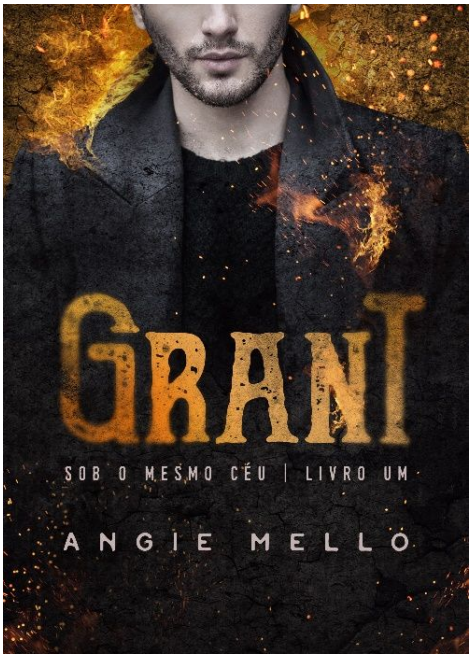
Victória Ventura. 26 anos. Engenheira Agrônoma. Mãe solo.

Ela sabe o que é ser abandonada. Foi deixada para trás por quem jurou que ficaria sempre ao seu lado. Ferida, levou muito tempo para que voltasse a confiar e a abrir o coração, porém, quando decide se dar uma nova chance, um diagnóstico inesperado muda tudo e ela sai em busca do passado. Pouco

tempo depois, este retorna, reivindicando o que acredita possuir por direito: seu coração e seu filho.

Em meio a segredos, mentiras, conflitos, culpas e ressentimentos, a confirmação de que a química entre eles ainda está lá, mais forte do que nunca e é explosiva.

Arthur e Victória têm todos os motivos para permanecerem separados e apenas um, capaz de uni-los. Será que a paixão que sentem, será forte o suficiente para que fiquem juntos?



Grant – Série Sob o mesmo céu - Livro I

Grant Collins. Policial. 28 anos.

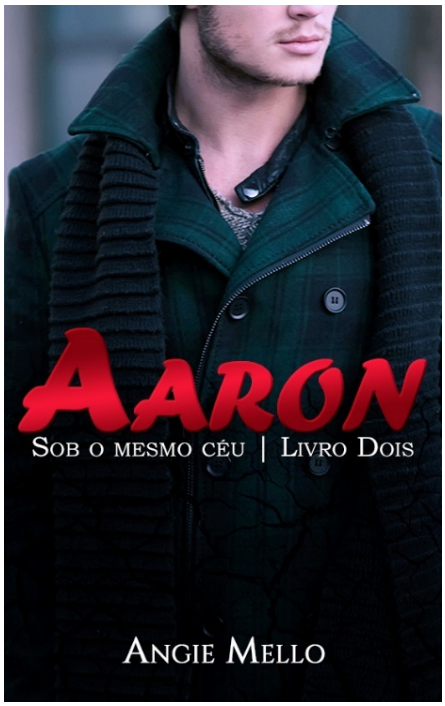
Vítima de uma traição sórdida, é enviado para a prisão. Após conseguir sua liberdade, com a ajuda do amigo e advogado Trent Campbell, decide que é seu dever ir atrás do chefão da operação que investigava antes de ser incriminado e condenado injustamente. Sua intenção é desbaratar a rede de tráfico humano montada pelo algoz e seus comparsas, enviando todos para o mesmo inferno de onde acaba de sair, a prisão de San Quentin. Devido a uma ameaça feita contra sua família, Grant se vê obrigado a deixar a cidade de San Diego e decide se mudar para Nova York, onde, sem muitas opções, se torna um faz-tudo para poder sobreviver, mas que não o impede de continuar seguindo as pistas que o levarão ao seu único propósito: obter reparação e justiça.

Danna Green. Dona de Casa. 34 anos.

Ela vive um casamento de fachada em uma luxuosa mansão nos Hamptons, sob o domínio de um marido controlador, possessivo e arrogante que não ama ninguém além de si mesmo. Sempre foi tratada como sua escrava pessoal, na cama e fora dela. Quando sente que não pode mais suportar, Danna toma a maior decisão de sua vida e inicia uma luta em busca da própria identidade.

O destino unirá essas duas almas. Ele anseia por esquecer os fantasmas do passado. Ela deseja sair de um casamento fracassado. Grant & Danna, um casal improvável em busca de libertação e um recomeço.

"Todos nós vivemos debaixo do mesmo céu."



Aaron – Série Sob o mesmo céu – livro II

Tudo o que Aaron desejava, era terminar os estudos, se divertir com os amigos e curtir o seu início de namoro com a bela Amy. Porém, as coisas nem sempre saem como se quer, e ele vê sua vida tomar um rumo diferente do planejado. Devido a um acontecimento trágico do passado, Aaron se torna alvo de um amor materno obsessivo. Sentindo-se incapaz de suportar a situação sufocante e opressora dentro de casa, decide se alistar no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

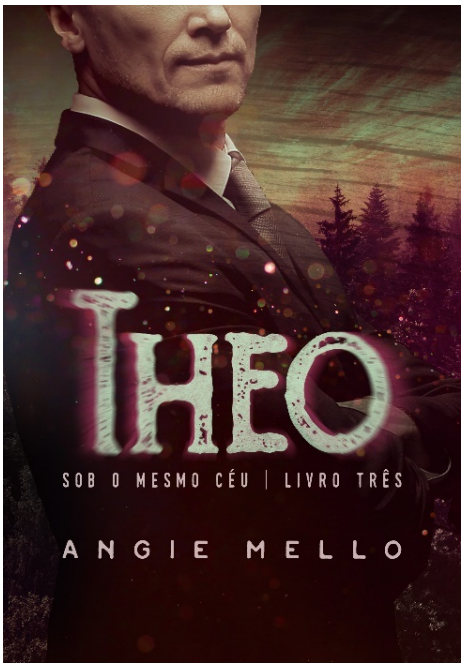
Após o período de treinamento, é enviado para um país em conflito, em uma missão de reconhecimento, onde a patrulha da qual fazia parte sofre um atentado e todos são dados como mortos em combate.

Dois anos se passam, e Aaron, que sobreviveu ao ataque por milagre, é resgatado, mas não é mais o mesmo rapaz despreocupado de antes. Regressou com cicatrizes no corpo e na alma, e sem grande parte das

lembranças dos últimos quatro anos de sua vida. Resgataram o seu corpo, mas será possível fazer o mesmo com a sua mente e o seu coração?

Segredos, conflitos, drama e paixão são os tópicos desta história de superação e amor.

"Todos nós vivemos debaixo do mesmo céu"



Theo – Série Sob o mesmo céu – livro III

Theodoro Zanetti – Advogado – Divorciado

Quando jovem, Theo saiu Brasil a fim de tentar a sorte no exterior. A cidade escolhida foi Nova York, onde aterrissou em busca do "sonho americano". Uma vez na cidade, terminou seus estudos na área de Direito, casou-se com sua namorada, Sienna, e viu Aaron, seu único filho, nascer. Anos se passam. Segredos são revelados e traições descobertas. Desiludido, pede o divórcio e passa a acreditar que é hora de mudar. Nostálgico e sentindo falta de sua terra natal, toma a decisão de regressar ao Brasil para tentar se reconectar com suas origens.

Isadora Meirelles – Fazendeira – Viúva

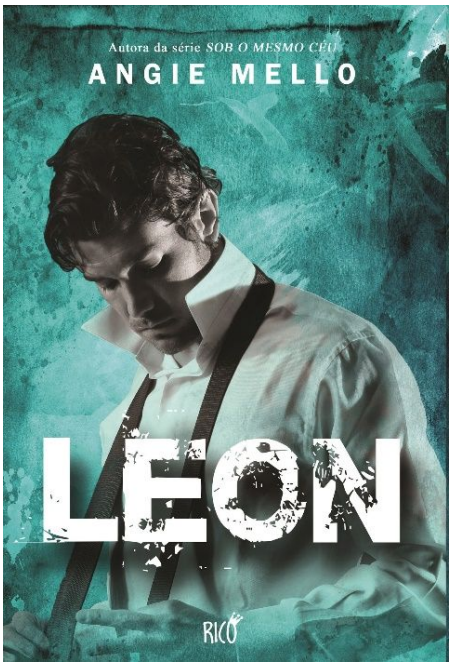
Isadora casou-se com Ricardo Medeiros, porém, não foi um casamento feliz. Logo após a lua de mel, se deu conta do quanto o marido era um homem possessivo e abusivo. Viciado em jogo e no turfe, perdia o que tinha e o que não tinha. Com dez anos de casada, ela enviúva e passa a criar seus dois

filhos, tocar a fazenda e cuidar dos negócios sozinha. Totalmente dedicada ao trabalho e à família, relacionamentos sérios não estão em seus planos, muito menos voltar a se casar.

Um homem e uma mulher que levam na bagagem histórias de desamor, traição e decepção. O que será que o destino ainda tem reservado para eles? Existe uma idade limite para encontrar e viver um grande amor?

Uma história repleta de intensas emoções. Ciúmes, sexo, amor, chantagem, obsessão, reviravoltas e recomeços.

"Todos nós vivemos debaixo do mesmo céu."



Leon – Série Sob o mesmo céu – livro IV

Ele sofreu duas perdas irreparáveis e tão dolorosas que desejou deixar de respirar.

Leon vê Melissa, sua esposa grávida de sete meses, ser usada como escudo durante um assalto. Depois da morte do bandido por um atirador de elite, sua pressão arterial sobe a um nível assustador. É socorrida, mas entra em colapso. Uma cesariana de emergência é feita, mas tanto Melissa quanto o bebê não resistem e morrem. Após o enterro da mulher e do filho, e não conseguindo permanecer na cidade onde se casou, fez planos e sonhou com um futuro feliz, Leon sobe em sua moto e foge, passando a viver como um ermitão, numa cabana afastada, por três longos anos.

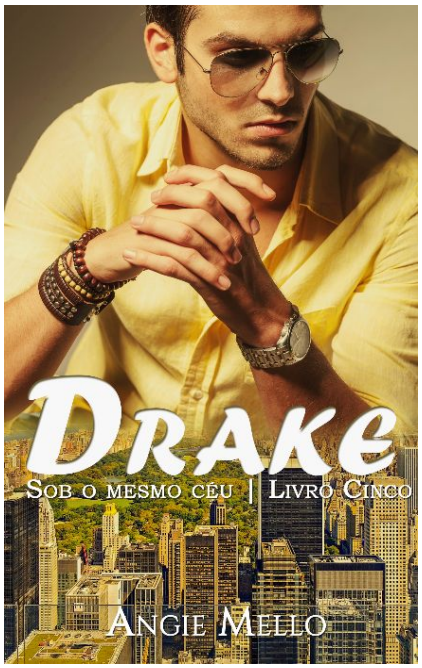
Um determinado dia, ele recebe uma carta da mãe, implorando pelo seu retorno, pois o senhor Jethro Carter, seu pai e com quem não mantém uma boa relação, foi diagnosticado com uma doença fatal e tem pouco tempo de vida. Leon reluta, mas, ao mesmo tempo, se pergunta se não chegou a hora

de voltar e retomar sua vida e seu trabalho. No passado, foi um dos melhores e mais requisitados guarda-costas, acostumado a custodiar ricos e famosos, altos executivos e políticos.

Decide regressar à cidade. Revê a mãe e tem uma conversa com o pai. Pouco tempo depois, seu caminho se cruza com o de uma morena bonita, de grandes olhos castanhos e pernas compridas. Zayla e Leon sentem a forte atração que um exerce sobre o outro, desde o primeiro momento, porém, ambos têm seus próprios motivos para não estarem à procura de um novo relacionamento.

Uma história de superação, paixão, intrigas e amor. Prepare-se para suspirar da primeira até a última página.

"Todos nós vivemos sob o mesmo céu"



Drake – Série Sob o Mesmo Céu – Livro V

Drake é um jovem responsável, honesto e trabalhador. Criado só pela mãe, não chegou a conhecer o pai, nem mesmo sabe o nome do homem que o gerou. Essa situação indefinida em sua vida é algo que ainda não conseguiu superar. Dono de um temperamento introspectivo, é adepto dos esportes e tem um apego especial pela prática do boxe, pois é onde consegue extravasar o estresse do seu trabalho e manter o equilíbrio físico e mental.

Há cerca de um ano, mantém um relacionamento com Yasmin, a filha mais nova de um poderoso magnata preconceituoso e controlador. Porém, num determinado dia, a jovem termina o namoro dos dois alegando que, se não o deixar, o pai a expulsa de casa e tira seu nome do testamento. Decepcionado, com o coração partido e acreditando ter sido apenas um brinquedo para uma garota mimada, Drake decide aceitar o inevitável e segue em frente, determinado a esquecê-la.

Contudo, as coisas nem sempre são como parecem ser. Quando parte para a Espanha custodiando um alto executivo, coincidentemente também seu amigo de treino, Drake não faz ideia de que está muito perto de reencontrar a mulher que tanto anseia esquecer e que, por fim, a verdade virá à tona.

"Todos nós vivemos sob o mesmo céu"